

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E SAÚDE



Casa de
Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Rayane Saraiva da Cruz

**Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal
impresso O Globo**

Rio de Janeiro

Julho / 2018

Rayane Saraiva da Cruz

Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal
impresso O Globo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Ataíde Malcher

Rio de Janeiro

Julho / 2018

n. autor SARAIVA DA CRUZ, Rayane Saraiva da Cruz. Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal impresso O Globo / Rayane Saraiva da Cruz. — 2018.
n.º f.: 206.

Orientador: Profª Drª Maria Ataíde Malcher
Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde)
– Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, ano da defesa.

1. Divulgação científica. 2. Percepção pública da ciência. 3. Jornalistas. 4. Jornal O Globo. 5. Análise de conteúdo. I. Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas generalistas do jornal impresso O Globo.

CDD

Rayane Saraiva da Cruz

**Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal
impresso O Globo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Ataíde Malcher

Aprovado em: ___/___/____.

Banca Examinadora

Maria Ataíde Malcher (orientadora), Prof^ª Dr^ª, Universidade Federal do Pará/UFPA

Igor Pinto Sacramento, Prof. Dr., Laboratório de Comunicação e Saúde/ICICT/FIOCRUZ

Luisa Medeiros Massarani, Prof^ª Dr^ª, Museu da Vida/COC/FIOCRUZ

Aos meus pais, grandes parceiros nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A minha singela e importante rede de colaboradores deixo registrada, a seguir, minha eterna gratidão e carinho pelo apoio dado ao longo desses dois anos de trabalho.

Início pelos meus pais, Wilson Mendes da Cruz e Izabel Cristina Saraiva, que estiveram presentes em todas as etapas, comemorando cada pequena conquista. Agradeço meu namorado, Pedro Lang, por compreender minha ausência em determinados momentos e por ser meu maior motivador nessa jornada. Agradeço ao meu irmão, Renan Saraiva, por ser meu grande parceiro nas madrugadas e por me fazer rir, constantemente, aliviando a tensão da reta final.

Agradeço minha orientadora, Professora Maria Ataíde Malcher, por me auxiliar ao longo desse processo e me ensinar o verdadeiro propósito de um pesquisador. A ela, também agradeço pela oportunidade de participar do projeto “Da rasa de açaí à garrafa de Klein: Matemática!”, coordenado pelo Professor Marcos Monteiro Diniz, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Essa experiência foi enriquecedora e fundamental para o meu amadurecimento pessoal. Guardarei eternamente na memória os sorrisos e olhares curiosos das crianças da Escola Municipal Padre Leandro Pinheiro, Escola Municipal Prof. Milton Monte e Fundação Escola Bosque - Unidade Pedagógica Faveira.

Agradeço, também, aos amigos que fiz em Belém durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT 2017), os quais faço questão de citar nominalmente: Weverton Raiol, Felipe Jailson, Suelen Miyuki, Any Correa, Marcus Leal (Sapo), Arlene Cantão, Roberto Junior, Suzana Cunha Lopes, Kleberton Lima (Bidu), William Gonçalves, Julianna Leão, Andreza Jackson, Professor Marcos Monteiro Diniz, Professor José Miguel Martins Veloso e Professora Marianne Kogut Eliasquevici. Serei eternamente grata pelo carinho, atenção e cuidado que tiveram comigo durante os dias que estive no Pará.

Agradeço minha coorientadora Carla Almeida que foi uma presença fundamental no início da pesquisa. Suas ideias e indicações de leitura serviram para orientar alguns pensamentos e definir melhor o meu objeto de estudo.

Agradeço a todos os professores do mestrado, os quais foram fundamentais para minha formação e amadurecimento intelectual, e aos meus animados colegas que dividiram comigo a emoção de fazer parte da primeira turma do Programa de Pós-graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz (COC). Deixo registrado, aqui, minha eterna amizade e apreço pelas colegas Suzi Aguiar, Brenna Pires, Eliza Cunha e Marta Gomes, que estiveram sempre presentes, me apoiando e incentivando.

Agradeço a coordenadora do curso, Professora Luisa Massarani, por ser sempre gentil e atenciosa conosco. A ela dedico um carinho especial por ter me motivado e acreditado no meu potencial, apesar da minha pouca idade e experiência.

Agradeço a Casa de Oswaldo Cruz (COC) e a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) por oferecerem todo suporte que meus colegas e eu precisamos para concluir nossa formação.

Agradeço, também, as secretárias acadêmicas Christina Rivas e Valéria Souza pelo carinho e pelas conversas durante os intervalos das aulas. A presença delas encheu minhas manhãs de alegria.

Agradeço aos sete jornalistas do jornal O Globo que aceitaram participar das entrevistas e, assim, tornaram possível a existência desse estudo. São eles: André Miranda, Luisa Valle, Luiza Souto, Nicolás Witzel, Renan Rodrigues, Sérgio Matsuura e Simone Candida. A eles, dedico minha eterna gratidão.

Por fim, agradeço aos membros da banca por dedicarem parte de seu tempo lendo este trabalho. As críticas e sugestões que por ventura farão serão de extrema importância para aperfeiçoar este estudo. É uma honra contar com suas participações na minha defesa.

Ela nunca será apenas uma idade. Nunca será a soma dos dias e dos tempos. Ela será tudo que viveu e tudo que ainda está para ser vivido (MAGIEZI,2017).

RESUMO

SARAIVA DA CRUZ, Rayane. **Jornalismo e percepção da ciência:** estudo exploratório com sete jornalistas do jornal impresso O Globo. 2018. 205f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: 2018.

Atualmente os indivíduos se deparam com inúmeras notícias que abordam diferentes temáticas e trazem informações sobre assuntos que podem ou não abordar acontecimentos cotidianos. Nesse universo, os jornalistas se destacam como importantes atores no processo de comunicação, pois eles são responsáveis por disseminar informação e inserir certos assuntos no debate público. O objetivo desta dissertação foi analisar a percepção de jornalistas generalistas sobre a ciência. Para isso, foram selecionados sete jornalistas, não especializados na cobertura de ciência, cujo perfil se enquadrou nos critérios metodológicos adotados pelo estudo. A pesquisa foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativa e para tanto foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. Os eixos conceituais utilizados para as discussões analíticas foram: percepção, divulgação científica, construção da notícia, relação entre jornalismo e sociedade, relação entre ciência e sociedade, papel do jornalista como mediador das informações de ciência e jornalismo na atualidade. A partir desse arranjo teórico-metodológico foram criadas nove categorias de análise que auxiliaram a interpretação dos dados coletados nas entrevistas e outras cinco categorias que foram utilizadas para analisar as 24 matérias de ciência escritas pelos jornalistas que compõem a amostra. Assim, foi possível identificar que os sete jornalistas generalistas possuem interesse em ciência, mais especificamente em assuntos ligados a medicina e saúde. Além disso, os jornalistas apresentam uma visão mais positiva que negativa da ciência, destacando seus benefícios e utilidades. Nesse ponto, ressalta-se como as práticas e os conhecimentos científicos são importantes para o desenvolvimento e melhoria da sociedade. Nota-se, também, que os jornalistas com mais tempo de atuação no impresso e com maior faixa etária possuem uma visão de ciência mais conservadora, enquanto os jornalistas com menor faixa etária e menor tempo de atuação no impresso quebram com essa visão tradicional.

Palavras-chave: Divulgação científica. Percepção pública da ciência. Jornalistas. Jornal O Globo. Análise de conteúdo.

ABSTRACT

SARAIVA DA CRUZ, Rayane. **Jornalismo e percepção da ciência**: estudo exploratório com sete jornalistas generalistas do jornal impresso O Globo. 2018. 205f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: 2018.

Nowadays individuals face a lot of news that approach different themes and bring information about subjects that can or can not deal with everyday events. In this universe, journalists stand out as important actors in the communication process because they are responsible for disseminating information and inserting certain subjects into the public debate. The objective of this dissertation was to analyze the perception of generalist journalists about science. For this, seven journalists were selected, not specialized in the coverage of science, whose profile fit the methodological criteria adopted by the study. The research was developed based on the qualitative approach and for this purpose were used bibliographical and documentary research, semi-structured interviews and content analysis. The conceptual axes used for the analytical discussions were: perception, scientific dissemination, construction of the news, relationship between journalism and society, relationship between science and society, journalist's role as mediator of current science and journalism information. Based on this theoretical-methodological arrangement, nine categories of analysis were created and they helped to interpret the data collected in the interviews and five other categories that were used to analyze the 24 science subjects written by the journalists that compose the sample. Thus, it was possible to identify that the seven generalist journalists have an interest in science, more specifically in subjects related to medicine and health. In addition, journalists present a more positive than negative view of science, highlighting its benefits and utilities. At this point, it is emphasized how scientific practices and knowledge are important for the development and improvement of society. It is also noted that the journalists with more time in operation and with a larger age range have a more conservative view of science, while journalists with less age range and shorter print time break with this traditional view.

Keywords: Scientific dissemination. Public perception of science. Journalists. O Globo Newspaper. Content analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Matéria “Esperança na destruição”.....	119
Figura 2 -	Matéria “Uma turma de tubarões ‘cariocas da gema’”.....	119

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Matéria “Sexto caso de febre amarela no Rio é confirmado em São Fidélis”.....	119
Imagem 2 -	Matéria “Pesquisador derruba mitos históricos da cultura negra no Rio”.....	120
Imagem 3 -	Matéria “Matança de macacos preocupa especialistas”.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos jornalistas generalistas selecionados para a pesquisa.....	28
Quadro 2 - Perguntas, do roteiro de entrevista, que demandaram um tempo maior de reflexão.....	35
Quadro 3 - Local, data e duração das entrevistas com os jornalistas generalistas.....	39
Quadro 4 - Categorias e subcategorias encontradas nas entrevistas semiestruturadas....	41
Quadro 5 - Protocolo de análise de conteúdo das notícias de ciência veiculadas pelo O Globo.....	44
Quadro 6 - Apresentação das matérias de ciência escritas por jornalistas do O Globo...	47
Quadro 7 - Informações sobre os cadernos e revistas que compõem o jornal O Globo...	81
Quadro 8 - Editorias que compõem o jornal O Globo.....	82

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	15
2.	DECISÕES NORTEADORAS INICIAIS.....	20
2.1	BASES TEÓRICAS-METODOLÓGICAS.....	21
2.2	ESCOLHA DOS JORNALISTAS E DO LOCAL DAS ENTREVISTAS.....	25
2.2.1	Perfil dos jornalistas.....	28
2.3	AGENDAMENTO DAS ENTREVISTAS.....	29
2.4	ESCOLHA DO MÉTODO DE ENTREVISTA.....	31
2.5	REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	34
2.6	ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	37
2.7	DIÁRIO DE CAMPO.....	38
2.8	REGISTRO DAS ENTREVISTAS.....	39
2.9	TRATAMENTO DOS DADOS.....	40
2.10	ANÁLISE DOS DADOS.....	41
2.11	DEFINIÇÃO DO PROTOCOLO DE ANÁLISE E SELEÇÃO DAS MATÉRIAS.....	43
3.	JORNALISMO: UMA REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE O CAMPO.....	50
3.1	JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA.....	50
3.2	JORNALISMO E SOCIEDADE.....	54
3.3	CIÊNCIA EM PAUTA.....	56
3.3.1	A produção da notícia.....	61
3.4	JORNALISMO NA ATUALIDADE.....	66
4.	JORNALISMO IMPRESSO NO SÉCULO XXI.....	70
4.1	O LUGAR DO IMPRESSO NA ATUALIDADE.....	70
4.2	JORNAL O GLOBO.....	75
4.2.1	Um panorama atual do jornal O Globo.....	80
5.	ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	85
5.1	ANÁLISE DAS SETE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	85
5.1.1	Temas que os jornalistas associam à ciência.....	85
5.1.2	Conceituando a ciência.....	90

5.1.3	Interesse em ciência.....	93
5.1.4	Fontes utilizadas.....	95
5.1.5	Temas que os jornalistas menos gostam de cobrir.....	98
5.1.6	Temas que os jornalistas mais gostam de cobrir.....	101
5.1.7	Diferenças do jornalismo especializado para o não especializado....	102
5.1.8	Informações de ciência.....	107
5.1.9	Outros.....	111
5.2	ANÁLISE DAS MATÉRIAS DE CIÊNCIA.....	114
5.2.1	Características gerais e relevância das matérias.....	114
5.2.2	Principais áreas do conhecimento abordadas nas matérias.....	117
5.2.3	Recursos gráficos.....	118
5.2.4	Imagens de cientistas.....	120
5.2.5	Explicação de conceitos e termos científicos.....	121
5.2.6	Benefícios e danos da ciência.....	122
5.2.7	Recomendações e alertas.....	124
5.2.8	Ciência como atividade coletiva.....	124
5.2.9	Vozes.....	125
5.2.10	Gênero dos especialistas entrevistados.....	125
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
	REFERÊNCIAS.....	130
	ANEXO A – ROTEIRO DE PERGUNTAS UTILIZADO NAS ENTREVISTAS.....	137
	ANEXO B – CURRÍCULOS E ENTREVISTAS DOS SETE JORNALISTAS GENERALISTAS.....	139
	ANEXO C – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	204

1. INTRODUÇÃO

A divulgação científica, ao longo de sua história, serviu a motivações e interesses diversificados. Observa-se que na década de 1920 a divulgação da ciência, no Rio de Janeiro, ganhou espaço nos periódicos não especializados – jornais, revistas e livros – e, com isso, tornou-se mais presente no cotidiano de grande parte da sociedade. O interesse da população por temas científicos se uniu ao grande poder de disseminação de informação e conteúdo da grande imprensa¹, permitindo que a ciência se deslocasse de seu lugar de origem – os laboratórios – e ganhasse espaço no âmbito público (MASSARANI, 1998).

Segundo estudos de Massarani (1998), foi também nesse período que se observou um crescente interesse dos cientistas e acadêmicos em expandir o conhecimento científico e levá-lo para além dos centros de pesquisa. A organização da comunidade científica – em busca de melhores condições para o desenvolvimento da ciência no país – impulsionou “a criação de novas instituições científicas, a renovação daquelas já existentes e a valorização da ciência e do cientista” (MASSARANI, 1998, p. 14). Defendia-se, na época, uma ciência “pura” e “desinteressada”. Uma ciência cujo objetivo era o “conhecimento pelo conhecimento”, que busca compreender os fenômenos básicos da natureza.

Nesse momento começava-se a entender que o conhecimento científico não deveria ficar restrito, apenas, aos especialistas. Era necessário que ele se tornasse acessível para auxiliar na formação de cidadãos socialmente engajados e conscientes. Pois, ao oferecer determinados conhecimentos para os indivíduos, a ciência os ajudaria a tomar decisões mais assertivas, promovendo uma melhora na qualidade de vida das pessoas. Sobre essa questão, Almeida (2002) afirma que:

Tudo isso demonstra que o público em geral tem sua atenção despertada para as coisas do saber e aspira participar do movimento incessante das ideias e compreender, pelo menos em suas linhas essenciais, as bases dos grandes fatos científicos e a essência das principais leis naturais. Essa aspiração é, sem dúvida, nobilitante (ALMEIDA, 2002, p.65).

A partir disso, começa-se a refletir sobre a importância dos divulgadores da ciência, sobretudo os jornalistas, na promoção do conhecimento científico para um público não especializado. Para Teixeira (2002), “o jornalista deve esforçar-se em fazer do ‘árido’ saber

¹ O termo “grande imprensa” faz alusão a um conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro (DE LUCA, 2008). Este trabalho considera como “grande imprensa” os veículos de comunicação que possuem grande circulação no Brasil.

que a ciência produz algo que interesse ao comum dos mortais” (TEIXEIRA, 2002, p. 133). A autora chama atenção para a formação dos jornalistas e afirma que as melhores produções são daqueles que possuem um conhecimento aprofundado sobre determinado assunto. Contudo, os jornalistas não tem, necessariamente, que dominar todos os assuntos para fazer perguntas. O importante, aqui, é que esse profissional saiba usar “o contraditório para construir versões mais precisas, em que mais vozes encontram expressão” (TEIXEIRA, 2002, p. 141). De acordo com a estudiosa o jornalista que conhece e domina os fundamentos e tradições, de seu ofício, está mais propenso a reconhecer a posição de suas fontes sobre determinado assunto. Isso possibilitará que o jornalista recorra a outras fontes, com posicionamentos distintos. Assim, a reportagem, ou matéria, ficará mais rica de informação.

Fica claro que para alcançar a meta de produzir um texto de fácil compreensão para o público o jornalista necessita, a priori, compreender bem o tema sobre o qual está escrevendo. Contudo, muitos temas ligados à ciência são abstratos ou demasiadamente complexos, o que pode dificultar o entendimento dos indivíduos não especialistas no assunto. Para facilitar o entendimento dos receptores – no caso, os leitores da notícia – há um encorajamento, por parte dos teóricos do jornalismo científico e dos profissionais em atuação na área, para utilizar alguns recursos linguísticos e literários na construção do texto. Tais recursos estilísticos da linguagem, como é o caso das metáforas e das analogias, são empregados com o intuito de aproximar a ciência do cotidiano e da compreensão das pessoas divulgando, assim, o conhecimento especializado.

Contudo, o jornalista – como emissor – não tem como garantir que os receptores da notícia irão entender completamente o assunto abordado, assim como não podem determinar a forma como os leitores irão receber e interpretar as matérias com temas científicos. Nesse ponto, os estudos de codificação e decodificação deixam claro o quanto essa lógica é complexa. Inicialmente observado por Shannon e Weaver – nas pesquisas da *Mass Communication Research* – esses estudos tinham como objeto de observação o código e sua eficácia. Nesse modelo comunicacional, o emissor e o receptor são separados. O primeiro, localizado num universo entrópico, opõe-se a um código comum que, assim, organiza a mensagem e a transmite em forma de informação. Essa informação é passada a diante, através de um canal, e passada para um aparelho decodificador. A partir desse ponto ela é decodificada e recebida pelo receptor.

Posteriormente, o modelo “*encoding and decoding*” foi estudado pelo pesquisador Stuart Hall (2005), que propunha um novo paradigma dos Estudos Culturais, com ênfase

nas disputas ideológicas no processo de comunicação, tratando o receptor como um agente que interpreta ativamente o conteúdo midiático. Por meio de seus estudos autor identificou três hipóteses a respeito da interpretação da mensagem midiática: (a) posição dominante; (b) posição negociada; (c) posição de oposição. Na primeira, o estudioso observou que o sentido da mensagem é decodificado de acordo com as referências da sua construção. Na segunda, notou-se que o sentido da mensagem passa por um processo de negociação com as particularidades dos receptores. Na terceira, o receptor compreende a proposta da mensagem, mas utiliza outras referências para interpretá-la.

Tomando como base essas ideias, é possível analisar a lógica de produção das notícias jornalistas por uma nova perspectiva. Nota-se que as matérias e reportagens não devem ser vistas, apenas, como um simples produto comercializável, mas como um canal de produção de sentidos que podem ser aceitos, negociados ou rejeitados. Hall (2005) aponta, ainda, que certos códigos foram tão profundamente naturalizados em certas comunidades de linguagem específica que parecem não terem sido construídos – efeito da articulação entre signo e referente. É a partir dessa perspectiva que são orientados os esforços de investigação desta pesquisa, visto que busca-se saber como jornalistas generalistas – enquanto mediadores das informações científicas – compreendem a ciência.

Motivada por essas considerações, esta dissertação tem como objetivo identificar como sete jornalistas generalistas, da cidade do Rio de Janeiro, compreendem a ciência. Parte-se da premissa que a produção jornalística está diretamente ligada às percepções de mundo dos jornalistas. Dessa maneira, ela também seria perpassada pelos valores e crenças desses indivíduos e exposta à sociedade ao ser colocada em circulação pelos meios massivos, portanto, disponível para inúmeros e diferentes receptores (THOMPSON, 1998). Leva-se em consideração, aqui, que os jornalistas – por meio de suas produções na denominada grande imprensa – tornam-se parte de um processo de organização popular que contribui para a constituição e desenvolvimento de grupos sociais. Com isso, as notícias sobre ciência tornam-se resultado de uma produção que envolve um universo de referências variadas. Como algumas das inúmeras referências que tecem as informações sobre ciência nos jornais impressos pode-se citar os jornalistas – sujeito social – e os veículos de comunicação – parte constituinte de um contexto social.

Em um país como o Brasil que a aquisição de informação de parte significativa da população acontece por meio da grande imprensa torna-se essencial refletir sobre o seu papel na construção de uma sociedade. Segundo Thompson (2005), o que se observa, atualmente, é uma sociedade e uma cultura “midiada”, pois em todas as instâncias há uma

relação profunda com a mídia. Dessa forma, nota-se que a comunicação – por meio da grande imprensa – atua fortemente na construção da realidade. Nesse ponto, entende-se por realidade o que existe, o que tem valor, o que traz respostas, legítima e dá densidade significativa ao cotidiano. Assim, algo passa a existir ou deixa de existir – sociologicamente falando – a partir do momento que é “midiado” ou não.

Em termos gerais, a grande imprensa auxilia na formação da opinião pública e na promoção de políticas públicas, ampliando e aprofundando o debate de determinados assuntos. Com isso, considera-se que a educação informal – realizada por meio da divulgação de matérias em jornais impressos, revistas, rádio, televisão e Internet – fornece grande parte das informações que as pessoas recebem sobre ciência. Logo, torna-se importante a compreender como esse processo se constrói e observar o jornalista, no exercício do ofício, como um ator fundamental nesse contexto é uma fonte relevante para essa compreensão.

Nota-se que os mecanismos de produção da notícia e construção da realidade por meio de uma forma discursiva mais simplificada, aproximam a sociedade da ciência e promovem certo envolvimento entre ambas. Por meio de matérias, que divulgam o conhecimento construído cientificamente, os jornalistas inserem a ciência no debate público e aproximam esse campo – de saberes complexos e técnicos – dos não especialistas. Isso permite que a sociedade se aproprie do conhecimento científico e o utilize em seu cotidiano, o que pode levar a mudanças no âmbito social e provocar melhorias na vida dos indivíduos.

Contudo, deve-se levar em consideração o contexto social em que a divulgação científica está sendo realizada. Por essa razão, esta pesquisa exploratória volta-se para o estudo de sete jornalistas do Rio de Janeiro – atuantes no jornal O Globo – pois esse estado possui um histórico diferente de constituição da divulgação da ciência. Segundo os estudos de Massarani (1998), no Rio de Janeiro, a divulgação da ciência ganhou espaço nos periódicos não especializados. Segundo ela, na década de 20 houve, no estado, um forte engajamento dos cientistas e professores a fim de levar a ciência para além dos centros de pesquisa e universidades.

Para a realização da pesquisa exploratória, além da revisão bibliográfica, utilizou-se o método de entrevista semiestruturada. Contudo, antes da realização das entrevistas foi necessário realizar um levantamento do perfil dos sete jornalistas, que foram convidados para participar deste estudo, para compreender os diferentes contextos em que eles estão inseridos. Destaca-se que nesse grupo de sete jornalistas: três possuem faixa etária de 20 a

30 anos; dois possuem faixa etária de 40 a 50 anos; e outros dois possuíam faixa etária de 30 a 45 anos. Além disso, destaca-se que os jornalistas possuem tempo de atuação diferente no impresso: dois deles possuem 13 anos de atuação no O Globo; um possui oito anos; um possui sete anos; um possui três anos; um possui um ano; e um possui quatro meses de atuação no impresso. Ressalta-se, também, que quatro jornalistas da amostra são do sexo masculino e três do sexo feminino.

Para apresentação dos resultados da pesquisa a dissertação foi estruturada em cinco capítulos. O primeiro configura-se pela apresentação das escolhas metodológicas que tornaram possível a realização desta pesquisa. O segundo e o terceiro capítulos configuram-se como revisão bibliográfica. Nesse ponto do estudo, a leitura e a pesquisa bibliográfica auxiliaram na discussão e entendimento dos seguintes conceitos: Percepção (BAUER, DURANT, EVANS, 1994; CASTELFRANCHI, 2013; MILLER, 1983; GASKELL, BAUER, 2001), divulgação científica (MASSARANI, BAUER, AMORIN, 2013; CASTELFRANCHI, 2013-2010-2002; GOUVÊA, 2000; LOUREIRO, 2003; ANANDAKRISHNAN, 1985; BUENO, 1984-1995; CALDAS, 1997; THOMPSON, 1998-2005) e jornalismo (SILVERSTONE, 2002; BOURDIEU, 1997-2002; GILMORE, 1990; TRAVANCAS, 1992; CHAGAS, 1992; RODRIGUES, 1994; TRAQUINA, 2001; BUENO, 2009; LOPES, 2013; TUZZO, 2016; KERCKHOVE, 2016; SCHOENBACH, WAAL, LAUF, 2005; O'HARA, SELLEN, 1997; BORTREE, 2002).

O quarto capítulo volta-se para a apresentação e discussão dos dados coletados por meio das sete entrevistas semiestruturadas e das informações contidas nas matérias produzidas pelos jornalistas generalistas do O Globo que fazem parte deste estudo. No capítulo, a proposta foi apresentada detalhadamente os dados coletados, promovendo uma articulação com o referencial utilizado nos capítulos anteriores para apresentar a análise do que foi percebido. O quinto e último capítulo dedica-se as considerações finais desta pesquisa.

2. DECISÕES NORTEADORAS INICIAIS

O primeiro capítulo deste trabalho explicita já algumas das escolhas teóricas-metodológicas que tornaram possível a pesquisa realizada. Aqui é apresentada uma descrição da trajetória considerada apropriada para realização deste estudo, tendo em vista o problema estabelecido para o trabalho que é: compreender como sete jornalistas generalistas, da cidade do Rio de Janeiro, entendem a ciência e como esse entendimento os orienta na elaboração de matérias com temática científica. Este estudo parte da premissa que a produção jornalística está diretamente ligada às visões de mundo dos jornalistas. Portanto, ela seria perpassada pelos valores e crenças desses indivíduos e exposta à sociedade ao ser colocada em circulação pelos meios massivos, tornando-se disponível para inúmeros e diferentes receptores (THOMPSON, 1998). Dessa forma, os jornalistas – por meio de suas produções na denominada grande imprensa – tornam-se parte de um processo de organização popular que contribui para a constituição e desenvolvimento de grupos sociais.

No que diz respeito a divulgação da ciência, sabe-se que as atividades dedicadas a tornar o conhecimento científico mais acessível ao público amplo, é tão antiga quanto a própria ciência moderna (DURANT, 2005). Mas, a partir da leitura de alguns estudos (WYNNE, 1989; PETERS, 2000; CASTELFRANCHI, 2002) é possível notar que a posição de um cidadão frente a uma questão científica depende de vários fatores. Entre esses fatores, pode-se citar: (a) a relevância pessoal, de determinado tema para um indivíduo; (b) o grau de confiança que o público tem nos cientistas que tratam do assunto; e (c) o fato do público compartilhar – ou não – crenças e valores similares aos dos cientistas.

Pesquisas² sugerem que os brasileiros tendem a selecionar as informações científicas de acordo com suas predisposições – como valores religiosos, políticos ou sociais. Dessa forma, pressupõe-se que ao se depararem com uma questão de ciência, os jornalistas selecionam aquelas informações que melhor se adéquam aos seus valores ou predisposições, sejam elas positivas ou não com relação à ciência. Nessa lógica, as notícias sobre ciência tornam-se resultado de uma produção que envolve um universo de referências variadas.

Sabe-se que o acesso ao conhecimento científico teve um importante papel no desenvolvimento da sociedade e do ser humano, pois através dele tornou-se possível adquirir

² Destaca-se, nesse ponto, a Pesquisa de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil – 2015. Disponível em: < https://www.cgee.org.br/documents/10182/734063/percepcao_web.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2018.

novas visões, conhecimentos e ferramentas para melhorar a vida dos indivíduos (KUHN, 2011; POPPER, 1978; CASTELFRANCHI, 2010). Dessa forma, torna-se necessário compreender como a ciência é entendida e trabalhada por jornalistas não especializados em ciência. Pois, esses jornalistas se comunicam com uma grande parcela da população que – muitas vezes – não é especializada, mas precisa das informações advindas da ciência para encontrar explicações e soluções para problemas de ordem prática da vida cotidiana.

Este capítulo é iniciado com a apresentação do quadro teórico de referência, dos métodos e técnicas utilizados na pesquisa. Em seguida, abordam-se os critérios de seleção da amostra deste trabalho, assim como o agendamento e a realização das entrevistas. Por fim, mostra-se o tratamento, edição do material coletado, forma como foi realizada a interpretação dos dados e apresenta-se a construção da dissertação.

2.1 BASES TEÓRICAS-METODOLÓGICAS

Embora o objetivo inicial desta pesquisa tenha sido a investigação da percepção de ciência dos jornalistas generalistas e especialistas – no Rio de Janeiro e em Belém³ – o foco do estudo sofreu alterações no decorrer da pesquisa. Após a leitura do referencial teórico e das demais bibliografias ligadas ao tema, observou-se que grande parte dos estudos – sobre jornalismo e ciência – estão ligados aos jornalistas especializados na cobertura científica. Porém, segundo a Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) 450 jornalistas trabalhavam, em 2013, com a cobertura especializada de ciência. Em contrapartida, no mesmo ano, 25 mil jornalistas estavam filiados a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)⁴. A partir desses dados, notou-se que uma parte significativa dos jornalistas brasileiros atua na cobertura de diversos temas, isto é, como generalistas. Dessa forma, observa-se uma demanda clara por estudos exploratórios que busquem entender como os jornalistas não especialistas encaram a cobertura de temas de ciência e quais são seus pontos de vista sobre a ciência.

Em um segundo momento ao estudar e analisar a história do jornalismo notou-se que sua criação e consolidação, no Brasil, se deram concomitantemente ao desenvolvimento do Rio de Janeiro. Observou-se que a centralidade política do estado, como capital federal, colaborou para que esse se desenvolvesse como um dos centros culturais e econômicos

³ Ressalta-se, aqui, que os estudos das duas capitais se mostrou inviável em razão do tempo necessário para realização da pesquisa e, por esse motivo, restringiu-se o estudo ao Rio de Janeiro.

⁴ Não há um controle do número total de jornalistas em exercício no país, pois esses profissionais não são obrigados a registrarem-se em um órgão de classe, como, por exemplo, os médicos.

da nação. Essa posição de destaque pode ser demonstrada pelo número de jornais que já circulavam na cidade – muitos com mais de uma edição diária – no início da atividade jornalística no país. Segundo uma pesquisa realizada pela prefeitura do Rio de Janeiro (2007)⁵, em 1950, havia 22 diários no estado, entre matutinos e vespertinos, das mais diversas tendências políticas e sucursais dos mais importantes jornais editados em outros estados.

Dessa forma, essa investigação torna-se relevante, pois – segundo estudos de Masarani, Bauer e Amorin (2013) – os meios de comunicação são uma das principais fontes de informação sobre ciência e tecnologia no Brasil e os jornalistas encontram-se em segundo lugar na lista de fontes confiáveis em ciência e tecnologia, ficando atrás somente dos médicos. Ainda segundo os autores, pode-se afirmar que os principais meios de veiculação dos textos científicos são a mídia impressa e a internet. Portanto, este trabalho justifica-se mediante a necessidade de verificar como jornalistas que atuam – como generalistas – em um grande veículo de comunicação compreendem a ciência. Com isso, pretende-se identificar as premissas que guiam esses jornalistas durante o processo de construção das notícias de ciência.

Como destacado, no primeiro momento a leitura e a pesquisa bibliográfica deram as bases necessárias para compreender os principais conceitos estudados: Percepção, divulgação científica e jornalismo. Além disso, também se utilizou autores que auxiliaram no aprofundamento de questões como: a construção da notícia (TRAQUINA, 2008-2005; SOUSA, 2004-2006; PONTE, 2005), relação entre jornalismo e sociedade (GENRO FILHO, 1987; HOHLFELDT, BARBOSA, 2002; DINES, 2009; LOPES, 2013; ROSSI, 2017; FIDALGO, 2008), relação entre ciência e sociedade (MERTON, 1970; KUHN, 2011), papel do jornalista como mediador das informações de ciência (BUENO, 2009; LOPES, 2013), produção da notícia (TRAQUINA, 2005; ALSINA, 2009 e WOLF, 1995) e jornalismo na atualidade (ABREU, 2002; BALDESSAR, 2005).

O que se observa é que o jornalismo se caracteriza como uma prática social voltada para o “contar histórias”. De acordo com os estudos de Silverstone (2002), “as instituições não produzem significados. Elas os oferecem”, (SILVERSTONE, 2002, p. 18). Partindo desse princípio, observa-se que o jornalismo recorre a elementos textuais para colocar certos assuntos nos centros das discussões e preocupações sociais. Dessa forma, a notícia veiculada torna-se parte de uma construção social e se insere em um processo que não pode

⁵ Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101400/estudos8.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

ser definido como linear, uma vez que parte de influências recíprocas, percebida por quem a produz (TRAQUINA, 2008-2005-2001; SOUSA, 2004-2006; PONTE, 2005; BOURDIEU, 1997-2002; TRAVANCAS, 1992; GILMORE, 1990; CHAGAS, 1992).

No que diz respeito aos debates de temas que informam os avanços da ciência e sua aplicabilidade no cotidiano dos indivíduos, nota-se que esse está frequentemente presente nos grandes jornais impressos. Ao “fiscalizar”, “regular” e “orientar” – a sua maneira⁶ – certas práticas e valores, representando e captando um determinado quadro de sentido⁷ (RODRIGUES, 1994), o jornalismo opera como um importante sujeito na divulgação da ciência para indivíduos não especializados. Observa-se que ao inserir esse debate na agenda social os jornalistas fomentam a discussão e compreensão de grande parte da população para determinadas questões.

Nesta pesquisa parte-se da premissa que o desenvolvimento científico é parte constituinte da sociedade contemporânea. A partir da “revolução científica”, dos séculos XVI e XVII, as questões que perpassam a ciência tornam-se conhecimentos essenciais às sociedades que começam a se estruturar a partir de um processo racional cada vez mais orientado pela atuação da ciência e dos cientistas. Ao torna-se, ao longo dos séculos, um dos conhecimentos determinantes e constituintes da sociedade ela passa a integrar a esfera pública. Com isso, a “comunidade científica” emerge como um importante agrupamento social e, assim, busca legitimar-se junto à sociedade. A partir das novas configurações sociais observa-se uma crescente necessidade de iniciativas de divulgação científica com o objetivo de incentivar os cidadãos a participarem dos processos relativos à ciência e suas aplicações (MOREIRA, MASSARANI, 2002).

Neste trabalho a divulgação científica é percebida como o conjunto de recursos e técnicas que permitem a transmissão do conhecimento científico, especializado, para um público não especializado. Para tornar essa discussão um pouco mais clara Bueno (1984) argumenta que a divulgação científica pode ser definida como “o uso de processos e recur-

⁶ Ressalta-se, nesse ponto, que jornalistas e cientistas possuem formas distintas de regulamentação e fiscalização da ciência. Os jornalistas atuam orientados por um viés social e estão preocupados em transmitir informações que permitam o desenvolvimento do senso crítico, da sociedade. Os cientistas, em contrapartida, voltam-se para a prática científica, revisão por pares e aplicabilidade das técnicas que os permitem reproduzir e se aprofundar em determinados estudos.

⁷ Deve-se levar em consideração que o jornalismo é, também, um campo de produção de discursos e de construção de sentidos. Foucault (2013) concebe o discurso como “reverberação” de uma verdade que nasce diante dos olhos do próprio sujeito. Para ele, o discurso é tido como enunciados materialmente existentes, podendo ser escrito ou pronunciado, “são proposições que adquirem caráter de verdadeiras passando a constituir princípios aceitáveis de comportamento”, (FOUCAULT, 2013, p. 19). Nessa perspectiva, as práticas discursivas caracterizam-se de algum modo como elo entre discurso (enunciações) e prática (práticas sociais dos sujeitos).

tos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral”. Com isso, pressupõe-se que para esse processo interessa levar – por meio de uma linguagem simples – informação especializada para o público mais amplo que, muitas vezes, não tem vínculo ou aprofundamento no universo da ciência.

Contudo, nota-se que o papel da divulgação científica está mudando ao longo do tempo, visto que acompanha o desenvolvimento da própria ciência. De acordo com Anandkrishnan (1985), essa divulgação pode ser utilizada para alcançar objetivos diferentes, como educacional, cívico e para mobilização popular. No primeiro caso busca-se a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e sua lógica. Interessa, aqui, estimular a curiosidade dos indivíduos e transmitir a informação científica de caráter prático. O objetivo é esclarecer e desvendar determinados fenômenos, estudados pela ciência, e apresentar uma solução para os problemas ocasionados por esses. Quando a divulgação científica tem um objetivo cívico – de auxiliar a formação de uma opinião pública sobre impactos do desenvolvimento científico na sociedade – se tem como premissa a apresentação da informação científica voltada para a ampliação da consciência do cidadão a respeito de questões sociais, econômicas e ambientais. Por fim, segundo o autor, a divulgação científica pode ter como principal interesse a mobilização popular. Nesse ponto, visa-se a ampliação da possibilidade e da qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas. O foco, aqui, é oferecer informação científica que instrumentalize os atores sociais a intervir melhor no processo decisório.

Segundo Caldas (1997), é possível verificar um crescimento considerável da cobertura científica em veículos impressos e eletrônicos, e um aumento no número de artigos acadêmicos e jornalísticos – matérias e reportagens – que contemplam temas científicos. Esse aumento deve-se a uma necessidade de manter a sociedade bem informada sobre a ciência e seus avanços para que os cidadãos possam se beneficiar de tais conhecimentos no seu cotidiano. Essa preocupação em promover a divulgação científica – sobretudo nos veículos de comunicação – aponta uma tendência dos jornalistas de levar, à sociedade, informações que auxiliem na tomada de decisões e, conseqüentemente, melhorem a qualidade de vida da população.

A partir desses conceitos configurou-se a problemática desta pesquisa que visa investigar como jornalistas generalistas – do O Globo – lidam com temas da ciência. Assim, o objetivo geral buscado na investigação foi identificar como jornalistas generalistas, da cidade do Rio de Janeiro, compreendem a ciência. Constituído pelos seguintes objetivos

específicos: (a) estudar como a ciência é pautada em um jornal de grande circulação e não especializado, como O Globo; (b) compreender de que forma a visão de ciência, de jornalistas generalistas, configura a divulgação de temas da ciência; (c) verificar como é a cobertura dos temas de ciência feita por jornalistas generalistas.

Para tornar possível essa investigação, optou-se por realizar uma pesquisa exploratória qualitativa que se configura a partir de seis ações. Essas ações em muitos momentos aconteceram concomitantemente. A primeira, realizada até a etapa de análise dos dados, foi à pesquisa bibliográfica. A segunda foi a procura dos jornalistas generalistas que se enquadravam no perfil proposto pelo estudo. A terceira foi o levantamento do perfil dos sete jornalistas – número total de entrevistados – que foram selecionados e incluídos na pesquisa pela manifesta aceitação de participação nessa. A quarta foi uma varredura realizada, no jornal impresso O Globo, para encontrar as matérias de ciência produzidas pelos jornalistas que foram convidados a participar desta pesquisa. A quinta foi à elaboração de um roteiro de entrevistas semiestruturado que serviu para nortear o diálogo durante as entrevistas. A sexta ação foi a realização das entrevistas com os sete jornalistas que, além de aceitarem participar do estudo, se enquadravam no perfil proposto pela pesquisadora.

Nesse ponto destaca-se que a etapa da pesquisa voltada para o selecionamento dos entrevistados contou com o auxílio da definição de um perfil básico, no qual todos os entrevistados deveriam ter em comum. As características gerais são: (a) trabalhar em um veículo impresso de grande circulação – no caso, O Globo; (b) atuar como jornalista generalista; (c) ter feito alguma cobertura ou pauta ligada à área da ciência. Optou-se por investigar jornalistas vinculados a grande imprensa, pois é por meio dos grandes veículos de comunicação – não especializados – que um maior número possível de pessoas tem acesso às informações de ciência (MASSARANI; BAUER; AMORIM, 2013).

2.2 ESCOLHA DOS JORNALISTAS E DO LOCAL DAS ENTREVISTAS

Tendo definido o foco da pesquisa, o passo seguinte foi estabelecer critérios para a escolha dos jornalistas generalistas e do local de realização das entrevistas. Essa operacionalização fundamentou-se em três abordagens distintas. A primeira delas foi o levantamento de informações disponíveis na internet e nas matérias, do O Globo, assinadas por esses profissionais. A segunda foi pedir indicações de outros jornalistas – que não estão, necessariamente, participando desta pesquisa – para chegar aos profissionais que, em algum momento, atuaram na cobertura de ciência. A terceira, e última, abordagem foi uma varre-

dura realizada na plataforma Lattes e LinkedIn para checar a trajetória profissional dos jornalistas e verificar se eles atuam em um veículo impresso da grande imprensa. Dessa forma, chegou-se ao número de sete jornalistas, cujo perfil se encaixava na proposta desta pesquisa. São eles⁸:

- André Miranda;
- Luisa Valle;
- Luiza Souto;
- Nícollas Witzel;
- Renan Rodrigues;
- Sérgio Matsuura;
- Simone Candida.

Destaca-se, aqui, que ao construir critérios de seleção não se pretendia interferir no conteúdo dos dados coletados, isto é, não havia a intenção de selecionar pessoas com grande proximidade ou afeição pela cobertura de ciência. Sabe-se que é preciso adotar uma postura indutiva, no sentido de situar o objeto e a partir da análise produzir teorizações sobre esses jornalistas. Caso contrário, haveria um risco de cair, inconscientemente, numa abordagem de tipos-ideais. Logo, a elaboração de um perfil desses profissionais serviu, apenas, para compreender o universo do qual esses jornalistas selecionados fazem parte e, assim, poder interpretar melhor suas afirmativas.

O número de indivíduos entrevistados não foi delimitado pela pesquisadora. Antes de chegar ao número final de sete jornalistas generalistas, passou-se por processo de identificação dos jornalistas, atuantes no jornal O Globo, que se enquadravam no perfil proposto pela pesquisa – descrito no final da sessão 2.1. Nessa etapa foi realizado um processo de observação para identificar quem são os jornalistas que publicam matérias com temática científica, no jornal O Globo. A partir dessa observação foi possível elaborar uma lista com dez nomes de jornalistas não especializados na cobertura de ciência. Em seguida, entrou-se em contato com cada um deles através de redes sociais – como Facebook e LinkedIn – e obteve-se resposta positiva de sete jornalistas.

⁸ O breve currículo desses jornalistas generalistas e as transcrições das entrevistas encontram-se disponíveis nos anexos da dissertação.

No que diz respeito ao local de realização das entrevistas, optou-se por realizá-las no local em que os jornalistas trabalham, isto é, no mesmo prédio em que se localiza a redação do jornal O Globo, no Rio de Janeiro. A escolha desse espaço teve como pretensão colocá-los em um ambiente natural – que fizesse parte de seu cotidiano – para que eles se sentissem confortáveis e as entrevistas fluíssem naturalmente. Nessa lógica, deu-se prioridade a espaços silenciosos e sem um grande fluxo de pessoas. Esses quesitos de escolha foram determinados pensando numa comunicação sem grandes ruídos e na boa captação do áudio das entrevistas. Logo, foram escolhidos ambientes em que a chance de interrupções ou intervenções de elementos externos fosse pequena.

As entrevistas com os jornalistas Luisa Valle, Nicolás Witzel, Renan Rodrigues, Sérgio Matsuura e Simone Candida foram realizadas na praça de alimentação da redação do jornal – localizada no segundo andar do prédio. A sugestão do local foi feita pelos próprios jornalistas que manifestaram a preocupação de conversar em um lugar onde não ficassem muito visíveis para evitar possíveis interrupções. De uma forma geral, o ambiente escolhido permitiu que os entrevistados ficassem confortáveis e relaxados, uma vez que estavam afastados de seus editores e das cobranças cotidianas. Além disso, o espaço era bem iluminado e composto por ambientes um pouco mais reservados. Esses aspectos foram favoráveis para a captação dos áudios das entrevistas e para o estabelecimento de uma boa comunicação com os entrevistados, pois em nenhum momento as entrevistas foram interrompidas por elementos externos.

A entrevista com o jornalista André Miranda aconteceu em um espaço localizado dentro da redação do jornal O Globo. Por estar dentro da redação – era uma sala de convivência, localizada no canto esquerdo, e não havia uma separação entre os ambientes – era possível ouvir alguns sons, como cliques, barulhos de teclado, cadeiras, celulares e algumas conversas. Contudo, os ruídos externos não atrapalharam a captação do áudio, pois os gravadores ficaram próximos ao entrevistado e utilizou-se o recurso *noise cut* dos aparelhos. Além disso, notou-se que o jornalista estava tão habituado e familiarizado com os sons que em nenhum momento se desconcentrou ou se distanciou do foco da pesquisa.

A única entrevista que não foi realizada na redação foi a da jornalista Luiza Souto. Devido a mudanças, ocorridas na vida pessoal da entrevistada, essa conversa teve que ser realizada por *Skype*. Embora esse não fosse o propósito inicial, foi a solução encontrada para resolver o problema de distância. Pois, a jornalista reside, atualmente, no estado de São Paulo e a pesquisadora no Rio de Janeiro. Não houve problemas de conexão, dessa forma foi possível obter um áudio limpo e sem ruídos significativos. A chamada de vídeo

possibilitou, também, que a pesquisadora visse em tempo real as expressões da entrevistada, mantendo um bom canal de observação. Destaca-se que a jornalista realizou a chamada de vídeo da sua casa, pois havia sido demitida do jornal O Globo duas semanas antes – esse fato foi comunicado durante a entrevista. Ressalta-se que todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

2.2.1 Perfil dos jornalistas

Para facilitar a análise dos dados buscou-se coletar informações que explicitasse a dimensão contextual em que esses jornalistas estão inseridos, como por exemplo, seus interesses pessoais – verificando as temáticas que mais os interessam ou que eles mais possuem afinidade – faixa etária, tempo de atuação no jornalismo impresso e interesse por ciência. Visou-se, com isso, observar as diferenças e semelhanças entre os sujeitos para compreender melhor suas particularidades.

A partir das informações coletadas – no Facebook, LinkedIn, Lattes e nas entrevistas – foi possível montar perfis que explicitaram algumas características pessoais desses profissionais. Com isso, pode-se observá-los não somente como jornalistas, mas como indivíduos. Para facilitar a observação dos contextos, em que esses profissionais estão inseridos, organizou-se os dados da seguinte forma:

Quadro 1 – Perfil dos jornalistas generalistas selecionados para a pesquisa

Jornalista	Ingresso no jornalismo impresso	Editoria em que trabalha	Áreas/assuntos de interesse	Possui interesse em ciência?	Faixa etária	Sexo
André Miranda	2015 (como repórter, no jornal O Globo).	Editoria de Mídias Sociais	Tecnologia, exploração, descobertas, ciências sociais, biologia e geografia.	Sim	20 a 30 anos	M
Luisa Valle	2005 (como repórter, no jornal O Globo).	Editoria Rio	Assuntos ligados a cidade do Rio de Janeiro, saúde, meio ambiente, viagens e ciência política/política.	Sim	35 a 45 anos	F
Luiza Souto	2010 (como repórter, no O Globo-Barra).	Editoria Sociedade	Temas relacionados a mulher, medicina/saúde, curiosidades científicas, direitos humanos e assuntos ligados a causa LGBT.	Sim	30 a 40 anos	F
Nícollas Witzel	2018 (como jornalista, no jornal O Glo-	Editoria de Vídeo	Questões humanitárias, crises e problemas internacionais.	Sim	20 a 30 anos	M

	bo).						
Renan Rodrigues	2017 (como repórter, no jornal O Globo).	Editoria Rio	Saúde, carnaval e administração pública.	Sim	20 a 30 anos	M	
Sérgio Mat-suura	2011 (como repórter, no jornal O Globo).	Editoria Sociedade	Ciência, ciências sociais, arqueologia e tecnologia.	Sim	40 a 50 anos	M	
Simone Candida	1992 (como repórter, no Jornal do Brasil); 2005 (como repórter, no jornal O Globo).	Editoria Rio	Memória, história, patrimônio e dia a dia da cidade do Rio de Janeiro.	Sim	40 a 50 anos	F	

Fonte: A autora (2018)

Após coletar e estudar as particularidades de cada entrevistado partiu-se para o agendamento e a realização das entrevistas semiestruturadas. Essas etapas serão descritas nos próximos tópicos e contam com algumas informações contidas no diário de campo – sua funcionalidade, nesta pesquisa, está detalhadamente explicada na sessão número 2.7.

2.3 AGENDAMENTO DAS ENTREVISTAS

Escolhido a amostra, o passo seguinte foi agendar as entrevistas. Para isso, recorreu-se – em um primeiro momento – ao Facebook e ao LinkedIn para fazer o primeiro contato com os jornalistas. Nesse momento buscou-se explicar a finalidade da pesquisa para que eles pudessem optar por participar, ou não, e identificar se poderiam ser categorizados como jornalistas generalistas, não especializados. Essa abordagem foi essencial no momento de definição dos jornalistas que seriam convidados para participar do estudo, pois eles puderam dizer se sua atuação encaixava-se no perfil proposto. Entrou-se em contato com dez jornalistas – no total – mas, somente sete confirmaram que atuavam como jornalistas generalistas. Os outros três declararam atuar em áreas específicas, como economia e política, e por esse motivo não foram incluídos nesta pesquisa.

Após esse primeiro filtro, solicitou-se o contato dos sete jornalistas que atendiam ao perfil da pesquisa e, concomitantemente, aceitaram participar do estudo. Para formalizar o convite, foram enviados e-mails com as datas propostas para a realização das entrevistas. Devido ao tempo escasso que esses profissionais possuem para desenvolver outras atividades, optou-se por deixá-los escolher a hora do encontro. Visou-se, com isso, preservar a

rotina de trabalho dos participantes e selecionar um horário em que eles não estivessem atarefados. Pois, entende-se que, dessa forma, eles poderiam se concentrar na entrevista e responder com calma as perguntas.

Destaca-se que todos os sete entrevistados se mostraram abertos à possibilidade de serem entrevistados. Acredita-se que o fato de todos terem construído uma carreira no jornalismo contribuiu para que eles se sentissem a vontade, pois todos já estiveram em uma situação de entrevista. Além disso, outro fator que contribuiu para as respostas positivas – em relação à participação na pesquisa – foi o fato deles não precisarem se deslocar. A pesquisadora se comprometeu a ir ao encontro deles.

Durante a fase de agendamento, foi possível notar que o fato de mencionar a cobertura esporádica de temas de ciência – para apresentar a proposta dessa dissertação – aparentemente gerou dúvidas, em certos jornalistas. A maior parte aceitou a entrevista no contato inicial, porém outros se questionaram se realmente tinham o perfil procurado. Foi comum a afirmativas como, por exemplo: “Eu não trabalho na editoria de ciência, mas se você estiver certa que eu me encaixo no perfil aceito participar”. A partir disso, a decisão foi explicar o objetivo geral da pesquisa para que eles compreendessem melhor a abordagem do estudo. Essa medida foi suficiente para que eles ficassem mais tranquilos em relação a sua colaboração para o estudo.

Contudo, o processo de marcação das entrevistas com os jornalistas Luisa Valle, Renan Rodrigues e Sérgio Matsuura não foi simples. A jornalista Luisa Valle foi receptiva e amigável desde o primeiro contato, realizado no dia 27 de março de 2018 – através do LinkedIn. Porém, a comunicação tornou-se difícil no último mês, pois ela se ausentou do país para tirar férias. Durante esse período a pesquisadora enviou alguns e-mails e mensagens, mas não obteve resposta. Somente no dia 11 de junho de 2018 foi possível retomar a comunicação e marcar a data de realização da entrevista. Um evento similar ocorreu com o jornalista Renan Rodrigues. Ele mostrou-se atencioso no primeiro contato – realizado no dia 4 de abril de 2018 através do Facebook – mas, posteriormente, a comunicação tornou-se complicada. Ele viajou para Londres, pois estava de férias, e ficou sem responder as mensagens por algum tempo. Somente no dia 7 de junho de 2018 foi possível retomar a comunicação e marcar a data de realização da entrevista. O mesmo aconteceu com o jornalista Sérgio Matsuura. O primeiro contato foi realizado no dia 5 de abril de 2018 – através do Facebook – mas, alguns dias depois ele entrou de férias e viajou para outro estado. Porém, a comunicação foi mantida, durante esse período, e dois dias após o seu retorno a entrevista foi realizada.

2.4 ESCOLHA DO MÉTODO DE ENTREVISTA

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2010, p. 109).

A principal técnica de coleta de dados desta pesquisa é o uso das entrevistas realizadas, ao vivo, junto aos jornalistas generalistas selecionados. O uso de entrevista na pesquisa qualitativa atende, principalmente, a finalidades exploratórias, sendo utilizada para “obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas” (SELLTIZ et al., 1987, p. 273). É uma fonte rica de informações e uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão, a partir de um processo conversacional, mas que – como qualquer outro método de coleta de dados – apresenta vantagens e desvantagens.

De acordo com Gil (2010), a entrevista é uma excelente técnica para auxiliar na investigação social. Segundo ele, a entrevista permite: (a) obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; (b) é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; (c) os dados obtidos são suscetíveis de classificação. Além disso, quando comparada com outras técnicas de pesquisa, como o questionário, a entrevista apresenta outras vantagens como: (a) possibilita a obtenção de maior número de respostas, visto que é mais fácil deixar de responder um questionário do que negar uma entrevista; (b) oferece uma maior flexibilidade, pois o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se às pessoas e às circunstâncias em que a entrevista se desenvolve; e (c) possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, a tonalidade da voz e a ênfase nas respostas.

Contudo, o autor afirma que deve-se considerar, também, as desvantagens desse método e aponta algumas questões que devem ser mencionadas, aqui, para que se possa compreender as limitações do trabalho desenvolvido. Os principais pontos destacados pelo autor são: (a) a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas; (b) a inadequada compreensão das perguntas; (c) o fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes; (d) a influência exercida pelo aspecto pessoal do

entrevistador sobre o entrevistado; e (e) a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado. Todas essas limitações acabam interferindo na qualidade das entrevistas, mas a flexibilidade desse método de pesquisa permite que as dificuldades sejam contornadas, pois “o sucesso dessa técnica depende fundamentalmente do nível de relação pessoal estabelecido entre entrevistador e entrevistado” (GIL, 2010, p. 111).

Pode-se observar que a entrevista é uma das técnicas mais flexíveis de coletas de dados que dispõem as ciências sociais (GIL, 2010). Porém, para entender as particularidades das entrevistas realizadas em cada pesquisa deve-se saber, primeiro, o nível de estruturação atribuídos a elas. Neste estudo, as entrevistas realizadas podem ser classificadas como entrevistas semiestruturada. Esse tipo de entrevista permite a utilização de perguntas abertas e fechadas, que possibilitam que o entrevistado discorra sobre o tema proposto. Para isso, o pesquisador segue um conjunto de questões previamente definidas, mas mantém-se em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. A entrevista semiestruturada demanda certa atenção do entrevistador para dirigir a discussão, isto é, voltá-la para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras – ou para ajudar o entrevistado, caso ele apresente dificuldade de articulação. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações para obter um direcionamento maior para o tema.

A técnica de entrevista semiestruturada apresenta, como vantagem, elasticidade quanto à duração da conversa, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado possibilita tocar em assuntos mais complexos e delicados e pode promover respostas mais espontâneas. Desse modo, esse tipo de entrevista colabora para a investigação de aspectos afetivos e valorativos dos informantes, isto é, suas visões e posicionamentos sobre determinadas questões. Outro ponto importante é que a entrevista semiestruturada possibilita a utilização de recursos visuais – nesta pesquisa, por exemplo, utilizou-se as matérias de ciência escritas pelos jornalistas entrevistados, para incitar uma maior reflexão sobre o tema estudado – que podem deixar o entrevistado mais à vontade e fazê-lo lembrar de fatos (SELLTIZ et al, 1987).

Para Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada centraliza-se em um assunto sobre o qual o pesquisador elabora um roteiro com perguntas principais que podem ser complementadas por outras questões que surgem durante o processo de realização da entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista possibilita que as informações sejam obtidas de forma mais livre, sem condicionar as respostas utilizando alternativas padronizadas.

Além disso, Manzini (1990/1991) defende a necessidade de perguntas básicas que são fundamentais para atingir o objetivo da pesquisa. Sobre essa questão, o autor salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. Dessa forma, o roteiro auxilia na coleta das informações básicas, atuando como um meio para o pesquisador se organizar durante o processo de interação com o informante.

Além disso, o autor também aborda em seus estudos a natureza das perguntas básicas para a realização de uma entrevista semiestruturada (MANZINI, 1990/1991). Sobre essa questão, o estudioso destaca alguns pontos que devem ser levados em consideração durante a elaboração de um roteiro para entrevista semiestruturada. São eles: (a) cuidados quanto à linguagem; (b) cuidados quanto à forma das perguntas; e (c) cuidados quanto a sequência das perguntas no roteiro. Outro autor que também estuda os tipos de perguntas na entrevista semiestruturada é Triviños (1987), que faz uma diferenciação embasada no tipo de vertente teórica: fenomenológica ou histórico-estrutural (dialética). Segundo ele, a linha teórica fenomenológica teria como principal objetivo conseguir descrições claras dos fenômenos sociais. Dessa forma, perguntas descritivas seriam essenciais para descobrir o que determinados comportamentos significam para as pessoas que fazem parte de um meio específico. Por outro lado, na linha histórico-cultural (dialética), as perguntas seriam explicativas ou causais, pois o objetivo seria determinar razões imediatas ou mediatas por certo fenômeno social. Além disso, Triviños (1987) distingue quatro categorias de perguntas que podem abrir perspectivas para análise e interpretação de ideias. As categorias salientadas são: (a) perguntas denominadas consequências; (b) perguntas avaliativas; (c) questões hipotéticas; e (d) perguntas que estipulam categoriais.

Outra questão que deve ser mencionada, aqui, é a forma como o pesquisador conduz as entrevistas. De acordo com Gil (1987) a técnica da entrevista não se limita a recolher dados relevantes sobre um assunto, mas busca captar sentimentos, crenças e desejos. Por isso, não se deve tratar o ato da entrevista como um procedimento formal, institucionalizado em torno dos papéis de entrevistador-entrevistado. Becker (1997) indica que o ideal, nesses casos, é o pesquisador usar sua experiência pessoal durante a entrevista, partindo em alguns casos para medidas não convencionais para provocar as pessoas a ponto de fazer com que digam coisas que, de outro modo, não fariam. Desse modo, a entrevista deve ser vista como uma interação, pois ela não é um incidente neutro de coleta de dados. Trata-se de uma construção da realidade, numa ocasião em que o entrevistado dá significado à suas experiências tendo em vista seu interlocutor.

Nessa lógica entende-se que “se alguém observa as entrevistas não como dados, mas como locais interativos para a construção de significados, o papel da entrevista deixa de ser totalmente passivo e neutro” (JÄRVINEN, 2003, p. 225). Uma entrevista representa processos de interpretação das situações presentes e passadas. Durante a sua fala, o entrevistado ordena e reconstrói sua experiência, buscando criar esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos. Ao mesmo tempo, as narrativas refletem as estratégias dos atores para lidar com tais incidentes e as suas tentativas de se apresentarem como um tipo específico de pessoa.

Após as breves discussões apresentadas, entende-se que o uso de entrevistas semi-estruturadas na pesquisa qualitativa deve ser apreciado, considerando a riqueza de informações que podem ser obtidas. Também se deve levar em consideração que essa metodologia permite ampliar o entendimento dos objetos investigados por meio da interação entre entrevistados e entrevistador. Contudo, é notório que a definição do método de pesquisa utilizado depende da natureza do objeto investigado, do problema de pesquisa e da abordagem paradigmática que guia o pesquisador. Por esse motivo, os próximos tópicos irão apresentar a trajetória da pesquisa – como a elaboração do roteiro de entrevistas, realização das entrevistas, uso do gravador e diário de campo – para que se possa compreender as etapas de realização deste estudo.

2.5 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

No que diz respeito ao processo de realização da entrevista, sabe-se que alguns cuidados devem ser tomados. Nesse momento, o pesquisador entra em cena e deve apresentar uma postura acolhedora e motivadora. Partindo dessa premissa, buscou-se – durante a execução das entrevistas – uma interação de extremo respeito com os entrevistados. Para deixá-los mais tranquilos, todo o processo de entrevista foi esclarecido antes de seu início e foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para esclarecer o objetivo da conversação e os direitos do entrevistado com relação à sua participação⁹.

A partir disso, deu-se início às entrevistas semiestruturadas e apoiadas em um roteiro de questões que tinha como finalidade guiar a conversa e manter o foco no interesse da pesquisa. Os entrevistados tiveram liberdade de tempo – pois, não se delimitou um período de duração da entrevista – e narrativa – visto que suas respostas foram abertas, sem afirma-

⁹ O modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado encontra-se no Anexo C desta dissertação.

ções preestabelecidas. Essa precaução deveu-se, eminentemente, ao respeito pelas experiências e opiniões que os participantes estavam compartilhando, e por saber que esses relatos são acompanhados dos mais variados sentimentos. Contudo, foram feitas algumas interferências quando houve dispersão do assunto principal.

A realização das entrevistas concentrou-se no período de maio a junho 2018. A escolha desse momento para a coleta dos depoimentos refletiu no amadurecimento teórico e metodológico em torno das questões que deveriam ser abordadas. Outro fator que influenciou o período de realização das entrevistas foram os fatores externos – como férias dos jornalistas, dificuldades em encontrar horário na agenda e problemas com pautas que obrigaram o cancelamento e reagendamento das entrevistas.

Durante a conversa observou-se que algumas questões respondidas com facilidade por alguns entrevistados, causaram dúvidas em outros que precisaram de um pouco mais de tempo para refletir sobre elas. Notou-se que alguns jornalistas, ao receberem certos questionamentos, respondiam com afirmações e indagações, como “Difícil essa pergunta”, “Não posso te responder com convicção, porque nunca fiz essa reflexão”, “Não sei, nunca tinha pensado nisso”, “É difícil identificar isso”, “Saúde entra como ciência, não é?” e “O que você considera ciência?”. Acredita-se que o estranhamento a certas perguntas se dá pelo fato dos jornalistas não terem tempo e costume de refletirem sobre o próprio trabalho, pois a lógica de produção em que estão inseridos aumenta a demanda e os obrigam a serem ágeis nas coberturas. Dessa forma, a reflexão sobre determinados temas, como ciência, fica em segundo plano. Por isso, organizou-se as perguntas que, de alguma forma, provocaram certo desconforto em alguns entrevistados, para facilitar a observação.

Quadro 2 – Perguntas, do roteiro de entrevista, que demandaram um tempo maior de reflexão

Eixo e temática	Perguntas	Entrevistados que apresentaram dificuldades ou dúvidas
Eixo 1 – Trajetória profissional	4- No impresso, qual(is) assunto(s) você menos gosta de cobrir? Por quê?	Renan Rodrigues; Simone Candida.
Eixo 2 – Cobertura de ciência	1- Qual foi a sua primeira experiência na cobertura de ciência? 3- Quais assuntos, de ciência, você mais costuma cobrir? 6- Quais assuntos, de ciência, você menos gosta de cobrir? Por quê? 7- Você se sente a vontade escrevendo matérias de ciência? Por quê? 10 - Desde que iniciou sua trajetória profissional, alguma coisa mudou na forma como você aborda e escreve as notícias de ciência? Se sim, quais foram as mudanças?	André Miranda; Luiza Souto; Renan Rodrigues; Sérgio Matsuura; Simone Candida.

Eixo 3 – Jornalismo e ciência	1- Na sua opinião, o que é ciência? 2- Na sua opinião, quais são as principais: características, diferenças e objetivos do jornalismo especializado e do jornalismo não especializados? 3- Na sua opinião, há diferença entre a cobertura da ciência pelo jornalismo especializado e o não especializado? Por quê? 4 - Na sua opinião, até que ponto o jornalismo não especializado é uma fonte de informação sobre ciência?	André Miranda; Luiza Souto; Renan Rodrigues; Sérgio Matsuura; Simone Candida.
Eixo 4 – Ciência e sociedade	1- Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade? Por quê? 2- Para você, como a informação científica deve ser apresentada para a sociedade?	André Miranda; Luiza Souto; Sérgio Matsuura; Simone Candida.
Eixo 5 – Interesses pessoais	1- Você possui interesse em ciência? Por quê?	André Miranda; Simone Candida.

* Os jornalistas Luisa Valle e Nicolás Witzel não apresentaram dúvida ou dificuldade para responder as questões. Por esse motivo, não foram inseridos no quadro.

Fonte: A autora (2018)

Nesse ponto, destaca-se que as disparidades observadas através dos diários de campo evidenciam a ideia de que a entrevista – longe de fornecer dados objetivos a serem coletados, tratados e verificados junto a diferentes pessoas – representa um contexto concreto de interação. Pois, os jornalistas não tiveram, necessariamente, as mesmas dificuldades ou dúvidas. Por exemplo, o jornalista André Miranda apresentou dificuldade para responder às perguntas número um e seis, do “eixo 2”. Mas, a jornalista Simone Candida apresentou dificuldade nas perguntas número sete e dez, do mesmo eixo. Com isso, pode-se afirmar que as entrevistas foram se configurando na medida em que aconteciam e estavam sujeitas às imprevisibilidades das características pessoais de cada participante. Por essa razão foi importante atentar, anteriormente, para as características individuais dos participantes, pois isso ajudou a compreender às diferentes experiências profissionais de cada um.

As visões sobre ciência puderam ser apreendidas por meio de perguntas diretas – sobretudo na questão a respeito do que eles consideravam ciência – e na forma como o próprio entrevistado, no decorrer de sua narrativa, abordava o tema e falava de seus interesses e afinidade com os temas científicos. Com isso, a sistematização das respostas proporcionou um vasto material que foi utilizado no capítulo de análise dos dados para responder a problemática da pesquisa. Ressalta-se que em todos os casos tentou-se dar à entrevista um tom mais informal, de conversa, para sair do jogo de papéis institucionais que há entre entrevistador e entrevistado. Contudo, isso nem sempre foi possível. Por serem jornalistas, todos estavam habituados a desempenhar o papel de fonte de informação e acabavam, inconscientemente, colocando a pesquisadora na clara posição de entrevistadora.

Sabe-se que o término da entrevista é considerado um momento peculiar, pois é nessa etapa que se pode avaliar o efeito do diálogo proposto. Por isso, ao final de cada

conversa indagou-se se o entrevistado gostaria de acrescentar algo que considerasse importante ao tema. Essa medida foi tomada para, possivelmente, enriquecer a análise dos dados, pois no fechamento os indivíduos costumam a fazer uma síntese de grande parte dos pontos abordados durante o processo de entrevista, deixando mais explícito suas opiniões. Isso, na maioria das vezes, permite o pesquisador integralizar melhor a análise.

2.6 ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

Num primeiro momento, destaca-se o processo de construção dos itens norteadores dessa entrevista que foram sustentados por meio da fundamentação teórica de referência, revisão de literatura e pelo objetivo central de compreender como os jornalistas generalistas compreendem a ciência. Nesse sentido, foram definidos cinco eixos norteadores, para guiar a elaboração das perguntas. São eles: (a) eixo 1 – trajetória profissional, (b) eixo 2 – cobertura de ciência, (c) eixo 3 – jornalismo e ciência, (d) eixo 4 – ciência e sociedade (e) eixo 5 – interesses pessoais. O primeiro eixo está relacionado à trajetória profissional do jornalista – veículos e editorias nos quais atuou – e o trabalho que ele desenvolve atualmente. O segundo eixo está ligado à atuação do jornalista entrevistado na cobertura de temas de ciência – suas experiências, assuntos que mais cobre, dificuldades entre outros. O terceiro eixo propõe uma investigação de como o entrevistado enxerga a cobertura, não especializada, de ciência. O quarto eixo volta-se para a relevância das informações de ciência para a sociedade, isto é, o quanto os jornalistas consideram que o conhecimento científico é importante para a população. O quinto e último eixo refere-se ao nível de interesse do jornalista nos assuntos de ciência.

Tendo esses cinco eixos norteadores como referência para cada item, foi-se construindo as perguntas principais e complementares do roteiro. Essas perguntas foram elaboradas buscando uma boa redação e um bom conteúdo. Pretendeu-se, com isso, abordar os principais pontos dessa investigação e garantir que o entrevistado não tivesse dificuldades de compreensão. Logo, um roteiro semiestruturado foi montado para guiar o percurso da conversa, trazendo perguntas reflexivas e problematizadoras, que foram utilizadas na medida em que a narrativa do participante se desenvolveu. O roteiro que emergiu após essa construção teve como ângulo principal provocar a narrativa e controlar o fluxo do diálogo, em torno do foco principal da pesquisa. Isso não significa que foram determinadas as res-

postas dos investigados, mas que se estabeleceu uma referência para nortear a busca de informações¹⁰.

2.7 DIÁRIO DE CAMPO

A utilização de diários de campo remete, geralmente, as pesquisas etnográficas baseadas na observação dos participantes. O fato das entrevistas com os jornalistas generalistas serem consideradas como um momento de interação simbólica justifica o uso desse recurso. Notou-se que a utilização desse método tornou possível registrar parte das significações atribuídas pela pesquisadora à fala dos entrevistados. Dentre elas, destacam-se as impressões subjetivas sobre essas pessoas, sua forma de se portar e se expressar. Algumas dessas impressões nem sempre ficaram explícitas nas gravações, por isso foi de extrema importância o uso de *fieldnotes* para recuperação desses dados, sobretudo na descrição da trajetória metodológica – das seções 2.2 e 2.3 – e durante análise.

Além das impressões obtidas durante a entrevista, foram registrados, também, outros aspectos do processo de coleta dos depoimentos. Eles abrangem os contatos preliminares para o agendamento dos encontros, o local, o teor e a forma como a conversa se desenvolveu. Os registros contidos no diário de campo permitiram, nesse caso, reconstruir textualmente a experiência da pesquisadora durante a pesquisa de campo (WOLFINGER, 2002).

Um episódio interessante, registrado por meio do diário de campo, foi o fato de todos os entrevistados mostraram-se, de certa forma, interessados na pesquisa. Antes de seguir o protocolo elaborado para a realização da entrevista foram realizadas conversas para criar um ambiente amigável e cordial. Durante essas conversas – que não foram registradas pelos gravadores – todos fizeram perguntas a respeito da escolha do tema de pesquisa e sobre o processo de seleção dos jornalistas participantes. Além disso, todos surpreenderam ao perguntarem os nomes das pessoas que tinham sido selecionadas para participarem da pesquisa. Alguns ficaram empolgados por escutarem nomes conhecidos – como o jornalista Renan Rodrigues que ficou surpreso ao saber que, no dia seguinte, a pesquisadora entrevistaria sua colega de editoria, Luisa Valle.

Segundo as anotações presentes no diário de campo foi possível notar que diferente do que geralmente ocorre em pesquisas etnográficas, por exemplo, não houve problemas

¹⁰ O roteiro de perguntas semiestruturadas, elaborado para a execução das entrevistas com os sete jornalistas não especializados na cobertura de ciência, encontra-se no Anexo A desta dissertação.

nas conversas por causa da utilização do gravador (BECKER, 1997). Todos os entrevistados mostraram-se familiarizados com o aparelho e demonstraram, em alguns momentos, uma preocupação com a captação do áudio. Foi possível notar esse comportamento, pois alguns deles manifestaram preocupação com o posicionamento dos gravadores, mantendo-se próximos do equipamento. O jornalista André Miranda, por exemplo, chegou a perguntar onde ficava o microfone do aparelho para saber qual a melhor forma de posicioná-lo na mesa.

Além disso, pode-se observar o empenho dos entrevistados para responderem a todos os questionamentos feitos. O jornalista Sérgio Matsuura, por exemplo, mostrou-se desconfortável com algumas perguntas, chegando a afirmar que essas eram muito complexas, pois ele nunca tinha feito algumas das reflexões propostas. Mas, ao mesmo tempo, ele não fugiu dos questionamentos. Pelo contrário, ele se preocupou em dar respostas concretas e utilizou exemplos para ilustrar o que estava dizendo. Outro ponto que merece destaque é o esforço – desses profissionais – para organizarem e adequarem suas agendas para receber a pesquisadora. Como exemplo, pode-se citar a jornalista Simone Candida que precisou desmarcar a entrevista e reagendá-la para outro momento. Percebe-se que mesmo com as muitas demandas da profissão, ela fez o possível para receber a pesquisadora e, conseqüentemente, participar da pesquisa.

2.8 REGISTRO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas feitas com os sete jornalistas generalistas foram registradas no formato ‘mp3’, com auxílio de um gravador digital. Uma cópia de todas as conversas foi armazenada no Google Drive¹¹ para garantir que esses áudios não fossem perdidos. Como resultado, registraram-se quase sete horas de gravações, cuja duração variou de 43 minutos a uma hora e 20 minutos. A título de ilustração sistematizou-se essas informações a seguir.

Quadro 3 – Local, data e duração das entrevistas com os jornalistas generalistas

Entrevistado	Local de realização das entrevistas	Data	Tempo gravado
André Miranda	Sala de convivência, localizada dentro da redação do jornal O Globo.	29/05/2018	1h12min
Luisa Valle	Praça de alimentação, localizada no prédio da redação do jornal O Globo.	13/06/2018	52min
Luiza Souto	Entrevista realizada por <i>Skype</i> .	23/05/2018	1h04min
Nícollas Witzel	Praça de alimentação, localizada no prédio da redação	28/05/2018	44min

¹¹ Serviço de disco virtual, do Google, que permite o armazenamento de arquivos na nuvem.

	do jornal O Globo.		
Renan Rodrigues	Praça de alimentação, localizada no prédio da redação do jornal O Globo.	12/06/2018	1h20min
Sérgio Matsuura	Praça de alimentação, localizada no prédio da redação do jornal O Globo.	11/06/2018	56min
Simone Candida	Praça de alimentação, localizada no prédio da redação do jornal O Globo.	25/05/2018	43min
Tempo total de gravação			6h51 min

* Os segundos foram suprimidos da contagem de tempo das entrevistas.

Fonte: A autora (2018)

2.9 TRATAMENTO DOS DADOS

Todas as entrevistas foram posteriormente transcritas pela pesquisadora e as falas foram editadas para que pudessem ser mais bem analisadas. Optou-se por uma edição mais jornalística, eliminando imprecisões na fala, erros de concordância e sintaxe. Também foram eliminados os trechos em que os entrevistados faziam uma inversão dos papéis e perguntavam, por exemplo, o que a pesquisadora considera como ciência. Os elementos que expressavam em parte o contexto da interação e a personalidade do entrevistado – como silêncios prolongados, risos e gírias – foram retirados da transcrição, mas inseridos como informações nos diários de campo a fim de enriquecê-los.

Os depoimentos colhidos muitas vezes abordaram assuntos que integraram a agenda midiática. Existem referências a surtos de febre amarela e dengue no estado do Rio de Janeiro, epidemia de chikungunya, pesquisas sobre câncer, corte na verba de pesquisas, fenômenos naturais entre outros. Tais exemplos foram preservados na edição e análise, pois evidenciam alguns recursos utilizados pelos entrevistados para explicar ou ilustrar algumas de suas opiniões e vivências. O processo de edição incluiu, ainda, uma checagem das seguintes informações: datas, eventos citados, nomes de cadernos, revistas e pesquisadores. Para esse procedimento recorreu-se à leitura de matérias – algumas escritas pelos próprios jornalistas entrevistados – e à pesquisa na Internet.

O material coletado por meio das entrevistas feitas ao vivo e pela pesquisa documental – coleta de algumas matérias de ciência assinadas pelos jornalistas participantes – foi utilizado como *corpus* de análise que deram informações sobre a forma como os jornalistas generalistas, do jornal O Globo, percebem a ciência. Nas ocasiões em que se necessitou citar diretamente esse material utilizou-se a seguinte formatação: corpo 10, em itálico e com recuo de 4 centímetros. A adoção desse formato justifica-se pela necessidade de diferenciar esses dados empíricos das demais citações bibliográficas. As entrevistas, com os

jornalistas generalistas, foram referenciadas como ‘Entrevista ao autor’ – colocou-se essa referência, entre parênteses, no final do trecho citado. Ao restante do material utilizou-se o padrão ABNT de citação – inserindo o nome do autor, o ano e a página.

2.10 ANÁLISE DOS DADOS

Terminado o processo de edição passou-se para a fase de análise e interpretação dos dados coletados. Esses processos, apesar de serem conceitualmente distintos¹², mostram-se relacionados. Para análise dessa amostra foi aplicada a metodologia de análise de conteúdo a partir de uma abordagem qualitativa. Após várias leituras do material das entrevistas foram criadas categorias temáticas de análise com o auxílio do programa *QDA-Miner*, uma ferramenta que ajuda no trabalho de codificação e visualização do material.

O *software* permitiu que, ao longo da leitura das transcrições, a pesquisadora associasse trechos dos textos a determinadas categorias. Essas categorias foram criadas ao longo do trabalho, sendo fundidas, divididas ou eliminadas, conforme avançava o processo de análise. Ao final da codificação, a ferramenta permitiu, ainda, recuperar todos os trechos relativos a uma determinada categoria, o que facilita a visualização dos resultados. O quadro a seguir ilustra as categorias e subcategorias identificadas na análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas.

Quadro 4 – Categorias e subcategorias encontradas nas entrevistas semiestruturadas

Categorias	Subcategorias
Temas associados à ciência	Saúde
	Tecnologia
	Meio ambiente
	Física
	Astronomia
	Arqueologia
	Pesquisas
	Política
	Biologia
Geografia	
Definições de ciência	A ciência está ligada ao conhecimento
	Ciência é algo aplicável
	A ciência melhora a vida das pessoas
	Ciência como uma forma de entender certos acontecimentos
	Ciência contribui para a prevenção

¹² A análise tem como objetivo organizar os dados de forma que possibilite o fornecimento de respostas para o problema proposto, enquanto a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas (GIL, 2010).

	A ciência é a junção de várias temáticas
Interesse em ciência	Possui interesse pelas curiosidades científicas
	Possui interesse pelas novidades científicas
	Possui interesse, pois a ciência ajuda a entender certas questões
	Possui interesse, pois é um assunto relevante para os leitores
	Possui interesse, pois considera a ciência algo útil
	Se interessa, mas prefere outros assuntos
	O interesse em ciência está atrelado a saúde e a prevenção
Fontes utilizadas para compreender ou produzir as matérias de ciência	Especialistas
	Pesquisadores/professores/cientistas ligados a universidades
	Centros de pesquisa
	Pedem auxílio a um colega jornalista para entender determinados temas
Temas de ciência que os jornalistas generalistas não gostam de cobrir	Temas ligados à ciência política
	Temas ligados à física
	Temas ligados à tecnologia
	Temas ligados à astronomia
	Temas ligados à arqueologia
	Temas muito técnicos/especializados
	Temas em que as fontes (especialistas) não possuem muito contato com os jornalistas generalistas
Temas novos (que nunca cobriram ou que cobrem com pouca frequência)	
Temas que os jornalistas generalistas mais gostam de cobrir	Assuntos ligados à tecnologia
	Assuntos ligados à saúde
	Assuntos ligados à astronomia
	Assuntos ligados à arqueologia
	Assuntos ligados à meio ambiente
	Assuntos ligados à pesquisas
Diferenças entre jornalismo especializado e não especializado	Tempo para elaborar as matérias de ciência
	Fontes
	Número de jornalistas disponíveis para cobrir determinado tema de ciência
	Público
	Abordagem e cobertura
	Credibilidade dos jornalistas
	Linguagem
	Pautas
Locais em que buscam informações de ciência	Revistas especializadas
	Revistas não especializadas
	Sites especializados
	Sites não especializados
	Jornais não especializados
	TV
Outros	Uso do termo “tradução”
	Jornalistas generalistas tornam-se especialistas
	Recodificação da linguagem científica
	Caminhos para tornar as matérias de ciência mais atrativas

Fonte: A autora (2018)

2.11 DEFINIÇÃO DO PROTOCOLO DE ANÁLISE E SELEÇÃO DAS MATÉRIAS

Após selecionar e definir os sete jornalistas generalistas, do O Globo, que seriam entrevistados neste estudo, foi preciso identificar as matérias de ciência produzidas por eles para apresentá-las no momento da entrevista – na intenção de levá-los a reflexões mais aprofundadas e resgatar certas lembranças relacionadas a essas coberturas – e que auxiliariam na compreensão de como esses jornalistas compreendem a ciência e trabalham os temas científicos. Para obter dados significativos, optou-se por submeter essas matérias a uma análise de conteúdo. Assim, foi preciso elaborar critérios para definir as características que uma matéria deveria apresentar para ser considerada uma notícia de ciência e, dessa forma, integrar os dados da análise.

Observou-se que o jornal impresso O Globo não possui, atualmente, uma seção pré-definida para publicação dos temas ligados à ciência. Nota-se que a atual configuração do jornal não delimita fronteiras entre as temáticas abordadas em cada editoria, isto é, não restringe as editorias por assuntos específicos. Obviamente há uma premissa que orienta a produção e o tipo de abordagem das matérias em cada uma das editorias – por exemplo, na editoria Rio as matérias devem ter alguma ligação com a cidade do Rio de Janeiro, porém essa editoria não limita sua produção a uma temática específica, como o trânsito da cidade.

Dessa maneira, utiliza-se como base a proposta apresentada por Rondelli (2004) que defende que as matérias de ciência devem atender pelo menos a um dos seguintes requisitos: mencionar cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas de uma forma geral – desde que eles estejam vinculados a uma instituição científica e comentem temas relacionados à ciência – ou mencionar instituições de pesquisa e universidades; mencionar dados científicos ou resultados de investigações; mencionar política científica; ou tratar de divulgação científica.

Uma vez identificadas às matérias de ciência, essas foram submetidas a uma análise de conteúdo com base em protocolo desenvolvido por Bauer, Ragnarsdóttir e Rúdólfssdóttir (1993), que reúne cerca de 60 variáveis. Optou-se por usar esse instrumento por considerar que ele atendia aos interesses de análise deste estudo e pelo fato de já ter sido utilizado como referência para outros estudos (CASTELFRANCHI, 2002; MASSARANI, RAMALHO, 2014; RAMALHO, 2013; AMORIM, MASSARANI, 2008; MEDEIROS, RAMALHO, CALDAS, MASSARANI, 2013). Para que essa metodologia se adequasse ao objeto deste estudo, o protocolo proposto pelos autores passou por uma série de adaptações que serão discutidas nessa sessão.

A análise de conteúdo – que pressupõe uma leitura sistemática de um corpo de textos, imagens e símbolos – é uma das mais importantes técnicas de pesquisa nas ciências sociais (KRIPPENDORFF, 2004). Como mencionado anteriormente, o ponto de partida foi uma ferramenta usada por Bauer, Ragnarsdóttir e Rúdólfssdóttir (1993) que se dedica à análise de notícias impressas. Essa ferramenta foi adaptada para aplicação, isto é, supriu-se algumas categorias de análise e acrescentou-se outras de interesse do estudo. Dessa forma, montou-se o desenho do protocolo apresentado a seguir.

Quadro 5 – Protocolo de análise de conteúdo das notícias de ciência veiculadas pelo O Globo

Dimensões	Categorias de análise
Características gerais	Origem das matérias (nacionais ou internacionais)
	Data de veiculação
Relevância	A matéria é uma continuação de outra notícia?
	A matéria foi mencionada na primeira página?
	Espaço que a matéria ocupou no jornal
Tema	Principal área de conhecimento
Abordagem	Recursos visuais utilizados
	Como são utilizadas as fontes de ciência
	A matéria explica algum conceito ou termo científico?
	A matéria menciona controvérsias?
	A matéria menciona avanços ou benefícios da ciência?
	A matéria menciona riscos potenciais da ciência?
	A matéria oferece recomendações aos leitores?
	A matéria apresenta a ciência como uma atividade coletiva?
Atores	Vozes
	Gênero dos cientistas/pesquisadores entrevistados
	Centro de pesquisa ao qual está vinculado

Fonte: A autora (2018)

A primeira dimensão do protocolo volta-se para às características gerais de cada matéria, buscando registrar dados relevantes para localizar a unidade de análise dentro da amostra. Essa primeira dimensão engloba dados como a origem da matéria, isto é, se a segunda dimensão dedica-se ao registro das características relacionadas à relevância assunto engloba uma pesquisa ou acontecimento internacional, ou se trata de um fato nacional.

A atribuída pelo jornal O Globo às matérias de ciência – como, por exemplo, o espaço que a matéria ocupa no jornal. Acredita-se que quanto maior o espaço ocupado pela matéria, mais relevante ou interessante ela é para os editores, pois ficou claro na fala de alguns jornalistas entrevistados que o espaço no impresso é disputado. Isso pode ser observado nos seguintes depoimentos:

Sérgio Matsuura: *quando foi criada essa editoria [sociedade] todo mundo ficava procurando o seu espaço. Eram muitas pessoas produzindo assuntos diversos que deveriam caber em três páginas de jornal. Todo mundo queria um espaço para publicar suas matérias (Entrevista ao autor).*

Luiza Souto: *Já tinha muita gente, aqui, especializada nisso, como o pessoal que trabalha com a cobertura da lava-jato, e eu não me sentia em condições de competir com essas pessoas. Eu não tinha fontes nem nada do tipo. Mas, eu comecei a ganhar espaço no caderno sociedade, do O Globo, cobrindo assuntos ligados a direitos humanos e pesquisas (Entrevista ao autor).*

Da mesma forma, a menção na capa do jornal a determinada matéria também merece ser registrada, uma vez que o espaço serve para chamar a atenção do leitor. Logo, as matérias destacadas na primeira página podem ser consideradas como as com maior potencial para gerar interesse nos leitores e fazê-los comprar o jornal. Com isso, pode-se afirmar que as notícias não apenas informam, mas também tem o intuito de despertar interesse dos leitores para que eles comprem os jornais (TRAQUINA, 2005). Nessa mesma linha, entende-se que as matérias que compõem séries ou desdobramentos de reportagens têm mais proeminência do que as matérias isoladas.

A fim de registrar o tema das notícias estabeleceu-se que o foco da terceira dimensão do protocolo seria explicitar a principal área de conhecimento abordada pelas matérias de ciência, seguindo divisão semelhante às grandes áreas propostas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)¹³, porém com algumas adaptações. O protocolo leva em consideração as seguintes áreas: ciências da saúde e medicina; engenharias e tecnologias; e ciências biológicas seguem a organização proposta pela Capes. Porém, optou-se por reunir – em uma mesma categoria – as áreas de ciências sociais aplicadas; ciências humanas; e linguística, letras e artes, que passa a ser identificada como ciências sociais e humanidades. Além disso, foi necessário criar a categoria referente às ciências ambientais, pois trata-se de um tema que está constantemente sendo abordado e discutido pelos jornais. Destaca-se, aqui, que a área de conhecimento a que o protocolo se refere não é necessariamente a mesma área de investigação dos cientistas entrevistados, mas o tema geral da notícia.

A dimensão do protocolo denominada como “abordagem” é a mais abrangente e busca verificar diversos artifícios explorados nas notícias de temática científica, como o uso de recursos visuais – fotos, infográficos e esquemas. Geralmente, esses recursos são utilizados para auxiliar o leitor no entendimento de conceitos mais complexos ou abstratos

13

Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/TabelaAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

e podem demonstrar uma maior preocupação dos editores com o conteúdo. Outra questão explorada nessa dimensão é a imagem das fontes de ciência, isto é, visa-se verificar se as imagens que acompanham as matérias e corroboram – em alguma medida – com o estereótipo de uma ciência de bancada, fechada em laboratórios e com aparatos pouco familiares ao público em geral. Essa dimensão abre espaço para uma apreciação denotativa e, também, conotativa que ajuda a identificar elementos culturais subjacentes, aos quais as imagens se referem e por meio dos quais elas podem ser interpretadas (KRESS; VAN LEEUWEN, 2008).

Do estudo desenvolvido por Bauer, Ragnarsdóttir e Rúdólfssdóttir (1993) extraíram-se as categorias relativas a utilidades e benefícios da ciência – lado positivo da atividade científica – e a categoria referente aos custos e danos – lado negativo das atividades científicas. Porém, esses conceitos foram divididos em: (a) benefícios da ciência, ligado a conquistas atuais do campo científico; (b) promessas da atividade científica, que está ligado a benefícios futuros da ciência; (c) danos, referente a problemas ocorridos; (d) riscos possíveis, que faz alusão às consequências negativas previstas. Além disso, foram inseridas algumas categorias de análise relativas à pesquisa de outros estudiosos (MASSARANI, BUYS, 2007; RAMALHO, 2013) para identificar se a ciência é retratada como uma atividade realizada por equipes e não por apenas um indivíduo. Mas, nesse caso, o protocolo permite registrar, apenas, se há alguma informação contextual que remeta a isso.

A quinta dimensão do protocolo se refere aos indivíduos utilizados nas matérias. Nesse ponto, sabe-se que há uma distinção entre fontes e vozes já pré-estabelecidas por alguns estudiosos. Embasando-se nos estudos de Hargreaves, Lewis e Speers (2003), definiu-se que esse estudo utilizaria o termo “vozes” para referir-se aos indivíduos que são utilizados nas matérias para construir a notícia e legitimar as informações de ciência que estão sendo passadas. Explica-se, aqui, que uma fonte não é – necessariamente – uma voz. Pois, o repórter utiliza fontes – como instituições, declarações de cientistas em *press releases* – que nem sempre utiliza nas matérias. Geralmente, eles recorrem a essas fontes para compreenderem melhor determinados assuntos e terem um embasamento ou informações que os auxiliem na escrita das matérias de ciência. Pode-se observar esse comportamento nos seguintes trechos:

Luisa Valle: *Geralmente recorro aos sites especializados no tema que estou procurando. Além disso, leio o que é veiculado pelo O Globo* (Entrevista ao autor).

Luiza Souto: *Se eu estou procurando um tema, eu o pesquiso no Google e vou entrando nos sites para ler* (Entrevista ao autor).

Com isso, as opções de vozes previstas no protocolo são: cientistas/professores/pesquisadores; especialistas com vínculo institucional; médicos; membros de associações científicas; representantes políticos; representantes de ONGs; representantes de órgãos internacionais.

Segundo estudo realizado por Amorim e Massarani (2008), o jornal O Globo publicava – em média – 2,1 notícias de ciência por dia. Após dez anos desse estudo, torna-se necessário verificar como se configura essa cobertura atualmente. Dessa forma, foram selecionadas 24 matérias de variadas temáticas científicas produzidas por pelo menos um dos sete jornalistas generalistas participantes deste estudo. O período de coleta dessas matérias foi estipulado de acordo com o ano em que cada jornalista iniciou sua trajetória profissional no O Globo, isto é, se o jornalista entrou no jornal em 2015 a busca foi feita no período de 2015 a 2018. No caso do jornalista Sérgio Matsuura – que possui uma extensa produção de matérias de ciência – optou-se por inserir, apenas, as matérias veiculadas no mês de abril, pois são as matérias mais recentes publicadas antes da realização de sua entrevista. O quadro a seguir apresenta algumas informações sobre os títulos selecionados.

Quadro 6 – Apresentação das matérias de ciência escritas por jornalistas do O Globo

Jornalista	Título da matéria	Data	Temática	Pág.	Editoria
André Miranda	Realidade virtual amplia a capacidade de produzir	24 fev. 2017	Tecnologia	2	Página 2 – coluna “Conte algo que não sei”
Luisa Valle	Poluição afeta faixa de sete quilômetros na Barra	12 abr. 2017	Meio ambiente	12-17	País
	Poluição da Baía vira um dos assuntos mais citados nos EUA	28 jan. 2016	Meio ambiente	16	Rio
	Estudo detecta vírus nas águas O perigo vem à tona	31 jul. 2015	Pesquisa em saúde/contaminação da água	1-9	Rio
Luiza Souto	Brasil vai dobrar produção da vacina contra febre amarela (colaboração: Renan Rodrigues)	26 jan. 2018	Saúde/febre amarela	11	Rio
	Vacina contra vício em cocaína não avança por falta de verba	20 jun. 2017	Pesquisa em saúde/vacina	26	Sociedade
	‘Cura gay’ ainda é ameaça a homossexuais	11 jun. 2017	Saúde	10-11	País
	‘Pílula do câncer’ - Veta-da pela ciência	10 mar. 2016	Pesquisa em saúde/câncer	25	Sociedade

	Testes com 'pílula do câncer' em humanos começam segunda-feira	22 jul. 2016	Pesquisa em saúde/câncer	30	Sociedade
Nícollas Witzel	As imagens inéditas da passeata dos cem mil	24 jun. 2018	Pesquisa histórica	11	País
Renan Rodrigues	Uma turma de tubarões 'cariocas' da gema	5 jun. 2018	Meio ambiente	20	Rio
	Brasil vai dobrar produção da vacina contra febre amarela (colaboração: Luiza Souto)	26 jan. 2018	Saúde/febre amarela	11	Rio
	Macacos são vítimas de massacre Matança de macacos preocupa especialistas	24 jan. 2018	Saúde/febre amarela	1-12	Rio
	Mordida de morcego leva a peregrinação por soro antirrábico	13 jan. 2018	Saúde	11	Rio
	Areia 'movediça' O vaivém da areia	4 nov. 2017	Meio ambiente/fenômeno natural	1-8	Rio
Sérgio Matsuura	'Mapa genético' da depressão abre caminho para tratamentos	28 abr. 2018	Pesquisa em saúde/zika vírus	26	Sociedade
	Vírus da zika destrói tumor Esperança na destruição	27 abr. 2018	Pesquisa em saúde/depressão	1-26	Sociedade
	Aves: uma de oito espécies ameaçada	24 abr. 2018	Estudo/espécie em extinção	22	Sociedade
	Arma contra garrafa PET O poder da enzima mutante	18 abr. 2018	Descoberta científica	1-24	Sociedade
	Norman, o robô psicopata	15 abr. 2018	Tecnologia/inteligência artificial	47	Sociedade
	Contra os exterminadores do futuro	6 abr. 2018	Tecnologia	24	Sociedade
Simone Candida	Pesquisador derruba mitos históricos da cultura negra no Rio	15 out. 2017	Pesquisa histórica	13	Rio
	Sexto caso de febre amarela no Rio é confirmado em São Fidélis	28 mar. 2017	Saúde/febre amarela	12	Rio
	Baía: despoluição só em 20 anos	04 ago. 2015	Meio ambiente/pesquisa	1-9	Rio
	Tesouro arqueológico, como a estrutura de uma casa de 1580, é achado em obra do Centro	09 set. 2014	Descoberta arqueológica	2	Página 2

Fonte: A autora (2018)

Logo num primeiro momento nota-se uma constante presença das ciências empíricas, naturais, médicas e exatas. Porém, também é notória a presença das ciências humanas que ganham espaço no jornal através de pautas que abordam diferentes temáticas, como história, artes e cultura. Contudo, a menor decorrência de temas ligados às ciências humanas – nas matérias inseridas nesta pesquisa – torna necessária algumas reflexões. É comum a associação da ciência a questões ligadas à tecnologia, física e biologia, por exemplo. Essa tendência, muitas vezes, deixa outras áreas do conhecimento de lado, como se essas não fossem construídas e apoiadas em um conhecimento científico. Tal apagamento das ciências humanas pode estar ligado ao fato dessa não apresentar resultados imediatos e serem mais teóricas. Além disso, essa ciência muitas vezes não é associada aos instrumentos que – no subconsciente de algumas pessoas – constituem o mundo científico. Dessa maneira, julgou-se necessário a inserção, nesse estudo, de matérias que trouxessem essas temáticas para incitar essa reflexão.

A seguir será apresentado o relatório da pesquisa estruturado da seguinte forma. No segundo e no terceiro capítulos a proposta é realizar uma discussão teórica utilizando as referências que auxiliaram no entendimento do objeto de estudo desta pesquisa. Em um primeiro momento utiliza-se autores que discutem a configuração do campo do jornalismo para compreender melhor como funciona o trabalho dos jornalistas e as lógicas em que eles estão inseridos. Posteriormente, abordam-se as questões que permeiam o jornalismo impresso do século XXI. Para isso, são utilizados autores que incitam a reflexão sobre o lugar que o jornalismo impresso ocupa, na sociedade, após a inserção das novas tecnologias no processo comunicacional. Nesse ponto justifica-se e apresenta-se o Jornal O Globo como meio impresso de maior circulação no estado do Rio de Janeiro – local onde a pesquisa se desenvolve e que representa um dos polos econômicos do país. O capítulo quatro volta-se para a análise e interpretação dos dados obtidos através das entrevistas semiestruturadas, com os jornalistas generalistas do O Globo. Para encerrar as discussões propostas foram tecidas considerações sobre os achados desta pesquisa bem como suas limitações.

3. JORNALISMO: UMA REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE O CAMPO

Neste capítulo apresenta-se uma discussão teórica que auxilia no entendimento de como o campo do jornalismo se configura. Para tanto utiliza-se o estudo de alguns autores na intenção de compreender como o trabalho desenvolvido pelos jornalistas reflete no contexto social (GENRO FILHO, 1987). A partir da discussão realiza-se reflexões sobre as questões que permeiam o processo de construção (TRAQUINA, 2001 e 2005; SOUSA, 2004 e 2006; PONTE, 2005; BOURDIEU, 1997 e 2002) e produção (TRAQUINA, 2005; WOLF, 1995) da notícia jornalística. Além disso, discute-se sobre a colaboração dos jornalistas no processo de construção do conhecimento social científico (MILLER, 1983-2001; CASTELFRANCHI, 2002 e 2013; BUENO, 2009; LOPES, 2013) e evidencia-se a atual configuração desse campo (ABREU, 2002; BALDESSAR, 2005). Acredita-se que essa análise permite uma reflexão mais aprofundada acerca do objeto de estudo desta dissertação – os jornalistas.

3.1 JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA

O jornalismo, muitas vezes, é considerado um espelho fiel da realidade. Contudo, é preciso levar em consideração que seu reflexo é subjetivo e está sujeito a diversos pontos de vista. O que se observa, é que esse reflexo é o resultado de um processo de recorte da realidade, em que o próprio jornalista seleciona determinada questão, visibilizando-a. Porém, esse recorte faz parte de um processo muito mais amplo que ultrapassa as questões individuais dos jornalistas. Traquina (2008) destaca a própria comunidade jornalística como um importante fator no processo de produção das notícias. O estudioso explica que um jornalista, ao produzir seu texto, sempre leva em consideração a opinião de diferentes agentes sociais, como outros repórteres, assessor de imprensa, veículo de comunicação, editores, fonte, público entre outros. De uma forma geral, os jornalistas se preocupam com a opinião de seus pares e isso influencia na produção da notícia, visto que ele não escreve orientado a um único segmento. É possível afirmar que esse profissional mantém uma preocupação constante de ser reconhecido e respeitado no meio em que atua.

No que tange a identidade profissional dos jornalistas, Traquina (2005) ressalta a criação de um *ethos* que orienta a prática do jornalismo e promove a manutenção de uma cultura profissional que acaba interferindo no processo de construção das notícias. Para Sousa (2004), o *ethos* jornalístico é, sobretudo, ideológico. Ele seria responsável por abri-

gar o conjunto de ideias que sustentam a comunidade jornalística, garantindo a manutenção de seus interesses. Seu objetivo é legitimar socialmente o jornalismo fundamentando-se na ideologia da objetividade e na ideologia do profissionalismo. Nesse aspecto o autor explica que a “ideologia da objetividade leva os jornalistas a construir notícias de maneira a que estas ‘espelhem’ o melhor possível a realidade” enquanto a ideologia do profissionalismo “alimenta o sentido de missão dos jornalistas, contribuindo para uma atividade de vigilância ativa dos poderes” (SOUSA, 2004, p. 26).

Considerando as variáveis o jornalismo e a atuação do jornalista é possível afirmar que esses profissionais compartilham valores e tem uma forma equivalente de ver e fazer as coisas. Isso colabora para que eles estabeleçam uma cultura de saberes profissionais específicos (SOUSA, 2006). Sobre essa questão, Ponte (2005) destaca que além de estabelecerem uma cultura própria, esses saberes também norteiam o trabalho dos jornalistas e, por conseguinte, a própria produção da notícia. Entre esses saberes o autor identifica: (a) saberes de reconhecimento – que tornam possível identificar a notícia; (b) saberes de procedimento – ligados a capacidade de recolher e processar informações, desenvolver um tema, administrar o tempo, verificar os fatos, compreender as respostas, fazer entrevistas, escolher as fontes e os métodos para obter respostas; (c) saberes de narração – que dizem respeito ao domínio das técnicas de redação jornalística e a boa argumentação.

Um dos conceitos interessantes para compreensão da configuração do jornalismo é o de campo – o qual Pierre Bourdieu dedicou grande parte de seus estudos, mas não, necessariamente, utilizando análises empíricas sobre o jornalismo¹⁴ – construído ao analisar os mecanismos de funcionamento dessa área de forma mais crítica. De acordo com os estudos de Bourdieu (1997; 2002), o conceito de campo está diretamente ligado a espaços sociais, simbólicos, em que os agentes – nele inserido – estabelecem relações de desigualdade e vivem em permanentes disputas. O autor compreende que há um monopólio ou acumulação de um determinado tipo de capital, destinado a conservar a estrutura do campo. Logo, um campo possui suas próprias leis de funcionamento e autonomia, porém também tem sua lógica definida pela posição que ocupa em relação aos outros campos.

Quanto ao grau de autonomia de um jornalista particular, depende em primeiro lugar do grau de concentração da imprensa (que, reduzindo o número de empregadores potenciais, aumenta a insegurança do emprego); em seguida, da posição de seu jornal no espaço dos jornais, isto é, mais ou menos perto do pólo ‘intelectual’ ou do pólo ‘comercial’; depois, de sua posição no jornal ou órgão de imprensa (efetivo, free-lancer etc.), que determina as diferentes garantias estatutárias

¹⁴ O trabalho específico, de Bourdieu, sobre o campo jornalístico foi um livro manifesto denominado “Sobre a Televisão”, publicado em 1997.

(ligadas sobretudo à notoriedade) de que ele dispõe e também seu salário (fator de menor vulnerabilidade às formas suaves de relações públicas e de menor dependência com relação aos trabalhos de sustento ou mercenários através dos quais se exerce a influência dos patrocinadores); e, enfim, de sua capacidade de produção autônoma da informação (sendo certos jornalistas, como os vulgarizadores científicos ou os jornalistas econômicos, particularmente dependentes)” (BOURDIEU, 1997, p. 102-103).

Autores como, Traquina (2008); Sousa (2004 e 2006); Ponte (2005); Bourdieu (1997 e 2002) em suas análises demonstram a impossibilidade de olhar para o objeto de estudo deste trabalho – os jornalistas – sem situá-los em uma rede de dependências. Afinal, o espaço jornalístico estabelece uma ligação com outros campos – como o campo político, social e econômico – que acabam determinando e norteando o funcionamento da atividade jornalística. O jornalismo se materializa em diversas mídias, formas de produção – generalista ou especializada – e especialidades – como jornalismo científico ou esportivo – que reproduzem a estrutura de dominação estabelecida num âmbito maior. Isto é, um jornal que aborda assuntos relacionados à tecnologia, por exemplo, se aproxima dos critérios impostos pelo campo científico.

Contudo, cada jornalista tem sua própria forma de interiorizar as lógicas de funcionamento do seu trabalho e orientar suas estratégias de manutenção e subversão do acúmulo de um tipo de capital – que pode ser cultural, político, social, entre outros. Nesse contexto, o que se observa é que o jornalismo constituiu-se como uma espécie de “mundo social”. Gilmore (1990) afirma que os mundos sociais englobam um conjunto de conceitos e procedimentos que perpassam pela identidade, práticas individuais e mudanças de ordem estrutural dos indivíduos. Para o autor, esse conceito refere-se a fenômenos flexíveis e imprecisos, em que há um reconhecimento social sem a necessidade de institucionalização em um espaço ou organização social. Seguindo essa lógica é possível notar que a atividade profissional dos jornalistas não fica restrita às redações, ela se estende a todos os setores sociais, uma vez que interage com diferentes espaços, domínios e atores sociais (TRAVANCAS, 1992). Os “mundos sociais”, diferentemente das instituições e organizações, não se fundamentam necessariamente em relações de poder, autoridade ou dominação (GILMORE, 1990). A atuação dos indivíduos nesses “mundos” não provém de um pertencimento institucional, mas de formas convencionais de atuar na realização de determinadas tarefas.

Ao analisar a atividade jornalística – é possível associá-la a um conjunto de ações, como redação, apuração, edição, mas não se deve restringi-la a isso. O jornalismo depende, também, de outras atividades realizadas por indivíduos que não são, necessariamente, jor-

nalistas – como as fontes, o público, anunciantes, publicitários, produtores de papel (no caso dos jornais impressos) entre outros. Sem esse trabalho conjunto, o produto final seria afetado. Nas palavras de Carmo Chagas (1992):

Entendi, ao mesmo tempo, que o jornalista depende dos outros setores envolvidos na operação. Por mais brilho que se ponha num texto, numa capa, numa pauta, sempre há necessidade do profissional que busque os anúncios, do que resolva bem as várias fases do trabalho gráfico, do que entenda de distribuição, do que responda pela comercialização (CHAGAS, 1992, p. 107).

O mundo social é marcado por um conjunto de convenções que decidem os termos da cooperação, isto é, a base para que os indivíduos pertencentes aquele “mundo” possam atuar de forma eficiente ao produzir um trabalho. Partindo desse princípio, podem-se citar as rotinas da redação e a periodicidade de um veículo como convenções do mundo do jornalista. Nesse ponto, pode-se afirmar que esse é um processo de interações “onde diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante”, em que a necessidade de cobertura dos fatos faz emergir uma rotina produtiva (TRAQUINA, 2001, p. 64). É importante ressaltar que nem todas as convenções do “mundo” dos jornalistas são exclusivas aos profissionais da redação, elas se estendem aos colaboradores. Porém, as convenções, geralmente, não são imutáveis. Como fazem parte de uma ordem negociada, elas estão sempre abertas a mudanças, inovações e diferentes interpretações.

Outro ponto relevante que ajuda a entender como funciona o meio – ou o “mundo” – em que os jornalistas estão inseridos é a questão da reputação. O conceito de reputação está diretamente ligado a atribuição que um indivíduo dá a outro durante o processo de interação (PEREIRA, 2008). Dessa forma, é de senso comum que uma pessoa constrói sua reputação por meio das escolhas realizadas. No mundo dos jornalistas a lógica é a mesma, porém essa reputação não fica restrita ao interlocutor – como acontece na interação face a face – ela é partilhada pelos membros do grupo e pode se estender a uma instituição ou comunidade. Logo, a reputação desse ator social, o jornalista, depende das escolhas – assertivas ou não – que ele tomou em sua trajetória e, também, da base convencional vigente.

As reflexões apresentadas até esse ponto do trabalho já fornecem orientação teórica que permite perceber os jornalistas generalistas, que compõem a amostra¹⁵ desta pesquisa, de forma mais crítica e com a amplitude necessária para compreensão de seus fazeres jor-

¹⁵ Para este estudo foram entrevistados sete jornalistas generalistas, isto é, jornalistas que não possuem nenhum tipo de especialização na área da ciência e que trabalham na cobertura de diferentes temas como, por exemplo, saúde, educação, política e ciência. As informações sobre a escolha e configuração da amostra se encontram no primeiro capítulo desta dissertação.

nalístico. A discussão implementada explícita que os jornalistas generalistas – aqueles que cobrem qualquer tipo de pauta, inclusive as pautas de ciência – são parte integrante de um contexto tecido por inúmeras variáveis. Ou seja, são indivíduos que estão sujeitos às suas próprias crenças, visto que possuem suas próprias experiências e forma singular de enxergar o mundo. Além disso, sua condição de sujeito na sociedade em interação com outros indivíduos e o pertencimento a determinados grupos, colabora para que, mais uma vez, o processo de construção de notícia seja perpassado por inúmeras interferências.

Nesse ponto, para avançar com a investigação, torna-se necessário observar os jornalistas enquanto membro e parte integrante de uma sociedade. No próximo tópico serão utilizados autores que auxiliarão na compreensão de como o trabalho desenvolvido pelos jornalistas reflete em um contexto social. Leva-se em consideração, aqui, que as novas configurações do jornalismo tornou o campo fértil para estudos e pesquisas acadêmicas devido ao impacto social da profissão. Dessa forma, é imprescindível dedicar uma parte desta investigação ao debate do jornalismo enquanto prática social.

3.2 JORNALISMO E SOCIEDADE

É notório que o jornalismo, desde sua criação, firmou-se em um lugar de destaque na sociedade. Em pleno século XXI muitos estudos (HOHLFELDT e BARBOSA, 2002; DINES, 2009; LOPES, 2013; ROSSI, 2017; FIDALGO, 2008) tentam investigar qual o papel que os jornalistas desenvolvem em uma sociedade em que o processo de comunicação – que leva em consideração a fonte de informação (transmissor), mensagem, código, canal e receptor – não pode mais ser percebido a partir da lógica da agulha hipodérmica¹⁶. O perfil dos receptores, assim como a sociedade, está em constante mudança ao longo dos séculos e com a invenção e ascensão da internet – assim como a criação de redes sociais, como Twitter e Facebook – é possível notar uma grande mudança nas formas de produzir e consumir notícias. O que se observa, é um jornalismo mais interativo e colaborativo, em que as notícias são pautadas levando em consideração aquilo que os indivíduos querem saber.

¹⁶ A Teoria Hipodérmica, ou Teoria da Bala Mágica, faz parte dos estudos desenvolvidos pela *Mass Communication Research*, na década de 1920. O termo “agulha hipodérmica” foi desenvolvido pelo estudioso Lasswell para explicar a natureza da ação dos meios de comunicação junto aos indivíduos. Nessa teoria os meios são vistos como onipotentes e os indivíduos como passivos e fortemente expostos aos estímulos vindos dos meios de comunicação (ARAÚJO, 2012).

Contudo, deve-se lembrar que os jornalistas fazem parte da própria sociedade. Dessa forma, o que se observa é que os textos jornalísticos abrigam uma carga ideológica que deixa inegáveis rastros de como o jornalista vê o mundo. São posicionamentos, interpretações e escolhas que de certa forma ficam impregnadas nas narrativas denunciando certos posicionamentos do autor da notícia. O distanciamento do fato narrado torna-se uma tarefa difícil, uma vez que a narrativa não pode ser desvinculada do contexto social que a permeia.

Dessa maneira, inserido em um determinado tempo e espaço, o jornalista tem seu pensamento construído socialmente e, assim, seus textos refletem alguns de seus posicionamentos, mesmo que de forma implícita. Isso colabora para que o jornalismo se firme como uma forma social de conhecimento e o jornalista assume o papel de narrador de sua sociedade. Assim, é possível notar a importância da análise do jornalismo como um lugar de interlocução e diálogo com a sociedade – muitas vezes em consonância com outros campos – e dos produtores e produtos jornalísticos como pontos de referência, informação e debate das questões sociais tidas como mais relevantes.

Dessa forma, deve-se destacar a atuação dos jornalistas como parte importante do processo de produção e circulação de sentidos e como um agente institucionalizante da sociedade como realidade objetiva. Com isso, o jornalismo torna-se um lugar de compartilhamento de saberes, conhecimentos, e mobilização de consensos sociais. Segundo os estudos de Genro Filho (1987), o conhecimento pode ser definido como “a dimensão simbólica do processo global de apropriação coletiva da realidade” (GENRO FILHO, 1987, p. 60). Logo, pode-se considerar o jornalismo como um dos lugares em que os indivíduos buscam determinados conhecimentos. Sendo assim, a função do jornalista nas sociedades democráticas estaria vinculada – em alguns pontos – com a do educador, responsável por conceder certa orientação diante do caos dos acontecimentos.

A partir do exposto, pode-se afirmar que o jornalismo tem sua base firmada não somente nas demandas de mercado, mas também em diferentes dimensões sociais. E é essa função e principalmente o papel do jornalista na divulgação da informação científica para a sociedade que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa. Pois, nota-se que por meio de suas matérias os jornalistas – nesse caso, os não especialistas – promovem um diálogo entre a sociedade e a ciência. A necessidade deste estudo se deu pelo fato de que, por muito tempo, a ciência foi tida como uma área complexa, inalcançável e para poucos, porém essencial para o desenvolvimento de uma sociedade informada e comprometida a tomar decisões mais assertivas para melhorar sua qualidade de vida.

O próximo tópico apresentará conceitos e autores que auxiliam no entendimento de como os jornalistas, de um modo geral, percebem os temas científicos. Essa discussão torna-se fundamental, uma vez que os jornalistas nesta dissertação são considerados importantes agentes sociais. Dessa forma, suas percepções e preocupações acerca do assunto tratado refletem, direta ou indiretamente, na forma como os leitores recebem as notícias.

3.3 CIÊNCIA EM PAUTA

A sociedade moderna é fruto de um longo processo histórico influenciado pelas mudanças da ciência (MERTON, 1970). Observa-se que a evolução da humanidade é contínua e dinâmica, pois os valores, crenças e ideias se modificam de acordo com o surgimento de novos paradigmas¹⁷ (KUHN, 2011). Nessa perspectiva, os paradigmas possibilitam a organização da sociedade e da comunidade científica que propõe novos modelos para entender a realidade. Dessa maneira, a sociedade se desenvolve apoiando-se em bases científicas e a população é levada a participar dos debates propostos por essa enorme “aldeia global¹⁸” a partir do domínio de conhecimentos científicos amplos, considerados de difícil apreensão. O caminho encontrado pela maior parte das pessoas – para entrar em contato com as novas propostas e produtos gerados pela ciência – foi recorrer aos meios de comunicação de massa. Com isso, o jornalismo passou a desempenhar a função de fornecedor de informações científicas, as quais permitem que todos se sintam minimamente inteirados com as questões centrais de um mundo que está em contínuas e rápidas transformações.

Contudo, considerando o processo de percepção da ciência, Miller (1983-2001) afirma que para se mensurar a percepção de uma pessoa sobre ciência, deve-se avaliar o nível de alfabetização científica dessa. Para isso, o autor indica que um indivíduo alfabetizado cientificamente deve possuir: “um vocabulário básico de termos e conceitos científicos e tecnológicos; uma compreensão dos processos ou métodos científicos para testar nossos modelos de realidade; uma compreensão do impacto da ciência e da tecnologia sobre a sociedade” (MILLER, 1983).

¹⁷ Entende-se como paradigma “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2011, p. 13).

¹⁸ O conceito de “aldeia global”, criado pelo sociólogo canadense Marshall McLuhan, quer dizer que o progresso tecnológico estava reduzindo todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia. Esse conceito pressupõe um mundo interligado, com estreitas relações econômicas, políticas e sociais, fruto da evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) (MARTINO, 2017).

Nas últimas décadas, a percepção social da ciência e da tecnologia (C&T) tornou-se um tema de grande relevância, tanto na academia quanto na política. Conhecer as atitudes e as opiniões das pessoas sobre C&T e suas implicações econômicas, políticas ou éticas é atualmente importante para a formulação e a avaliação de políticas públicas. Além disso, é central para favorecer a inclusão social, compreender os processos ligados à aceitação ou à rejeição das inovações, aperfeiçoar modelos de popularização científica e de ensino de ciências, bem como entender os fatores que levam os jovens a escolher, ou não, carreiras científicas (CASTELFRANCHI, 2013, p. 1164).

Sobre esse tema, Castelfranchi (2013) argumenta que a “relação entre interesse, conhecimento e atitudes tornou-se uma das questões mais debatidas a partir dos resultados de grandes enquetes internacionais de percepção da C&T” (CASTELFRANCHI, 2013, p.1167). O estudioso afirma que, num primeiro momento, as perguntas sobre noções, fatos e processos da ciência eram ligadas ao modelo de déficit e isso levava os entrevistados à uma posição pessimista sobre ciência.

A ‘alfabetização científica’ era medida de forma simplória, a partir de baterias de perguntas em grande parte fechadas, por meio de noções importantes para alguns pesquisadores, mas que nem sempre estavam realmente ligadas ao conhecimento e à compreensão das pessoas, pois seus sentidos e relevâncias dependiam do momento histórico e da cultura dos entrevistados (CASTELFRANCHI, 2013, p.1168).

Um estudo realizado por Bauer, Durant e Evans (1994), que analisa dados de onze países europeus, formulou a hipótese que a relação entre ter conhecimento sobre ciência e ter atitudes positivas depende da condição de desenvolvimento socioeconômico em que cada país se encontra. Os autores consideram que as sociedades que estão em processo de desenvolvimento industrial possuem visões culturais que valorizam o progresso econômico e a emancipação social e moral. Sendo assim, os cidadãos desses países – que se interessam e conhecem mais sobre a ciência – tendem a uma visão mais otimista e idealizada do progresso tecnológico e do papel libertador da ciência.

Contudo, o estudo segue afirmando que quando se desloca essa observação para países que estão em fase “pós industrial” – onde os sistemas de ciência e tecnologia (C&T) já são desenvolvidos – nota-se que os indivíduos percebem toda a complexidade dos efeitos sociais e ambientais da industrialização e, por isso, as visões sobre ciência se tornam mais polifônicas e céticas. Nesse panorama, surgem questionamentos e desconfianças e as pessoas tendem a querer saber mais para entender e examinar cada caso ligado a essa temática para, só depois, se posicionarem em relação às pesquisas científicas. Dessa forma, os autores apontam a existência de um “paradoxo”, o qual Bauer denomina “paradoxo conheci-

mento-ignorância” e explica que “à medida que a compreensão pública da ciência se amplia e o conhecimento científico torna-se mais difuso, a ciência torna-se mais problemática para o público” (GASKELL, BAUER, 2001, p. 227).

As discussões destacadas pelos autores aqui apresentados contribuem para uma reflexão mais ampla sobre a divulgação científica. Contudo, torna-se necessário expandir essas considerações para observá-la, também, a partir dos indivíduos que a promovem e fazem a ligação entre a ciência e a sociedade. A esse respeito, Castelfranchi (2002) chama atenção para o fato de a divulgação científica continuar seguindo o modelo de *déficit*.

Segundo Bruce Lewenstein a comunicação pública da ciência tem sido explorada sob duas tendências. A primeira delas é a unidirecional, que propõe uma comunicação de via única do cientista para a sociedade. Em contrapartida a segunda é bidirecional, caracterizada por diálogos no processo comunicativo, com forte participação do público. O modelo de *déficit* faz parte da primeira tendência apontada pelo estudioso. Nesse modelo, os cientistas dispõem do conhecimento e o público é uma entidade passiva com falhas de conhecimento que devem ser corrigidas. Esse tipo de análise não leva em consideração os aspectos ativos da construção de sentido, negociação das mensagens e conotações emotivas que levam os cidadãos à construção da própria representação social da ciência (LEWENSTEIN, 2003).

É sob essa perspectiva que Castelfranchi (2002) observa as práticas jornalísticas. Para o estudioso, elas continuam sendo norteadas por esse modelo, pois grande parte das matérias científicas ainda enfatizam o *déficit* de conhecimentos científicos do público. Com isso, a ciência continua sendo configurada como externa e autônoma em relação ao resto da sociedade.

O processo comunicativo é tratado como substancialmente unidirecional, linear, *top-down*: do complexo para o simples, de quem sabe para quem ignora, de quem produz conteúdos para quem é uma *tabula rasa* científica. Com isso, a comunicação de C&T para o ‘público leigo’ é uma operação de simplificação em que, no caminho entre a ciência e a cabeça das pessoas, muita informação é sacrificada ou perdida, por causa da banalização operada pelo comunicador ou por uma incompreensão parcial, haja vista as falhas culturais do receptor (CASTELFRANCHI, 2013, p. 1166).

Para fomentar essa discussão, os autores Bueno (2009) e Lopes (2013) foram fundamentais. Ao considerarem que o jornalista – em atuação na grande imprensa – possui um papel relevante como mediador das informações de ciência para o público em geral. Para os autores esse sujeito produtor de notícias possui um importante papel na construção do conhecimento social científico. Bueno (2009) volta seus estudos para os jornalistas especifi-

alizados e trás para essa discussão o conceito de jornalismo científico, apresentando os caminhos percorridos – ao longo da história – para a sua formação, suas lógicas de produção e particularidades. As contribuições de Lopes (2013) voltam-se para a conceituação do jornalista, sua formação e identidade. Essa autora considera que os jornalistas, de um modo geral, integram um grupo de agentes sociais que ocupa um lugar privilegiado no ambiente midiático.

Neste ponto, é importante explicitar o que nesta pesquisa se entende como jornalista especialista e jornalista generalista, para compreender as diferentes atuações exercidas por esses atores sociais. O jornalista especialista em divulgação da ciência seria aquele indivíduo cujo trabalho é, unicamente, voltado à cobertura de temas com base científica. Em contrapartida, o jornalista generalista – o foco desta dissertação – caracteriza-se, aqui, como indivíduos cuja cobertura de temas científicos é realizada de forma esporádica – são jornalistas que cobrem pautas de todas as temáticas.

Nesse contexto, evidencia-se que os jornalistas generalistas – ou jornalistas não especializados – também fazem parte desse processo de disseminação e ampliação da divulgação científica na grande imprensa. Sobre essa questão, Lopes (2013) articula que “o jornalismo é um objeto de pesquisa complexo, com uma história de interações político-sociais e com intercessões na cultura muito relevantes para a compreensão do próprio mundo em que vivemos” (LOPES, 2013, p. 45). Para autora, é importante entender quem são os jornalistas para compreender o que eles fazem, como eles fazem e que significado esse fazer possui para a sociedade.

No que diz respeito aos jornalistas especializados na cobertura de ciência, observa-se que alguns autores os identificam como “jornalistas científicos”. Para Bueno (2009), o jornalismo científico deu visibilidade a ciência ao abrir “espaços específicos na chamada imprensa de informação geral” (BUENO, 2009, p.119). O autor apresenta um quadro que evidencia um crescimento de novos espaços de divulgação e permite uma reflexão sobre o atual panorama do jornalismo científico e sobre a divulgação da ciência no Brasil.

Observa-se que esse campo continua crescendo e se consolidando por meio de esforços conjuntos de diferentes instituições. Desde a II Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I)¹⁹ – realizada no ano de 2004 – é possível notar ações pontuais que visam promover a área. Entre essas ações encontra-se a elaboração do Plano de

¹⁹Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/674/1/2/C2%AA%20Confer%C3%AAncia%20Nacional%20de%20Ci%C3%AAncia%2c%20Tecnologia%20e%20Inova%C3%A7%C3%A3o%20em%20Sa%C3%BAde%20nais.%20pdf.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional (PAC da CT&I)²⁰ – que prevê aporte de recursos públicos para expansão e consolidação do sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação. Além disso, pode-se citar a criação do Departamento de Popularização e Divulgação da Ciência – do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCT&I)²¹ – que realiza a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, e implantou no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) um comitê específico para a divulgação científica. Além disso, é oportuno destacar a criação do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) com foco na Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia²². Do ponto de vista regional – mais especificamente no Rio de Janeiro – verifica-se avanço a nível local com a implementação de programas de pós-graduação que visam melhorar o diálogo dos campos da saúde, ciência e tecnologia com a sociedade²³. Essas ações ilustram uma tentativa de tornar a informação científica mais acessível para população e auxiliar a produção das informações científicas. Dessa forma, a sensibilização para a divulgação científica se firma para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação do cidadão nas políticas públicas do país.

Nesta dissertação perceber o papel da divulgação científica foi algo fundamental. A partir de Loureiro (2003), é possível caracterizar esse fazer como a utilização de técnicas que recodificam a linguagem científica e a técnica da informação, com o objetivo de alcançar o público geral, por meio das grandes mídias.

Indo um pouco além, Gouvêa (2000) afirma que a divulgação científica está voltada para o público mais geral e visa preencher lacunas do conhecimento científico possibilitando, por meio da educação científica, que a ciência seja compreendida de forma complementar aos conhecimentos adquiridos no ensino formal. Dessa maneira, a divulgação da ciência seria capaz de proporcionar uma cultura científica inclusiva, uma vez que permite

²⁰

Disponível

em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:jy1BfTivigoJ:livroaberto.ibict.br/bitstream/1/656/7/Plano%2520de%2520a%25C3%25A7%25C3%25A3o%25202007-2010.pdf+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

²¹ Disponível em: <<https://portal.insa.gov.br/images/documentos-oficiais/ENCTI-MCTIC-2016-2022.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

²² Aprovado em 2016 na Chamada INCT – MCTI/CNPq/CAPES/FAPs nº 16/2014, com atividades iniciadas em 2017.

Disponível

em:

<<http://cnpq.br/documents/10157/4799292/20160516+CLASSIFICA%20C3%87%20C3%83O+FINAL+POR+M%20C3%89RITO+REVISADA.pdf/5df58237-9194-4c35-9975-a11e4ecec15>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

²³ Como o Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, que é resultado de uma parceria da Casa de Oswaldo Cruz com o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências (Mast), Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br/images/stories/PDFs/mestrado-divulgacao-regimento.pdf>>. Acesso em: 06 jun 2018.

mostrar os vários ângulos da ciência, contextualizando-a de acordo com a cultura e o cotidiano do público.

Nesse ponto é necessário comentar, também, sobre a construção da notícia, mais especificamente a notícia científica. Dessa forma, o próximo tópico discute e aborda algumas questões que permeiam a produção da notícia para, assim, compreender melhor o trabalho de promoção da ciência que os jornalistas estão desenvolvendo nos jornais de grande circulação e não especializados²⁴.

3.3.1 A produção da notícia

Os jornalistas, assim como a prática que desenvolvem, são diretamente influenciados pelo meio no qual estão inseridos – seja ele profissional ou social. O jornalismo desse século é marcado pelo desenvolvimento de rotinas de trabalho e elaboração de referências que norteiam quais acontecimentos diários devem ser noticiados e como se deve noticiar. Porém, embora se pressuponha um afastamento entre o fato narrado e as opiniões pessoais do indivíduo, é praticamente impossível obter uma objetividade total. Afinal, todo relato traz consigo uma carga de influências que abrigam a visão do jornalista e as questões de interesse das organizações jornalísticas.

Dentro do infindável número de acontecimentos do cotidiano social, é necessário estabelecer parâmetros para nortear os jornalistas na escolha dos fatos que devem ser noticiados. Dessa maneira, para que um acontecimento seja tirado do lugar comum e transportado para um lugar de destaque – os jornais – leva-se em consideração algumas características, como atualidade, veracidade, amplitude dos eventos e interesse humano, isto é, aquele fato que mais influi na vida dos cidadãos. A esse conjunto de exigências que são estabelecidas, para que um fato se torne notícia, denomina-se critérios de noticiabilidade. Esses critérios – que são feitos pelos profissionais do jornalismo e pelas organizações – direcionam o fazer jornalístico na hora de definir se um acontecimento tem potencial para ser convertido em notícia. A essa questão, Traquina (2005) complementa que existe um “valor-notícia” que está diretamente ligado a questão da noticiabilidade e “tem a ver com a

²⁴ Optou-se por utilizar, nesta pesquisa, jornais não especializados, pois segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), em dezembro de 2017 esses jornais impressos – O Globo (RJ), *Folha* (SP), *Zero Hora* (RS), *Super Notícia* (MG), *Estado* (SP), *Estado de Minas* (MG), *Correio Braziliense* (DF), *Valor Econômico* (SP), *Gazeta do Povo* (PR), *A Tarde* (BA) e *O Povo* (CE) – teriam, juntos, um número de tiragens impressas equivalentes a 736.346. Essa pesquisa mostra que embora haja uma queda de 41,4% nas tiragens, entre os anos de 2016 e 2017, os jornais impressos e não especializados continuam tendo uma grande circulação nacional. Dessa forma, eles ainda representam uma grande fonte de informação (PODER360, 2018).

capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação” (TRAQUINA, 2005, p. 80).

Traquina (2005) indica alguns critérios que auxiliam na compreensão de como determinados fatos se tornam notícia. Entre eles encontram-se a morte, a notoriedade, o tempo, a proximidade, a relevância, a novidade, a notabilidade e o conflito. No que diz respeito às notícias de cunho científico – veiculadas nos jornais não especializados – é possível notar que a questão da morte desperta não somente o interesse do público, mas dos jornalistas. De acordo com o autor, “onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2005, p.79), pois na sociedade contemporânea as pessoas tendem a não pensar muito em sua finitude. Logo, esse tipo de acontecimento desperta o interesse do público. Nessa lógica, as notícias científicas que envolvem morte além de despertarem a curiosidade dos leitores provocam certo alarme podendo, algumas vezes, promover debates mais aprofundados – como foi o caso das mortes ocasionadas pelo zika vírus, em 2015 e 2016, e pela febre amarela, em 2017 e 2018. Quando se noticia fatos que envolvem mortes por doença, por exemplo, causa-se certa mobilização social, pois a população fica mais atenta aos sintomas e tende a tomar mais medidas de prevenção. Esse interesse dos leitores colabora para que os jornalistas deem mais visibilidade a determinados assuntos – os fatos ganham mais espaço nos jornais – e, conseqüentemente, ficam mais presentes no debate público.

Sobre o critério da notoriedade pode-se afirmar que esse está diretamente ligado às questões de interesse público. São aquelas notícias que fazem alusão a pessoas – os parlamentares, por exemplo – que prestam ou já prestaram algum tipo de serviço à sociedade e cujas decisões afetam um grande número de pessoas. Nesse caso, para Traquina (2005), “é fácil visualizar este valor-notícia ao ver a cobertura de um congresso partidário e a forma como os membros da tribo jornalística andam atrás das celebridades políticas” (TRAQUINA, 2005, p.79). No que diz respeito a ciência, foi possível observar esse critério de noticiabilidade na circulação de notícia sobre o corte das bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2017. Esse fato, que tinha uma influência direta nas pesquisas científicas desenvolvidas no país – visto que o CNPq investe na formação de pesquisadores brasileiros e fomenta muitas pesquisas – teve o envolvimento de membros da política e logo ganhou destaque em diferentes jornais, como O Globo, Extra, Folha de São Paulo e Correio Braziliense. No jornal O Globo, por exemplo, essa notícia foi veiculada, aproximadamente, quatro vezes entre agosto²⁵ e outubro²⁶ de 2017.

²⁵ Os títulos, sobre essa temática, encontrados nesse período foram: “Crise ameaça bolsistas do CNPQ: Futuro incerto” e “Estudantes da Fiocruz param contra corte de bolsas do CNPQ” (O GLOBO, 2017).

Nessas matérias, destacaram-se os ajustes realizados pelo Governo Federal e a forma como os cortes estavam afetando as pesquisas científicas em curso.

Outro critério identificado por Traquina (2005) é o da proximidade. Ao analisar a relação desse critério com o conceito de interesse público, o autor nota que o nível de interesse dos leitores pelas notícias independe do quão próximo ou distante ambos se encontram. Por exemplo, alguém que mora no Rio de Janeiro pode se interessar e se identificar com um fato ocorrido no Amazonas. O autor afirma, ainda, que essa identificação com as notícias não deve ser analisada apenas sob uma lógica de proximidade geográfica e territorial, mas social e psicológica, pois os problemas estruturais que existem dentro de uma pequena amostra da sociedade podem persistir em uma amostra maior da população. Ao trazer essa reflexão para as notícias de ciência, pode-se utilizar como exemplo as notícias sobre edição genética dentro de um organismo humano vivo, veiculadas em 2017²⁷. Esse fato que aconteceu nos Estados Unidos teve destaque, também, na imprensa brasileira²⁸ e promoveu debates sobre os avanços – nessa área – que poderiam ajudar milhares de pessoas ao redor do mundo – dado que a técnica permite reparar mutações relacionadas, por exemplo, ao diabetes. Dessa forma, pode-se afirmar que o interesse público é despertado pela familiaridade das pessoas com os temas discutidos.

Ainda discutindo sobre os “valores-notícia”, o autor trata da preferência por fatos relevantes. A esse respeito ele infere que “este valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação” (TRAQUINA, 2005, p. 80). Nesse caso, pode-se pressupor que todos os fatos noticiados são considerados relevantes para o jornalista ou meio de comunicação que o veicula. Considerando essa perspectiva, pode-se destacar a notícia do “útero artificial”, veiculada em 2017, como um fato relevante tanto para ciência quanto para o jornalismo. Esse experimento surgiu com a premissa de aumentar as chances de sobrevivência de bebês que nasceram prematuros, portanto, sua relevância social é facilmente identificada. No que diz respeito ao interesse jornalístico pelo assunto, pode-se per-

²⁶ O título, sobre essa temática, encontrado nesse período foi: “É preciso repensar o financiamento à Ciência” (O GLOBO, 2017).

²⁷ Esse procedimento foi realizado na Califórnia por uma equipe de médicos que, num procedimento experimental, operaram Bryan Madeux. Ele, que possui uma doença metabólica incurável, teve seu DNA alterado por um gene corretivo implantado. Notícia disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/cientistas-nos-eua-tentam-editar-dna-dentro-do-corpo-de-uma-pessoa-pela-1-vez.ghtml>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

²⁸ O jornal O Globo veiculou, aproximadamente, cinco matérias sobre essa temática. Os títulos encontrados foram: “Primeira edição genética de embrião humano nos EUA gera polêmica”, “Experimento de risco”, “Herança bendita”, “Edição de embriões provoca debate ético: Alteração de embriões humanos” e “Mais perto do embrião humano transgênico” (O GLOBO, 2017).

ceber que essa notícia ganhou espaço em diferentes veículos de comunicação, como telejornais²⁹, revistas³⁰ e portais de notícias³¹.

O tempo é outro critério identificado por Traquina (2005). Segundo ele, esse critério pode ser aplicado em diferentes âmbitos. O primeiro deles seria a atualidade, isto é, noticia-se aquilo que é atual. O segundo refere-se aquelas notícias que já foram veiculadas, no passado, mas que são lembradas devido a sua importância. O terceiro, e último, fator estaria ligado à longevidade da notícia quanto à repercussão – nesse caso a notícia estenderia os limites da sua noticiabilidade. Dessa forma, pode-se afirmar que algumas notícias de ciência são diretamente influenciadas por esse critério de noticiabilidade. O caso da ovelha Dolly, por exemplo, ganhou um enorme destaque na mídia mundial em 1996. Porém, anos após sua morte, Dolly³² continua tendo espaço nos recheios dos jornais seja para abordar novamente o assunto clonagem ou para debater as condições de saúde que levaram a morte do clone.

Além disso, o autor também destaca a notabilidade como um dos critérios por ele identificados. Para ele, quanto mais palpável e fácil de ser visualizada uma questão é, mais provável que ela seja abordada. O pesquisador diz, ainda, que esse critério pode ser observado quando um acontecimento envolve muitas pessoas, quando acontece algo insólito ou quando há excesso ou escassez de algo. Como exemplo, pode-se citar a falta de vacina, nos postos, contra a febre amarela³³ que foi muito repercutida pela mídia e comentada pela população. No início de 2018 os brasileiros se depararam com um surto de febre amarela e a situação se agravou com a falta de vacinas nos postos de saúde. Nesse momento, foi possível notar uma intensa cobertura dos veículos impressos e televisivos, sobre o assunto. Essa pauta ganhou a agenda dos jornais que, por sua vez, se dedicaram a cobertura das mortes pela doença e destacaram a escassez da vacina. Dessa forma, criou-se uma preocupação geral, pois as pessoas começaram a buscar a vacina – que já estava escassa – sem necessariamente precisar tomá-la. Isso desencadeou uma série de debates que discutiam sobre a vacinação, os grupos de risco, a produção da vacina e os locais de vacinação.

²⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5828068/>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

³⁰ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/utero-artificial-pode-ajudar-na-gestacao-de-fetos-prematuros/>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

³¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/cientistas-desenvolvem-utero-artificial-para-ajudar-bebes-prematuros.ghtml>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

³² O jornal O Globo possui duas notícias mais atuais sobre essa temática. São elas: “Dolly não morreu de velha” – notícia veiculada em 2017; e “Experimentos com macacos reabre debate sobre clonagem humana” – notícia veiculada em 2018 (O GLOBO, 2017; 2018).

³³ Os títulos, sobre essa temática, encontrados no jornal O Globo foram: “Vacinação a conta-gotas”, “O perigo sobre a Serra”, “Imunizantes inflacionam e somem das clínicas”, “Oito milhões ainda sem proteção” e “Estado já tem cinco mortes por febre amarela” (O GLOBO, 2018).

Por fim, o estudioso também aponta o conflito como importante “valor-notícia”. Para ele, o conflito ou a controvérsia – que podem ser físicos ou simbólicos – representam uma ruptura social e, por isso, viram notícia. A esse respeito pode-se citar as matérias sobre alimentos transgênicos³⁴. Considerados uma das maiores controvérsias científicas, os produtos transgênicos ganharam lugar nos jornais, dividindo opiniões e promovendo inúmeros debates. A discussão, na mídia, sobre a controvérsia dos alimentos geneticamente modificados voltou-se para a discussão de suas vantagens e desvantagens, e debate do uso de organismos geneticamente modificados na agricultura. Muitas coberturas destacaram os efeitos adversos na saúde, causados por esses alimentos, e colocaram em discussão seus efeitos e impactos na biodiversidade.

A principal crítica que poderia ser-lhe feita é que o procedimento de seleção e a elaboração de notícias não devem ser considerados como fases isoladas, mas como o resultado da interação de vários agentes: as fontes de informação, o público e o jornalista como membro de uma organização que impõe uma modalidade de produção (ALSINA, 2009, p. 216).

Após descrever, de forma breve, os critérios de noticiabilidade apontados por Traquina (2005) pode-se afirmar que as notícias não apenas informam, mas também tem o intuito de despertar interesse e emoção. Os jornalistas, ao desenvolverem seu trabalho, reconstroem os eventos, agregando os atributos necessários para que o público sintam-se atraído. É necessário ressaltar que nesse processo – em que a informação passou por vários critérios – as decisões são tomadas de acordo com as práticas profissionais já estabelecidas pelos jornalistas, que sofrem interferência das exigências organizacionais daqueles que veiculam as notícias. O veículo de comunicação impõe regras que devem ser consideradas pelo jornalista no processo de produção da notícia – como, por exemplo, a abordagem utilizada e a escolha das fontes.

Levando em consideração esse aspecto e os demais que foram discutidos anteriormente é possível afirmar que as notícias são produzidas para serem consumidas. Sobre essa questão, Wolf (1995) observa quatro critérios que designam os “valores-notícia” que são levados em consideração pelos veículos. São eles “conteúdo; a disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao público; a concorrência;” (WOLF, 1995, p. 179). Dessa forma, o autor explica que há, também, quatro critérios aos quais os

³⁴ Os títulos, sobre essa temática, encontrados no jornal O Globo foram: “Eucalipto transgênico ameaça mel orgânico” – notícia veiculada em 2014; “Senado debate fim de rótulo transgênico” – notícia veiculada em 2015; “Geneticista defende uso da engenharia genética em orgânicos” – notícia veiculada em 2016 (O GLOBO, 2014; 20015; 2016).

jornalistas submetem os fatos para avaliar sua noticiabilidade: (a) grau e nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento; (b) impacto sobre a nação; (c) quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento; (d) relevância do acontecimento. O “grau e o nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento noticiável” (WOLF, 1995, p. 180), referem-se ao número de pessoas, instituições e países de elite envolvidos no fato. O “impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional” (WOLF, 1995, p. 180), faz referência aos fatos de interesse nacional – são as informações ligadas “ao mundo do receptor da notícia”. A “quantidade de pessoas que o acontecimento envolve” (WOLF, 1995, p. 180), faz alusão a visibilidade que é dada ao noticiar determinado fato. E, por fim, a “relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação” (WOLF, 1995, p. 180), que chama atenção para as notícias que possuem continuidade.

É impossível para os veículos de comunicação relatar todos os fatos que acontecem no cotidiano da sociedade. Logo, se faz necessário o uso de ferramentas – nesse caso, os critérios de noticiabilidade – para selecionar os fatos considerados mais relevantes. Contudo, não se deve esquecer que a adoção de critérios de seleção leva em consideração, também, o aspecto mercantil da notícia, isto é, opta-se por veicular os fatos que têm mais probabilidade de despertar o interesse dos consumidores (os leitores). Além disso, o uso de critérios também está atrelado à necessidade que as empresas jornalísticas têm de ordenar os trabalhos dos jornalistas. Sobre essa questão, observa-se que a otimização do tempo é muito importante nesse processo, pois com a redução no número de funcionários é preciso cobrir os fatos contando com menos profissionais e, conseqüentemente, menos tempo.

Dessa forma, o próximo tópico traz uma reflexão sobre a atual configuração do jornalismo. Acredita-se que os conceitos abordados permitam estabelecer bases para compreender o papel do jornal impresso no século XXI. Para isso, utiliza-se autores que discutem sobre as mudanças que a profissão sofreu, para entender a forma como isso reflete no trabalho atual dos profissionais dessa área e como as novas configurações interferem na produção, por exemplo, das notícias de ciência – que são o principal foco deste trabalho.

3.4 JORNALISMO NA ATUALIDADE

Atualmente, observa-se uma redução do número de profissionais nas redações e um aumento das responsabilidades individuais para atender as demandas do mercado. Segundo Abreu (2002) o jornalista da atualidade é responsável por produzir a própria pauta, apurar, preparar a notícia, entrevistar todas as fontes, digitar o texto, diagramá-lo, indicar as fotos,

desenhos, gráficos e produzir tudo o que deve constar em sua matéria. Além disso, devido à redução de pessoal nos jornais, o repórter passou a ter que escrever mais de uma matéria por dia.

Segundo Baldessar (2005), é possível observar nove mudanças básicas no jornalismo da atualidade. A primeira delas é a relação dos jornalistas com suas fontes. Segundo a autora, a internet e o aparelho celular diminuíram a distância entre as pessoas e possibilitaram que as entrevistas fossem realizadas sem a os indivíduos estarem, obrigatoriamente, juntos num mesmo local. A segunda mudança seria o aumento na produtividade dos repórteres que trabalham mais, chegando a cobrir duas ou mais matérias ao mesmo tempo, e ganham menos. A diminuição do custo de obtenção de informações – em todos os níveis e em todos os assuntos – é a terceira mudança. Hoje, com a proliferação de sites institucionais, o profissional tem à sua disposição uma série de informações. A qualidade na análise dessas informações seria a quarta mudança observada pela autora. Para ela, a ampliação das ferramentas de trabalho e a melhor relação com as fontes propiciaram uma análise mais apurada e menos subjetiva.

A quinta mudança está ligada à menor dependência das fontes para interpretação das informações. O aumento do acesso à informação – identificada como a sexta mudança – ampliou a possibilidade de uma apuração mais completa, reunindo um grande leque de dados sobre o acontecimento e contribuindo para uma análise mais independente. O incremento da confiança técnica e a maior exatidão das informações constituem a sétima mudança. O amadurecimento das redações em relação às novas tecnologias e uma maior independência editorial permitiu obter maior exatidão nas matérias. Melhores formas de arquivo e busca das informações também contribuíram para a mudança do perfil profissional. A passagem do arquivo documental em papel para o virtual favoreceu a ampliação do banco de dados do jornal e facilitou a busca por informações. A última mudança apontada pela estudiosa é a facilidade de deslocamento dos profissionais, com a disposição de frotas próprias de veículos e uma maior conexão que facilitaria o processo de construção da notícia. Um correspondente que se encontra em outro país, por exemplo, pode cobrir determinado fato e enviar seu texto utilizando a internet. Em poucos segundos a redação tem acesso ao texto e pode inseri-lo no conteúdo do jornal.

Essas e outras mudanças alteraram significativamente a produção da notícia modificando o processo de comunicação massiva. Nesse contexto as mídias tradicionais sofreram alterações modificando estruturas e formas de atuação. Mesmo com todas as alterações às mídias tradicionais se reconfiguram para fazer frente às novas exigências sociais e

mercadológicas. Nesse panorama o impresso é uma das mídias mais tradicionais que permanece presente alcançando parcela significativa da população. Além disso, nota-se que os jornais impresso muitas vezes representam – para a população – uma fonte confiável de notícia, visto que o que está escrito no papel não pode ser alterado facilmente, como acontece com as notícias na internet. Isso colabora para que esse veículo de comunicação continue atraindo leitores por todo país.

Segundo estudo realizado pela Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM)³⁵, em 2016, de um total de 4.665 entrevistados – no Rio de Janeiro – 68% prefere ler as notícias na versão impressa dos jornais. No que diz respeito ao sexo dos leitores de impresso observa-se que 43% são mulheres e 57% homens. A faixa etária dos leitores de jornal impresso é bem distribuída, porém a maioria – cerca de 21% – possui entre 45 e 54 anos. A renda familiar dos leitores também é variada, mas nota-se que aqueles com renda de 1.760 reais até 4.400 reais são maioria – cerca de 28%. Outro dado interessante, para essa discussão, é a localização dos leitores: 45% residem na capital do Rio de Janeiro; 32% residem na periferia; e 23% residem no interior do estado. Além disso, a pesquisa mostra que 26% dos leitores são autônomos ou trabalham por conta própria; 21% empregados assalariados com registro em carteira; 17% aposentados ou pensionistas; 11% dona de casa; 7% empregados assalariados sem registro em carteira; 5% funcionários públicos; 4% desempregados; 3% estudante; 2% são desempregados e não estão procurando emprego; e 1% não soube responder. Cerca de 33% dos leitores de impresso possuem ensino médio completo e 12% possuem o ensino superior completo.

Essa pesquisa vai um pouco além do perfil dos leitores do Rio de Janeiro e apresenta o nível de confiabilidade deles nos jornais impressos³⁶. A partir dessa investigação nota-se que 29% dos entrevistados “muitas vezes confiam nas informações” e 28% “sempre confiam” naquilo que leem no impresso. Apenas 4% dos entrevistados disseram não confiar nas informações veiculadas por jornais impressos. Ao aprofundar-se nesses dados é possível notar que o perfil daqueles que “muitas vezes confiam” e “sempre confiam” é similar. No que diz respeito ao sexo, observa-se que 28% dos homens “sempre confiam” e 30% “muitas vezes confia”. Em relação às mulheres, 31% “confiam sempre” e 30% “muitas vezes confiam”. São observados maiores níveis de confiabilidade nas faixas etárias de 25 a 34 anos e 35 a 44 anos. No que diz respeito à escolaridade percebe-se que os indivíduos com ensino médio completo possuem mais confiança no jornal impresso. Cerca de 33%

³⁵ Disponível em: <<http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

³⁶ Disponível em: <<http://pesquisademidia.gov.br/#/Jornal/details-1205>>. Acesso em: 08 jun. de 2018.

“confiam sempre” e 33% “confiam muitas vezes”. Além disso, é possível perceber que indivíduos com renda familiar maior – de 1.760 reais até 4.400 reais – possuem mais confiança nos jornais impressos. O que chama atenção é a questão da localização das pessoas com altos níveis de confiabilidade no impresso. Observa-se que 52% daqueles que “acreditam sempre” e 49% dos que “muitas vezes confiam” residem no interior do Rio de Janeiro. Ainda nessa questão, 32% dos que “acreditam sempre” residem na capital e 15% na periferia. Dos que “muitas vezes confiam” 35% residem na capital e 16% na periferia.

A partir dos dados apresentados pode-se inferir que o jornalismo impresso direciona-se a uma parcela diversificada da população. Sabe-se que os jornais impressos são estruturados e utilizados de um modo que os leitores se sentem atraídos a ler histórias – sendo objetivo e reflexivo ao mesmo tempo. O elo estabelecido entre leitores com o jornal firma-se muito mais na relação sensorial e na forma com que o veículo se apresenta do que meramente por conteúdos. Neste sentido, o capítulo seguinte fará uma breve revisão teórica para entender melhor a prática do jornalismo impresso e a configuração atual do jornal O Globo – que aqui se constitui como ambiente onde os jornalistas participantes desta pesquisa exercem o fazer jornalístico.

4. JORNALISMO IMPRESSO NO SÉCULO XXI

As mudanças ocorridas na imprensa brasileira nas últimas décadas provocaram profundas modificações no modo de se fazer jornalismo. O terceiro capítulo desta dissertação visa apresentar algumas configurações do jornalismo impresso no século XXI. Para isso, a discussão se baseia em dois níveis. O primeiro deles aborda as questões referentes ao jornal impresso. Sobre esses aspectos ressaltam-se: a atual configuração do jornalismo impresso, a confiabilidade dos indivíduos no texto impresso, o papel da mídia impressa na sociedade contemporânea e se faz, ainda, uma breve discussão sobre as diferenças do texto impresso e do texto veiculado em plataformas digitais. Para um maior aprofundamento nessas questões, foi realizado um apanhado teórico de conceitos elaborados por autores, como Tuzzo (2016); O'Hara, Sellen (1997); Oliveira, Massarani, Amorim (2008); Kerkhove (2016); e Schoenbach, Waal, Lauf (2002). O segundo nível apresenta o jornal O Globo como parte constituinte deste estudo, abordando as seguintes informações: número de tiragens desse jornal, formato, organização e descrição das editorias, cadernos e complementos, breve explanação sobre os jornalistas que trabalham nesse veículo e as características dos leitores desse jornal.

4.1 O LUGAR DO IMPRESSO NA ATUALIDADE

O jornalismo impresso é o meio de comunicação mais antigo e sua evolução deixou marcas significativas, desde a revolução da prensa móvel³⁷ até a chamada terceira revolução da comunicação, que se deu com o advento da internet. Atualmente, a sociedade dispõe de um grande número de jornais que são produzidos em diferentes formatos e possuem diferentes tipos de circulação. O surgimento das novas tecnologias da comunicação provocou mudanças na imprensa, levando-a a se adaptar às novas maneiras de veiculação e tratamento da notícia.

Ao longo de sua história o jornalismo impresso precisou se desenvolver, se solidificar e se renovar. Diante da utilização das novas tecnologias, no processo comunicacional,

³⁷ A prensa de tipos móveis foi um dispositivo, criado em 1450, pelo alemão Johannes Gutenberg. Esse invento – originado com base nas prensas de vinho – utilizava tipos móveis de metal e tornou possível a impressão de milhares de cópias de panfletos e livros que, antes, eram manuscritos (BRIGGS, BURKE, 2004). A invenção da tipografia transformou completamente a circulação da informação escrita na sociedade, pois acelerou o processo de elaboração das cópias e, conseqüentemente, aumentou a quantidade de livros (VERGER, 1999).

os impressos constaram a necessidade de se inserirem nas novas tendências. Assim, o jornal impresso adaptou-se e passou a utilizar recursos como à diagramação, as fotografias, infográficos, gráficos, para renovar, conquistar e aproximar o leitor.

Observa-se, nesse processo, que a falta de interação – característica dos impressos – tornam-se um fator positivo em meio a um mundo em que as pessoas são, o tempo todo, tentadas a pularem de um *link* para o outro na internet. A linguagem estática dos impressos permite que o leitor se concentre e se aproxime do texto, pois “o consumo de palavras impressas ainda é essencialmente uma ingestão, um movimento do exterior para o seu interior” (KERCKHOVE, 2016, p. 36).

Um dos pontos relevantes na pesquisa de leitores de jornais impressos é a diferença de concentração encontrada na leitura em papel em comparação com a leitura na tela do computador, tablet, iPad ou qualquer outro equipamento eletrônico. É como previsto por Walter Benjamin, que disse que seria impossível concentrar-se no século 20 (TUZZO, 2016, p. 37).

Segundo Derrick de Kerckhove (2016) o que se observa é que a matéria impressa diminui a velocidade de transferência de informação, isto é, torna a compreensão mais rápida, pois dá o tempo necessário para o leitor refletir e pensar sobre o texto. Ler a notícia no papel permite que os leitores compreendam o texto com maior precisão e rapidez, pois a página no jornal é vertical – o que proporciona um quadro de leitura natural e linear – e as informações são fixas. O mundo para o leitor *online* é cheio de eventos simultâneos e abertos a questionamentos. Os inúmeros *links* disponíveis atrapalham o selecionamento das informações, isto é, aumentam a dificuldade de escolher a informação que corresponda aos objetivos de leitura daqueles que a procuram. Além disso, os leitores podem ser tentados por distrações multimídias, como as publicidades, e isso contribui para que eles fiquem desorientados no meio da *web* (ZENOTZ, 2012)³⁸.

Segundo Kerckhove (2016), o fato do papel não ser interativo pode ser considerado como uma grande qualidade, pois no impresso a linguagem? e a informação permanecem paradas. Sobre esse aspecto o estudioso observa que “as palavras voam *online*, tremem na tela e desaparecem”, e isso atrapalha o processo de concentração e entendimento dos leitores (KERCKHOVE, 2016, p. 36). Dessa forma, “ler a notícia no papel é como parar o mundo” e dedicar-se exclusivamente ao seu entendimento (KERCKHOVE, 2016, p. 36).

Sobre esse aspecto, Klaus Schoenbach, Esther de Waal e Edmund Lauf (2005) desenvolveram três hipóteses, em seu artigo, que contribuem para um maior entendimento

³⁸ Resultados apresentados durante uma aula da professora Victoria Zenotz, postada em 2012, no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QM7vvhM7Y7k>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

dessas questões. A primeira hipótese afirma que a leitura dos jornais impressos diários contribui para a compreensão de uma pauta pública mais abrangente. A segunda hipótese defende que quanto maior o interesse dos leitores na esfera pública, mais fácil é para os jornais – online e impresso – gerarem uma pauta de maior compreensão. A terceira hipótese volta-se para a questão do nível educacional e defende que níveis mais elevados de escolaridade colaboram para que os leitores – de jornais online e impresso – tenham um entendimento maior dos assuntos. O que se observa é que “ambos os canais, de fato, contribuem para alargar a agenda da audiência”, porém “os jornais impressos são capazes de expandir o horizonte daqueles cuja gama de interesses é, no máximo, mediana” (SCHOENBACH; WAAL; LAUF, 2005, p. 245).

Outra pesquisa que tenta mensurar a importância do texto impresso é a dos autores Kenton O’Hara e Abigail Sellen (1997). Para eles, o papel oferece aos leitores a possibilidade de fazerem anotações durante a leitura e, ainda, permitem um maior aprofundamento e compreensão do texto. Esse estudo reafirma alguns pontos observados por outros autores, como a rapidez de leitura, maior foco e comprometimento dos leitores, quando o texto é impresso. Além disso, o estudo de O’Hara e Sellen (1997) traz colaborações substanciais ao indicar que os sujeitos que leem no papel usam o tato para avaliar o documento – no que diz respeito ao tamanho, comprimento e formato – e, ainda, memorizam melhor onde encontrar determinadas informações no texto. Com isso, pode-se afirmar que os jornais impressos “permitem aos leitores aprofundar, criar um plano para escrita, cruzar outros documentos, e intercalar leitura e escrita” (O’HARA; SELLEN, 1997, p. 339).

Experimentos conduzidos por Denise Bortree (2002)³⁹ mostraram que as informações são localizadas mais rapidamente no papel. De acordo com a estudiosa, os resultados dos estudos apontam que a localização de informações no texto impresso é 15% mais rápido, quando comparado ao texto *online*. Bortree destaca, ainda, que a leitura é mais fluida nos jornais impressos. Segundo ela, o texto disposto na vertical apresenta um quadro já conhecido pela mente humana, o que facilita captar e compreender melhor a informação. Além disso, destaca-se o fato da luz incidir de forma diferente no papel, isto é, ele não reflete diretamente a luz nos olhos dos leitores – como acontece nas telas de celulares e computadores.

Outro ponto relevante, apontado por Kerckhove (2016), é a confiabilidade das pessoas no texto impresso. Segundo o estudioso, isso acontece, pois “o papel está seguro na

³⁹ Disponível em: <<http://iml.jou.ufl.edu/projects/Spring02/Bortree/computer.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

sua mesa e permanece lá até que você se livre dele” (KERCKHOVE, 2016, p. 39). Além disso, o hábito também é apontado como um fator de confiabilidade, uma vez que as pessoas que estão habituadas a ler a notícia impressa podem criar certa resistência e desconfiança em relação aos outros formatos. Por fim, o autor indica que pode haver, ainda, uma preferência do leitor por palavras fixas e explica que “os meios eletrônicos são como o discurso e o pensamento. Eles tendem a desaparecer após o uso” (KERCKHOVE, 2016, p. 39). Para Kerckhove (2016), “o papel sempre será o único lugar onde a palavra para” (KERCKHOVE, 2016, p. 43). Se por um lado as plataformas digitais de notícia apresentam fluidez de assuntos e discussões, por outro lado o papel cria e mantém a identidade e consciência dos leitores. O fato é que mesmo com as novas tecnologias e novas formas de se fazer jornalismo, sempre haverá a necessidade de um lugar onde o pensamento humano mantenha-se fixo. Dessa forma, o jornalismo impresso se firma como o meio que permite que o usuário tenha total controle sobre a linguagem.

No que diz respeito ao papel da mídia impressa na sociedade contemporânea, Tuzzo (2016) afirma que o jornal impresso “caracteriza-se pela oferta de dados e julgamentos que ajudam o consumidor da cultura de massa a tomar decisões cotidianas” (TUZZO, 2016, p. 65). Segundo ela, os jornais impressos também seriam uma grande fonte de informação para alimentar outras mídias, como o rádio, a televisão e a internet. Nessa lógica, o impresso estaria não só inserido na complexa teia dos meios de comunicação, mas atuando como fonte de informação para a sociedade e para a própria mídia.

Contudo, assim como o próprio jornalismo, o impresso estaria passando por mudanças e por uma ressignificação de seu local, forma e público. De acordo com a autora, isso acontece, pois a proliferação dos meios eletrônicos na sociedade contemporânea estaria colocando em cheque a função do jornal impresso. “A mudança dos meios de comunicação é mundial porque vivemos numa era de transformação da sociedade em vários aspectos” (TUZZO, 2016, p. 65), inclusive na produção de bens culturais.

Podemos pensar que os produtores da notícia continuam com a sua função de informar ao mundo. E seriam então os produtores de jornal impresso os encarregados de explicar como isso acontece? O que há além da notícia? O que escondem as entrelinhas? Nesse sentido, falar da função do jornalista nos remete a uma ligação direta com o Funcionalismo e a responsabilidade social do jornalismo. Importante pensarmos o papel do jornal impresso na sociedade atual também a partir dessa perspectiva (TUZZO, 2016, p. 71).

Ainda que seja intrínseca a relação do jornalismo com as novas mídias, sabe-se que as mídias clássicas são importantes aliadas na transformação e melhoria da sociedade. Se-

gundo Tuzzo (2016), “esta sociedade apresenta-se com ares de avanço pelas novas tecnologias, mas também guarda a poesia, o romantismo e a tradição, quase de forma dicotômica” (TUZZO, 2016, p. 71). Dessa forma, há uma tendência de preservar aquilo que essa sociedade reconhece como parte do seu referencial humano e é nesse aspecto que se insere o jornalismo impresso.

O que se observa é que o impresso “vem escrevendo a história da humanidade pelas mãos dos novos historiadores chamados jornalistas e essa essência permanecerá ainda que novas mídias sejam integradas ao processo” (TUZZO, 2016, p. 71). De acordo com a autora, para alguns leitores, as palavras escritas no papel comprovam a veracidade dos fatos registrados. A estudiosa observou em suas pesquisas – duas realizadas no Brasil em 2012 e 2013, e duas realizadas em Portugal em 2014 – algumas questões que ajudam a compreender como leitores, de diferentes idades, enxergam o jornalismo impresso em plena era digital.

No total foram feitas 76 entrevistas com pessoas de faixa etária distinta, que variava entre 15 e 69 anos. A pesquisa dividiu os entrevistados em três categorias, sendo elas: (a) grupo 1 – jovens até 25 anos, que representavam 35% dos entrevistados; (b) grupo 2 – adultos de 26 a 55 anos, que representavam 49% dos entrevistados; (c) grupo 3 – idosos acima de 56 anos, que representavam 16% dos entrevistados. Desse número 59% eram do sexo masculino e 41% do sexo feminino. No que diz respeito ao nível de escolaridade, 5% possuía o primeiro grau completo, 59% possuíam o segundo grau completo e 36% possuíam o terceiro grau completo, nas mais diversas áreas do conhecimento.

Quando questionados se o jornalismo ainda é uma fonte de informação, o grupo de jovens considerou o jornal impresso confiável, verdadeiro e de fácil acesso, estando sempre disponível em espaços públicos – como, por exemplo, consultórios médicos. Para o grupo de adultos, o impresso além de informar também auxilia no entendimento do mundo e da sociedade. Já para o grupo de idosos o “impresso é importante, pois apresenta notícias do país e do mundo, sem parciaisidades, sem defender preferências políticas, ou deixar se monopolizar por opiniões de poderosos” (entrevista 58, 2016, p. 163-164). Com isso, identificou-se que:

Uns veem o jornal como informativo, notícias; outros, como fonte e instrumento capaz de integra-lo à sociedade, outros o consomem pelo hábito de leitura e também de compra e assinatura, outros ainda o escolhem como complemento a um universo informacional formado pelo rádio, TV, internet e todo o complexo midiático da modernidade. [...] Além disso, o que mais chama atenção nos dados da pesquisa é a questão das sensações que o jornal impresso causa nos seus leitores, algo que transcende a racionalidade e invade o campo das paixões, dos sentimen-

tos, do apego a algo que traduz a própria existência social (TUZZO, 2016, p. 174).

A partir dos estudos apresentados, até aqui, inferir-se que o jornalismo impresso solidificou-se durante os anos e se tornou uma mídia tradicional, com grande relevância para a sociedade contemporânea. Com os avanços tecnológicos, e a introdução da internet, é possível afirmar que o jornalismo – sobretudo o impresso – tem se adaptado bem às mudanças. As inovações continuarão surgindo e promovendo alterações na forma de se fazer e pensar o jornalismo impresso, assim como o jornalismo digital, radiofônico e televisivo. A perspectiva para o impresso é de que ele tenda a se reformular e siga as tendências de mercado e de leitores. Nenhum veículo de comunicação acaba com o outro, eles apenas se renovam e, juntos, se fortalecem.

A seleção pelo impresso e pelos jornalistas generalistas demandou outra decisão para tornar viável a pesquisa, considerando que há no país vários jornais impressos. Assim, foi necessária a escolha de jornalistas de um determinado veículo. O locus escolhido de produção da notícia por jornalista generalista foi o jornal O Globo. Dessa forma, o próximo tópico pretende abordar algumas questões que permeiam a linha editorial desse impresso e a forma como ele percebe o jornalismo na atualidade para compreender a lógica de produção de notícia desse jornal e, portanto, a atuação de jornalistas na cobertura da notícia de ciência nesse veículo.

4.2 JORNAL O GLOBO

A escolha, desta pesquisa, de analisar a atuação de jornalistas que atuam no jornal O Globo justifica-se, à medida que se observa que esse veículo – mesmo não sendo especializado na cobertura científica – aborda muitas pautas ligadas ao campo da ciência. Frequentemente são as publicações que trazem as inovações e descobertas científicas, pesquisas, avanços tecnológicos, curiosidades e informações sobre saúde, e algumas controvérsias da ciência⁴⁰.

⁴⁰ As denominadas controvérsias da ciência são, geralmente, abordadas com menos frequência. Para que uma controvérsia seja levada ao debate público, através de uma publicação em jornais não especializados, ela deve possuir uma discussão relevante para uma porção significativa da comunidade científica, e, também, ser de interesse ou impacto público (AMORIN, MASSARANI, 2008; VELHO, VELHO, 2002). Um exemplo de assunto controverso são os alimentos transgênicos. Com sua criação algumas associações científicas desenvolveram estudos dando um parecer favorável sobre as culturas geneticamente modificadas, porém o número de estudos que apontavam variados e concretos efeitos negativos também ganharam força. Assim, surgiu a controvérsia que, devido a seu impacto na sociedade, começou a ser abordada pela grande mídia.

Outro ponto relevante, para essa escolha, foi o número de tiragens desse jornal. Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), em dezembro de 2017 os jornais impressos – O Globo (RJ), Folha (SP), Zero Hora (RS), Super Notícia (MG), Estado (SP), Estado de Minas (MG), Correio Braziliense (DF), Valor Econômico (SP), Gazeta do Povo (PR), A Tarde (BA) e O Povo (CE) – teriam, juntos, um número de tiragens impressas equivalentes a 736.346. Essa pesquisa mostra que embora haja uma queda de 41,4% nas tiragens, entre os anos de 2016 e 2017, os jornais impressos continuam tendo grande circulação nacional. Por isso, eles ainda representam uma relevante fonte de acesso à informação. Outro dado importante a ser citado é o das pesquisas da Associação Nacional de Jornal (ANJ), que acompanham a circulação dos maiores periódicos do Brasil. De acordo com a última investigação – realizada em 2015 – o jornal O Globo é o impresso com maior circulação no Rio de Janeiro, com uma média de 193.079 exemplares⁴¹.

Segundo estudo realizado pela Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM)⁴², em 2016, pode-se afirmar que um em cada três pessoas leem jornal. Destes, dois em cada três leem mais a versão impressa e cerca da metade desses adquirem os jornais em bancas – cerca de 49%. O acesso a esse meio de comunicação é mais costumeiro entre segunda e sexta-feira – os entrevistados responderam que leem mais jornal no meio da semana do que sábado e domingo: 53% contra 31%, respectivamente – e o tempo diário de acesso é de aproximadamente uma hora e dez minutos.

Segundo essa pesquisa, O Globo e a Folha de S. Paulo são os jornais mais lidos pelos brasileiros – O Globo foi o mais citado pelos indivíduos que participaram da pesquisa. Nas perguntas em que não se fornecia alternativas para a resposta, os entrevistados podiam mencionar até dois jornais lidos. Como primeira menção, O Globo foi citado por 8% dos respondentes. Como segunda menção esse jornal foi citado por mais 3% dos entrevistados, atingindo um total de 11% das menções. Esse levantamento entrevistou pessoas acima de 16 anos e de todas as classes econômicas. Ao todo foram entrevistadas 15.050 pessoas nos 27 estados brasileiros.

Destaca-se, também, que a escolha do jornal O Globo está relacionada ao seu *status* e ao fato de ser publicado no Rio de Janeiro, que é um dos polos econômicos e culturais do país. Segundo Oliveira, Massarani e Amorim (2014), esse impresso se destaca por fazer parte dos chamados “jornais de elite”, destinados às classes média e alta. Os autores afir-

⁴¹ Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

⁴² Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

mam, ainda, que esse veículo é referência para os formuladores de políticas públicas. Outro ponto importante, mencionado Massarani, Dal Col e Almeida (2008), é que no O Globo as matérias científicas não ficam restritas ao editorial de ciência. Elas também são frequentemente publicadas em outras editorias. Dessa forma, nota-se que elas não ficam restritas aos jornalistas especializados, pois uma parte significativa dessa cobertura é feita pelos jornalistas generalistas.

O jornal O Globo⁴³ circulou, pela primeira vez, no dia 29 de julho de 1925. Esse jornal impresso, idealizado e originalmente fundado por Irineu Marinho, nasceu com o lançamento de 33.435 exemplares que foram, inicialmente, distribuídos pelos chamados “gazeteiros”⁴⁴. Juntamente com uma equipe de repórteres e um experiente corpo de redatores, Irineu idealizou os princípios que iriam reger e dar forma editorial ao novo veículo. Com o passar dos anos muita coisa mudou, porém a busca pela notícia em todos os setores da cidade continua sendo um dos focos desse jornal.

Atualmente esse impresso se apoia em três premissas básicas que norteiam a produção de informação. São elas: isenção, correção e agilidade⁴⁵. O primeiro deles está diretamente ligado a “verdade”. Segundo documento que delimita os direitos e deveres do jornal, a isenção no processo de construção da informação garante que essa não fique enviesada, viciada ou, ainda, perca a qualidade. Contudo, o jornal assume que é impossível despir-se totalmente do seu subjetivismo. De qualquer forma, ele defende buscar, em suas publicações, um grau elevado de isenção, através de um esforço consciente do veículo e de seus profissionais.

A “correção” estaria ligada a credibilidade do trabalho jornalístico, desenvolvido por esse veículo. Segundo documento, O Globo considera danosa a veiculação de reportagens erradas ou análises feitas a partir de dados equivocados. Dessa maneira, compromete-se em descrever e analisar os fatos da melhor maneira, dadas as circunstâncias do momento. Nesse sentido, o jornal considera que a correção é uma construção diária, pois não há fórmula que torne o jornalismo imune a erros. Porém, ele reconhece que é obrigação do veículo corrigi-los de maneira transparente, sem subterfúgios, para obter a informação correta.

⁴³ Um fato curioso sobre esse jornal é que seu nome foi decidido através de um concurso. O resultado, que foi anunciado em 20 de junho de 1925, elegeu o título “Correio da Noite” como o nome votado. Porém, descobriu-se que essa patente já tinha dono e, então, Irineu Marinho teve que optar pelo segundo nome mais votado, “O Globo” (Memória O Globo). Disponível em: < <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/oglobo-eacute-lancedilado-9196292>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

⁴⁴ Termo comumente usado na época, para referir-se aos jornaleiros (AURÉLIO, 2018). Disponível em: < <https://dicionariodoaurelio.com/gazeteiro>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

⁴⁵ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/#carta>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

O documento ressalta a “agilidade” da produção jornalística como uma importante aliada no processo de informação. Segundo O Globo, a informação tem de ser prestada no menor espaço de tempo da melhor maneira possível. Portanto, é atributo fundamental da qualidade da informação jornalística ser produzida com rapidez. Pois, se por um lado a história pode dispor de anos de trabalho para fazer aflorar a realidade, o jornalismo dispõe de algumas horas ou, no máximo, alguns dias. Dessa forma, o impresso considera que é a celeridade que traça o primeiro retrato dos fatos.

No que diz respeito à linha editorial desse veículo, O Globo informa que preocupa-se com “a coleta de informações de interesse para a comunidade e sua ampla divulgação, com eficiência técnica e com obediência à ética” e destaca, ainda, o compromisso “com a verdade e com o desejo do leitor”, de forma a cativá-lo sem utilizar a vulgaridade e o sensacionalismo para isso (JUSTIÇA FEDERAL, 2018). Segundo declaração do jornal, para uma pesquisa realizada em 1994 pelo Centro de Estudos Judiciários – da Justiça Federal – entre os pontos básicos de sua linha editorial destacavam-se a defesa de uma sociedade justa, democrática e pluralista, com garantia de liberdade de expressão; defesa da economia de mercado, em que merece igual respeito a livre iniciativa da empresa e os direitos do consumidor; condenação de toda forma de discriminação e preconceito social; disposição a apoiar em editoriais candidatos a cargos eletivos, sempre que a tomada de posição servir ao interesse público, preservando-se a isenção do noticiário; apoio a programas e ideias que se coadunem com os princípios do jornal, não se filiando, nem se associando, entretanto, as associações político-partidárias; abertura de espaço para o debate e o livre curso das ideias, independentemente de sua linha editorial (JUSTIÇA FEDERAL, 2018).

Sobre a forma como esse o veículo enxerga o trabalho jornalismo, na atualidade, observa-se que O Globo o entende “como o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas” (O GLOBO, 2018)⁴⁶ – como, por exemplo, uma crise política grave, decisões governamentais com grande impacto na sociedade, uma descoberta científica, um desastre ambiental, mas também a narrativa de um atropelamento numa esquina movimentada. Para o impresso, o jornalismo constitui-se como uma atividade que permite conhecer os fenômenos sociais complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade. Dessa forma, pode-se afirmar que, para esse veículo, o jornalismo é uma forma de apreensão do real.

⁴⁶ Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

É notório que cada veículo tem um público-alvo e deve agir de acordo com as características dele, adaptando a pauta, a linguagem e o formato. Para o Grupo Globo, a informação deve ser redigida de forma que seja compreendida por pessoas de todos os níveis de instrução. Com isso, a linguagem e o formato não devem ser rebuscados a ponto de comprometer o entendimento da notícia, mas também não devem ser simplórios. De um modo geral, o texto deve ser claro e o conteúdo deve ser de interesse de comum.

De acordo com informações divulgadas pelo site InfoGlobo⁴⁷ – com base nos dados investigados pelo Instituto Marplan, no período de julho 2008 a junho de 2009 – o perfil dos leitores do O Globo é bem variado. A faixa etária dos leitores distribui-se da seguinte forma: 11% deles têm de 10 a 19 anos; 22%, de 20 a 29 anos; 17%, de 30 a 39 anos; 19%, de 40 a 49 anos; 12%, de 50 a 59 anos e outros 19% possuem mais de 60 anos. Desses leitores, 55% são mulheres e 45% homens. No que diz respeito ao grau de escolaridade, 14% deles têm, somente, o primeiro grau; 26% possuem segundo grau e 60% deles têm nível superior. Sobre a classe social, observa-se que 30% dos leitores pertencem a classe A; 50%, a classe B; 18%, a classe C e apenas 2% são pertencentes às classes D e E. Em termos gerais, o Globo possuía – no período de realização dessa pesquisa – cerca de 1.568.000 leitores. Desse total, 37% estavam localizados na zona sul, do Rio de Janeiro; 10%, na zona oeste; 11%, na central do estado; 9%, na Leopoldina; 5%, na baixada fluminense; 14%, na zona norte e outros 14% estão distribuídos em outros municípios.

Dentre as infinitas possibilidades de acesso à informação, o jornal impresso ainda é uma importante fonte para uma grande parcela da sociedade contemporânea. Por mais que boa parte das notícias esteja disponível na internet, Tuzzo (2016) afirma que “o jornal impresso deixa de ser somente um meio de comunicação e assume a função de protagonista social para um público fiel” (TUZZO, 2016, p. 208). Pois, seus leitores apreciam mais do que conteúdo, eles também tem paixão pela forma e pela presença física do papel.

Observou-se, também, que o potencial do jornalismo impresso está cada vez mais ligado a sua credibilidade, pois a função ética do jornal confunde-se com a própria função de informação. Por mais sutis que esses mecanismos pareçam ser, sua manutenção acaba tornando-se essencial para a sobrevivência dos impressos. Afinal, as características intrínsecas ao jornalismo – como a pluralidade dos enfoques e os mecanismos de validação das notícias – são responsáveis por compor a necessidade social da informação.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/perfileleitores.aspx>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

A partir dos estudos apresentados, até aqui, inferir-se que o jornalismo impresso solidificou-se durante os anos e se tornou uma mídia tradicional, com grande relevância para a sociedade contemporânea. Com os avanços tecnológicos, e a introdução da internet, pode-se afirmar que o jornalismo – sobretudo o impresso – tem se adaptado bem às mudanças. As inovações continuarão surgindo e promovendo alterações na forma de se fazer e pensar o jornalismo impresso, assim como o jornalismo digital, radiofônico e televisivo. A perspectiva para o impresso é de que ele tenda a se reformular e siga as tendências de mercado e de leitores.

Nesse ponto se faz necessário conhecer as particularidades do jornal O Globo para compreender os princípios que regem o trabalho dos jornalistas desse veículo de comunicação. Dessa forma, o próximo tópico pretende abordar algumas questões que permeiam a organização desse impresso e o perfil de seus leitores para, assim, compreender a lógica de produção desse jornal.

4.2.1 Um panorama atual do jornal O Globo

Como destacado anteriormente o jornal O Globo está disponível no meio impresso e digital. Como impresso tem, atualmente, a tiragem semanal de 118.192 exemplares e 160.840 exemplares aos domingos⁴⁸. Esse veículo impresso possui, em média, 1.194.000 leitores e sua circulação é nacional. No entanto, é no Rio de Janeiro – mais especificamente na zona sul – que parte da tiragem é consumida. Esse jornal segue o formato impresso *standard* – medida utilizada pelos jornais que constituem a grande imprensa. A primeira edição do jornal é organizada da seguinte forma: primeira página, página dois, editoria País, editoria Rio, espaço dos leitores, editoria Rio, editoria Economia, editoria Mundo, editoria Sociedade, caderno de esportes e segundo caderno. Há algumas variações nessa organização de acordo com os dias da semana, pois determinados cadernos não são publicados diariamente.

Em 2009 o Infoglobo⁴⁹ publicou o perfil de seus leitores organizando-os de acordo com os cadernos do jornal. É notório que em nove anos muitas mudanças ocorreram – como, por exemplo, a criação da editoria Sociedade para centralizar as coberturas que, antes, ficavam dispersas em outras editorias. Contudo, recuperou-se esses dados para discutir

⁴⁸ Informação disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/perfilleitores.aspx>>. Acesso em: 22 jun. de 2018.

quais são as características apresentadas por esses leitores e, dessa forma, entender qual é o público para o qual as notícias desse jornal se destinam. Observa-se que de um total de 1.282.000 leitores, da primeira página, 55% são mulheres e 45% são homens. As classes sociais que mais leem a primeira página do jornal são as classes A e B – representando 83% dos leitores – seguidas pelas classes B e C – representando 67% dos leitores. Apenas 2% dos leitores, da primeira página, pertencem às classes D e E. A maioria dos leitores do O Globo possuem de 20 a 29 anos – cerca de 22% – e possuem ensino superior – cerca de 61%. A região geográfica do Rio de Janeiro que mais lê a primeira página do jornal é a zona sul – com cerca de 40% dos leitores. Em seguida estão as regiões: norte, com 15%; central, com 12%; Leopoldina, com 9%; zona oeste, com 8%; baixada, com 3%; e outras regiões do estado representam 12% dos leitores da primeira página.

O jornal O Globo é composto por oito suplementos⁵⁰, duas revistas⁵¹ e sete jornais de bairro⁵², que atendem a diversos públicos. O quadro a seguir traz informações⁵³ a respeito dos suplementos que fazem parte desse jornal impresso.

Quadro 7 – Informações sobre os cadernos e revistas que compõem o jornal O Globo

Cadernos e revistas do Jornal O Globo	Descrição	Nº de exemplares	Nº de leitores	Circulação
Segundo Caderno	Aborda temas relacionados a lançamentos, estreias e novidades na área de entretenimento.	118.192 (segunda a sábado) 160.840 (domingos)	292.000	Todos os dias da semana
Caderno de Esportes	Cobertura dos bastidores e acontecimentos das diversas modalidades esportivas.	118.192 (segunda a sábado) 160.840 (domingos)	408.000	Todos os dias da semana
Caderno de Economia	Conteúdos voltados para a cobertura das atividades econômicas, empresas e mercado.	118.192 (segunda a sábado) 160.840 (domingos)	453.000	Todos os dias da semana
Caderno Carro e ETC	Conteúdo elaborado para divulgar lançamentos, dicas e serviços ligados a veículos automotivos.	106.995 (quarta-feira) 143.532 (sábado)	Não informado	Quarta-feira e sábado
Caderno Boa Viagem	Veicula roteiros, dicas e serviços de viagem.	114.322	198.000	Quinta-feira
Caderno Ela	Caderno de moda e estilo. A-	143.532	78.000	Sábado

⁵⁰ Os suplementos que compõem o Jornal O Globo são os cadernos: Segundo Caderno, Boa Viagem, Boa Chance, Carro e ETC, Esportes, Economia, Ela e Morar Bem.

⁵¹ As revistas que compõem o Jornal O Globo são: Revista Rio Show e Revista Ela – antiga Revista O Globo.

⁵² Os jornais de bairro que fazem parte do Jornal O Globo são: Barra, Niterói, Tijuca, Zona Sul, Baixada, Zona Norte e Zona Oeste.

⁵³ Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosTodos.aspx>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

	borda novidades e tendências da moda.			
Caderno Boa Chance	Veicula as tendências do mercado de trabalho, oportunidades de emprego, classificados e colunas.	160.840	94.000	Domingo
Caderno Morar bem	Caderno de artigos e serviços elaborado para quem procura ou quer negociar imóveis.	160.840	121.000	Domingo
Revista Rio Show	Volta-se para a cobertura de shows e demais eventos – gastronômicos e culturais – que acontecem na cidade do Rio de Janeiro.	131.780	129.000	Sexta-feira
Revista Ela	Trata de temas como: decoração, arquitetura, viagens, cinema, beleza, séries, tecnologia e moda.	160.840	78.000	Domingo

Fonte: A autora (2018)

O primeiro caderno do Jornal O Globo veicula, diariamente, notícias ligadas a diferentes temáticas – como economia, política e ciência. São matérias que abordam os assuntos que acontecem no Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo. Essa publicação impressa é composta por cinco editorias. O quadro a seguir apresenta um breve resumo dessas editorias.

Quadro 8 – Editorias que compõem o jornal O Globo

Editorias do Jornal O Globo	Descrição
País	Conteúdo diário sobre os fatos que acontecem no Brasil. Geralmente, as matérias dessa editoria abordam assuntos ligados a política brasileira.
Rio	Veicula matérias que abordam os acontecimentos no Rio de Janeiro. São matérias de diferentes temáticas – saúde, educação, violência, política e temas policiais – que possuem alguma ligação com o estado.
Economia	Essa editoria veicula matérias que abordam assuntos ligados ao mercado financeiro e as atividades econômicas do país. O conteúdo das notícias pode variar, mas são geralmente ligados a reformas, greves, crises e a política.
Mundo	Abrange as matérias que trazem, em seu conteúdo, notícias e atualidades do mundo. Essa editoria veicula informações sobre: acontecimentos no exterior, geopolítica e assuntos internacionais.
Sociedade	Essa editoria, criada em 2014, veicula matérias ligadas as seguintes temáticas: sobre sexo, religião, ciência, saúde, tecnologia, educação e comportamento.

Fonte: A autora (2018)

Destaca-se nesse ponto que, além das editorias que compõem o jornal impresso, O Globo conta com outras duas editorias digitais que auxiliam na produção e divulgação de conteúdo, proporcionando uma articulação entre os dois meios. São elas: Editoria de Mídias Sociais e Editoria de Vídeo. A Editoria de Mídias Sociais está ligada ao blog do jor-

nal⁵⁴. Os profissionais que atuam nessa editoria produzem matérias com temáticas ligadas a redes sociais, tecnologia, inovação e comportamento. A maior parte desse conteúdo é direcionado ao blog, porém algumas matérias ganham espaço, também, no impresso. A Editoria de Vídeo é responsável por produzir vídeos informativos, com curto tempo de duração, cuja função é servir de complemento para notícias veiculadas pelo impresso⁵⁵ ou pelo site do O Globo.

Pode-se observar que algumas editorias são naturalmente dedicadas a cobertura de temas que envolvem questões ligadas a tecnologia, saúde e ciência. Nelas é possível notar que os assuntos de ciência são tratados com uma abordagem mais factual, isto é, para um assunto de ciência ganhar espaço no jornal é necessário que tenha ligação com a editoria que o veicula. Por exemplo, durante os surtos de febre amarela no estado do Rio de Janeiro, foi possível observar um número considerável de matérias – no jornal O Globo – que faziam menção a pesquisas e estudos científicos dessa área. Essas notícias apoiavam-se em um fato – aumento dos casos de febre amarela – para divulgarem determinados conhecimentos científicos que, naquele momento, eram importantes para que a população tomasse medidas de prevenção. Através da observação das matérias de ciência veiculadas por esse jornal, é possível afirmar que as informações de ciência são usadas para explicar fenômenos que estão em destaque na sociedade.

Embora O Globo não seja especializado na cobertura de ciência alguns jornalistas, que trabalham nesse veículo, possuem uma trajetória profissional que apresentam certa especialização e dedicação à área de divulgação da ciência. Um exemplo que mostra a relevância desse jornal impresso em relação à cobertura da ciência é o resultado do 31º Prêmio José Reis de Divulgação Científica, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em 2011 a jornalista Ana Lúcia Azevedo – do jornal O Globo – recebeu essa premiação como um reconhecimento de sua contribuição para a divulgação nas áreas de meio ambiente, biotecnologia e demais áreas científicas. Reconheceu-se que sua atuação na imprensa nacional tem contribuído para o estreitamento das relações entre ciência e sociedade, uma vez que as matérias dessa jornalista alcançam uma grande parcela da população. Além disso, essa jornalista também recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo, em 2002, na categoria “Informação científica, ambiental e tecnológica”. Essa jornalista trabalha como editora de ciência e saúde, do jornal impresso O Globo.

⁵⁴ Blog Nas Redes.

⁵⁵ Quando está ligado a uma matéria veiculada no jornal impresso há, no final do texto, um elemento gráfico que indica o endereço eletrônico onde o vídeo está disponível. Assim, o leitor pode acessá-lo e saber mais informações sobre o assunto.

Outro profissional especializado na cobertura de ciência e atuante no jornal O Globo é o jornalista Renato Grandelle. Atualmente, ele é repórter da editoria de Sociedade, especializado na cobertura de temas científicos ligados a meio ambiente e mudanças climáticas – áreas que cobre desde 2009. Em 2013 ele venceu o prêmio Jornalistas & Cia/HSBC de Imprensa e Sustentabilidade – na categoria mídia regional – com uma série de reportagens científicas sobre os parques nacionais brasileiros. Além desses jornalistas premiados a equipe do O Globo conta, também, com outros profissionais que se dedicam, exclusivamente, a cobertura de temas de ciência como os jornalistas César Baima e Ana Paula Blower.

Contudo, por se tratar de um jornal não especializado na cobertura de ciência, grande parte dos jornalistas que trabalham nesse jornal não são especializados em nenhuma área. Não é possível saber, ao certo, o número total de jornalistas atuantes no O Globo, pois o jornal possui repórteres baseados no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Além disso, a cobertura das notícias veiculadas pelo O Globo também conta com apoio de parceiros estratégicos em todo país e correspondentes nas principais cidades e capitais da Europa, América e Ásia. Pode-se identificar alguns jornalistas generalistas que assinam, com frequência, as matérias veiculadas nas editorias do jornal, tais como: Luisa Valle (editoria Rio), Luisa Souto (editoria Sociedade), Renan Rodrigues (editoria Rio), Sérgio Matsuura (editoria Sociedade) e Simone Candida (editoria Rio). Esses jornalistas atuam na cobertura de diferentes temas – geralmente ligados a cidade do Rio de Janeiro ou de impacto nacional – e, conseqüentemente, acabam cobrindo algumas temáticas científicas ligadas à saúde e tecnologia. Esses profissionais apuraram os fatos e levantam as informações que julgam relevantes para suas matérias e reportagens. Além disso, deve-se levar em consideração que eles desenvolvem um trabalho dinâmico, isto é, cobrem diversos assuntos durante o dia e possuem um *deadline* curto – pois, há necessidade de impressão do material para que possa ser entregue para os assinantes e para as bancas.

As discussões e conceitos apresentados permitem afirmar que a divulgação da ciência não está restrita aos periódicos especializados. Nota-se, que os jornais não especializados – como O Globo – também são capazes de criar espaços de aproximação e diálogo entre a ciência e a sociedade. Ao cobrirem os temas de ciência os jornalistas generalistas tornam-se parte do processo de divulgação científica. Neste sentido, o capítulo seguinte analisará o material coletado através das entrevistas semiestruturadas, com os jornalistas generalistas do O Globo, para compreender a visão de ciência desses jornalistas e, assim, perceber como suas visões os orientam durante a construção das notícias de ciência.

5. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Neste capítulo, discutem-se os resultados obtidos nas sete entrevistas semiestruturadas com jornalistas generalistas do jornal impresso O Globo. Para dar início às discussões são apresentadas algumas características observadas em cada uma das entrevistas, de modo a ressaltar elementos que permitam identificar a compreensão de ciência de jornalistas generalistas e observar como essa compreensão os orienta durante a produção das matérias científicas. Nesse momento, foi lançado um olhar sobre os tópicos que ficaram mais evidentes em cada conversa e foi oferecido um panorama dos aspectos que emergiram durante a fala dos jornalistas. Além disso, foi feita uma discussão – utilizando um protocolo de análise de conteúdo criado por Bauer, Ragnarsdóttir e Rúdólfssdóttir (1993) – sobre uma seleção de matérias de ciências assinadas pelos sete jornalistas participantes da pesquisa e veiculadas por diferentes editorias do Jornal O Globo.

5.1 ANÁLISE DAS SETE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Após algumas ponderações sobre as etapas que antecederam e contribuíram para a escolha dos jornalistas, e sobre o processo de marcação e realização das entrevistas, a seguir serão expostas as tendências gerais observadas dentro do grupo que compõe a amostra deste estudo. Para isso, estipulou-se categorias temáticas – com o auxílio do programa *QDA-Miner* – que foram identificadas ao longo da análise. As considerações foram ilustradas com trechos das entrevistas e, para facilitar a identificação das falas, colocou-se o nome dos jornalistas no início.

5.1.1 Temas que os jornalistas associam à ciência

Durante a realização das entrevistas foi possível notar que os jornalistas generalistas entrevistados possuem uma visão ampla e, às vezes, distinta de ciência. Como foi apresentado no capítulo dois deste estudo, esses profissionais – antes de serem jornalistas – são indivíduos com experiências, crenças e vivências distintas, e que fazem parte de uma sociedade. Dessa forma, eles são seres sociais que – embora compartilhem determinados valores – possuem uma forma única de interpretar o mundo (SOUZA, 2006). Assim, ao mencionarem suas coberturas jornalísticas nessa área e citarem as experiências

que tiveram, eles associaram a ciência a diferentes temáticas. Os entrevistados apresentaram certa dificuldade para elaborar uma definição de ciência, o que já era esperado visto que não é fácil conceitua-la. Notou-se uma tendência recorrente – em todas as entrevistas – de citar determinadas experiências para exemplificar as pautas que, para eles, podem ser associadas à ciência. Notou-se que em um primeiro momento, antes de leva-los a reflexões mais aprofundadas, as temáticas mais ligadas à ciência foram tecnologia, meio ambiente e saúde. Pode-se observar isso nos seguintes trechos:

André Miranda: (...) eu fiz uma entrevista – para a coluna “Conte algo que não sei” – sobre realidade aumentada. Nós falamos sobre como a tecnologia tem influenciado na vida das pessoas. Creio que minha primeira cobertura de ciência tenha sido essa (Entrevista ao autor).

Luisa Valle: Teve uma pauta sobre um estudo de espécie invasoras, no Rio de Janeiro, que foi bem interessante. Teve outra matéria bem legal que eu fiz – na época de uma daquelas explosões de dengue – sobre uma nova tipificação do vírus. Isso foi antes do um grande surto (Entrevista ao autor).

Nicollas Witzel: (...) tive que cobrir um congresso de cientistas, fora do país, que estavam fazendo uma pesquisa sobre a cura do câncer. Na época, eles estavam conseguindo alguns resultados impressionantes para a ciência – nada que de fato curasse o câncer – mas, naquele mundo era muito significativo (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: Eu tive que entrevistar um engenheiro chefe do Google. Foi bem marcante, para mim, falar sobre as novas ferramentas de buscas chamadas knowledge graph (Entrevista ao autor).

Observou-se que a saúde foi o tema mais citado, sendo mencionado – em algum momento da conversa – por todos os jornalistas entrevistados. Contudo, alguns entrevistados frisaram mais esse assunto do que outros. Observou-se que os jornalistas que menos citaram a saúde foram: Nicollas Witzel (com uma menção) e Simone Candida (com duas menções). Em contrapartida, os demais jornalistas apresentaram mais de cinco menções a essa área: Sérgio Matsuura apresentou dez menções; Luisa Valle, oito menções; Luiza Souto e Renan Rodrigues, sete menções cada; e André Miranda, seis menções.

Dessa forma, notou-se que a associação da saúde com a ciência foi recorrente. Além de citarem a saúde, de uma forma geral, em suas falas eles também mencionaram essa temática ao relatarem suas primeiras coberturas na área ou ao falarem sobre as coberturas que mais os marcaram. Identificou-se uma forte associação das duas áreas quando houve surtos e epidemias de doenças. Nesse aspecto, os jornalistas ressaltaram o fato das coberturas terem sido maiores, isto é, dedicou-se mais tempo e, conseqüentemente, mais espaço no jornal para elas, como ilustram os trechos a seguir:

Luiza Souto: *Creio que minha primeira cobertura de ciência foi feita no jornal O Globo, em 2015. Eu me lembro que nesse período houve muitas pautas sobre H1N1, teve uma primeira grande crise, e eu fiquei muito focada nisso* (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: *Creio que não irei lembrar a primeira experiência, mas a que mais me marcou foi a da febre amarela. Em 2017, quando surgiu o primeiro caso de morte em Casimiro de Abreu, O Globo me mandou para o local e eu fiquei cerca de quatro dias fazendo a cobertura* (Entrevista ao autor).

Simone Cândida: *Nós tivemos várias epidemias de dengue e a primeira que eu cobri foi na década de 90. Me lembro que tinham vários lugares e pessoas sendo afetados ao mesmo tempo, tinha uma rua na Ilha do Governador que todo mundo pegou dengue e nós tínhamos que ir até lá todos os dias para fazer matéria* (Entrevista ao autor).

Outra tendência observada, ainda que com menos frequência, foi a associação da ciência às descobertas científicas. Sobre esse tema, observou-se que três, dos sete jornalistas, citaram as descobertas da ciência indicando que esse é um importante tema a ser abordado e discutido no jornal. Essa referência foi percebida tanto entre jornalistas mais velhos e com mais tempos de carreira, quanto nos jornalistas mais novos e com menos tempo de atuação no O Globo, como mostram os exemplos abaixo:

André Miranda: *Nós trabalhamos algumas vezes com esse tema e também com descobertas científicas. Por exemplo, descobertas da NASA ou alguma exploração científica* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: *O Globo cobre mais a ciência do dia a dia do que a ciência do laboratório. A não ser quando tem alguma grande descoberta, que você não poderia deixar de falar sobre* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *(...) eles gostam muito de assuntos que, de certa forma, são considerados importantes. Por exemplo, uma descoberta de um novo medicamento ou qualquer assunto que tenha apelo entre os leitores* (Entrevista ao autor).

No que se refere à associação da ciência com a tecnologia, notou-se que quatro dos sete jornalistas entrevistados fizeram alguma menção positiva ao tema. O jornalista que mais falou sobre a tecnologia foi o Sérgio Matsuura – mencionando 14 vezes o assunto. Porém, destaca-se que esse jornalista deixou claro, durante sua fala, que faz uma separação entre as temáticas devido à antiga organização das editorias do jornal O Globo, isto é, ele não mistura as matérias de tecnologia com as matérias ciência. Mas, ao mesmo tempo, Sérgio afirma que considera que tecnologia e ciência são dependentes uma da outra e estão ligadas, pois sem a ciência a tecnologia fica estagnada e sem tecnologia a ciência não consegue manter um bom ritmo de produção. Sobre esse aspecto destaca-se:

Sérgio Matsuura: *Acho que tecnologia eu diferencio de ciência e saúde também. Mas, muito das descobertas científicas têm implicações nessas áreas e são, geralmente, as que mais interessam (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *Na verdade, é uma separação do jornal. Agora tudo se enquadra em “sociedade”, mas existe uma subeditoria de saúde, de ciência, de tecnologia e de meio ambiente. Não são subeditorias. Na verdade, são repórteres. Eu, em tese, sou repórter de tecnologia, mas cubro outras coisas e gosto muito de fazer ciência, por isso proponho muitas pautas de ciência também (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *Não vejo essas áreas como duas coisas afastadas, pelo contrário, elas são muito próximas (Entrevista ao autor).*

Os outros jornalistas que também indicaram a tecnologia como uma temática científica foram: André Miranda, com oito menções; Nícollas Witzel, com quatro menções; e Renan Rodrigues, com duas menções. Além de identificarem esse assunto como uma temática científica, esses jornalistas também explicitaram seu interesse pela área e indicaram os motivos pelos quais consideram que a tecnologia é uma parte da ciência importante para a sociedade:

André Miranda: *Me interessa acompanhar esse comportamento social que envolvem a tecnologia e o que todas essas ferramentas trazem para a vida das pessoas. Isso, de certa forma, também interfere no meu trabalho. Pois, me ajuda a entender como o meu leitor se comporta, como eu posso alcança-lo e gerar engajamento (Entrevista ao autor).*

Nícollas Witzel: *(...) o conhecimento científico está muito relacionado ao avanço da sociedade como um todo. Se não tivermos a medicina ou a tecnologia, as relações de trabalho ficam prejudicadas, nosso avanço como sociedade fica prejudicado (Entrevista ao autor).*

Renan Rodrigues: *Saúde e tecnologia são duas coisas que a gente logo associa a ciência (Entrevista ao autor).*

Também notou-se que outro assunto ligado a ciência foi meio ambiente. Sobre esse aspecto registrou-se que essa palavra foi mencionada 12 vezes, no total, por dois jornalistas: Luisa Valle, citando sete vezes o tema; e Sérgio Matsuura, citando cinco vezes o tema. Isso pode ser observado nos trechos:

Luisa Valle: *(...) meio ambiente e a saúde. São os temas de ciência que, geralmente, a editoria mais aborda (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *Eu acho esse tema aqui muito importante, o do plástico [matéria “O poder da enzima mutante”], pois aborda como a ciência pode salvar o mundo, já que o mundo está acabando e plástico contribui para isso. Aqui, foi destacado como a ciência está tentando um resolver esse problema. De uma*

forma geral, eu destacaria a relevância dos assuntos ligados à saúde e meio ambiente (Entrevista ao autor).

Contudo, outros jornalistas também fizeram indicações ao tema meio ambiente, mas de uma forma implícita, apenas citando exemplos de cobertura nessa área. Destaca-se, nesse ponto, que foram identificadas como menções a temática de meio ambiente as seguintes palavras: “tubarões”, “despoluição”, “praia”, “desastres ecológicos” e “ecologia”. Dessa forma, notou-se que os jornalistas Renan Rodrigues e Simone Candida também destacaram essa temática, como pode ser observado nas seguintes falas:

Renan Rodrigues: *Olhando as matérias que você trouxe, eu me recordei da questão que aconteceu na Praia da Macumba e, além disso, me lembro de uma matéria recente – que eu não sei se posso enquadrar como tema de ciência – que foram os casos de tubarões que começaram a reaparecer nas praias do Rio de Janeiro (Entrevista ao autor).*

Simone Candida: *Eu acredito que a ciência estaria relacionada à medicina, ecologia – coisas relacionadas a desastres ecológicos (Entrevista ao autor).*

Ressalta-se que também foi possível encontrar menções a áreas como: física; astronomia; arqueologia; política; geografia e biologia. Todas foram, de certo modo, associadas à ciência, como pode ser observado nos trechos:

André Miranda: *se forem questões ligadas à sociedade, biologia, geografia entre outras, eu gosto (Entrevista ao autor).*

André Miranda: *Talvez, ciência política seja uma parte da ciência que eu acho chata devido à forma como essas notícias são elaboradas e divulgadas (Entrevista ao autor).*

Luiza Souto: *O que deixavam alguns jornalistas desconfortáveis eram as pautas de ciência relacionadas, por exemplo, a pesquisas de planetas que estão diminuindo ou crescendo e descobertas de fósseis em lugares distantes (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *Somente as matérias de física. As outras temáticas são muito tranquilas de trabalhar. Os termos e conceitos básicos de física, eu não domino. Normalmente, essa temática está relacionada a coisas muito avançadas e isso dificulta o trabalho (Entrevista ao autor).*

Além disso, destaca-se que a associação da ciência com a pesquisa foi frequente. Todos os jornalistas da amostra deste estudo visualizaram uma ligação entre ambas e, alguns deles, articularam sobre a relação de dependência que se estabelece entre elas. Ficou claro que, para eles, a ciência é uma atividade que só é possível devido à realização de pesquisas, pois é delas que vêm as respostas procuradas pela ciência. Isso fica claro nas seguintes falas:

André Miranda: *Acho que não existe um assunto de ciência que eu não goste de cobrir. Todas as temáticas são interessantes. Eu considero ciência, muitas vezes, a pesquisa (Entrevista ao autor).*

Luisa Souto: *Eu acho que temos que dar mais destaque a assuntos de ciência que gerem algum impacto na vida das pessoas. Uma pesquisa que mostra que existe uma pílula capaz de curar o câncer – que faz as pessoas acreditarem nisso – mas que na verdade é um placebo, é o tipo de assunto que precisa ser amplamente divulgado e explicado (Entrevista ao autor).*

Simone Cândida: *Se há uma pesquisa que visa descobrir a cura do câncer e ela começa a ter problemas, porque não está tendo verba suficiente, esse fato tem que ser divulgado. Porque, além de afetar a ciência afeta, também, no dia a dia (Entrevista ao autor).*

5.1.2 Conceituando a ciência

Além de verificar os temas que os sete jornalistas mais associam à ciência, a entrevista também permitiu identificar o que esses jornalistas consideravam como ciência. Notou-se que ela é definida de forma diferente pelos jornalistas, porém há algumas aproximações que serão destacadas ao longo dessa sessão. De qualquer forma, também é preciso ressaltar as diferenças encontradas na forma como cada jornalista percebe a ciência, pois – por mais que eles exerçam a mesma profissão – deve-se levar em consideração que são indivíduos com experiências profissionais e sociais distintas, e que isso molda a forma como eles veem o mundo e suas questões.

Notou-se cinco formas distintas de conceituação. A primeira delas indica que a ciência é o próprio conhecimento científico, isto é, não haveria uma separação entre a prática científica e o conhecimento advindo dela. Dessa forma, a ciência se caracterizaria como um conhecimento racional – conduzido e aplicado por uma pessoa com treinamento apropriado – que permite explicar como e por que determinados fenômenos ocorrem. Para facilitar a identificação desse conceito, atentou-se para o uso dos seguintes termos: “estudo”, “pesquisa”, “funcionamento”, “análise” e “conhecimento”. Logo, foi possível identificar essa visão de ciência na fala de cinco jornalistas: André Miranda, Luisa Valle, Luiza Souto, Nícollas Witzel e Sérgio Matsuura. Isso fica claro nos seguintes trechos:

André Miranda: *Ciência, na minha opinião, está muito ligada ao conhecimento, a estudos dedicados a coisas específicas (...) Você realiza uma pesquisa, estuda e elabora, para entender como aquilo funciona e como pode ajudar a melhorar a vida das pessoas (...). Acho que a ciência além de está relacionada ao conhecimento também está ligada a como aquilo pode ser*

aplicado (Entrevista ao autor).

Luisa Valle: *Associo a ciência muito às pesquisas e as pessoas que vão se especializar para desenvolver estudos científicos (...). Você precisa do conhecimento científico para que as pessoas compreendam a importância das coisas (...). Se não existir pessoas nas academias para refletirem sobre os problemas que afetam o mundo, nunca será possível promover uma discussão – na sociedade – sobre esses assuntos.* (Entrevista ao autor).

Luiza Souto: *considero que isso seja ciência devido à pesquisa, e a questão dos direitos humanos* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: *Eu diria que é o estudo das coisas. Uma análise clínica daquilo que estamos acostumados a ver, mas que não temos uma explicação técnica. Eu acho que esse é um papel importante da ciência, que afeta outras áreas. Porque, muita coisa precisa de explicação no mundo e você não tem como explicar tudo de um jeito opinativo – seria injusto e impreciso. Nós precisamos da ciência para ter uma base de como explicar as coisas sem entrar muito no nosso imaginário, perdendo a noção da realidade* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *(...) o conhecimento científico fez tudo isso aqui. A gente está aqui nesse prédio, com ar condicionado, câmara de segurança, luz, tudo foi feito com base no conhecimento científico. Sem ciência não há mundo* (Entrevista ao autor).

Contudo, nota-se que os jornalistas não restringiram sua visão de ciência a, apenas, uma definição. Dessa forma, foi necessário criar outras categorias que abrangessem todos os conceitos propostos pelos entrevistados. Assim, foi possível identificar que a além de ser associada ao conhecimento, a ciência também é vista como algo aplicável e replicável, isto é, associada ao compartilhamento do saber e das técnicas. Para facilitar a identificação desse conceito, atentou-se para o uso dos seguintes termos: “aplicar”, “replicar”, e “reproduzir”. A partir disso foi possível destacar:

André Miranda: *Seria o processo de estudo, pesquisa e análise de algo que posteriormente é aplicado na vida das pessoas* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *Seria mais ou menos por aí, um conhecimento verificável e lógico (...). Um conhecimento que se diferencia das crenças, digamos. A ideia de replicabilidade e o fato de ser o mesmo para mim e para você, em qualquer lugar do mundo* (Entrevista ao autor).

Além disso, observou-se que três jornalistas indicam que a ciência exerce uma grande influência na vida cotidiana e, por isso, ela seria um instrumento utilizado para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, como pode ser observado nos trechos:

André Miranda: *Você realiza uma pesquisa, estuda e elabora, para entender como aquilo funciona e como pode ajudar a melhorar a vida das pessoas* (Entrevista ao autor).

Luisa Valle: *Você precisa de pessoas pensando sobre isso para poder melhorar a vida em sociedade. Tudo depende de pesquisa e da ciência (Entrevista ao autor).*

Renan Rodrigues: *Definindo de uma forma básica, seria o instrumento pelo qual tentamos buscar respostas para os grandes problemas e importantes demandas da sociedade, por exemplo. Mas, há várias vertentes nisso, como a ciência aplicada na saúde. Nessa questão fica fácil enxergar o resultado final, pois está ligado a qualidade de vida, a encontrar saídas para doenças ou, pelo menos, mecanismos para controlá-las (Entrevista ao autor).*

Outra definição – proposta pelos jornalistas Luisa Valle e Renan Rodrigues – ressalta que a ciência pode ser entendida como uma referência utilizada para ajudar a sociedade a compreender determinadas questões e acontecimentos. Além disso – de acordo com a fala da jornalista Simone Candida – pode-se acrescentar, ainda, que a ciência dá as bases necessárias para que as pessoas se previnam de determinadas doenças e hábitos que possam prejudicar suas vidas. Para facilitar a identificação desse conceito, atentou-se para o uso dos seguintes termos: “entender”, “saber” e “compreender”. Logo, foi possível destacar as seguintes afirmativas:

Luisa Valle: *Ciência é tudo. Ela ajuda você a entender o meio ambiente e o mundo a sua volta (...). É isso, o estudo de tudo, das coisas (Entrevista ao autor).*

Renan Rodrigues: *(...) é uma forma interessante de entender as discussões que envolvem determinados temas (Entrevista ao autor).*

Simone Candida: *Geralmente, esse é o assunto que os leitores mais querem saber para poder entender como certas doenças podem afetá-los e como eles podem se prevenir (Entrevista ao autor).*

Por fim, foi possível identificar um conceito mais amplo que indicava que a ciência é a junção de várias áreas do conhecimento. Para facilitar a identificação desse conceito, atentou-se para o uso das seguintes sentenças: “ciência é tudo”; “ciência estaria relacionada à”; e “conjunto de conhecimentos”. Dessa forma, foi possível identificar as seguintes afirmativas:

Luisa Valle: *Ciência é tudo (Entrevista ao autor).*

Simone Candida: *Eu acredito que a ciência estaria relacionada à medicina, ecologia – coisas relacionadas a desastres ecológicos – alguma doença que esteja surgindo, vírus que esteja se espalhando, epidemias (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *O conjunto de conhecimento que nós, enquanto humanidade, vamos acumulando ao longo da nossa história (Entrevista ao autor).*

5.1.3 Interesse em ciência

Outro ponto explorado durante as sete entrevistas semiestruturadas foi o interesse dos jornalistas em ciência e os motivos que desencadeavam, ou não, esse interesse. Foi possível identificar que todos os participantes declararam certo interesse por ciência, em algum nível, ressaltando determinados temas ligados à área. Vários adjetivos positivos, como “importante”, “relevante”, “útil” e “legal”, foram associados à ciência, tanto entre participantes com mais tempo de carreira quanto os com menos tempo de atuação. Em um primeiro momento identificou-se que dois dos três jornalistas, com faixa etária de 20 a 30 anos, demonstraram que a ciência lhes desperta interesse, pois os assuntos ligados a ela geralmente trazem alguma novidade ou lhes permitem aprender sobre novos assuntos. A seguir, foram destacadas as falas dos jornalistas que apresentaram essa visão.

André Miranda: *As minhas matérias favoritas na escola eram biologia, geografia e química. Porque, elas sempre me apresentavam coisas novas. Lembro que quando eu estava na sétima série li uma notícia sobre fibromialgia. Na época, achei aquela leitura tão importante que acabei levando o texto para a professora. Através daquela informação nós iniciamos uma discussão sobre o funcionamento dos órgãos do corpo humano* (Entrevista ao leitor).

Renan Rodrigues: *Quando eu terminei a cobertura eu tive a sensação de ter absorvido muitas informações, de fato eu consegui aprender algo que tinha relação com o tema* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *Eu estou sempre aprendendo, nunca sei o suficiente para ter uma conversa de igual para igual com um cientista. Eles sempre me apresentam informações novas e eu sempre estou disposto a aprender* (Entrevista ao autor).

Assim como aconteceu na sessão anterior – com a conceituação do que é ciência – alguns jornalistas também apresentaram, durante suas falas, mais de um motivo para se interessarem por assuntos científicos. Logo, outro ponto ressaltado foi que a ciência gera curiosidade e ajuda a entender questões que eles consideram importantes. O perfil dos cinco jornalistas que apresentaram essa visão é amplo. Observou-se que eles possuíam faixa etária de 20 a 50 anos, mas a maioria – três deles – tinha no mínimo três anos de atuação no O Globo. Os exemplos são mostrados a seguir.

André Miranda: *De fato, eu sempre tive essa curiosidade de saber como as coisas funcionam e a ciência, de certa forma, me proporciona esse conhecimento* (Entrevista ao leitor).

Luisa Valle: *(...) acho legal e importante entender as questões que estão presentes no nosso dia a dia (...). Eu acabo me interessando pelos temas de ciência, porque a ciência está presente em tudo. Acho que ela permite que você pense a respeito da sua realidade* (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: *é uma forma interessante de entender as discussões que envolvem determinados temas, como a febre amarela* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *A arqueologia é tentar buscar uma explicação no passado que não existe mais, coletar dados de outra forma senão pelos artefatos. É um olhar para o passado. Uma coisa que eu acho legal é que toda vez que se olha para o céu você vê o passado. Aquilo que a gente está vendo aconteceu há milhões de anos* (Entrevista ao autor).

Simone Cândida: *(...) eu costumo acompanhar quando vejo assuntos que me interessam, como epidemias. Porque, eu gosto de me informar e saber o que está acontecendo* (Entrevista ao autor).

Também evidenciou-se que o interesse em ciência estaria ligado a relevância que desse tema possui para os leitores, isto é, os jornalistas acompanham os noticiários científicos e se interessarem por eles, pois estão ligados a assuntos que os leitores querem saber ou porque são informações importantes para melhorar a vida de outras pessoas. Os entrevistados que apresentaram essa justificativa tinham faixa etária de 20 a 40 anos e a maioria – dois deles – era do sexo masculino, como pode ser observado nos destaques:

André Miranda: *Sempre tento ligar os assuntos de ciência com a minha realidade, a realidade da sociedade em que eu estou inserido* (Entrevista ao autor).

Luiza Souto: *Por isso eu tendo acompanhar essas pesquisas, divulga-las e ouvir pessoas que estejam passando por isso* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: *Para qualquer pessoa que se considere jornalista é importante estar atento às questões que são relevantes para os outros. Você não faz jornalismo para você. Por exemplo, eu gosto muito de determinadas pautas, mas eu não posso fazer só as pautas que me interessam* (Entrevista ao autor).

Dois jornalistas também destacaram a ciência como algo útil na vida das pessoas e, além disso, outros dois indicaram que seu interesse pela área estaria ligado às questões de saúde e prevenção. Observou-se que os entrevistados que compartilharam essa informação são os mais novos da amostra, a maioria – três deles – possui faixa etária de 20 a 30 anos. Sobre esse aspecto destacam-se as seguintes falas:

André Miranda: *Em algum momento – em alguma conversa – eu vou compartilhar aquela informação com os meus amigos ou familiares, porque aquilo pode ser útil para eles* (Entrevista ao autor).

Luiza Souto: *Pesquisas relacionadas a temas como dengue, febre amarela, AIDS, câncer, outras doenças que estão surgindo, remédios, isso sempre vai me interessar. Porque, eu posso me tornar vítima de qualquer uma dessas doenças* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: *Mas, na minha vida, a ciência é importante por uma questão de utilidade* (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: *Compreender se há ou não epidemia, entender quem deve se vacinar, me informar sobre os estudos ligados a essa temática* (Entrevista ao autor).

Além disso, foi possível identificar que uma jornalista possuía um interesse menor por ciência quando comparado às outras áreas. A jornalista Simone Candida declarou que possuía interesse em ciência, mas que tinha maior afinidade com outros temas. Destaca-se que essa é a jornalista da amostra com maior tempo de atuação no jornal impresso – ela iniciou sua trajetória em 1992, como repórter do Jornal do Brasil. Em sua fala ela ressalta que:

Simone Candida: *(...) eu gosto de história, sou muito mais de humanas! Não significa que eu não tenha interesse em ciência, mas eu tenho outras prioridades. Prefiro lidar com memória, história, patrimônio e dia a dia da cidade* (Entrevista ao autor).

Nota-se que a jornalista apresenta uma visão conservadora, pois encara os assuntos ligados, a memória, história, patrimônio e cotidiano da cidade, como temas apartados da ciência. Na fala destacada acima pode-se perceber que a entrevistada considera que esses assuntos não podem ser associados ou derivados de ações científicas, isto é, ela trata as questões ligadas as humanidades como algo afastado da ciência.

É possível notar nesse tópico que os jornalistas entrevistados apresentam – em sua maioria – uma visão positiva da ciência, o que reforça a ideia proposta por Bauer, Durant e Evans (1994), de que ter atitudes positivas sobre a ciência depende da condição de desenvolvimento socioeconômico em que cada país se encontra. Nota-se que nos países em desenvolvimento, como o Brasil, os cidadãos possuem visões mais otimistas e idealizadas do progresso tecnológico e do papel libertador da ciência. Isso fica explícito quando os jornalistas ressaltam que a ciência lhes permite aprender coisas novas, entender questões e melhorar a vida das pessoas. Pode-se observar, com isso, uma visão de resalta o caráter transformador e educacional da ciência.

5.1.4 Fontes utilizadas

Sabe-se que o jornalista da atualidade é responsável por produzir a própria pauta, apurar a notícia, escolher e entrevistar todas as fontes que irão falar sobre o tema abordado nas matérias, agregando mais informações sobre o assunto discutido (ABREU, 2002). Nessa sessão destacam-se as fontes que os jornalistas relataram utilizar para compreender

ou produzir as matérias de ciência. De um modo geral, observou-se que os jornalistas procuram: os especialistas no assunto que estão cobrindo; pesquisadores, professores e cientistas ligados a universidades; centros de pesquisa; e, ainda, pedem auxílio a um colega jornalista para entender determinados temas. Para facilitar a identificação dessa categoria, atentou-se para o uso dos seguintes termos: “universidade(s)”, “pesquisador(es)”, “professor(es)”, “especialista(s)”, “cientista(s)”, “especializado(s)” e “colegas”.

O primeiro ponto observado é que a ciência é vista – pelos jornalistas na amostra – como uma atividade realizada em conjunto, isto é, eles não veem a ciência como uma atividade realizada de forma solitária e isolada. Essa interpretação foi possível, pois verificou-se a recorrência de termos no plural para referir-se aos: pesquisadores (citado 22 vezes); cientistas (citado 13 vezes); e professores (citado três vezes). Contudo, as palavras no singular também apareceram, mas foram pouco frequentes. O termo “pesquisador” foi citado 16 vezes pelos jornalistas, já o termo “professor” não apareceu em nenhuma fala. A maior recorrência, no singular, foi do termo “cientista” que apareceu 12 vezes. Contudo, somando as referências a esses termos, percebe-se que as menções no plural foram realizadas 38 vezes e as menções no singular 28 vezes. Sobre essa questão foram destacadas as seguintes afirmativas:

André Miranda: *Quando me deparo com essas questões tento olhar, também, algum trabalho – que aquele pesquisador ou cientista tenho feito – que possa me explicar o assunto (Entrevista ao autor).*

Luisa Valle: *(...) normalmente os professores e pesquisadores estão dispostos a explicar as pesquisas deles (Entrevista ao autor).*

Nícollas Witzel: *Você precisa usar, nas matérias, pessoas que podem se sustentar sozinhas. Se determinado cientista afirma alguma coisa, não sou quem está dizendo, não tenho condições de dizer aquilo com segurança. Nesse caso, meu trabalho é escolher bem a pessoa que vai falar (Entrevista ao autor).*

Outro ponto observado foi à menção a especialistas. Mais uma vez o uso desse termo no plural foi maior do que no singular. Notou-se que a palavra “especialistas” foi utilizada nove vezes, por cinco jornalistas: André Miranda (mencionando o termo duas vezes); Luiza Souto (mencionando o termo uma vez); Nícollas Witzel (mencionando o termo duas vezes); Renan Rodrigues (mencionando o termo três vezes); e Sérgio Matsuura (mencionando o termo uma vez). A menção a palavra no singular “especialista” – para referir-se as fontes de ciência utilizadas nas matérias – foi feita oito vezes, por apenas três jornalistas: Nícollas Witzel (mencionando o termo uma vez); Renan Rodrigues (mencionando o termo cinco vezes); e Sérgio Matsuura (mencionando o termo uma vez).

Pode-se observar a utilização dessas palavras nas seguintes sentenças:

André Miranda: (...) *eu tenho uma preocupação maior em conversar com os especialistas e destrinchar todas as informações relacionadas à pesquisa* (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: *O repórter, algumas vezes, opta por manter certos termos específicos para se manter fiel a fala do especialista* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *Gosto de conversar com os especialistas, porque eu sempre estou aprendendo coisas novas* (Entrevista ao autor).

Além disso, os centros de pesquisa foram indicados nove vezes, como fontes de informação, por três entrevistados: Luisa Valle (com três menções); Sérgio Matsuura (com três menções); e Simone Candida (com três menções). Notou-se que esses jornalistas destacaram os seguintes centros de pesquisa nacionais: universidades públicas (indicada uma vez como fonte de informação sobre assuntos de ciência); universidades de um modo geral (indicadas oito vezes como fonte de informação sobre assuntos de ciência); e Fiocruz (indicada sete vezes como fonte de informação sobre assuntos de ciência). Além disso, também observou-se indicações a centros de pesquisas internacionais como: Harvard, *Science Media Center* e *Science Imax* – todos mencionados apenas uma vez. Sobre essa questão destaca-se:

Luisa Valle: *Eu vou diretamente na universidade e peço indicações, explico o que estou precisando e eles me dão os contatos* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *Tem alguns sites de diversidade que gostamos de seguir, um deles é o MIT, da Harvard. Nesse entram algumas pesquisas que eles fazem na universidade, antes de sair nas agências* (Entrevista ao autor).

Simone Candida: *Eu procuro sempre usar as fontes acadêmicas, como universidades públicas – que são as que fazem pesquisa – e centros de pesquisa* (Entrevista ao autor).

Por outro lado, alguns entrevistados afirmaram que buscam auxílio – para compreender temáticas científicas – com os próprios colegas de trabalho, isto é, outros jornalistas. Nesse ponto, os entrevistados não especificaram se essas pessoas, a quem recorrem, são especialistas na cobertura de temas de ciência. Eles indicaram, apenas, que esses jornalistas possuem algum conhecimento sobre a área, como pode-se notar nos trechos:

André Miranda: *Vejo outros textos sobre o assunto, pergunto aos meus colegas de trabalho que podem ter algum conhecimento sobre o assunto ou procuro especialistas* (Entrevista ao autor).

Simone Candida: *Também costumo pedir indicações de leitura e fontes de pesquisa, para os colegas que estão acostumados a cobrir temas da área de ciência (Entrevista ao autor).*

Com isso, nota-se que – de uma forma geral – a comunicação da ciência realizada pelos jornalistas entrevistados passa a seguir, principalmente, o modelo de *déficit*, em que o processo é realizado de uma forma unidirecional. Nessa lógica os cientistas estariam no controle do fluxo informacional, isto é, eles seriam utilizados nas matérias para suprir os vazios de conhecimento dos jornalistas e dos leitores que não possuem conhecimento na área (MILLER, 2001).

5.1.5 Temas que os jornalistas menos gostam de cobrir

Nessa sessão destacam-se os temas de ciência que os sete jornalistas generalistas indicaram como assuntos que eles menos gostam de cobrir. No total foram identificadas nove temáticas distintas. Destaca-se que essa categoria foi criada embasada na sétima pergunta, do segundo eixo, do roteiro semiestruturado de entrevista: “Quais assuntos, de ciência, você menos gosta de cobrir? Por quê?”. Além disso, buscaram-se outras indicações – nas falas dos jornalistas – que deixassem explícitos desconfortos ou receios relacionados à escrita de determinados temas de ciência. A seguir apresentam-se as temáticas juntamente com as justificativas dadas pelos entrevistados.

Dois jornalistas – André Miranda e Luiza Souto – iniciaram suas respostas afirmando que não existem temas de ciência que eles não gostam de cobrir, pois – de um modo geral – eles são responsáveis por criar as próprias pautas e isso colabora para que eles escrevam sobre assuntos que gostam ou que tenham interesse. Mas, conforme foram desenvolvendo suas respostas apresentaram pelo menos um tema ou situação que os deixam desconfortáveis na hora da cobertura. O primeiro tema – indicado pelo jornalista André Miranda – foi ciência política. Apenas um jornalista fez uma referência negativa ao tema destacando:

André Miranda: *Talvez, ciência política seja uma parte da ciência que eu acho chata devido à forma como essas notícias são elaboradas e divulgadas (Entrevista ao autor).*

Outros dois assuntos apontados como temáticas que os jornalistas menos gostam de cobrir foram: astronomia e arqueologia. Entende-se que esses temas foram indicados nessa

categoria, pois – na opinião da jornalista que os mencionou – não são tão relevantes quando comparados a outros temas de ciência. Também foi dito que, algumas vezes, esses temas ganham espaço no impresso deixando outras matérias de ciência fora do jornal. Por mais que essa ocorrência incomode certos jornalistas, pode indicar uma tendência e preferência dos editores de veicularem assuntos ligados a curiosidades e descobertas científicas. Nesse ponto, pode-se mencionar a ideia proposta por Traquina (2001) em que o autor identifica processos de interações e negociações constantes – no jornalismo – entre os agentes sociais, que estão sempre abertas a diferentes interpretações e visões. Isso significa que repórteres e editores não terão, necessariamente, a mesma opinião sobre os assuntos que devem ou não ser inseridos no jornal, como fica claro no trecho:

Luiza Souto: (...) *as pautas de ciência relacionadas, por exemplo, a pesquisas de planetas que estão diminuindo ou crescendo e descobertas de fósseis em lugares distantes. Acredito que essas matérias não mudam nada na vida das pessoas. Essa é uma parte da ciência que eu não consigo enxergar como importante. E acontecia de, às vezes, eu estar com uma pauta pronta de ciência – que envolvia pesquisa na área da saúde – e acabar perdendo o espaço no jornal para esse tipo de matéria* (Entrevista ao autor).

Também teve a menção as ciências econômicas. Sobre esse tema foi indicado que haveria uma falta de afinidade e certa dificuldade, por parte da jornalista, de compreender determinados conceitos ligados a área, como pode-se inferir pelo trecho:

Luisa Valle: *Ciência econômica. Porque, tenho um bloqueio sério com a parte matemática e acho que essa temática exige certo conhecimento matemático. Na minha opinião, é algo extremamente chato de fazer* (Entrevista ao autor).

Além das temáticas já mencionadas, alguns entrevistados destacaram que não gostam de cobrir temas em que as fontes – os especialistas – não têm contato ou hábito de receber jornalistas não especializados. Destacou-se, também, que os jornalistas não se sentiam a vontade para escrever sobre assuntos atrelados a conceitos muito técnicos ou, ainda, a discussões novas – que eles nunca tiveram contato. Pode-se observar a menção a esses temas nos trechos:

Nícollas Witzel: *Talvez os que sejam muito técnicos, que se distanciam um pouco da realidade. Aqueles que caem no limbo da ciência e que você só consegue compreender se for um cientista* (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: *Aquelas matérias em que preciso falar com especialistas que não tem muito contato com jornalistas, são sempre um problema* (Entrevista ao autor).

Simone Cândida: *Geralmente quando eu pego um tema que nunca ouvi falar, fico desconfortável, pois não sou especialista em ciência. Se eu tiver um tempo para pesquisar antes de sair para cobrir, ótimo! Mas, às vezes a gente pega uma pauta e tem que sair para cobri-la naquele instante, por exemplo, uma coletiva sobre um determinado vírus que está atacando um hospital. Isso é ruim, porque falta uma informação anterior (Entrevista ao autor).*

Os dois últimos temas identificados, nesta análise, como assuntos de ciência que os jornalistas não gostam de cobrir foram: física e tecnologia. Além disso, um dos jornalistas também indicou a saúde como um dos temas de ciência que ele menos tem afinidade. Observou-se que a menção a esses temas, nessa categoria, estaria apoiada no fato dos jornalistas apresentarem dificuldade de entender e dominar os conceitos que dão as bases necessárias para compreendê-los. Sobre essa questão destaca-se:

André Miranda: *Se eu recebo uma pauta de saúde, por exemplo, fico preocupado. Porque, é um tema que eu não tenho afinidade e não posso demorar para escrever esse texto, pois tenho outras pautas para cobrir (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *Física, porque eu não sei nada sobre o assunto e, toda vez que preciso cobrir esse tema, tenho muito trabalho. Preciso realizar muitas consultas para ver os conceitos básicos. Eu não entendo de física e acho muito difícil escrever sobre isso (Entrevista ao autor).*

Luisa Valle: *Economia e tecnologia (...). Tecnologia sempre foi junto com economia no jornal. O problema não são os assuntos, mas certas coberturas. De uma forma geral, é um tema interessante, também está ligado ao dia a dia das pessoas. Mas, eu não gosto de acompanhar – por exemplo – os CEO e os lançamentos da Apple. Na minha opinião, isso é entediante (Entrevista ao autor).*

Notou-se que parte dos temas mencionados – mais especificamente três deles – são associados ao fato de estarem muito distantes da realidade dos jornalistas. Além disso, outros dois temas – astronomia e arqueologia – são tidos como assuntos pouco relevantes e, por isso, há certo afastamento dos jornalistas em relação a eles. Já as ciências políticas e econômicas são associadas a adjetivos negativos como: “chato”, “bloqueio” e “entediante”. De uma forma geral, também foram utilizadas expressões como: “não mudam nada na vida”, “não consigo enxergar como importante” e “muito trabalho”. Com isso infere-se que os jornalistas generalistas estão mais propensos a se afastarem de temas que tem pouco contato ou que não conseguem compreender muito bem, pois isso dificulta o processo de cobertura e exige mais tempo e dedicação deles. Contudo, deve-se levar em consideração que esses profissionais possuem uma intensa rotina de trabalho e, nem sempre, há tempo suficiente para se dedicarem a certos temas. Logo, isso pode os afastar e fazer com que eles tenham uma visão negativa em relação a essas temáticas.

5.1.6 Temas que os jornalistas mais gostam de cobrir

Discutem-se, aqui, os temas de ciência que os jornalistas generalistas da amostra, deste estudo, indicaram como assuntos de ciência que eles mais gostam de cobrir. No total foram identificadas sete temáticas distintas. Destaca-se que essa categoria foi criada embasada na sexta pergunta, do segundo eixo, do roteiro semiestruturado de entrevista: “Quais assuntos, de ciência, você mais gosta de cobrir? Por quê?”. Além disso, buscaram-se outras indicações – nas falas dos jornalistas – que deixassem explícitas as preferências à escrita de determinados temas de ciência. A seguir apresentam-se as temáticas de ciência apontadas como as preferidas pelos jornalistas, juntamente com as justificativas dadas pelos entrevistados.

Notou-se, aqui, a repetição de alguns temas que foram indicados na sessão anterior. Com isso, ficou claro que os jornalistas apresentam gostos distintos, reforçando a ideia de que cada indivíduo deve ser visto como um ser único, com seus próprios gostos e formas, distintas, de ver e interpretar o mundo a sua volta. Porém, foi possível notar uma menção recorrente à saúde. Percebeu-se que a maioria dos jornalistas possui familiaridade e interesse por essa temática, pois essa foi citada por cinco, dos sete entrevistados: Luisa Valle, Luisa Souto, Nicolás Witzel, Renan Rodrigues e Simone Candida. Acredita-se que a menção recorrente do tema, nessa categoria, liga-se ao fato dos temas de saúde estarem presentes no cotidiano de todos os cidadãos, gerando certa aproximação e tornando o assunto relevante para os indivíduos. Isso fica claro nos trechos:

Nicolás Witzel: *Eu gosto muito da área médica (...). São coisas imensas e muito relacionadas à vida das pessoas, não só a vida cotidiana, mas a própria vida em si (Entrevista ao autor).*

Simone Candida: *Eu gosto de falar sobre essas doenças tropicais, acho interessante. Todos tem que saber que algumas delas então voltando – às vezes parece que estamos regredindo – nos afetando e que isso pode piorar (...). Além disso, é um assunto que eu gosto, porque são de utilidade pública e estão ligados ao dia a dia (Entrevista ao autor).*

Além da saúde, outros cinco temas foram mencionados pelos jornalistas: tecnologia, meio ambiente, ciências políticas, astronomia e arqueologia. Sobre essas temáticas destacaram-se o fato de algumas delas provocarem mudanças positivas na vida das pessoas e interferir, de alguma forma, no trabalho dos jornalistas. Além disso, menciona-se também que algumas temáticas possibilitam que as pessoas adquiram

explicações para determinados fenômenos que aconteceram no passado. Nesse ponto, notou-se que os temas eram associados às seguintes palavras: “fascinante”, “interessantes”, “aprender”, “explicação”, “atenção”, “interfere” e “ajuda”. A exemplo, destacam-se as falas:

André Miranda: *Eu acho fascinante como a tecnologia pode mudar a nossa vida sem que a gente perceba (...). Isso, de certa forma, também interfere no meu trabalho. Pois, me ajuda a entender como o meu leitor se comporta, como eu posso alcançá-lo e gerar engajamento (Entrevista ao autor).*

André Miranda: *(...) se forem questões ligadas à sociedade, biologia, geografia entre outras, eu gosto (Entrevista ao autor).*

Luisa Valle: *Saúde e meio ambiente, na minha opinião, são os mais interessantes. Também gosto muito de assuntos ligados aos cientistas políticos e análises políticas. Esses são temas que te permitem analisar o mundo em que vive. Isso pode te apontar novos caminhos e te fazer enxergar as coisas por um novo ângulo (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *Astronomia e arqueologia (...). A arqueologia é tentar buscar uma explicação no passado que não existe mais, coletar dados de outra forma senão pelos artefatos. É um olhar para o passado. Uma coisa que eu acho legal é que toda vez que se olha para o céu você vê o passado. Aquilo que a gente está vendo aconteceu há milhões de anos. Isso sempre me chamou muito a atenção (Entrevista ao autor).*

De uma forma mais ampla e menos recorrente também indicou-se “pesquisa” como um dos temas científicos que os jornalistas mais gostam. Sobre esse aspecto notou-se que os entrevistados, quando mencionavam as temáticas de ciência que mais gostavam, citavam exemplos de estudos nas áreas e ressaltavam o termo “pesquisa”. Dessa forma, incluiu-se esse assunto como uma das temáticas e destacou-se os seguintes trechos:

André Miranda: *Ter a oportunidade de trabalhar esses assuntos é gostoso e relaxante. Vê um estudo ou pesquisa interessante, descobrir que as pessoas estão estudando sobre aquilo, buscando aquele conhecimento, me motiva como jornalista (Entrevista ao autor).*

Luisa Souto: *Na verdade eu sempre busquei isso, ligar as pesquisas às histórias de pessoas que estavam, realmente, sofrendo ou sendo vítimas de algo relacionado a isso (Entrevista ao autor).*

Simone Cândida: *Gosto muito de ler notícias sobre cura de doenças, pesquisas ligadas ao Alzheimer e ao câncer. Me interessam, porque são temas que podem me afetar. Qualquer um pode ter câncer, pode ter Alzheimer ou alguém da família pode sofrer com isso (Entrevista ao autor).*

5.1.7 Diferenças do jornalismo especializado para o não especializado

As entrevistas também permitiram identificar as opiniões dos jornalistas generalistas sobre as principais características e diferenças do jornalismo especializado e

do jornalismo não especializado. Ressalta-se que essa categoria foi criada embasada na primeira pergunta, do terceiro eixo, do roteiro semiestruturado de entrevista: “Na sua opinião, quais são as principais características, diferenças e objetivos do jornalismo especializado e do jornalismo não especializado?”. A partir desse questionamento foi possível identificar oito diferenciações e características, estipuladas por jornalistas não especializados do jornal O Globo.

Observou-se que duas diferenciações foram citadas com mais frequência. A primeira delas é a questão da linguagem utilizada para elaborar as matérias de ciência. Essa questão foi citada seis vezes, por cinco jornalistas: André Miranda, Nícollas Witzel, Renan Rodrigues, Sérgio Matsuura e Simone Candida. Observou-se que três – dos cinco entrevistados que identificam essa questão – possuem faixa etária de 20 a 30 anos e atuam há menos tempo no jornalismo impresso – o mais experiente na área é o jornalista André Miranda, com três anos de atuação no impresso. Os outros dois jornalistas também possuem a mesma faixa etária de 40 a 50 anos e possuem, juntos, cerca de 27 anos de atuação no impresso O Globo. De acordo com eles, as matérias do jornalismo especializado são mais especializadas, isto é, elas contêm mais termos técnicos e abordam assuntos que não fazem parte do cotidiano. Por outro lado, as matérias produzidas pelo jornalismo não especializado são mais factuais e fáceis de serem compreendidas pelos leitores. Pode-se observar isso nas afirmativas:

André Miranda: *Além disso, ele [jornalista não especializado] busca mais ferramentas e elementos para enriquecer suas matérias, para fazer que elas tenham destaque e relevância no jornal. Também há a questão dos termos. Creio que o jornalismo especializado usa mais os termos específicos da ciência durante a escrita do texto (Entrevista ao autor).*

Nícollas Witzel: *Mas, o fato desse jornalista [não especializado] não está totalmente no controle daquele assunto, pode leva-lo a deixar o texto mais fácil para ele e para o leitor (Entrevista ao autor).*

Renan Rodrigues: *Acho que a principal diferença está na linguagem. Quando se trata de jornalismo especializado, que fala para um público que já tem certa proximidade com o tema, você pode falar de descobertas que – não necessariamente – afetam a vida de toda população (...) na cobertura especializada você pode utilizar termos mais técnicos e uma linguagem que é mais próxima da científica – isso dentro das limitações jornalísticas (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *Existem alguns sites científicos que, às vezes, aparecem conceitos que nem eu entendo, pois não há uma explicação (Entrevista ao autor).*

Simone Candida: *Acho que o jornalista especializado tem a vantagem de conhecer todos os termos, eles já estão acostumados com as palavras, sabem seus significados (...). Dessa forma, ele vai ter facilidade, mas muitas vezes ele pode – sem querer – repetir certos jargões e dificultar o entendimento do leitor*

comum (Entrevista ao autor).

A segunda diferenciação mais mencionada pelos jornalistas está ligada ao público. Essa questão foi citada cinco vezes pelos jornalistas: André Miranda, Luisa Valle, Luiza Souto, Renan Rodrigues, Sérgio Matsuura e Simone Candida. Observou-se que tanto os jornalistas com mais tempo de atuação no impresso quanto os jornalistas com menos tempo de carreira, identificaram que o público do jornalismo especializado é diferente do público do jornalismo não especializado. Os entrevistados enfatizaram que o jornalismo especializado na cobertura de ciência elabora matérias para pessoas que já possuem certo conhecimento no assunto. Em contrapartida, o não especializado produz textos para pessoas que – muitas vezes – nunca tiveram contato com as informações científicas abordadas. Sobre essa questão destacam-se as seguintes afirmativas:

André Miranda: *Acho que a principal diferença é o público. Num jornal, nós costumamos a dar destaque para assuntos que o público se interesse em ler (...). Creio que o jornalismo especializado produz matérias para um público que possui certa familiaridade com os assuntos de ciência. O jornalista não especializado, na maioria das vezes, escreve para pessoas que – embora tenham interesse em temas de ciência – não possuem um entendimento aprofundado no assunto* (Entrevista ao autor).

Luisa Valle: *Acho que o jornalismo especializado foca no público especializado. Seus leitores são cientistas e pessoas que estão voltadas para aquela área. O jornalismo não especializado escreve para o resto do mundo* (Entrevista ao autor).

Luiza Souto: *Eu acho que a pessoa especializada, talvez por ter conhecimento sobre o assunto, às vezes esquece que o resto das pessoas não são – pelo menos a maioria (...). Eu acho que o jornalismo especializado algumas vezes segue essa lógica, porque quando a pessoa está muito acostumada ela simplesmente esquece que as outras pessoas não estão (...). Aqueles que não são especializados, como eu que não entendo da área, dão mais atenção a isso* (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: (...) [o jornalismo especializado] *fala para um público que já tem certa proximidade com o tema (...). Quando você aborda esse tema no jornal O Globo, ou em qualquer outro jornal não especializado, sabe que está falando para um público leigo.* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *A gente tem que partir dessa premissa, de que em uma revista científica o leitor, em tese, tem um conhecimento naquela área e aqui ele é leigo. Temos que ter essa preocupação de ser mais didáticos e dedicar mais tempo explicando algum conceito. No jornalismo especializado nós não vemos muito essa atitude* (Entrevista ao autor).

Simone Candida: (...) *o leitor comum, leitor do Extra, não sabe o que é. A gente escreve matérias para O Globo que também saem nesse jornal – depois que teve essa junção – então nós temos que pensar se os leitores vão entender o que estamos escrevendo. Já o jornalista de ciência, o público dele é mais selecionado* (Entrevista ao autor).

Os outros dois pontos mais destacado pelos jornalistas estão ligado a: fontes e coberturas dos temas de ciência. Essas diferenciações foram citadas três vezes – cada uma – por cinco jornalistas: André Miranda (mencionando as coberturas); Luisa Valle (mencionando as coberturas); Luiza Souto (mencionando ambas as questões); Nícollas Witzel (mencionando as fontes); e Simone Candida (mencionando as fontes). No que diz respeito às coberturas dos temas científicos, os jornalistas indicam que no jornalismo especializado as pautas são mais aprofundadas nos assuntos e possuem temáticas mais específicas. Enquanto no jornalismo não especializado os temas são, geralmente, relacionados à importância da informação para a sociedade e trabalhados, pelos jornalistas, com certa preocupação. Sobre esse aspecto destaca-se:

Luiza Souto: *O especializado vai pegar um assunto, como placas tectônicas, e vai focar numa abordagem muito mais científica* (Entrevista ao autor).

André Miranda: *Esses jornalistas [jornalista não especializado] trabalham as pautas de ciência com preocupação, porque muitas vezes não dominam o tema. Fica sempre aquela dúvida: como eu vou fazer para traduzir isso de uma forma clara? Acho que o não especialista está sempre preocupado com a forma como ele irá trabalhar seu texto* (Entrevista ao autor).

Luisa Valle: *Também enxergo diferença na cobertura. O jornalista especializado faz uma cobertura muito mais profunda e específica. Ele também pode ter fontes mais interessantes e, provavelmente, sua abordagem será diferente da utilizada pelo jornalista que não é especialista. Porque, no jornal não especializado nós temos sempre que deixar claro para os leitores a importância daquele assunto e de que maneira aquilo afeta a vida dos cidadãos comuns (...). Por isso, a cobertura do jornalismo não especializada acaba sendo menos profunda* (Entrevista ao autor).

Sobre as fontes, os jornalistas entrevistados destacam que os jornalistas especializados possuem mais conhecimento na hora de selecionar o especialista que vai falar sobre o assunto, na matéria. Já o jornalismo não especializado utiliza, além dos especialistas, indivíduos que vivenciam a situação narrada, isto é, pessoas que geralmente não são especializadas no assunto, mas que sofrem – por exemplo – com determinada doença. Isso fica claro nas falas:

Luiza Souto: *(...) quem não é especializado tem essa maior preocupação e, além disso, também procuram pessoas que vivem aquilo. Por exemplo, quando me deparei com uma pesquisa sobre câncer eu procuro personagens que sofram dessa doença* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: *Isso acontece por uma questão de vivência, porque aquela pessoa tem fontes mais redondas do que as suas. É comum e vale para qualquer editoria, não só ciência. No jornalismo não especializado é isso que falta, a bagagem* (Entrevista ao autor).

Simone Cândida: (...) estão acostumados a lidar com as fontes e conhecem as pessoas da área científica (Entrevista ao autor).

A terceira questão mais apontada pelos entrevistados está ligada ao tempo que os jornalistas especializados e os não especializados têm para fazer as coberturas e escrever as pautas de ciência. Nota-se que os dois jornalistas destacam essa questão – André Miranda e Nícollas Witzel – possuem faixa etária de 20 a 30 anos e menos tempo de atuação no jornal impresso. Ambos afirmam que no jornalismo especializado há mais tempo para os jornalistas trabalharem os temas de ciência. Por outro lado, no jornalismo não especializado essa cobertura seria realizada em menos tempo por jornalistas que, algumas vezes, precisam procurar mais informações para compreenderem melhor o tema. Além disso, destacou-se que quanto mais tempo um jornalista não especializado tem para produzir uma matéria de ciência, mais fácil essa cobertura fica para ele. Pode-se observar esses apontamentos nos trechos:

André Miranda: Uma diferença que observo é a questão de tempo para fazer o trabalho. Os jornalistas não especializados tem um deadline mais curto, porque a demanda é maior. Há outras coisas para fazer, outros assuntos para cobrir. Quanto mais rápido ele faz as matérias, melhor é para ele. Já o especialista pode ter um tempo maior para trabalhar a pauta e buscar as fontes (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: (...) depende do tempo que eu tenho para executar determinada pauta de ciência. Quando eu entrei na cobertura de febre amarela, por exemplo, o primeiro dia foi muito difícil. Depois as coisas foram ficando mais fáceis (Entrevista ao autor).

Além dessas questões indicam-se, ainda, outras três diferenciações que não aparecem com tanta frequência nas falas. São elas: número de jornalistas disponíveis para cobrir temas de ciência (questão apontada pelo entrevistado Sérgio Matsuura); diferença entre pautas (questão apontada pelo entrevistado Renan Rodrigues); e credibilidade dos jornalistas (questão apontada pelo entrevistado Nícollas Witzel). Sobre essas questões eles inferem:

Nícollas Witzel: Acho que o jornalismo especializado tem mais credibilidade, por uma questão de bagagem. Um repórter que cobre ciência há muito tempo – como, por exemplo, o Bernardo Esteves, da Revista Piauí – vai ter um pouco mais de credibilidade para falar desse assunto do que um jornalista que cobre assuntos diversos (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: A segunda questão estaria relacionada aos temas, o que é pauta para um jornal especializado e o que é pauta para um jornal não especializado (...). Uma revista da Fiocruz vai ter pautas que a editoria de “sociedade” – do O Globo – não vai ter interesse, porque são muito voltados

para a população acadêmica. O que é pauta para uma revista ou jornal especializado, não vai ser para editoria “sociedade” (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *O especializado tem mais gente para cobrir e, conseqüentemente, acabam cobrindo mais assuntos. Acho que o grande problema do jornal é a falta de braço para fazer (...). Em uma revista especializada, por exemplo, há dez repórteres para fazer o mesmo trabalho que uma pessoa tem para fazer aqui (Entrevista ao autor).*

Sobre esses aspectos pode-se notar que os entrevistados acreditam que os jornalistas especializados têm mais experiência e conhecimento prévio sobre as questões de ciência. Eles também apontam a questão das pautas ao refletirem que o jornalismo especializado e o jornalismo não especializado têm preferências distintas, isto é, uma temática que ganha espaço em um veículo impresso não especializado não vai, necessariamente, ser abordada em uma revista científica. Pois, o foco dos veículos não é o mesmo. Além disso, destaca-se que no jornalismo especializado em ciência há mais profissionais para cobrir as pautas dessa temática. Essa lógica mudaria nos veículos não especializados, pois ao enxugarem as redações – demitindo um número significativo de jornalistas – há poucas pessoas disponíveis para realizar essa e outras coberturas.

Sobre a questão da credibilidade pode-se dizer que ela está atrelada ao fato dos jornalistas especializados construírem, em sua maioria, uma reputação positiva ligada a boa cobertura das temáticas científicas. De acordo com as ideias apresentadas por Pereira (2008) – debatidas no capítulo dois deste estudo – infere-se que é a partir das escolhas realizadas que os indivíduos constroem sua reputação no meio em que estão inseridos, isto é, a reputação que é compartilhada pelos demais membros do mundo social. Assim, essa reputação é reconhecida e reafirmada pelos demais membros do grupo.

5.1.8 Informações de ciência

Nessa sessão apresentam-se os veículos e canais de comunicação que os jornalistas generalistas utilizam para obter informações de ciência. Foi possível identificar seis locais de busca: revistas especializadas em ciência (citadas sete vezes); revistas não especializadas em ciência (citadas uma vez); sites especializados (citados 12 vezes); sites não especializados (citados oito vezes); jornais não especializados (citados oito vezes); e televisão (citada uma vez). Essa categoria foi criada embasada na terceira pergunta – do quinto eixo – do roteiro semiestruturado de entrevista: “Em quais sites, revistas ou jornais você procura as informações de ciência? Por quê?”. Além disso, utilizou-se outras

informações encontradas nas falas dos jornalistas durante as entrevistas para enriquecer e complementar essa discussão. A seguir, apontam-se os locais indicados como fonte de informação sobre ciência e os motivos pelos quais os sete jornalistas, entrevistados nesse do estudo, buscaram informações neles.

O local mais citado como fonte de informação foram os sites especializados na divulgação de pesquisas e informações de ciência. Foi possível identificar menções a sete sites internacionais: *EurekAlert*; *Science Media Center*; *Science Imax*; *Archaeology.org*; *Human Rights*; *IMT* e *IMT Technology Review* – cada um deles mencionado por um jornalista. Notou-se que o entrevistado que mais indicou sites internacionais foi o jornalista Sérgio Matsuura. Isso provavelmente está atrelado ao fato dele trabalhar como repórter de tecnologia e, por esse motivo, ter que acompanhar mais os estudos desenvolvidos pelos grandes centros de pesquisa. Acredita-se que o acúmulo das informações de ciência – para esse jornalista em específico – seja essencial para que ele possa sugerir pautas e escrever textos com mais facilidade. Também foram mencionados quatro sites de instituições de pesquisas nacionais e sites ligados à divulgação de ciência no Brasil: Vox (mencionado por um jornalista); Fiocruz (mencionada por quatro jornalistas); Instituto Baleia Jubarte (mencionado por uma jornalista); e Ministério da Saúde (mencionado por uma jornalista). Observa-se a menção a esses sites nas seguintes falas:

Luisa Valle: *Se for algo relacionado a saúde eu vou direto para o site da Fiocruz e procuro por lá. Também dou uma olhada no site do Ministério da Saúde. Fora isso, costumo buscar informações nos sites de institutos específicos sobre aquele assunto, como o Instituto Baleia Jubarte na época que diversas baleias estavam encalhando na costa brasileira. Geralmente recorro aos sites especializados no tema que estou procurando* (Entrevista ao autor).

Luiza Souto: *Também procuro informações (...) [em sites como] Human Rights Watch, em que sempre encontro pesquisas interessantes e com credibilidade* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *Além do EurekAlert, que tem todas as publicações, existem dois sites que eu acho interessantes: o Science Media Center que é um centro de divulgação científica do Reino Unido, e o Science Imax que também está ligado a divulgação científica na Austrália e Nova Zelândia. Também sigo dois sites de arqueologia, que eu até favoritos no computador, é um deles é o “Archaeology.org”. Além desses, tem os sites de universidade, como o IMT e IMT Technology Review (...)* (Entrevista ao autor).

O segundo local mais citado como fonte de informação foram os jornais impressos não especializados na cobertura de ciência, mais especificamente os jornais de grande circulação. Foram mencionados quatro impressos não especializados, sendo três deles nacionais: Jornal O Globo (mencionado por seis jornalistas), Jornal Folha de S. Paulo

(mencionado por dois jornalistas); e *Jornal Estadão* (mencionado por dois jornalistas). Apenas um entrevistado mencionou um jornal impresso internacional e não especializado – jornal *The New York Times* – como local em que procura informações de ciência. Sobre esse aspecto pode-se destacar os seguintes trechos:

André Miranda: (...) *Além disso, eu sempre lia notícias de ciência que saiam no O Globo, Veja e Folha* (Entrevista ao autor).

Luisa Valle: (...) *Além disso, leio o que é veiculado pelo O Globo* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: (...) *algumas publicações internacionais, como BBC e New York Times. Esses são os locais em que procuro informação quando não encontro no O Globo* (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: (...) *Só o que sai na imprensa não especializada, como O Globo, Estadão* (Entrevista ao autor).

Outro local citado foram os sites não especializados que oferecem algum tipo de informação sobre ciência. Foi possível identificar menções a sete sites nacionais: site do *Jornal O Globo*; site do *Jornal Folha de S. Paulo*; site do *Jornal Estadão*; site da *Globo News*; *Caritas*; *Google* e *Vox*. Também foram identificados três sites internacionais, não especializados na cobertura científica: *Caritas*; *Google*; e *British Broadcasting Corporation (BBC)*. Destaca-se, aqui, que “*Caritas*” e “*Google*” foram contatos duas vezes, isto é, incluídos tanto nos sites nacionais quanto nos internacionais, pois possuem as duas versões – no caso do “*Google*”, ele permite buscas mais amplas e não fica restrito as notícias e informações de uma localidade. Essa medida foi tomada, pois os jornalistas não indicaram se estavam se referindo aos sites nacionais, internacionais ou a ambos. Logo, destacam-se as afirmativas:

André Miranda: (...) *no Google. Eu buscava notícias específicas sobre tecnologia e ia lendo aquelas cujo tema me interessasse* (Entrevista ao autor).

Luiza Souto: *Sinceramente, eu utilizo o Google! Se eu estou procurando um tema, eu o pesquiso no Google e vou entrando nos sites para ler (...). Também procuro informações no O Globo e em sites de ONGS, como Caritas* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: (...) *algumas publicações internacionais, como BBC e New York Times. Esses são os locais em que procuro informação quando não encontro no O Globo* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: *existe um site – chamado Vox – que faz vídeos de ciência, de uma forma muito explicada e bem apresentada. É bem feito, acessível e qualquer pessoa consegue assistir. Eu posso passar vinte minutos vendo aquele conteúdo, mas sei que vou conseguir absorver* (Entrevista ao autor).

Simone Cândida: *Não costumo ler revista científica, por exemplo. Mas, quando encontro as notícias checo as fontes, vejo se é uma pesquisa ligada a alguma universidade ou alguma instituição confiável. Também uso os sites de notícia, como Estadão, O Globo e Folha* (Entrevista ao autor).

As revistas especializadas em ciência também foram mencionadas nessa categoria. Identificou-se menções a três revistas internacionais e duas revistas nacionais. As revistas citadas pelos jornalistas foram: *National Geographic*, *Nature*, *Science*, Revista Super Interessante e Revista Piauí. Sobre elas destaca-se:

André Miranda: *Eu costumava ler muita coisa na National Geographic, Super Interessante – revistas desse tipo (Entrevista ao autor).*

Luiza Souto: *algumas vezes, recorro a National Geographic, que na minha opinião é um dos maiores canais de divulgação de pesquisas (Entrevista ao autor).*

Nícollas Witzel: *Eu gosto muito da Revista Piauí – eles até fizeram um festival de ciência recentemente (Entrevista ao autor).*

Sérgio Matsuura: *Além desses, tem os sites de universidade, como o IMT e IMT Technology Review, e as clássicas Science e Nature (Entrevista ao autor).*

Ressalta-se que os jornalistas podem ter indicado algumas dessas revistas – como *Nature* e *Science* – porque, o jornal O Globo possui assinatura delas. Dessa forma, as revistas ficam acessíveis para os jornalistas que tem interesse pelas temáticas científicas e acabam tornando-se referência para eles. Essa informação foi dada pelo jornalista Sérgio Matsuura durante a entrevista, como pode-se observar a seguir:

Sérgio Matsuura: *Science e Nature a gente tem que ver por obrigação, até recebemos o preview das revistas (Entrevista ao autor).*

As duas últimas fontes de informação de ciência, indicadas pelos jornalistas entrevistados, foram as revistas não especializadas e a televisão, com apenas uma menção cada. A revista indicada como fonte de informação não especializada de ciência foi a Revista Veja, indicada pelo jornalista André Miranda. A menção diretamente ligada à televisão foi feita pelo jornalista Renan Rodrigues, que indicou a TV Globo como um canal de veiculação de informações científicas. Nota-se que os dois jornalistas possuem faixa etária de 20 a 30 anos, atuam há pouco tempo no jornalismo impresso e ambos já trabalharam com televisão. Nesse ponto destacam-se as falas:

André Miranda: *Além disso, eu sempre lia notícias de ciência que saiam no O Globo, Veja e Folha. Era impressionante, porque eu começava lendo as notícias mais gerais e quando percebia estava na editoria de ciência e tecnologia (Entrevista ao autor).*

Renan Rodrigues: *Só o que sai na imprensa não especializada, como O Globo, Estadão, TV Globo, Globo News (Entrevista ao autor).*

5.1.9. Outros

Após leitura e releitura do material coletado nas entrevistas notou-se a necessidade de criar mais uma categoria de análise que abrangesse as demais informações que não se enquadravam nas categorias mencionadas a cima. Dessa forma, essa sessão aborda outras questões ligadas à compreensão de ciência de jornalistas generalistas, do jornal O Globo. Insere-se, aqui, informações como: uso do termo “tradução”; especialização dos jornalistas na cobertura de temas de ciência; e indicações das atitudes que os profissionais podem tomar para tornar o texto científico mais fácil para o leitor.

Durante a realização das entrevistas foi possível notar o uso frequente dos termos “tradução” e “traduzir”. Ao analisar a transcrição dos materiais notou-se que essas palavras foram mencionadas 25 vezes, por seis dos sete jornalistas entrevistados, sendo citadas pelo menos uma vez durante a entrevista. De um modo geral, a palavra “tradução” foi mencionada quatro vezes, pelos jornalistas: André Miranda (com uma menção); Nícollas Witzel (com uma menção); e Simone Candida (com duas menções). Já a palavra “traduzir” foi mencionada 21 vezes, pelos jornalistas: André Miranda (com três menções); Luisa Valle (com duas menções); Luiza Souto (com três menções); Nícollas Witzel (com uma menção); Renan Rodrigues (com cinco menções); e Simone Candida (com sete menções). Apenas o jornalista Sérgio Matsuura não fez nenhuma menção aos termos. Pode-se observar o uso dessas palavras nas seguintes falas:

André Miranda: *O jornalista tem que ficar buscando palavras para traduzir algo que poderia ser dito de uma forma mais simples. Essa parte de tradução é um trabalho chato e por mais que você tente fazê-lo de uma forma simples – para o seu leitor (Entrevista ao autor).*

Luisa Valle: *Os jornalistas precisam traduzir isso para o público. Se o jornalista deixarem exatamente como as fontes falaram, sem nenhuma explicação, o público não vai conseguir entender (Entrevista ao autor).*

Luiza Souto: *Não tem esse cuidado de traduzir alguns termos ou trazer uma coisa mais popular para que todo mundo entenda (Entrevista ao autor).*

Nícollas Witzel: *Acho que o papel do jornalista nesse ramo seria chegar até o cientista – achar o cientista escondido no laboratório – colher as informações que são um emaranhado de coisas que as pessoas não entendem e traduzir isso. Botar toda a complexidade de uma descoberta científica – uma coisa que não são todos que conseguem alcançar – numa explicação fácil, clara e objetiva (Entrevista ao autor).*

Renan Rodrigues: *Há toda uma dificuldade e preocupação de traduzir a informação* (Entrevista ao autor).

Simone Cândida: *O papel desse jornalista é pegar a informação hermética e tentar traduzir aquilo de uma maneira que o leitor do jornal, o leitor comum, entenda* (Entrevista ao autor).

Nota-se que a divulgação das notícias científicas para o público não especializado é, na opinião dos entrevistados, um processo de simplificação da ciência. Ao considerarem que o jornalista generalista tem função ou obrigação de traduzir o conhecimento científico eles acabam sacrificando algumas informações durante a cobertura. Isso acontece, pois ao se depararem com discussões demasiadamente técnicas os jornalistas ficam receosos de incorporar essas informações na matéria e os leitores não conseguem compreender, haja vista que a maioria não tem nenhuma especialização ou proximidade com a área (CASTELFRANCHI, 2013).

Além disso, foi possível perceber que três dos sete entrevistados também mencionaram o fato dos jornalistas generalistas tornarem-se especialistas em determinados assuntos de ciência. Para eles, quando os profissionais cobrem – por um longo período – determinados temas, acabam se aproximando muito dos conceitos e das fontes de ciência. Assim, eles se tornam especialistas nessas coberturas. Sobre esse aspecto destaca-se:

Luisa Valle: *Nós acabamos virando especialistas no assunto, pois de tanto conversar com especialistas e pesquisadores nós acabamos absorvendo certo conhecimento* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *A gente acaba se especializando, por mais que a gente não seja especialista* (Entrevista ao autor).

Renan Rodrigues: *Quando eu entrei na cobertura de febre amarela, por exemplo, o primeiro dia foi muito difícil. Depois as coisas foram ficando mais fáceis. Você vai acumulando bagagem, informações – enquanto conversa com as pessoas – até chegar um momento em que você passa a trocar informações com os pesquisadores ao invés de, somente, realizar entrevistas* (Entrevista ao autor).

Outro ponto mencionado pelos entrevistados, que diz respeito à elaboração das matérias, é a forma como os jornalistas não especializados devem escrever os textos de ciência. Segundo eles, as informações ligadas a conceitos e termos específicos da ciência precisam ser trabalhadas de maneira que o texto torne-se fácil e fluido para os leitores, sem a utilização de termos técnicos, específicos das áreas científicas. Isso aponta para uma discussão proposta por Loureiro (2003), em que o autor ressalta a utilização de técnicas que recodificam a linguagem científica, com o objetivo de alcançar o público não

especializado. Pode-se notar isso nos trechos:

André Miranda: *Eu sei que quem pesquisa, geralmente, escreve para pessoas da sua própria área. Por isso, acabam usando termos, palavras, comuns para aquele grupo. Mas, quando se trata de pesquisas que podem impactar na vida das pessoas – uma pesquisa sobre câncer, por exemplo – seria interessante escrevê-la de uma maneira mais acessível. Não, apenas, para facilitar o trabalho do jornalista que está na redação – tentando publicar uma matéria sobre aquele tema – mas para possibilitar que as pessoas comuns, que sofrem com isso, entendam. Temos que tornar as informações acessíveis para todas as pessoas que estão fora do meio acadêmico e da área especializada (Entrevista ao autor).*

Luisa Valle: *De uma maneira clara, para que todas as pessoas entendam (...). Mas, para isso a informação tem que ser passada de forma acessível, explicando cada etapa (Entrevista ao autor).*

Simone Cândida: *esse leitor pode ser qualquer um. Pode ser o pedreiro, a professora, o médico, e todos eles têm que entender de alguma maneira. Obvio que a linguagem não precisa ser chula, mas tem que ser um texto correto, que as pessoas entendam (Entrevista ao leitor).*

Para ilustrar isso eles utilizam, como exemplo, o trabalho do doutor Drauzio Varella, destacando que ele utiliza uma linguagem simples e acessível que, muitas vezes, colabora para que as pessoas compreendam melhor as informações que estão sendo transmitidas, como pode ser observado nas seguintes falas:

Luisa Valle: *A gente tem um exemplo clássico que é o médico que todo mundo ama, o Drauzio Varella. Ele explica qualquer assunto de medicina de uma maneira que você entende tudo. Porque, ele fala a linguagem das pessoas e explica muito bem as coisas (Entrevista ao autor).*

Renan Rodrigues: *Como faz, por exemplo, o Dr Drauzio Varella ao explicar certos tratamentos e doenças (Entrevista ao autor).*

Simone Cândida: *A gente tem um exemplo clássico que é o médico que todo mundo ama, o Drauzio Varella. Ele explica qualquer assunto de medicina de uma maneira que você entende tudo (Entrevista ao autor).*

Ainda sobre esse aspecto, os jornalistas apontam alguns caminhos para tornar as matérias de ciência atrativas para os leitores do jornal, destacando que os jornalistas devem escolher com atenção a abordagem utilizada nas matérias, dando prioridade para as informações e assuntos que o público geral quer saber. Afirma-se, ainda, que os textos devem dar detalhes suficientes para que os leitores compreendam melhor o assunto. Sobre esses aspectos nota-se que a divulgação da ciência – nos jornais não especializados – volta-se para o público mais geral e visa dar informações que complementem o conhecimento científico dos leitores para possibilitar que a ciência seja compreendida pelas pessoas que não

são especialistas nessa área (GOUVÊA, 2000). Dessa maneira, a divulgação da ciência seria embasada nos contextos sociais e culturais presentes no cotidiano do público. Isso fica claro nas afirmativas:

Luisa Valle: *Na minha opinião, é importante focar no público alvo para entender a melhor forma de veicular a informação e identificar a abordagem que será mais atraente para o público. Isso aumenta as chances das pessoas lerem a matéria e entenderem o que está sendo dito. Mas, para isso a informação tem que ser passada de forma acessível, explicando cada etapa* (Entrevista ao autor).

Nícollas Witzel: *Acho que o melhor caminho é tornar a leitura acessível. Você lê aquele texto – como se fosse uma dona de casa, um estudante, um familiar seu – para saber se realmente é possível entender o que foi escrito (...). Usar informações visuais, vídeos, coisas que talvez prendam um pouco mais a pessoa que está consumindo aquilo ou que interesse mais do que um simples bloco de texto preto, em uma página branca. Quando um jornal – seja ele de papel, TV ou internet – busca novas abordagens, ele desperta o interesse das pessoas. É uma forma inteligente de estimular as pessoas a consumirem aquilo, pois tem todo um trabalho para que o leitor se divirta enquanto se informa* (Entrevista ao autor).

Sérgio Matsuura: *(...) acho que a nossa função como jornalista é explicar com o máximo de detalhes para que o leitor entenda. O problema é que, às vezes, falta espaço no jornal e precisamos escolher o que vai ou não entrar na matéria* (Entrevista ao leitor).

5.2 ANÁLISE DAS MATÉRIAS DE CIÊNCIA

O próximo tópico inicia a discussão e a análise das matérias coletadas, e utilizadas para estimular os jornalistas a desenvolverem reflexões mais aprofundadas sobre a ciência. Primeiro, discute-se os dados referentes às características gerais e relevância das matérias de ciência. Posteriormente, apresentam-se as principais áreas de conhecimento das matérias. Em seguida fala-se sobre o tratamento dado as matérias e sobre como os cientistas são retratados nessas matérias. Além disso, abordam-se: os benefícios, danos e controvérsias científicas apresentadas nas matérias; contextualização e recomendações; ciência como atividade coletiva; questões que envolvem os atores ou as vozes da notícia; gênero dos cientistas entrevistados; localização da notícia e das vozes.

5.2.1 Características gerais e relevância das matérias

Observou-se nas 24 matérias de ciência analisadas, do Jornal O Globo, que o *lead* dos textos é responsável por apresentar as informações ligadas ao fato, isto é, responde às seis perguntas básicas do texto jornalístico – o que; quem; onde; quando; como e por que.

Nesse jornal, a incidência do evento científico no início da matéria é frequente. Das 24 matérias apenas três não iniciavam o texto abordando um fato ou referência científica.

Observou-se que das 24 matérias, seis estavam ligadas a notícias ou órgãos de pesquisas internacionais. Uma das matérias abordava um estudo que fez o mapeamento genético da depressão e foi desenvolvido na Universidade de Queensland, na Austrália. Outra matéria fazia referência ao relatório “State of the World’s Birds” que fala sobre as espécies de aves ameaçadas. Também encontrou-se uma matéria sobre um estudo desenvolvido pela Universidade de Portsmouth, no Reino Unido, que criou uma enzima capaz de degradar plástico rapidamente. Além disso, identificou-se outras duas matérias ligadas a tecnologia. Uma delas fazia referência a experimentos do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e a outra falava sobre uma reunião, em Genebra, que visava discutir o rápido avanço da inteligência artificial. Por fim, observou-se uma matéria ligada a repercussão internacional da poluição da água da Baía de Guanabara – localizada no Rio de Janeiro – durante o período dos jogos Olímpicos, em 2016. As outras 18 matérias estavam relacionadas a fatos ou estudos ocorridos nas seguintes localidades: Rio de Janeiro (15 matérias), São Paulo (seis matérias), Minas Gerais (uma matéria), Rio Grande do Sul (uma matéria) e Bahia (uma matéria). Destaca-se, aqui, que algumas matérias faziam referência a dois ou mais estados simultaneamente, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Os dias da semana com maior cobertura de ciência foram terça-feira, sexta-feira e domingo. Os dois primeiros com seis matérias cada e o último com cinco matérias. Observou-se que a segunda-feira é o dia da semana com menos incidência de matérias de ciência – nesta análise apenas uma matéria, das 24 observadas, foi veiculada nesse dia da semana. Pressupõe-se que no início da semana há mais pautas quentes (factuais) e, por isso, os temas de ciência não são tão explorados como nos outros dias.

Quanto à distribuição das notícias ao longo dos anos observou-se que os anos em que os jornalistas – que fazem parte desta amostra – mais produziram matérias de ciência foram: 2018, com um total de 11 matérias encontradas até a primeira semana do mês de junho; 2017, com um total de sete matérias encontradas; e 2016, com três matérias encontradas. Em 2015 encontrou-se, apenas, duas matérias de ciência e em 2014 uma matéria. Deve-se lembrar que esses dados não representam o panorama geral da produção de matérias de ciência do jornal O Globo. Eles refletem, apenas, a produção de ciência de sete jornalistas generalistas que trabalham ou trabalhavam – como é o caso da jornalista Luiza Souto – no jornal. Outro ponto importante a ser mencionado é que a busca das matérias foi realizada, a priori, pela plataforma digital do Infoglobo. Nesse processo de

busca, pode-se ter deixado passar algumas matérias – produzidas pelos jornalistas da amostra – pois, as buscas *online* apresentam certa limitação, uma vez que as informações na internet são fluidas e podem ser perder na rede (KERCKHOVE, 2016). Além disso, deve-se levar em consideração que cada jornalista entrou em um período diferente no jornal e isso também colabora para que alguns anos tenham mais publicações de ciência do que outros.

Outro fator importante que pode ter contribuído para o grande número de matérias de ciência encontradas em 2018 foi o surto de febre amarela, que aconteceu no Rio de Janeiro, nos primeiros meses do ano. De fato, isso aumentou a cobertura voltada para a área da saúde e fez com que os jornalistas recorressem aos especialistas e aos órgãos de pesquisa para explicarem os motivos do aumento do número de casos da doença e, ainda, a questão da vacinação que não estava clara naquele momento. Observa-se, nesse período, um fenômeno similar ao observado por Medeiros e Massarani (2009), na cobertura da gripe A (H1N1) realizada pelo *Fantástico*. Nesse período, o jornal O Globo abordou o assunto segundo enfoques de contenção e alastramento da doença. Contudo, a pesquisa científica foi fundamental para contextualizar o fato e orientar os leitores.

Das 24 matérias analisadas cinco tiveram destaque na primeira página do jornal O Globo, o que demonstra que o impresso atribui importância a determinadas temáticas científicas. Essas matérias eram ligadas as seguintes temáticas: saúde, meio ambiente, pesquisa em saúde (depressão) e descoberta científica. De 24 matérias, nove notícias faziam parte de alguma série de coberturas. Três delas estavam ligadas a preparação para os jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro. Essas matérias abordavam questões ligadas ao meio ambiente e saúde – mais especificamente a contaminação da água de várias localidades onde seriam realizados os jogos – e a despoluição da Baía de Guanabara. Três matérias estavam ligadas a cobertura de febre amarela e abordavam as seguintes questões: vacinação, morte de macacos e descoberta de novos casos da doença. Também foram encontradas duas matérias ligadas à cobertura da pílula do câncer, sendo que uma delas abordava os testes em humanos e a outra discutia a aprovação do projeto de lei que autorizava a produção do medicamento. Encontrou-se, também, uma matéria que servia de complemento para outra, veiculada na mesma sessão do jornal. A temática dessa estava relacionada a uma pesquisa histórica sobre a “Passeata dos Cem Mil” – movimento popular, contra a ditadura militar brasileira, que aconteceu em 1968.

5.2.2 Principais áreas do conhecimento abordadas nas matérias

Dentre as 24 notícias de ciência coletadas, verificou-se que os temas medicina e saúde foram os mais contemplados na cobertura. Ao todo foram encontradas 11 notícias ligadas à saúde. Desse total, cinco faziam referência a pesquisas na área da saúde e as outras seis estavam ligadas a doenças como: febre amarela, câncer, depressão e raiva. A segunda maior cobertura estava ligada a área de meio ambiente, com sete publicações que abordavam temas diversos como: poluição, extinção de aves, fenômenos naturais e espécies de tubarões. Além disso, duas – das sete matérias – referenciavam algum tipo de estudo ou pesquisa nessa área de conhecimento. Foram encontradas, também, três matérias ligadas à tecnologia e, desse total, apenas uma fazia referência à pesquisa nessa área. As ciências humanas foram abordadas em três matérias, uma sobre arqueologia e as outras duas sobre pesquisa histórica.

A importância atribuída aos temas de meio ambiente também se expressa no fato de que três das seis matérias de ciência destacadas na primeira página do jornal estavam ligadas a essa área de conhecimento. Das sete matérias dessa área encontradas, três estavam ligadas a poluição ou despoluição da água da Baía de Guanabara; uma abordava extinção de aves; uma falava sobre as espécies de tubarões encontradas nas praias cariocas; uma abordava um fenômeno natural ocorrido em uma praia do Rio de Janeiro; e uma fazia referência à descoberta científica. Os jornalistas que escreveram essas matérias foram: Luisa Valle, Simone Candida, Sérgio Matsuura e Renan Rodrigues.

Em contraste, as áreas medicina e saúde foram o foco de duas matérias de ciências com chamada na primeira página do jornal. Das 11 matérias de medicina e saúde encontradas, seis fazem referência aos seguintes temas: pesquisa sobre contaminação por vírus na água (uma matéria); pesquisa sobre o desenvolvimento de uma vacina contra o vício em cocaína (uma matéria); pesquisa sobre o câncer (duas matérias); pesquisa sobre o zika vírus (uma matéria); e pesquisa sobre depressão (uma matéria). Além disso, foram encontradas outras cinco matérias que voltadas para a cobertura de doenças como: febre amarela (três matérias), cura gay (uma matéria) e raiva (uma matéria). Observou-se, também, que essas matérias foram escritas pelos seguintes jornalistas: Luisa Valle, Luisa Souto, Sérgio Matsuura e Renan Rodrigues.

Sobre as matérias ligadas à tecnologia, observou-se que as três possuíam como temática central a inteligência artificial. Duas dessas matérias foram escritas pelo jornalista Sérgio Matsuura. Uma delas noticiava a criação de um robô, chamado Norman, que foi

desenvolvido por pesquisadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e apresentado como a primeira inteligência artificial psicopata já criada. A outra matéria discutia sobre uma Convenção da ONU, sobre Armas Convencionais, que discutia o banimento das armas letais autônomas. Além dessas, encontrou-se uma matéria – que não era exatamente uma matéria, mas uma entrevista – foi realizada pelo jornalista André Miranda. Essa entrevista foi realizada com um especialista em interfaces avançadas entre usuários e sistemas computacionais. Nela discutiu-se sobre a aplicação da realidade virtual na atualidade, seus benefícios e malefícios, acessibilidade e ferramentas.

Dentre as matérias ligadas às ciências humanas, destaca-se que elas estavam ligadas as seguintes temáticas: arqueologia (uma matéria) e pesquisa histórica (duas matérias). A matéria ligada à arqueologia discutia sobre a descoberta de um sítio arqueológico no centro da cidade do Rio de Janeiro – essa matéria foi escrita pela jornalista Simone Candida. As matérias ligadas à pesquisa histórica faziam referência a cultura negra no Rio de Janeiro – matéria escrita pela jornalista Simone Candida – e sobre a descoberta de imagens inéditas sobre a Passeata dos Cem Mil – matéria escrita pelo jornalista Nicolás Witzel.

5.2.3 Recursos gráficos

Das 24 matérias de ciência analisadas apenas uma não possuía recurso gráfico – como fotos, infográficos, ilustrações e esquemas. Observou-se que 23 matérias utilizavam recursos que variaram desde fotos simples até infográficos mais elaborados e atrativos. Das notícias de medicina e saúde, dez – das 11 – possuíam fotos que complementavam o conteúdo do texto. Todas as sete matérias com temática de meio ambiente possuíam fotos, mas apenas três eram acompanhadas de infográfico. Além disso, todas as matérias das áreas de tecnologia e ciências humanas também possuíam imagens. Seguem abaixo alguns exemplos desses recursos utilizados nessas áreas do conhecimento:

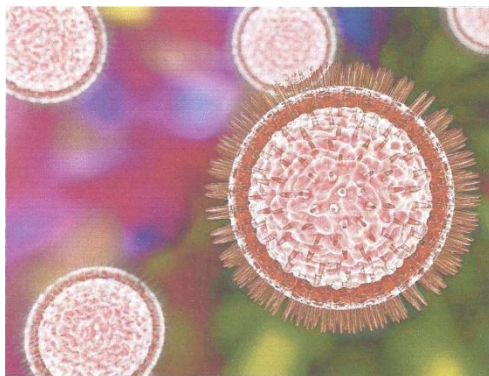
Imagem 1 - Matéria "Sexto caso de febre amarela no Rio é confirmado em São Fidélis"



Teste. Agente de saúde recolhe mosquitos perto de Casimiro de Abreu: exame revela se insetos estão com vírus

Fonte: CANDIDA (2017)

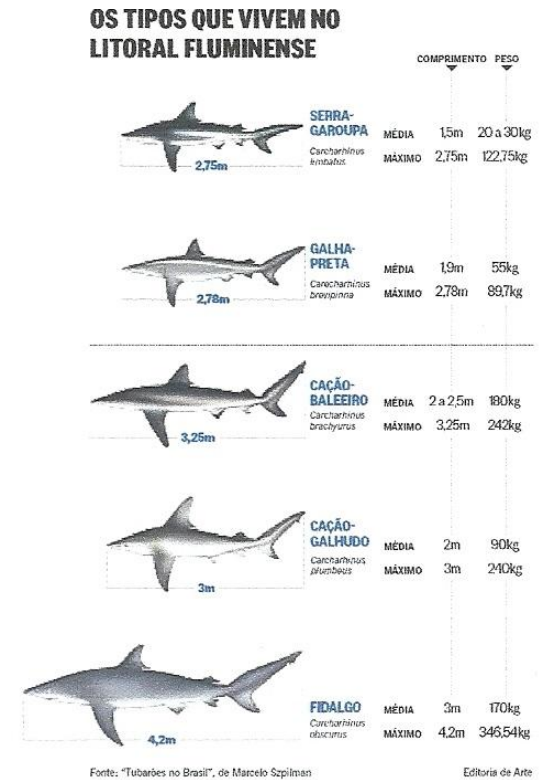
Figura 1 - Matéria "Esperança na destruição"



© VIVA. Estudo publicado online na revista "Cancer Research" usou camundongos para comparar redução de tumores, porém, podem passar em volta de todos os cânceres humanos

Fonte: MATSUURA (2018)

Figura 2 - Matéria "Uma turma de tubarões 'cariocas da gema'"



Fonte: RODRIGUES (2018)

Nota-se que as imagens a cima são utilizadas para acrescentar informações complementares às matérias ou, ainda, ilustrar determinados conhecimentos científicos. Na figura número um, pode-se observar uma referência a instrumentos ligados a ciência de bancada, como tubos de ensaio e pinças. A referência à ciência de laboratório foi mais comum nas matérias ligadas à medicina e saúde. Foram encontradas imagens de instrumentos científicos em quatro das 11 matérias dessas áreas. Observou-se, ainda, que algumas imagens além de apresentarem ferramentas também traziam determinadas substâncias ou remédios – como as matérias relacionadas à pílula do câncer e a vacina contra o vício em cocaína.

Na figura número dois a ilustração apresenta para o leitor a forma, estética, do zika vírus. Essa matéria informava sobre uma pesquisa brasileira que utilizou o vírus dessa doença para diminuir células cancerígenas no sistema nervoso central de camundongos. A notícia trazia, em seu conteúdo, informações técnicas essenciais para a compreensão do

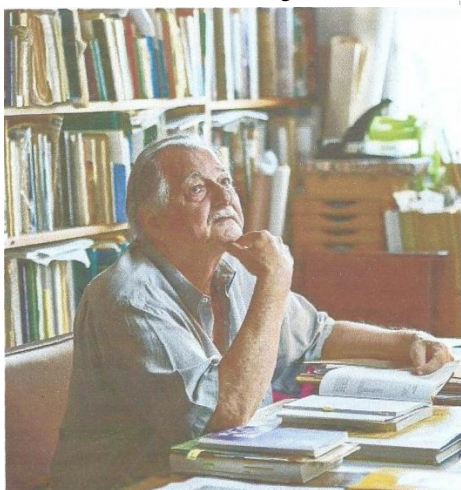
estudo. Logo, a imagem – destacada a cima – foi fundamental para que o leitor conseguisse visualizar o vírus o qual o texto se referia.

A figura número três é um infográfico – ferramenta que serve para transmitir informações através do uso de elementos visuais gráficos – que foi utilizado em uma matéria que falava sobre aparições de tubarões em praias do Rio de Janeiro. Nessa matéria um pesquisador da área explicou que algumas espécies, desse animal, são naturais da região e citou o nome de cada um deles. Dessa forma, o infográfico foi utilizado para ilustrar e organizar as informações que o biólogo estava passando.

5.2.4 Imagens de cientistas

Procurou-se também identificar em que medida as matérias de ciência veiculavam imagens de cientistas, independentemente de serem entrevistados ou não. Verificou-se que duas matérias de ciência transmitiram uma imagem de cientistas/pesquisadores e que esses profissionais são retratados, prioritariamente, em ambientes de escritório e em laboratórios conforme mostram as imagens a seguir:

Imagem 2 - Matéria “Pesquisador derruba mitos históricos da cultura negra no Rio”



Fonte: CANDIDA (2017)

Imagem 3 - Matéria “Matança de macacos preocupa especialistas”



Exames. Corpos no Instituto Jorge Vajtsman, que já recebeu 104 primatas: sinais de envenenamento e agressões

Fonte: RODRIGUES (2018)

A figura número quatro foi retirada de uma matéria ligada à área de ciências humanas. Nela abordava-se uma pesquisa histórica do pesquisador Nireu Cavalcanti – retratado na imagem a cima – que investigou arquivos impressos e digitais para elaborar um livro sobre a história da cultura africana no estado do Rio de Janeiro. Observa-se que o

estudioso é retratado em meio a livros, arquivos e documentos, em um ambiente que parece ser um escritório. Isso, de certo modo, reforça a ideia de que o cientista é um indivíduo solitário e imerso em seu trabalho, isto é, sem tempo livre para viver em sociedade. Além disso, nota-se que essa imagem aborda um estereótipo de cientista já observado por alguns estudos (CASTELFRANCHI, 2008; FERNANDEZ et al., 2002; LANNES et al., 1998) em que o pesquisador é retratado como um indivíduo que não tem tempo de cuidar da própria aparência e, por isso, está sempre com a barba por fazer.

Em contrapartida a figura número cinco – retirada de uma matéria ligada às áreas de medicina e saúde – retrata o cientista como um ser colaborativo, isto é, como um indivíduo pertencente a uma comunidade específica e que trabalha em conjunto com seus pares. Observa-se que essa imagem quebra a percepção estereotipada do cientista como gênio, solitário, com uma vida social limitada, de gênero masculino. Contudo, reporta o laboratório como o local onde a ciência acontece, evidenciando uma forte relação com os campos que usam vidrarias – como a biologia, a química e a biomedicina e medicina.

A partir dessas imagens ressalta-se que os estereótipos são características percebidas e associadas a grupos sociais ou categorias de pessoas. Considera-se que a delimitação de um estereótipo seria uma forma de simplificar o mundo social através de categorizações e generalizações (SCHNEIDER, 2004).

5.2.5 Explicação de conceitos e termos científicos

A explicação de conceitos ou termos científicos foi observada em 15 matérias de ciência, das quais oito eram de medicina e saúde. Desse total, quatro explicavam termos científicos referentes a nomes de mosquitos e nomes de substâncias. As outras quatro explicavam sobre: atuação de uma determinada substância no cérebro; genes da depressão; como o vírus zika pode ajudar a diminuir tumores localizados no sistema nervoso central; e o que é um adenovírus. A matéria sobre o uso do vírus da zika para diminuir tumores – veiculada pelo jornal O Globo no dia 27 abril de 2018 – dizia, por exemplo, que “Da mesma forma que ataca as células-tronco neurais, impedindo o crescimento de neurônios, ele destrói as células tumorais”. Outra notícia que envolvia envolvendo uma vacina que combate o vício em cocaína – publicada pelo jornal O Globo no dia 20 de junho de 2017 – explicava que “a substância consiste numa molécula que estimula a produção de anticorpos contra a droga e impede que ela libere dopamina no cérebro, cortando a sensação de prazer”. Já a matéria que abordava a atuação dos genes da depressão – veiculada pelo

jornal O Globo no dia 28 de abril de 2018 – afirmava que “todos nós carregamos variantes genéticas para a depressão, mas aqueles com uma carga maior são mais suscetíveis”. Na matéria que abordava a questão da contaminação da água de diferentes localidades do Rio de Janeiro – veiculada pelo jornal O Globo no dia 31 de julho de 2015 – pode-se destacar que “foi verificada a quantidade mais expressiva de adenovírus (que pode causar infecções respiratórias)”.

Por outro lado, foram localizadas cinco matérias de meio ambiente que explicavam algum tipo de conceito científico. Dessas, duas possuíam algum tipo de explicação para nomes científicos de animais – nesse caso, tubarões e aves. As outras três voltavam-se para a explicação de conceitos científicos ligados a: fenômenos naturais; funcionamento de uma enzima na degradação de polietileno tereftalato (PET); e poluição. A matéria ligada a fenômeno que alarga a faixa de areia em praias do Rio de Janeiro – publicada pelo jornal O Globo no dia 4 de novembro de 2017 – dizia que esse “Quando estamos sob o efeito do El Niño (aquecimento acima do normal das águas do Oceano Pacífico Equatorial), não existe o movimento pendular”. Já a matéria que abordava a questão da enzima mutante – veiculada pelo jornal O Globo no dia 18 de abril de 2018 – falava sobre a descoberta de “uma enzima mutante capaz de degradar rapidamente o polietileno tereftalato”. Já a matéria que abordava a questão da poluição na praia da Barra – publicada pelo jornal O Globo no dia 12 de abril de 2017 – falava que “micro-organismos presentes na água são tóxicos e provocados por excesso de esgoto”.

Encontra-se, ainda, duas matérias voltadas para área de tecnologia, ambas voltadas para a explicação do funcionamento da inteligência artificial. Uma delas – publicada pelo jornal O Globo no dia 15 de abril de 2018 – noticiava a criação de uma inteligência artificial psicopata e discutia “os perigos da inteligência artificial quando dados enviesados são usados em algoritmos de aprendizado de máquina”. A outra matéria – veiculada pelo jornal O Globo no dia 24 de fevereiro de 2018 – discutia sobre o uso da inteligência artificial e explicava que “mais rápido do que imaginamos, teremos celulares com sensores de *hololens* (dispositivo de realidade aumentada da Microsoft)”.

5.2.6 Benefícios e danos da ciência

A abordagem das matérias foi mais positiva que negativa. Constatou-se que cinco delas mencionavam promessas ou benefícios concretos da ciência, enquanto duas abordavam riscos ou danos resultantes da atividade científica. Somente uma dessas

matérias abordou paralelamente benefícios e riscos. Não encontrou-se nenhuma matéria que abordasse controvérsias da ciência.

Dentre as notícias que citaram promessas ou benefícios da ciência, as de medicina e saúde foram maioria, com três publicações. Como exemplos, pode-se citar a já referida matéria sobre pílula do câncer – de 22 de julho de 2016 – que fala: “A equipe envolvida nos testes acredita que em seis meses poderá atestar a eficácia da pílula”. Outra matéria com uma abordagem positiva foi abordava um estudo que dizia “Pesquisadores brasileiros descobriram que o vírus da zika tem a capacidade de atacar tumor cerebral” – publicado em 27 de abril de 2018. Além dessas teve, também, a matéria que falava sobre depressão e dizia que “Variantes do DNA relacionadas à doença podem indicar terapias” – veiculada em 28 de abril de 2018.

Além disso, encontrou-se duas matérias de meio ambiente que apresentavam promessas ou aspectos positivos da ciência. São elas: matéria sobre a despoluição da Baía de Guanabara – do dia 4 de agosto de 2015 – que destaca “um novo plano, prometendo deixar, em 20 anos, as águas da terceira maior baía do mundo límpidas”. Além dessa, observou-se outra matéria – do dia 18 de abril de 2018 – que anunciava “Descoberta por acaso, enzima capaz de destruir plástico pode solucionar um dos maiores problemas ambientais do mundo”.

Apenas duas matérias mencionaram aspectos negativos da atividade científica e ambas estavam ligadas a tecnologia, mais especificamente ao uso da inteligência artificial. Uma delas era sobre um robô educado nos piores fóruns de discussão na internet – veiculada em 15 de abril de 2018 – que apontava “Norman interpretou um ‘homem assassinado por uma metralhadora à luz do dia’, enquanto o algoritmo normal viu uma ‘foto em preto e branco de uma luva de beisebol’”. Além dessa matéria encontrou-se outra – publicada no dia 6 de abril de 2018 – que discutia o uso da inteligência artificial na construção de armas bélicas e indicava que “o rápido avanço da inteligência artificial pode levar ao desenvolvimento de armamentos ainda mais letais, verdadeiros robôs assassinos”.

A única matéria que revelou aspectos positivos e negativos da ciência, simultaneamente, também estava ligada a tecnologia e abordava a questão da realidade virtual. Essa é uma entrevista – veiculada no dia 24 de fevereiro de 2017 – que afirmava “vamos ter o poder e a responsabilidade de usar as tecnologias para transcender nossas limitações biológicas” – trecho identificado como uma menção positiva do uso dessa tecnologia – e “Jason Silva (diretor de vídeo e futurista venezuelano que vive em Nova York) tem uma visão de que a tecnologia, por si só, não é boa ou ruim” – nesse trecho o

entrevistado afirmava que o uso dessa tecnologia também possuía malefícios.

5.2.7 Recomendações e alertas

Uma pequena parcela das matérias da amostra ofereceu recomendações aos leitores. Foram identificadas apenas quatro matérias – ligadas a medicina e saúde, e meio ambiente – que faziam algum tipo de recomendação ou que indicava situações que poderiam deixar os leitores alertas ou preocupados. Nesse ponto destaca-se a matéria sobre a vacina de febre amarela – publicada em 26 de janeiro de 2018 – que dizia “o produto provoca reações adversas e lembrou que este ano três pessoas morreram após a imunização”. Também é possível observar certo alarme na matéria sobre o sexto caso de morte por febre amarela no Rio de Janeiro – veiculada no dia 28 de março de 2017 – pois, na notícia, é inserida a seguinte informação “Santa Maria Madalena, onde supostamente o jovem teria sido infectado ao acampar, já recebeu, segundo o governo do estado, doses em quantidade suficiente para imunizar toda a população”. Além disso, fica implícita uma recomendação de vacinação para prevenção. A terceira matéria encontrada, com caráter de alarme, é a notícia que fala sobre a autorização da pílula do câncer – do dia 10 de março de 2016 – que indica “A autonomia proporcionada pelo projeto pode gerar problemas na Justiça e também sujeita a população a muitas reações adversas”. A quarta matéria está ligada a área de meio ambiente e aborda a extinção de aves. Essa matéria, publicada em 24 de abril de 2018, ressalta “A gente acha que extinção é só para os dinossauros, mas está acontecendo agora, na nossa cara”.

5.2.8 Ciência como atividade coletiva

A ciência foi retratada como uma atividade de equipe na maioria das matérias analisadas. Chegou-se a essa conclusão após perceber que, nas matérias, mencionava-se com frequência estudos realizados por equipes de instituições científicas. As matérias diziam, explicitamente, que os estudos tinham sido realizados por pesquisadores/cientistas, no plural, como se observa no trecho: “uma equipe internacional formada por mais de 200 pesquisadores conduziu um estudo sem precedentes para identificar genes relacionados ao distúrbio mental” – matéria “‘Mapa genético’ da depressão abre caminho para tratamentos”, veiculada no dia 28 de abril de 2018. No total, 12 matérias usaram termo como “pesquisadores”, “cientistas” ou “equipe”, indicando que a atividade científica é feita

por mais de um indivíduo.

Em contrapartida, duas matérias indicaram apenas um pesquisador/cientista como responsável por determinado estudo, como pode-se observar no trecho: “O pesquisador Antônio Venâncio, um dos mais atuantes profissionais no garimpo de imagens para o cinema brasileiro, encontrou filmes inéditos” – matéria “As imagens inéditas da Passeata dos Cem Mil”, publicada no dia 24 de junho de 2018. O restante das matérias, isto é, dez delas foram classificadas como “não se aplica” para essa categoria, pois não deixaram essa informação clara.

5.2.9 Vozes

Observou-se que as principais vozes utilizadas para construir as matérias de ciência foram pesquisadores/cientistas ou instituições de pesquisa, mencionados em 24 matérias analisadas. Porém, esse fato não surpreende, pois citar essas fontes era um dos critérios para considerar uma matéria como sendo de ciência. Informações oferecidas por membros do governo foram utilizadas em seis matérias, como por exemplo: “Fizemos biorremediação (despejo de bactérias que consomem outras bactérias) para o evento- teste de vela de 2014 e vamos fazer de novo para o deste ano — disse o secretário estadual da Casa Civil, Leonardo Espíndola” (matéria “O perigo vem à tona”, veiculada no dia 31 de julho de 2015). Em seguida, identificaram-se duas matérias que traziam falas de indivíduos que estavam passando pela situação narrada, como observa-se no trecho: “Foram meses com a psicóloga repetindo que eu tinha que mudar, que eu estava sofrendo” (matéria “‘Cura gay’ ainda é ameaça a homossexuais”, publicada no dia 11 de junho de 2017).

5.2.10 Gênero dos especialistas entrevistados

Do ponto de vista do gênero encontrou-se – nas 24 matérias analisadas – duas matérias que utilizaram como fonte, exclusivamente, especialistas do sexo feminino; 14 matérias que utilizaram como fonte, exclusivamente, especialistas do sexo masculino; e quatro matérias que utilizaram especialistas de ambos os sexos. Observou-se que as mulheres foram citadas em matérias de distintas áreas do conhecimento, como: medicina e saúde (três matérias); ciências humanas (uma matéria); e tecnologia (duas matérias), que geralmente são menos associadas a atividades tidas como tradicionalmente femininas. Os homens cientistas apareceram dando entrevistas em pelo menos uma matéria de cada área

do conhecimento, com destaque para medicina e saúde com dez matérias que possuíam entrevistas a cientistas homens; tecnologias, com três matérias que abordavam cientistas do sexo masculino; e ciências humanas, com uma matéria que possuía entrevista a um pesquisador. Como isso, pode-se observar que a presença de mulheres cientistas entrevistadas nas matérias não condiz com a distribuição de homens e mulheres na comunidade científica brasileira (LETA, 2003).

Isso fica evidente ao analisar os dados divulgados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), em 2016⁵⁶. Observa-se um aumento significativo do número de mulheres nos cursos de mestrado e doutorado, sobretudo em áreas, como ciências biológicas, saúde e educação. É possível notar que o número de mulheres com diploma de mestrado é superior – ao número de homens com a mesma titulação – nas seguintes faixas etárias: 20 a 24 anos; 25 a 29 anos; 30 a 34 anos; 35 a 39 anos; 40 a 44 anos; 45 a 49 anos; 50 a 54 anos; e 55 a 59 anos. Em relação ao doutorado, nota-se que também há um crescimento no número de pesquisadoras, principalmente nas faixas etárias de 20 a 24 anos; 25 a 29 anos; e 30 a 34 anos. Além disso, ressalta-se que no ano em que esses dados foram divulgados as mulheres apareciam como maioria entre os mestres e doutores formados.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2018/05/23/Qual-o-g%C3%AAnero-e-a-idade-de-mestres-e-doutores-no-Brasil>. Acesso em: 5 ago 2018.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se, a priori, que esta pesquisa não teve como pretensão identificar os impactos – da compreensão de ciência de jornalistas generalistas – sobre os leitores de jornal impresso. Também não se pretendeu chegar a conclusões fechadas e generalizáveis sobre o tema estudado. No entanto, acredita-se que este estudo tem contribuições importantes a oferecer. Por um lado, demonstrou-se que analisar as compreensões de ciência de sete jornalistas não especializados – embora levante aspectos interessantes para discussão – constitui um olhar limitado, de uma pequena amostra de jornalistas atuantes no estado do Rio de Janeiro. Sabe-se que as informações discutidas nesta pesquisa representam as visões e percepções de, apenas, sete jornalistas e, por isso, não devem ser utilizadas para ilustrar tendências nacionais.

No entanto, acredita-se que obter informações sobre como jornalistas generalistas compreendem e abordam a ciência – em suas matérias – pode ser muito enriquecedor para ampliar as discussões no campo da divulgação científica e melhorar a forma como os grandes veículos de comunicação trabalham as pautas de ciência. Por esse motivo, entende-se que estudos qualitativos – como este – são essenciais, visto que a ciência está presente no cotidiano da sociedade e, por esse motivo, os temas científicos são constantemente abordados pelos jornais impressos não especializados (AMORIM, MASSARANI, 2008).

Nota-se que este estudo levantou alguns dados interessantes. Um deles é a constatação de que os temas de ciência são abordados com frequência pelas diferentes editorias do jornal O Globo e tratados, em alguns casos, com destaque. Além de ganharem espaço entre as publicações desse impresso, as matérias de ciência também estão presentes nas chamadas da capa do jornal. Observa-se, que há uma preocupação em incluir – nas matérias mais técnicas – recursos, como infográficos e esquemas explicativos, para facilitar a compreensão dos leitores. Isso demonstra que O Globo e seus jornalistas, por mais que não sejam especializados na cobertura de ciência, dão atenção e relevância às temáticas científicas.

Identificou-se certo destaque à ciência internacional, ao notar-se que algumas notícias estavam associadas a centros de pesquisa ou pesquisadores internacionais. Além disso, foi possível perceber que quatro dos sete jornalistas entrevistados buscam informações de ciência em sites, revistas ou jornais internacionais. Essa característica demonstra uma tendência do impresso O Globo e dos jornalistas de serem pautados por

agências de notícias estrangeiras e por revistas científicas internacionais. Contudo, também foi possível notar uma cobertura da ciência nacional – principalmente ligada aos temas de saúde e meio ambiente – que pode refletir uma agenda noticiosa preocupada com as necessidades e problemas do país. Esse movimento de dar espaço no jornal para a divulgação da ciência brasileira faz-se necessário, uma vez que colabora para uma maior aproximação da ciência nacional com a sociedade, isto é, faz com que os brasileiros saibam sobre as pesquisas desenvolvidas no país e, ainda, permite que eles apliquem os conhecimentos – advindos desses estudos – em seu cotidiano. Divulgar a ciência brasileira pode também servir de estímulo para que as pessoas se interessem pela ciência.

Sobre esse aspecto notou-se que os jornalistas não especializados possuem, em alguma medida, interesse por temáticas científicas. Foi possível notar que a ciência é vista de uma forma positiva por esses profissionais, pois em grande parte das falas eles mencionam como ela pode ser útil para melhorar os problemas da sociedade. Além disso, percebe-se que os entrevistados enxergam a ciência em diversos aspectos da vida cotidiana. Um exemplo disso são as constantes menções aos temas de medicina e saúde. Tais temas podem ganhar ainda mais relevância se associados a surtos de doenças, pesquisas em áreas específicas – como câncer – e educação social. Com isso, observa-se que os sete jornalistas entrevistados consideram que a divulgação da ciência é um serviço com função e responsabilidade social. Isso significa que os jornalistas compreendem que ao divulgarem temas de ciência eles permitem que os indivíduos – que não são especializados e que não possuem familiaridade com os temas – se informem e utilizem essas informações para melhorar algum aspecto de suas vidas.

Foi possível perceber, ainda, que os jornalistas entrevistados com mais tempo de atuação na área e com faixa etária de 40 a 50 anos, possuem uma visão mais conservadora da ciência, pois eles fazem uma separação entre a ciência e determinadas áreas. Sobre essa questão, nota-se que algumas temáticas são observadas como algo afastado da ciência, isto é, como se elas não fossem derivadas de ações e conhecimentos científicos. Além disso, a utilização de imagens – nas matérias – que reforçam um estereótipo de cientista de bancada, homem e cercado por livros, também colabora para que se construa essa visão tradicional da ciência. Porém, observa-se que os jornalistas entrevistados mais novos – com faixa etária de 20 a 35 anos – se distanciam dessa visão tradicional ao utilizarem, em suas matérias, fotos que ilustram mulheres exercendo a atividade científica e ao considerarem que a ciência perpassa por todas as áreas do conhecimento.

Na opinião dos entrevistados as notícias de ciência abrem espaço para importantes

debates e permitem que as pessoas norteiem suas ações, tomando atitudes mais positivas em relação aos problemas encontrados no cotidiano. Dessa forma, os temas de ciência que estão associados a problemas da vida cotidiana acabam despertando mais o interesse dos jornalistas generalistas e dos leitores, pois desencadeiam certo envolvimento emocional. Isso é refletido nas matérias assinadas pelos jornalistas entrevistados. Nota-se um esforço de aproximar os temas dos leitores através da personalização, isto é, utiliza-se um personagem como fio condutor de uma discussão científica e, assim, gera-se uma identificação do público. Essa estratégia – assim como o destaque à ciência brasileira – pode despertar o interesse do público pela ciência ou envolver as pessoas que estão passando por situações semelhantes às discutidas nas matérias. Assim, pode-se afirmar que a cobertura dos temas de ciência – no jornal O Globo – é realizada pelo viés do “interesse humano”.

Por fim, cabe ressaltar algumas limitações ou outras abordagens que poderiam complementar o trabalho. Uma delas diz respeito às matérias de ciência veiculadas pelo jornal O Globo. Destaca-se que poderia ter sido conduzido um estudo de análise do discurso que observasse, por exemplo, o uso de adjetivos ou outras características qualitativas que possibilitassem identificar como a ciência é percebida e abordada, especificamente, pelo impresso. No que diz respeito à investigação da percepção de jornalistas sobre ciência, outras metodologias poderiam ter sido utilizadas, como a entrevista em profundidade. Nota-se que o uso desse tipo de entrevista permite descobertas mais ricas sobre o tema a ser explorado, aprofundando determinados assuntos ao longo da interação entre entrevistado e entrevistador (DUARTE, 2011).

Contudo – como em toda pesquisa – foi necessário tomar decisões que permitissem a realização da pesquisa dentro do tempo disponível. Assim, as escolhas realizadas levaram as abordagens descritas ao longo desta dissertação e permitiram reflexões interessantes sobre a divulgação científica realizada pelos jornalistas não especializados. Dessa forma, fica registrado o convite para que estudos complementares a esse sejam realizados no futuro, de modo a enriquecer mais essa discussão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. A. **A modernização da imprensa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ALMEIDA, M. O. A vulgarização do saber. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org). **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.
- ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- AMORIM, L.; MASSARANI, L. **Jornalismo científico: um estudo de caso de três jornais brasileiros**. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, Ponta Grossa, v. 1, n.1. 2008. p.73-84.
- ANANDAKRISHNAN, M. **Planning and popularizing science and technology for development**. United Nations.Tycooly Publishing, Oxford, 1985.
- ARAÚJO, C. A. **A pesquisa norte-americana**. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 119-130.
- BAIMA, C. **Estudantes da Fiocruz param contra corte de bolsas do CNPQ**.O Globo, Rio de Janeiro, 23 ago. 2017. Página 2, p. 2.
- BAIMA, C.; QUEIROGA, L.; FERREIRA, P. **Crise ameaça bolsistas do CNPQ: Futuro incerto**. O Globo, Rio de Janeiro, 4 ago. 2017. Sociedade, p. 22.
- BALDESSAR, M. J. **Jornalismo e tecnologia: pioneirismo e contradições**. Disponível em:
<http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/jornalismo_pioneirismo_tecnologia_e_contradicoes.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2005.
- BAUER, M.; RAGNARSDÓTTIR, Á.; RÚDÓLFSDÓTTIR, A. **Science and Technology in the British Press, 1946-1990 – A systematics content analysis of the press**, work report, 1993.
- BAUER, M.; DURANT, J.; EVANS, G. European public perceptions of science. **International Journal of Public Opinion Research**, Oxford, v.6, n.2, p.163-186. 1994.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BOTTARI, E.; RODRIGUES, R. **Estado já tem cinco mortes por febre amarela**. O Globo, Rio de Janeiro, 19 jan. 2018. Rio, p. 5.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, P. **A gênese dos conceitos de habitus e de campo**. In: BOURDIEU, P. O poder simbólico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 59-73.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil: compromissos de uma prática dependente**. Tese (Doutorado). São Paulo, 1984.

BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória**. In PORTO, CM., org. *Difusão e cultura científica: alguns recortes* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 113-125. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CALDAS, G. **Jornalistas e cientistas devem atuar em conjunto**. Imprensa e pantanal. Campo Grande (MS): UFMS/Fundação Konrad Adenauer, 1997.

CARVALHO, C. **Eucalipto transgênico ameaça mel orgânico**. O Globo, Rio de Janeiro, 28 out. 2014. Sociedade, p. 33.

CASTELFRANCHI, Y. Scientists to the streets Science, politics and the public moving towards new osmoses. **Journal of Science Communication**, vol.1, n.2, p. 1-14, jun. 2002.

CASTELFRANCHI, Y. O cientista é um bruxo? Talvez não: ciência e cientistas no olhar das crianças. In: MASSARANI, L. (ed). **Ciência & Criança: A divulgação científica para o público infante-juvenil**. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, 2008. p.13-18.

CASTELFRANCHI, Y. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? In: MASSARANI, L. (coord.). **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana**. Rio de Janeiro: Fiocruz / COC / Museu da Vida, 2010. P.13-21.

CASTELFRANCHI, Y. **As opiniões dos brasileiros sobre ciência e tecnologia: o 'paradoxo' da relação entre informação e atitudes**. V.20, n.2, abr.-jun. 2013, p.653-673 v.20, supl. nov. 2013, p.1163-1183.

CASTELFRANCHI, Y; MASSARANI, L.; RAMALHO, M. **Guerra, ansiedade, otimismo e triunfo: um estudo sobre a ciência no principal telejornal brasileiro**. v.13. n.3. *Journal of Science Communication*, 2014. p.1-23.

CASTELFRANCHI, Y. Scientists to the streets: science, politics and the public moving towards new osmoses. **Journal of Science Communication**, v.1, n.2. 2002. Disponível em: <<http://jcom.sissa.it/archive/01/02/F010201>>. Acesso em: 3 jun. de 2017.

CHAGAS, C. Na cozinha das redações. In: CHAGAS, C.; MAYRINK, J. M.; PINHEIRO, A. **Três vezes trinta: os bastidores da imprensa brasileira**. São Paulo: Best Sellers, 1992, p.13-150.

DE LUCA, T. R. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MATINS, A. L.; LUCA, T. R. de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

DINES, A. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. 9. ed. São Paulo: Summus, 2009.

Dolly não morreu de velha. O Globo, Rio de Janeiro, 24 nov. 2017. Sociedade, p. 35.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). 2 ed. São Paulo: Atlas, p. 62-83, 2011.

DURANT, J. O que é alfabetização científica? In: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; MOREIRA, I. C. **Terra Incógnita, a interface entre ciência e público**, Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ/Museu da Vida/Fiocruz/Vieira & Lent, 2005.

É preciso repensar o financiamento à Ciência. O Globo, Rio de Janeiro, 21 out. 2017. Opinião, p. 14.

FERNANDEZ, I.; GIL PÉREZ, D.; CARRASCOSA, J.; CACHAPUZ, A. Y.; PRAIA, J. **Visiones deformadas de la ciencia transmitidas por la enseñanza.** Enseñanza de las Ciencias, vol.20. n. 3. 2002. p.477- 488.

FIDALGO, J. **O Jornalista em Construção.** Porto: Porto Editora, 2008.

GENRO FILHO, A. G. **O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre: Tchê, 1987.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GASKELL, G.; BAUER, M. **Biotechnology, 1996-2000: the years of controversy.** London: Science Museum. 2001.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social.** 6. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

GILMORE, S. Art Worlds: **Developing the Interactionist Approach to Social Organization.** In: H. S. Becker & M. M. McCall (org.). Symbolic Interaction and Cultural Studies. Chicago: The Chicago University Press, 1990.

GOUVÊA, G. **A divulgação científica para crianças: o caso da Ciência Hoje das Crianças.** 2000. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

GRANDELLE, R. **Experimentos com macacos reabre debate sobre clonagem humana.** O Globo, Rio de Janeiro, 26 jan. 2018. Sociedade, p. 25.

HOHLFELDT, A.; BARBOSA, M. **Jornalismo no século XXI: a cidadania.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. p. 95-108.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HARGREAVES, I., LEWIS, J., SPEERS, T. **Towards a better map. Science, the public and the media.** Swindon: ESRC, 2003.

Imunizantes inflacionam e somem das clínicas. O Globo, Rio de Janeiro, 13 jan. 2018. Sociedade, p. 23.

JÄRVINEN, M. **Negotiating strangerhood: interviews with homeless immigrants in Copenhagen.** Acta Sociologica, 2003. p. 215-230.

JUSTIÇA FEDERAL. **A imagem da Justiça Federal na Imprensa Escrita.** Disponível em: <<http://www.cjf.jus.br/cjf/corregedoria-da-justica-federal/centro-de-estudos-judiciarios-1/publicacoes-1/pesquisas-do-cej/a-imagem-da-justica-federal-na-imprensa-escrita>>. Acesso em: 19 abr de 2018.

KERCKHOVE, D. Por que ler em papel? In: TUZZO, S. A. **Os sentidos do impresso.** Goiânia: Gráfica UFG, 2016, p. 35-45.

KRESS, G., VAN LEEUWEN, T. **Reading Images – the grammar of visual design.** 2 ed. New York: Routledge, 2008.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology.** 2 ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2004.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LANNES, D.; FLAVONI, L.; DE MEIS, L. **The concept of science among children of different ages and cultures.** Biochemical Education. n.26. 1998. p. 199-204.

LETA, J. **As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso.** Estudos Avançados, São Paulo, 2003.

LOPES, F. L. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica.** Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2013.

LOUREIRO, J. M. M. **Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia.** Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, 2003. p. 88-95.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** v. 26/27. São Paulo: Didática, 1990/1991. p. 149-158.

MARTINO, L. M. S. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MASSARANI, L. **A Divulgação Científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20.** Dissertação (Mestrado). IBICT e Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MASSARANI, L.; BUYS, B. **Science in the press: A study case on science coverage in Latin American nine countries, Brazilian Journalism Research,** v. 3. 2007. p. 77-96.

MASSARANI, L.; DAL COL, F.; ALMEIDA C. **A cobertura de ciência por jornais diários: em pauta a pesquisa nacional na Argentina, no Brasil e no México.** *Razón y Palabra*, v. 13, n. 65, 2008.

MASSARANI, L.; BAUER, M. W.; AMORIM, L. **Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova ‘onda’ no jornalismo científico no Brasil?** v. 35, n. 1. São Bernardo do Campo: Comunicação & Sociedade, 2013. p. 111-129.

MATSUURA, S. **Geneticista defende uso da engenharia genética em orgânicos.** *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 jan. 2016. Sociedade. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/geneticista-defende-uso-da-engenharia-genetica-em-organicos-18402530#ixzz5IYxroVwU>>. Acesso em: 7 mai. 2018.

_____. **Senado debate fim de rótulo transgênico.** *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 mai. 2016. Sociedade, p. 30.

MEDEIROS, F.; MASSARANI, L. **A cobertura da gripe A (H1N1) 2009 pelo Fantástico.** v. 34. n. 1. São Paulo: Revista brasileira de ciências da comunicação (INTERCOM), 2011. p. 41-59.

MEDEIROS, F.; RAMALHO, M.; CALDAS, C.; MASSARANI, L. **Ciência e tecnologia em um programa de infotainment: uma análise de conteúdo da cobertura do Fantástico.** v. 36. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 2013. p. 127-147.

MERTON, R. K. **Sociologia do conhecimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

MILLER, S. Os cientistas e a compreensão pública da ciência. In: MASSARANI, L.; TURNEY, Jon. **Terra incógnita: a interface entre ciência e público.** Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2005. p.115-138.

MILLER, S. **Public Understanding of Science at the crossroads.** In: *Public Understanding of Science*, 10(1), p. 115-120, 2001.

MILLER, J. D. Scientific literacy: a conceptual and empirical review. *Daedalus*, v.2, n. 112, 1983. p. 29-48.

MOREIRA, I. C. e MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, L., MOREIRA, I. C.; BRITO, F. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil.** Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia a UFRJ. Fórum de Ciência e Cultura, 2002. p. 43-64.

O'HARA, K.; SELLEN, A. A comparison of reading paper and on-line documents. In: **Proceedings of the ACM SIGCHI Conference on Human factors in computing systems.** ACM, 1997. p. 335-342.

OLIVEIRA, S. L. M.; MASSARANI, L.; AMORIM, L. H. **Ciência sob embargo: um estudo de caso dos jornais O Globo e Folha.** In: *E-Compós*. Vol. 17. Nº 1. 2014.

PEREIRA, F. H. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil: Identidade, práticas e transformações no mundo social.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

PETERS, H. P. The committed are hard to persuade. Recipients' thoughts during exposure to newspaper and TV stories on genetic engineering and their effect on attitudes. **New Genetics and Society**, v. 19, n. 3, p. 365-381, 2000.

PODER360. **Tiragem impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos.** Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

PONTE, C. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico.** Florianópolis: Insular, 2005.

POPPER, K. R. **Lógica das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

RAMALHO, M. **A ciência no Jornal Nacional e na Percepção do Público.** 2013. 341f. Tese (Doutorado em Química Biológica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, A. D. O Acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação.** Lisboa: Presença, 1994.

RONDELLI, D. R. R. **A Ciência no picadeiro: uma análise das reportagens sobre Ciência no programa Fantástico.** 2004, 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo.

ROSSI, C. **O que é jornalismo.** São Paulo: Brasiliense, 2017.

SANTOS, A. C.; SCHMIDT, B. S. **Vacinação a conta-gotas.** O Globo, Rio de Janeiro, 17 jan. 2018. Rio, p. 7-9.

SCHNEIDER, D. **The psychology of stereotyping.** New York: The Guilford Press, 2004.

SCHOENBACH, K.; WAAL, E.; LAUF, E. **Research note: Online and print newspapers: Their impact on the extent of the perceived public agenda.** European Journal of Communication, v. 20, n. 2, p. 245-258, 2005.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2 ed. São Paulo: EPU, 1987.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOUSA, J. P. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação.** Florianópolis: Letras contemporâneas. 2004.

SOUSA, J. P. **Elementos de Teoria e Pesquisa em Comunicação.** 2.ed. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUTO, L.; GRANDELLE, R. **O perigo sobe a Serra**. O Globo, Rio de Janeiro, 13 jan. 2018. Sociedade, p. 23.

TEIXEIRA, F.; SCHMIDT, S. **Oito milhões ainda sem proteção**. O Globo, Rio de Janeiro, 16 jan. 2018. Rio, p. 7.

TEIXEIRA, M. **Pressupostos do jornalismo de ciência no Brasil**. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Orgs.) *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, UFRJ, 2002. p. 133-142.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo - A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo - Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUZZO, S. A. **Os sentidos do impresso**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

VELHO, L.; VELHO, P. A controvérsia sobre o uso de alimentação alternativa no combate à subnutrição no Brasil. **Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro. v. 9. n. 1. 2002. p. 125-157.

VERGER, J. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: Edusc, 1999.

WOLFINGER, N. H. 'On writing fieldnotes: collected strategies and background expectancies'. *Qualitative Research*. Londres: 2002. p. 85-95.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

WYNNE, B. **Sheep farming after Chernobyl: A Case Study in Communicating Scientific Information**. vol.31, n.2. *Environment*: 1989.

ANEXO A

ROTEIRO DE PERGUNTAS UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

EIXO 1 - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

1 - Como foi o início da sua trajetória profissional? - veículos que trabalhou; - editorias pelas quais passou.
2 - Há quanto tempo você trabalha como jornalista de veículo impresso?
3 - No impresso, qual(is) assunto(s) você mais gosta de cobrir? Por quê?
4 - No impresso, qual(is) assunto(s) você menos gosta de cobrir? Por quê?
5 - Como e quando começou a trabalhar no jornal O Globo?
6 - Em qual editoria você trabalha nesse momento?
7 - No Jornal O Globo, quais assuntos você mais costuma cobrir?

EIXO 2 - COBERTURA DE CIÊNCIA

1 - Na sua opinião, o que é ciência?
2 - Qual foi a sua primeira experiência na cobertura de ciência?
3 - Com que frequência você cobre pautas de ciência?
4 - Quais assuntos, de ciência, você mais costuma cobrir?
5 - Você gosta das pautas que cobriu? Se sim, por quê? Se não, por quê?
6 - Quais assuntos, de ciência, você mais gosta de cobrir? Por quê?
7 - Quais assuntos, de ciência, você menos gosta de cobrir? Por quê?
8 - Você se sente a vontade escrevendo matérias de ciência? Se sim, por quê? Se não, por quê?
9 - Você tem alguma dificuldade para escrever as matérias de ciência? Se sim, quais?
10 - Na sua opinião, quais pontos devem ser explorados durante a cobertura de temas de ciência?
11 - Você lembra de alguma(s) matéria(s) de ciência que cobriu? O que mais gostou e o que mesmo gostou nela(s)?
12 - Você lembra dessas matérias? [mostrar as matérias selecionadas] Destacaria algo sobre elas?
13 - Desde que iniciou sua trajetória profissional, alguma coisa mudou na forma como você aborda e escreve as notícias de ciência? Se sim, quais foram as mudanças?
14 - Você conseguiria indicar os motivos que ocasionaram essas mudanças?

EIXO 3 - JORNALISMO E CIÊNCIA

1- Na sua opinião, quais são as principais características, diferenças e objetivos do jornalismo especializado e do jornalismo não especializados?
2 - Na sua opinião, há diferença entre a cobertura da ciência pelo jornalismo especializado e o não especializado? Por quê?
3 - Na sua opinião, até que ponto o jornalismo não especializado é uma fonte de informação sobre ciência?
4 - Na sua opinião, o que os leitores buscam nas matérias de ciência?
5 - De acordo com sua experiência, qual temática científica tem mais chances de despertar interesse nos leitores? Por quê?

EIXO 4 - CIÊNCIA E SOCIEDADE

1 - Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade? Por quê?
2 - Para você, como a informação científica deve ser apresentada para a sociedade?

EIXO 5 - INTERESSES PESSOAIS

1 - Você possui interesse em ciência? Por quê?
2 - Você costuma acompanhar o noticiário de ciência?
3 - Em quais sites, revistas ou jornais você procura as informações de ciência? Por quê?
4 - Qual(is) assunto(s), dessa área, lhe interessa(m) mais?

ANEXO B

CURRÍCULOS E ENTREVISTAS DOS SETE JORNALISTAS GENERALISTAS

André Miranda

O jornalista André Miranda formou-se em jornalismo, no ano de 2014, pela Universidade Estácio de Sá. Durante o período de sua graduação, ele trabalhou como repórter estagiário nos seguintes jornais: O Fluminense, que atualmente é o segundo periódico mais antigo em circulação do estado do Rio; O Terminal, que circula em Niterói e veicula notícias da Região Metropolitana; Portal SRZD,



atuando especialmente na cobertura de fatos do Rio de Janeiro; e Grupo Lance, que é voltado para a publicação especializada em esportes. Além disso, esse jornalista também atuou, voluntariamente, como repórter no Comitê de Planejamento dos 5º Jogos Mundiais Militares e no Festival do Rio, no ano de 2011. Atualmente, ele trabalha como repórter no jornal O Globo.

Entrevista

Como foi o início da sua trajetória profissional? Em quais veículos você trabalhou e por quais editorias passou?

Minha trajetória profissional começa no meu segundo período de faculdade, com um estágio no jornal O Fluminense, em Niterói. Não era área de redação, mas de arquivo. Porém, lá eu tinha contato com a redação – de certa forma – porque eu catalogava as imagens dos fotógrafos. Minha atuação como jornalista começou, de fato, a partir do meu segundo estágio, no site do Sidney Rezende. Lá eu cobria todos os assuntos, como entretenimento, esporte, política nacional e internacional. Em seguida comecei a trabalhar – também como estagiário – na TV Globo, em uma área que era chamada de “novas mídias”. Lá eu tive contato com todas as editorias, porque tinha que produzir mensagens SMS para vários canais. Eu não escrevia tanto, mas reeditava algumas matérias para serem enviadas. Saindo da TV Globo, eu voltei para O Fluminense fazendo um pouco de internet e depois fui para a redação na área de polícia. Em seguida eu vim para O Globo. Entrei aqui como *freelancer*, fazendo a capa do site e um pouco de rede social. Como era um trabalho feito durante a madrugada, eu ficava na cobertura dos fatos que aconteciam pelo mundo – no Brasil nem tanto, porque era um horário que todos estavam dormindo. Nós cobríamos diversos assuntos e publicávamos. Minha trajetória profissional caminhou assim, sempre estagiei durante a faculdade e quando terminei – num período de dois ou três meses – já estava trabalhando. Aqui no O Globo eu estou há quase três anos.

Como você começou a trabalhar no jornal O Globo?

Na verdade eu tenho duas passagens pelo O Globo e as duas foram através de indicações. Comecei na editoria Rio, em agosto de 2014. O jornal tinha um aplicativo chamado “Vai Rio” e tinha uma equipe que ficava no COR-RIO – que é o Centro de Operações do Rio. Lá, nós ficávamos monitorando o trânsito e elaborando as matérias relacionadas ao trânsito. Cobríamos manifestações, acidentes, coisas desse tipo. Em janeiro de 2015 apareceu a oportunidade de vir para editoria de mídias sociais e capa do site, onde estou desde então.

Há quanto tempo você trabalha como jornalista de veículo impresso?

Fixo, há três anos! Porque, na minha primeira passagem pelo O Fluminense, eu fiquei somente por dois meses e depois fui para o site do Sidney Rezende. Lá fiquei por onze meses, embora fosse um trabalho de estágio. Depois iniciei minha trajetória no O Globo e permaneci aqui.

No impresso, quais assuntos você mais gosta de cobrir?

Aqui, no jornal, eu fico mais na área de serviços sociais. Nós temos um *blog* – chamado “Nas Redes” – e algumas publicações dele vão para o impresso. Como fico nessa parte de rede social, gosto muito dos assuntos ligados à tecnologia, novidades das redes e comportamento.

Por que esses temas te atraem?

Porque, é algo que está presente na vida das pessoas. Beira o impossível se desligar desses assuntos, porque você está sempre presente no Instagram e no Facebook, está sempre curtindo, comentando e compartilhando. O que eu acho muito interessante é essa questão das pessoas propagarem o que viram. Óbvio que algumas vezes podem cair naquela questão da *fake news*. Mas, o legal é que as pessoas usam as notícias para dar voz a algo que, por determinados motivos, elas não dizem. Por isso eu gosto muito das redes sociais, porque elas permitem que você dê visibilidade a algo que pode não está sendo visto.

No impresso, quais assuntos você menos gosta de cobrir? Por quê?

Esporte! Esqueci de mencionar que eu também trabalhei no jornal Lance. Foi um trabalho de *freelancer* que eu fiz enquanto ainda era estagiário do O Fluminense. Isso foi durante o meu segundo período de faculdade e foi algo curioso, porque eu trabalhava com um assunto que nunca imaginei cobrir. Porque, eu não tenho familiaridade com temas ligados a esporte, não gravo nomes de jogadores de futebol, times ou escalação.

Como é o seu trabalho na editoria de rede social?

É um trabalho mecânico, pois nós fazemos publicações nas redes sociais do jornal. Pegamos determinados *links*, publicamos e compartilhamos. Também realizamos um trabalho de análise, porque precisamos acompanhar o que está sendo veiculado pela concorrência, o que está nos *trend topics*, o que as pessoas estão comentando e compartilhando. Observamos a audiência do site, alcance da nossa rede social e o nível de engajamento que estamos obtendo. O trabalho é basicamente esse, de analisar e ver quais

assuntos tem relevância para serem publicados. Por dia fazemos, em média, setenta publicações.

Quais matérias, dessa editoria, costumam ir para o impresso?

Por mais que nós estejamos numa editoria de rede social, há a oportunidade de trabalhar com o impresso. Principalmente na coluna “Conte algo que não sei”, pois dependendo do assunto ou do entrevistado, a equipe de certa editoria é convidada para realizar aquela entrevista. Eu já participei duas vezes. Mas, nós só estamos no impresso quando os editores veem algo que eles consideram importante. Porque, esse não é um espaço só nosso dentro do impresso.

Na sua opinião, o que é ciência?

Difícil essa pergunta! Eu vejo a ciência como algo que interfere muito na vida das pessoas, principalmente quando a gente vai para área de saúde e questões de comportamento. Por exemplo, quando você faz uma análise política, muitas vezes você precisa ter determinado conhecimento para fazer aquilo. Ciência, na minha opinião, está muito ligada ao conhecimento, a estudos dedicados a coisas específicas. Seria o processo de estudo, pesquisa e análise de algo que posteriormente é aplicado na vida das pessoas. Você realiza uma pesquisa, estuda e elabora, para entender como aquilo funciona e como pode ajudar a melhorar a vida das pessoas. Acho que a ciência além de está relacionada ao conhecimento também está ligada a como aquilo pode ser aplicado.

Qual foi a sua primeira experiência na cobertura de ciência?

Acho que nunca fiz cobertura de ciência, porque nunca recebi uma pauta dessas.

Você nunca cobriu um tema ou produziu uma pauta ligada a ciência?

Eu fiz uma entrevista – para a coluna “Conte algo que não sei” – sobre realidade aumentada. Nós falamos sobre como a tecnologia tem influenciado na vida das pessoas. Creio que minha primeira cobertura de ciência tenha sido essa. Nós discutimos sobre como a realidade aumentada, ou realidade virtual, implica na vida das pessoas e quais melhorias isso pode trazer. Por exemplo, o entrevistado mostrou que usar os óculos para apresentar os elementos de certa fobia – para uma pessoa que sofre com aquilo – pode ajuda-la a trabalhar e a controlar isso. Ele também abordou a questão da comunicação, que esse tipo de tecnologia faz com que as pessoas consigam estar nos locais sem que seja necessária a presença física.

Com que frequência você cobre pautas de ciência?

Poucas vezes, por causa da editoria em que trabalho. Nessa editoria, de rede social, são poucas as oportunidades de trabalhar com temas de ciência.

Quais assuntos, de ciência, você mais costuma cobrir?

Saúde! Nós trabalhamos algumas vezes com esse tema e também com descobertas científicas. Por exemplo, descobertas da NASA ou alguma exploração científica.

Como você trabalha as pautas de ciência?

Como a gente fica muito focado naquele trabalho mecânico, muitas vezes não sobra espaço para trabalhar essa parte de escrever e cobrir as pautas de uma forma geral. Mas, em alguns momentos conseguimos dar uma pausa nessas postagens do site e observar melhor o que está sendo compartilhado e dito. Nesses momentos eu consigo ter um pouco mais de contato com as pautas de ciência e checar se o assunto é relevante para a editoria em que trabalho. Como estamos, atualmente, com dois veículos – Extra e O Globo – eu tento identificar os temas que seriam relevantes para cada jornal. Se for um assunto relacionado à tecnologia – por exemplo, se for ligado a NASA ou a descobertas – eu direciono para O Globo e coisas mais locais eu deixo para O Extra. Mas, sempre busco assuntos de ciência que influenciam na vida das pessoas.

Você gosta das pautas de ciência que cobriu? Por quê?

Sim, porque eu trabalho com *hard news* todos os dias. Ter a oportunidade de trabalhar esses assuntos é gostoso e relaxante. Vê um estudo ou pesquisa interessante, descobrir que as pessoas estão estudando sobre aquilo, buscando aquele conhecimento, me motiva como jornalista. Você quer divulgar, tornar aquilo acessível para as outras pessoas. Isso te tira da rotina, te refresca!

Quais assuntos, de ciência, você mais gosta de cobrir? Por quê?

Aqueles que estão ligados à tecnologia, porque tenho fascínio pelo tema. Por exemplo, algo que se discute atualmente é a inteligência artificial, o Google está lançando um assistente virtual que consegue entender os gostos das pessoas. Isso pode facilitar a vida de pessoas mudas, por exemplo. Eu acho fascinante como a tecnologia pode mudar a nossa vida sem que a gente perceba. Todo esse mundo tecnológico me desperta interesse, ver como estamos tão entregues a ele. Certa vez eu li uma pesquisa – que até saiu no O Globo – que falava sobre o fato das pessoas não escreverem mais e isso me fez refletir sobre até que ponto a tecnologia era algo bom. Você deixa de escrever, deixa de ter tempo e pode desenvolver algum tipo ansiedade. Me interessa acompanhar esse comportamento social que envolvem a tecnologia e o que todas essas ferramentas trazem para a vida das pessoas. Isso, de certa forma, também interfere no meu trabalho. Pois, me ajuda a entender como o meu leitor se comporta, como eu posso alcançá-lo e gerar engajamento.

Quais assuntos, de ciência, você menos gosta de cobrir? Por quê?

Acho que não existe um assunto de ciência que eu não goste de cobrir. Todas as temáticas são interessantes. Eu considero ciência, muitas vezes, a pesquisa. Talvez, ciência política seja uma parte da ciência que eu acho chata devido à forma como essas notícias são elaboradas e divulgadas. A linguagem utilizada faz parecer que aquelas pessoas são inalcançáveis e isso me incomoda. O jornalista tem que ficar buscando palavras para traduzir algo que poderia ser dito de uma forma mais simples. Essa parte de tradução é um trabalho chato e por mais que você tente fazê-lo de uma forma simples – para o seu leitor – ainda há aquela sensação que o assunto não é fluido. Mas, se forem questões ligadas à sociedade, biologia, geografia entre outras, eu gosto!

Você se sente a vontade escrevendo matérias de ciência? Por quê?

Sim, porque como a gente lida com *hard news* a toda hora e todo instante, eu vejo as matérias de ciência como uma oportunidade para relaxar. É algo que despertar a curiosidade, o conhecimento e pode fomentar conversas saudáveis. Quando você faz uma matéria de ciência pode oferecer algo novo para as pessoas – por mais que elas já tenham aquele conhecimento – fazê-las refletir e mudar alguma coisa. Acho que você não fica tão engessado, porque a ciência te dá oportunidade de trazer coisas novas.

Você tem alguma dificuldade para escrever as matérias de ciência?

Algumas vezes sim, porque – como eu não sou especialista nesse assunto – existem alguns termos que me deixam um pouco perdido. Às vezes, até a finalidade de certos assuntos é difícil de compreender. Por exemplo, existem pesquisas que são semelhantes e é um pouco complicado entender por que aquele novo estudo, do mesmo tema, pode ser tão relevante.

Quando você se depara com termos técnicos, ou temáticas científicas mais complicadas, como trabalha isso?

A gente pede ajuda para uma pessoa que tem conhecimento sobre o assunto, pede para explicar melhor e pergunta como podemos passar aquela informação para os leitores. Tentamos entender como podemos traduzir aquele termo ou aquela fala. O fato daquela informação está sendo dita na língua portuguesa, não significa que qualquer pessoa vai conseguir entendê-la. Por isso, o jornalista tem que traduzir aquilo para as outras pessoas. Às vezes, recorro a um dicionário, volto no texto e tento interpretar aquilo que está sendo dito. Se mesmo assim eu não entender, pergunto para alguém que conhece sobre o assunto. É dessa forma que eu trabalho essas matérias.

A quais fontes você recorre?

Vejo outros textos sobre o assunto, pergunto aos meus colegas de trabalho que podem ter algum conhecimento sobre o assunto ou procuro especialistas. Quando trabalhei com aquela pauta sobre realidade aumentada, tive que buscar outras fontes que me ajudassem a entender conceitos que acabaram passando no momento da entrevista. Foram coisas relacionadas a termos específicos dessa área de realidade aumentada. Quando me deparo com essas questões tento olhar, também, algum trabalho – que aquele pesquisador ou cientista tenha feito – que possa me explicar o assunto.

Na sua opinião, quais pontos devem ser explorados durante a cobertura de temas de ciência?

Eu sei que quem pesquisa, geralmente, escreve para pessoas da sua própria área. Por isso, acabam usando termos, palavras, comuns para aquele grupo. Mas, quando se trata de pesquisas que podem impactar na vida das pessoas – uma pesquisa sobre câncer, por exemplo – seria interessante escrevê-la de uma maneira mais acessível. Não, apenas, para facilitar o trabalho do jornalista que está na redação – tentando publicar uma matéria sobre aquele tema – mas para possibilitar que as pessoas comuns, que sofrem com isso, entendam. Temos que tornar as informações acessíveis para todas as pessoas que estão fora do meio acadêmico e da área especializada.

Na sua opinião, os jornalistas generalistas podem tornar essas informações mais acessíveis?

Isso depende da capacidade que cada jornalista tem de tornar um texto complexo em algo acessível. Tornar aquela informação relevante para a pessoa que a lê. Muitas vezes quem escreve um texto de economia, por exemplo, escreve para pessoas que gostam desse tema e não para quem tem certo interesse, porém ainda não entende muito sobre o assunto. Acho que os jornalistas precisam se preocupar mais com os seus leitores e pensar que eles podem ser qualquer pessoa.

Desde que iniciou sua trajetória profissional, alguma coisa mudou na forma como você aborda e escreve as notícias de ciência?

Sim, hoje eu tenho uma preocupação maior em conversar com os especialistas e destrinchar todas as informações relacionadas à pesquisa. Eu volto a mencionar essa questão da pesquisa, porque na nossa realidade muitas vezes a ciência é vista através de pesquisas e estudos. A gente não foge disso, porque é o que as pessoas querem saber e ler. Na época em que eu era estagiário, ficava mais por conta dos *releases*. Atualmente, também tenho a preocupação de conversar com as pessoas que estão passando por aquilo. Se for uma matéria sobre câncer – por exemplo – eu converso com as pessoas que tem a doença e não só com a pessoa que está pesquisando sobre isso. É necessário falar com quem está sendo impactado por aquele assunto estudado.

Você conseguiria indicar os motivos que ocasionaram essas mudanças?

Acho que foi a preocupação em desenvolver um bom trabalho. O jornalista tem essa necessidade de ser profissional e ir se especializando ao longo dos anos. Quando eu digo que a tecnologia é uma área que eu gosto, isso está ligado ao fato de eu criar uma especialização nessa área. Porque, é um tema que vejo todos os dias. Quando você vai ganhando experiência e aprende como é um bom texto, você se preocupa mais em desenvolver um trabalho de qualidade.

Na sua opinião, quais são as principais: características, diferenças e objetivos do jornalismo especializado e do jornalismo não especializados?

Acho que a principal diferença é o público. Num jornal, nós costumamos a dar destaque para assuntos que o público se interesse em ler. Não só assuntos que geram impacto na vida das pessoas são publicados. Podemos publicar uma matéria de arqueologia – como uma descoberta – que seja interessante. Tudo depende do público para o qual o jornalista está escrevendo. Creio que o jornalismo especializado produz matérias para um público que possui certa familiaridade com os assuntos de ciência. O jornalista não especializado, na maioria das vezes, escreve para pessoas que – embora tenham interesse em temas de ciência – não possuem um entendimento aprofundado no assunto. Esses jornalistas trabalham as pautas de ciência com preocupação, porque muitas vezes não dominam o tema. Fica sempre aquela dúvida: como eu vou fazer para traduzir isso de uma forma clara? Acho que o não especialista está sempre preocupado com a forma como ele irá trabalhar seu texto. Além disso, ele busca mais ferramentas e elementos para enriquecer suas matérias, para fazer que elas tenham destaque e relevância no jornal. Também há a questão dos termos. Creio que o jornalismo especializado usa mais os termos específicos da ciência durante a escrita do texto.

Na sua opinião, quais são os elementos que os jornalistas não especializados utilizam para enriquecer as matérias de ciência?

Acho que, antes de tudo, ele se dedica para entender mais sobre aquele assunto que está escrevendo. Porque, você não vai conseguir escrever um texto se não possuir o mínimo de conhecimento sobre o tema. Além disso, há uma preocupação em buscar fontes que realmente possam te ajudar a compreender mais sobre aquele assunto e elaborar melhor a matéria.

Na sua opinião, há diferença entre a cobertura da ciência pelo jornalismo especializado e o não especializado?

Sim. Uma diferença que observo é a questão de tempo para fazer o trabalho. Os jornalistas não especializados tem um *deadline* mais curto, porque a demanda é maior. Há outras coisas para fazer, outros assuntos para cobrir. Quanto mais rápido ele faz as matérias, melhor é para ele. Já o especialista pode ter um tempo maior para trabalhar a pauta e buscar as fontes. Se eu recebo uma pauta de saúde, por exemplo, fico preocupado. Porque, é um tema que eu não tenho afinidade e não posso demorar para escrever esse texto, pois tenho outras pautas para cobrir.

Na sua opinião, até que ponto o jornalismo, não especializado, é uma fonte de informação sobre ciência?

Acho que quando um assunto acadêmico chega aos grandes veículos, como por exemplo, O Globo, as pessoas ficam com essa informação, elas não buscam em outros jornais ou revistas especializadas. A circulação e visibilidade do jornalismo não especializado também são maiores. Por exemplo, a revista *Nature* não tem uma circulação tão grande como a de um grande veículo. Por isso, eu acredito que o jornalismo não especializado chega mais fácil no público em geral.

Na sua opinião, o que os leitores buscam nas matérias de ciência?

Acho que todas as questões ligadas às ciências sociais – de comportamento – saúde, sexualidade, tecnologias e descobertas científicas, despertam a atenção do público. Uma vez, publicamos uma matéria – que também acabou indo para o impresso – relacionada a descoberta de um cemitério muito antigo, na Jordânia. Essa matéria teve uma audiência absurda! Era um assunto que algumas pessoas julgam ser de pouca relevância para a sociedade, mas que acabou despertando interesse nas pessoas. Esse é um fato muito interessante que eu observo nas matérias de ciência, não importa a temática – pode ser algo sobre vida marinha – mas sempre há chances daquilo despertar uma curiosidade no leitor e fazê-lo ler a notícia. Talvez, a possibilidade de entender sobre algo, que é distante da nossa realidade, acabe gerando certo interesse nas pessoas.

De acordo com sua experiência, qual temática científica tem mais chances de despertar interesse nos leitores? Por quê?

Questões ligadas à saúde e sexualidade. Todas as matérias que estão ligadas ao bem estar das pessoas são mais lidas. Porque, as pessoas querem se prevenir, entender como funcionam determinadas doenças. Elas querem ter essas informações para, muitas vezes, saberem identificar se sofrem daquilo.

Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade? Por quê?

Sim, porque é uma forma da sociedade progredir. Quanto mais conhecimento, mais você consegue ampliar o seu campo de visão. Você começa a entender como o mundo a sua volta funciona e o que você pode fazer para melhorar a sociedade em que vive – mesmo que seja algo pequeno, uma mudança no seu bairro ou na sua rua.

Para você, como a informação científica deve ser apresentada para a sociedade?

Temos que apresentá-la deixando clara a sua relevância. Quando eu faço as postagens no *blog* do jornal, recebo muitos comentários de pessoas perguntando como aquele fato pode afetá-las. As pessoas querem saber por que aquele conhecimento é relevante para elas. O assunto pode não ser tão importante na vida daquela pessoa, mas o conhecimento que ele proporciona vai ajudá-la a gerar um impacto positivo na vida de alguém que ela conheça.

Você possui interesse em ciência? Por quê?

Sim, porque sou uma pessoa muito curiosa! As minhas matérias favoritas na escola eram biologia, geografia e química. Porque, elas sempre me apresentavam coisas novas. Lembro que quando eu estava na sétima série li uma notícia sobre fibromialgia. Na época, achei aquela leitura tão importante que acabei levando o texto para a professora. Através daquela informação nós iniciamos uma discussão sobre o funcionamento dos órgãos do corpo humano. De fato, eu sempre tive essa curiosidade de saber como as coisas funcionam e a ciência, de certa forma, me proporciona esse conhecimento. Em algum momento – em alguma conversa – eu vou compartilhar aquela informação com os meus amigos ou familiares, porque aquilo pode ser útil para eles. Sempre tento ligar os assuntos de ciência com a minha realidade, a realidade da sociedade em que eu estou inserido.

Você costuma acompanhar o noticiário de ciência?

Hoje eu não acompanho tanto, por uma questão de tempo. Fico muito focado a produção do O Globo, acabo não tendo tempo para olhar os outros lugares. Mas, quando sai uma matéria de ciência, aqui, eu leio.

Em quais sites, revistas ou jornais, além do O Globo, você procura as informações de ciência? Por quê?

Eu costumava ler muita coisa na *National Geographic*, Super Interessante – revistas desse tipo – e no Google. Eu buscava notícias específicas sobre tecnologia e ia lendo aquelas cujo tema me interessasse. Essa era uma das minhas grandes diversões! Além disso, eu sempre lia notícias de ciência que saíam no O Globo, Veja e Folha. Era impressionante, porque eu começava lendo as notícias mais gerais e quando percebia estava na editoria de ciência e tecnologia. Deve ter alguma relação com a minha formação – enquanto pessoa – porque eu fui aquela criança que ficava lendo Super Interessante, no recreio. Sempre estive ligado aos temas de ciência, isso sempre foi algo muito presente na minha vida.

Quais assuntos, dessa área, lhe interessam mais?

Há um ano temas relacionados à exploração, descobertas, me fascinavam. Atualmente estou mais ligado a questões sociais, as ciências sociais. Assuntos ligados à geografia,

biologia – especificamente a área da saúde – me atraem bastante.

Entrevista realizada em 29 de maio de 2018.

Luisa Valle

A jornalista Luisa Valle formou-se em jornalismo, no ano de 2005, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Após sua formação, em 2006, ela realizou um curso de extensão na área de Ciências Políticas, pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio e Janeiro (IUPERJ). No ano de 2009 ela concluiu uma pós-graduação na área de estudo “História do Rio de Janeiro”, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 2013, Luisa realizou um curso técnico em produção de moda, pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Por fim, também no ano de 2013, ela realizou o curso de extensão *Media, Democracy, and Development*, na Universidade de Harvard.



Atualmente, a jornalista trabalha como repórter do jornal O Globo. Nesse jornal, ela passou pelas editorias Rio – onde ainda atua como coordenadora da equipe de redação e edição do site – e editoria Boa Viagem, escrevendo sobre turismo e viagens. Durante sua trajetória profissional, Luisa passou por diferentes veículos. Em 2003 ela fez parte do programa de televisão “Consumo Consciente”, da Prefeitura Municipal de Niterói, onde trabalhou como produtora. Durante sua formação acadêmica, a jornalista trabalhou como estagiária do programa de TV “Direito e Avesso”, na empresa Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro.

Entrevista

Como foi o início da sua trajetória profissional?

Eu sou cria do O Globo. Saí da faculdade e entrei no O Globo por um programa de estágio. Como estagiária passei pelo O Globo, Extra e pela Rádio CBN. Passei por diversas editorias, ficava um mês em cada uma delas. Um ano depois fui contratada como *trainee* de política – na editoria “país” – e fiquei por um ano. Depois fui contratada como repórter da editoria “Rio”, que é onde estou atualmente. Na época, eu saí de “política” e fui para a “Rio”. Fiquei nessa editoria por uns cinco anos e depois fui chamada para trabalhar como repórter da Revista Boa Viagem, também no O Globo. Fiquei na revista por um pouco mais de um ano e depois me chamaram para voltar para a “Rio”, como coordenadora do site. Voltei e estou lá até o momento.

Há quanto tempo você trabalha como jornalista de veículo impresso?

Eu entrei lá em 2005, então fazem 13 anos.

No impresso, quais assuntos você mais gosta de cobrir?

Eu gosto muito de “cidade”. Assuntos nacionais e políticos também me interessam muito. Além disso, gosto das pautas mais leves, justamente por ter ficado no Boa Viagem. Gosto de escrever sobre viagens, acho interessante. Mas, o que eu gosto mesmo é de temas ligados à cidade.

Por que você gosta desses temas?

Acho legal todo mundo começar na editoria de “cidade”, porque é onde você pega tudo que acontece no estado e isso acaba sendo um mapa de tudo que acontece no país. Conseguimos entender, mais ou menos, como funciona. Eu fiz pós-graduação em História do Rio de Janeiro, me especializei na cidade do Rio de Janeiro, e gosto muito dessa temática. Acabo me identificando com a *hard news*. A parte mais leve – de viagem – gosto, porque passei pelo “Boa Viagem” e tomei gosto. Acho legal, mas não é o que eu mais gosto de fazer. Prefiro as grandes coberturas, porque se aproximam mais do meu ritmo de trabalho. No site, por exemplo, você não fica um dia todo fazendo uma matéria só, como normalmente o repórter faz. Você faz 50 matérias em um dia, então é uma coisa mais agitada.

No impresso, quais assuntos você menos gosta de cobrir? Por quê?

Economia e tecnologia. Eu acho essa parte econômica muito chata, sinceramente. Talvez, se eu fosse da editoria de “economia” não iria pensar assim. Mas, esses assuntos ligados à aumento de juros e queda de inflação não me interessam. Porém, eles afetam o dia a dia de todos e eu reconheço sua importância. Tecnologia sempre foi junto com economia no jornal. O problema não são os assuntos, mas certas coberturas. De uma forma geral, é um tema interessante, também está ligado ao dia a dia das pessoas. Mas, eu não gosto de acompanhar – por exemplo – os *CEO* e os lançamentos da Apple. Na minha opinião, isso é entediante.

No impresso, quais assuntos você mais cobre?

Essa parte de “cidade” e “nacional”, sempre que precisam de cobertura me puxam. “Cidade” abrange tudo, então você pode ter uma notícia cultural, como um lançamento de um livro, ou uma matéria sobre um tiroteio. É vasto.

Na sua opinião, o que é ciência?

Ciência é tudo. Ela ajuda você a entender o meio ambiente e o mundo a sua volta. Associa a ciência muito as pesquisas e as pessoas que vão se especializar para desenvolver estudos científicos. É isso, o estudo de tudo, das coisas.

Qual foi a primeira matéria de ciência que você cobriu ou a que mais te marcou?

Ciência não é um tema que costumo cobrir muito. Teve uma pauta sobre um estudo de espécie invasoras, no Rio de Janeiro, que foi bem interessante. Teve outra matéria bem legal que eu fiz – na época de uma daquelas explosões de dengue – sobre uma nova tipificação do vírus. Isso foi antes do um grande surto. Conversei com um pesquisador que falou, na época, sobre o surgimento de um novo tipo de dengue. Isso me marcou, porque foi a primeira matéria que saiu, no O Globo, sobre o assunto. Outra questão de ciência que

costumo cobrir é a falta de financiamento para pesquisas científicas. Sobre esse tema, teve uma série de matérias que fiz sobre um médico – ligado à UFRJ – que estava brigando com a universidade. Ele era responsável por uma parte do estudo de HIV da UFRJ e tinha uma clínica no Centro do Rio. Na época, a universidade parou de passar verba para essa clínica e isso virou um problema sério, porque as pessoas estavam começando a não achar apoio lá. Essa clínica ajudava a população mais carente. Chegou ao ponto do motorista do local vender sucata para conseguir pagar a gasolina do carro. Eu acabo cobrindo mais esse lado da falta de recursos para a ciência.

Com que frequência você cobre pautas de ciência?

Pouca frequência. Cubro muito mais violência e grandes eventos para a cidade e acaba que não sobra muito espaço para parte científica. Porque, no papel, você depende de uma questão de espaço e vai seguindo as matérias de acordo com a prioridade. Dentro da editoria “Rio” a ciência acaba ficando com uma parte pequena e não é prioridade.

Quais temas de ciência acabam tendo destaque na editoria Rio?

O foco da “Rio” é mais o investimento que a ciência tem. Os estudos científicos só são abordados quando tem alguma ligação com a cidade. Por exemplo, se um cientista carioca tivesse descoberto a cura do câncer, isso seria abordado pela “Rio” ou algum desastre na cidade que pode ser explicado pela ciência. Tem que ser uma coisa grande. Na verdade, a parte científica acaba sempre sendo um apoio para uma matéria principal sobre algum assunto de cidade. Nesse momento nós procuramos um cientista para analisar e explicar o que está acontecendo.

Quando você cobre assuntos de ciência eles estão associados a quais temáticas? Por quê?

Normalmente são ligados ao meio ambiente e a saúde. São os temas de ciência que, geralmente, a editoria mais aborda. Violência pode ser também um tema científico, porque você tem cientistas políticos e sociólogos fazendo análises. Mas, sempre nessa intenção de dar apoio ao tema, de explicar. Porém, a ciência entraria em saúde e meio ambiente como protagonista.

Você gosta das pautas de ciência que cobriu?

Gosto, acho sempre interessante. É um novo foco, uma nova luz para o que a gente está acostumado a fazer. A gente acha que tudo é tão óbvio, mas não é. As pautas de ciência sempre mostram que não é bem assim. Elas te permitem enxergar os temas por um ângulo diferente, que você nunca pensou.

Na sua opinião o jornalista aprende um pouco cobrindo as pautas de ciência? Por quê?

Com certeza. Por exemplo, a cobertura de febre amarela. Nós acabamos virando especialistas no assunto, pois de tanto conversar com especialistas e pesquisadores nós acabamos absorvendo certo conhecimento. Pois, temos que explicar tudo para o público. Claro que não iremos dar informações por conta própria, sempre teremos o apoio de alguém que estuda aquele assunto. Mas, essa questão de virar especialista, durante a cobertura, é interes-

sante. Os jornalistas saem da faculdade com nenhuma especialização. Então, quando você fala com um especialista você vai aprendendo sobre o assunto e se sente confiante para escrever sobre o tema. Todo jornalista aprende, um pouco, com as pautas que faz. Acho difícil você ter uma pauta que não te acrescenta nada. Uma pauta científica sempre irá te acrescentar se você fizer direito.

O seria fazer direito?

Falar com todas as fontes. Tem gente que escreve sem saber nada sobre o assunto e tem gente que reproduz aquilo ali sem entender. Você vê, no jornal, matérias sem sentido, que não dá pra entender. Isso é reflete a falta de entendimento do jornalista que a escreveu. Mas, se você consegue sentar, conversar, entender e perguntar – que é o mais importante – sua matéria será bem feita. Sobre essa questão, acho que existe uma barreira entre certos pesquisadores com os jornalistas. Nesses casos, o jornalista tem que saber perguntar, porque os pesquisadores podem estar tão imersos em seu ramo que a forma de explicar é muito técnica. Ele sabe o que está falando, sabe os conceitos e palavras, mas isso não significa que o jornalista também irá saber. É o que acontece, por exemplo, com os advogados que utilizam termos muito técnicos. Você tem que saber perguntar, ser honesto e dizer “eu não entendo nada, me explica da forma mais simples possível?”. Tem que tentar, porque as pessoas se sensibilizam e falam melhor. É preciso saber perguntar e saber ouvir, pois isso pode ser uma barreira. Se você consegue fazer as perguntas certas e apura direito, você aprende. Porque, no final você vai ter entendido.

Na sua opinião, como é a relação do jornalista não especialista com as fontes de ciência?

Normalmente eles são acessíveis. Tem uma repórter, amiga minha, que diz ser mais fácil conversar com um pesquisador de fora do país do que um de dentro do país. Existem algumas pessoas que não são tão acessíveis, mas normalmente os professores e pesquisadores estão dispostos a explicar as pesquisas deles. Eu nunca tive problema com isso. O que pode acontecer é a pessoa está em um congresso, algo do tipo, e você ter que procurar outra fonte. Mas, geralmente, são acessíveis. O que eu observo é que os jornalistas sempre vão para as mesmas grandes universidades e não renovam tanto na escolha das fontes. Há anos eu vejo sempre os mesmos pesquisadores falando sobre variados assuntos, mas sempre os mesmos nomes. Falta um pouco de renovação, mas acho que isso é uma questão que vem de dentro da academia.

Por que você considera que isso é uma questão da academia?

Se o jornalista tivesse acesso a outras fontes, poderia variar. Normalmente, procuramos indicações com as assessorias e elas indicam sempre as mesmas pessoas. Acho que as assessorias das universidades poderiam nos enviar uma lista de pesquisadores para que os jornalistas pudessem escolher com quem entrar em contato. Se a assessoria não tem outras fontes para passar significa que a academia precisa de uma renovação.

Quais assuntos de ciência você mais gosta de cobrir?

Acho que essa parte de saúde e meio ambiente, porque me interessa mais. É a parte que você aprende mais e vê mais coisas diferentes.

Quais assuntos de ciência você menos gosta ou gostaria de cobrir? Por quê?

Ciência econômica. Porque, tenho um bloqueio sério com a parte matemática e acho que essa temática exige certo conhecimento matemático. Na minha opinião, é algo extremamente chato de fazer.

Você se sente à vontade escrevendo as matérias de ciência?

Me sinto um pouco insegura ou com menos segurança do que se fosse escrever uma matéria de violência. Mas, se eu sei que tenho uma boa apuração, que diz boas perguntas, consigo escrever com certa tranquilidade. Sempre que eu escrevo uma matéria dessas, mando o texto para a pessoa e pergunto se as informações estão corretas. Meu medo é publicar alguma coisa errada e a pessoa [fonte] me chamar atenção. Se você escrever alguma coisa errada em ciência pode mudar completamente o sentido. Então, isso se torna uma preocupação. Se for publicado somente no site é um pouco mais fácil, porque eu mando o *link*. Se houver alguma informação errada a pessoa me avisa e eu mudo imediatamente. Meu medo, na verdade, é quando vai para o papel. Você não tem como corrigir ali, tem que corrigir no dia seguinte ou no site.

Na sua opinião, quais cuidados os jornalistas generalistas devem tomar para evitar esses erros?

É preciso saber perguntar, checar tudo o que está escrevendo. Se a fonte falar e você ficar com dúvidas, deve retomar o pensamento e dizer o que entendeu para a pessoa chegar se está correto. Acho que é do próprio interesse do entrevistado que as informações sejam transmitidas corretamente. Por isso, devemos perguntar, checar informações e falar com as pessoas certas.

Como você identifica as pessoas certas para falar?

Eu vou diretamente na universidade e peço indicações, explico o que estou precisando e eles me dão os contatos. Também pesquiso fontes no currículo lattes. Como está tudo disponível na internet, fica mais fácil encontrar as pessoas. Quando encontro o nome de um especialista, de determinado assunto, tento falar com ele. Há essa possibilidade de ir à universidade com os nomes específicos. Mas, normalmente, o que a gente faz é pedir as indicações na assessoria, porque eles sabem quem está disponível ou não.

Na sua opinião, os termos técnicos atrapalham ou não a cobertura de ciência?

O que pode acontecer é dar uma afastada no leitor, mas vai do bom senso do jornalista utilizar ou não os termos. Por exemplo, eu não vou escrever uma matéria sobre polícia como um policial escreveria, usando todos os termos. Os jornalistas precisam traduzir isso para o público. Se o jornalista deixarem exatamente como as fontes falaram, sem nenhuma explicação, o público não vai conseguir entender. É uma questão do jornalista entender e saber a forma correta de transmitir a informação sem alterar o sentido.

Você tem alguma dificuldade na hora de escrever as matérias de ciência?

Não, mas tenho uma preocupação de checar mais de uma vez as informações para garantir que entendi direito o que foi dito e que apurei bem o fato. Mas, acho que assuntos médicos

são um pouco complexos de entender, porque você tem termos muito específicos. Além de entender você tem que traduzir os termos. Às vezes, precisa usar aquelas palavras e tem que explicar, no texto, o que significa aquilo.

Na sua opinião, quais pontos devem ser explorados durante a cobertura de ciência?

Acho que é fundamental explicar por que e como afeta a população, o dia a dia, e quais são as consequências daquilo. Temos que, de certa forma, deixar claro a importância da matéria.

Por quê?

Porque, você não vai fazer uma matéria que não interessa para ninguém. Nessa lógica, é necessário mostrar o motivo pelo qual a matéria é importante para que o público se interesse e leia.

Você lembra de algumas matérias de ciência que cobriu?

Essas que eu mencionei, sobre meio ambiente, animal em extinção, dengue, febre amarela e gripe. Assuntos de saúde. Também falei muito com cientistas políticos sobre o cenário político.

O que mais gostou e o que menos gostou nessas matérias de ciência?

Gostei de todas as pautas. A única coisa que não gosto é quando os entrevistados são grossos. Às vezes, vamos conversar com a pessoa – isso acontecia principalmente quando eu era mais nova – e não recebemos um bom tratamento. Quando o jornalista está começando é um pouco mais inseguro. Algumas pessoas percebem essa insegurança e se aproveitam disso. Claro que não são todos, são poucos os casos que presenciei. Essa foi a situação que menos gostei, ser maltratada por algum entrevistado. Mas, é algo raro. Em relação aos temas que cobri, gosto de todos. Eu gosto de escrever, então pode me dar qualquer matéria que eu vou gostar de fazer, mesmo de economia. A gente não deixa de ser jornalista.

O que você quer dizer quando fala sobre o jornalista ser maltratado?

A forma de atender e responder o jornalista. Existem pessoas que não tem nenhuma vontade de te atender. Também existem aqueles que te atendem, mesmo não querendo, mas são grosseiros e se exaltam, gritam, durante a conversa. Quando a pessoa não quer responder a pergunta, é um direito dela, mas não precisa brigar com o jornalista que está fazendo o seu trabalho. Da mesma forma que você não trata mal um entrevistado, você não quer ser maltratado. Mas, isso não acontece com todos. O que tem muito na academia são pesquisadores vaidosos.

Como seria esse pesquisador vaidoso?

Aquelas pessoas que são reconhecidas no campo que atuam, que tem muitas pesquisas e que já promoveram seu nome. São os pesquisadores que acham que ninguém pode ensiná-los nada, pois já dominam todo aquele conhecimento. Ter uma conversa com esse tipo de pessoa é complicado, porque eles não são claros nas explicações. Eles falam para as pesso-

as que já dominam o conhecimento e não para aquelas que estão tentando aprender do zero.

Você lembra de alguma dessas matérias?

Essa [matéria “O perigo vem à tona”] foi realizada em 2015 ou 2016, e falava sobre algum vírus encontrado na água de locais onde seriam realizados alguns jogos olímpicos. Essa [matéria “Poluição afeta faixa de sete quilômetros na Barra”], também falava sobre meio ambiente, abordando a questão da mancha provocada por cianobactérias.

Você destacaria alguma coisa nessas matérias?

Foram assuntos interessantes de se trabalhar. Na cobertura dessas matérias a gente costuma a falar muito com autoridades para ver o posicionamento deles, nessa [matéria “Poluição afeta faixa de sete quilômetros na Barra”] eu cheguei a conversar com um biólogo marinho para entender o fenômeno que estava acontecendo para contribuir com o aparecimento de uma mancha na praia. Algumas matérias são repercussão ou continuação de outras, por exemplo essa [matéria “O perigo vem à tona”].

Na sua opinião, como foi trabalhar com esses temas?

Eu acho interessante. Por exemplo, essa questão da poluição da Baía de Guanabara é um assunto que é importante você reabordar para procurar respostas que há muitos anos as pessoas procuram e não tem. Acho que os jornalistas, quando apuram os fatos, estão sempre em busca de uma resposta. É interessante você conversar com as pessoas para saber um pouco mais, investigar os desdobramentos daquele fato. É uma forma de fazer que o governo pelo menos responda, que atualize a sociedade sobre o que está ou não sendo feito. Alguns anos após escrever essa matéria [“O perigo vem à tona”] a gente percebe que nada foi feito, nada mudou. As Olimpíadas aconteceram, nada foi feito, as pessoas entraram nessa água e tudo continua igual. Mas, é interessante essa questão do jornalismo de tentar mudar certas realidades e buscar respostas.

Desde que iniciou sua trajetória profissional, alguma coisa mudou na forma como você aborda e escreve as notícias de ciência? Se sim, quais foram as mudanças?

Sim, atualmente me sinto muito mais segura para fazer as perguntas e para cobrir esses temas ligados à ciência. Acho que o tempo de profissão te permite isso. Você vai trabalhando, se acostumando com a redação, todo dia está em contato com as pessoas – fazendo entrevistas – e acaba criando uma casca. Por exemplo, se eu ligar para algum pesquisador e ele me tratar mal, isso não vai me afetar tanto. Eu não tinha essa postura no início da minha carreira, se acontecesse uma situação dessa – na época – eu ficava paralisada. Hoje tenho mais segurança até para pedir que eles voltem e me expliquem novamente. Acho que alguns jornalistas também são vaidosos e não conseguem admitir que não estão entendendo. Mas, você precisa ser sincero e reconhecer isso. Você não é formado naquilo, mas está escrevendo um texto que vai ser lido por muitas pessoas.

Na sua opinião, quais são as principais: características, diferenças e objetivos do jornalismo especializado e do jornalismo não especializados?

Acho que o jornalismo especializado foca no público especializado. Seus leitores são cientistas e pessoas que estão voltadas para aquela área. O jornalismo não especializado escreve para o resto do mundo. Também enxergo diferença na cobertura. O jornalista especializado faz uma cobertura muito mais profunda e específica. Ele também pode ter fontes mais interessantes e, provavelmente, sua abordagem será diferente da utilizada pelo jornalista que não é especialista. Porque, no jornal não especializado nós temos sempre que deixar claro para os leitores a importância daquele assunto e de que maneira aquilo afeta a vida dos cidadãos comuns. O foco é diferente. Acho que o jornalismo especializado o foco seria a pesquisa, o caminho que ela toma e o que ela pode representar no cenário nacional, internacional e mundial. São coisas que talvez não interessem tanto para o dia a dia das pessoas. Por isso, a cobertura do jornalismo não especializada acaba sendo menos profunda.

Na sua opinião, até que ponto o jornalismo não especializado é uma fonte de informação sobre ciência?

Acho que ele informa e alerta o público sobre determinadas questões. Chama atenção para questões importantes e alerta para, por exemplo, a falta de verbas que pode prejudicar uma pesquisa importante ligada à questão da Baía – o que vai aumentar o prazo para a despoluição. Acho que o jornalismo não especializado seja importante, pois ele fala diretamente com as pessoas comuns, mas não dá para considerar esse jornalismo como uma fonte para o aprofundamento nas questões científicas. O leitor não irá encontrar as nuances da ciência.

Na sua opinião, o que os leitores buscam nas matérias de ciência?

Acho que quando é um caso de saúde, eles buscam informação e prevenção. Todos os leitores, não só os do O Globo, buscam questões ligadas a serviço. Eles querem saber como aquele fato ou informação será útil para o seu dia a dia. Por exemplo, questões estéticas são muito procuradas, mas a maioria não quer saber sobre as pesquisas que estão sendo desenvolvidas sobre o *botox*. Elas se interessam mais pelo novo *botox* que permite que a pele fique bonita por mais tempo. Seria uma questão mais de serviço e menos educacional.

De acordo com sua experiência, qual temática científica tem mais chances de despertar interesse nos leitores? Por quê?

Saúde e questões ligadas à estética, beleza, bem estar. Acho que elas são interessantes, porque costumam ter mais impacto sobre o cotidiano. As matérias de ciência voltadas para a saúde são vistas com mais frequência no jornal. Acho que isso está ligado ao interesse das pessoas, porque elas estão sempre buscando hábitos mais saudáveis e boa qualidade de vida. Essas matérias acabam entrando na parte científica, pois precisamos abordar certos conceitos ou explicações que estão ligadas a ciência. Mas, para serem abordados no jornal, esses assuntos precisam ser relevantes para as pessoas. Eles precisam impactar, de alguma forma, no dia a dia. Por exemplo, um surto de alguma doença. Os leitores vão querer entender o que é essa doença, como ela afeta as pessoas, como pode identificar e se prevenir.

Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade? Por quê?

Sim, porque você precisa do conhecimento científico para que as pessoas compreendam a importância das coisas. Se não existir um estudo para criar um remédio para curar determinada doença a realidade nunca vai melhorar. Se não existir pessoas nas academias para refletirem sobre os problemas que afetam o mundo, nunca será possível promover uma discussão – na sociedade – sobre esses assuntos. Por exemplo, os cientistas políticos que tentam compreender como diminuir os níveis de violência. Você precisa de pessoas pensando sobre isso para poder melhorar a vida em sociedade. Tudo depende de pesquisa e da ciência.

Na sua opinião, o que as pessoas podem fazer com essas informações?

Aplicar em suas vidas. Essa aplicação pode ser de uma forma prática ou não. Uma teoria ou estudo pode te fazer refletir sobre determinadas questões, mas isso não significa que você vai ter que tomar uma atitude imediata sobre aquilo. Isso permite que as pessoas fiquem mais questionadoras. Com essas informações elas podem, por exemplo, cobrar uma atitude do prefeito, cobrar melhores políticas públicas, cobrar projetos para implementar mudanças entre outras coisas.

Para você, como a informação científica deve ser apresentada para a sociedade?

Da maneira mais simples possível e de uma forma atrativa. Isso depende do seu público alvo. Por exemplo, esses dias eu estava ouvindo uma entrevista com o responsável pelo desenvolvimento da vacina HPV. Ele estava falando das campanhas de vacinação, disse que tinha doses disponíveis nos postos, mas a procura tinha sido baixa. Essa é uma vacina cara, quando você consegue disponibilizá-la e as pessoas não a procuram, é sinal que pode estar faltando uma abordagem diferente para conscientizar as pessoas da importância dessa imunização. Na minha opinião, é importante focar no público alvo para entender a melhor forma de veicular a informação e identificar a abordagem que será mais atraente para o público. Isso aumenta as chances das pessoas lerem a matéria e entenderem o que está sendo dito. Mas, para isso a informação tem que ser passada de forma acessível, explicando cada etapa.

Você possui interesse em ciência? Por quê?

Sim, porque acho legal e importante entender as questões que estão presentes no nosso dia a dia. Inclusive, até tentei me candidatar para um mestrado, em comunicação. Acho que quanto mais gente estudando e desenvolvendo pesquisas, maiores são as chances de criarmos uma sociedade mais informada. Também acredito que é importante ter essa especialização no país, porque tem muita gente indo embora. Precisamos de pessoas aqui dentro para pensar e desenvolver pesquisas que tenham ligação com a nossa realidade. Tem que haver esse investimento. Eu acabo me interessando pelos temas de ciência, porque a ciência está presente em tudo. Acho que ela permite que você pense a respeito da sua realidade.

Você costuma acompanhar o noticiário de ciência?

Não são assuntos que eu fico procurando, mas acabo lendo constantemente, porque estão sempre sendo abordados. Costumo ler, com mais frequência, assuntos de ciência ligados a

editoria “Rio”. Mas, não é nada específico, são aquelas matérias ligadas a saúde, meio ambiente e bem estar.

Em quais sites, revistas ou jornais você procura as informações de ciência? Por quê?

Se for algo relacionado a saúde eu vou direto para o site da Fiocruz e procuro por lá. Também dou uma olhada no site do Ministério da Saúde. Fora isso, costumo buscar informações nos sites de institutos específicos sobre aquele assunto, como o Instituto Baleia Jubarte na época que diversas baleias estavam encalhando na costa brasileira. Geralmente recorro aos sites especializados no tema que estou procurando. Além disso, leio o que é veiculado pelo O Globo. Procuro nesses lugares, porque são os lugares que eu conheço e que considero mais expoentes – com mais credibilidade – para falar sobre determinados assuntos. Você tem que ir para aqueles lugares em que sabe que a informação é correta e segura.

Quais assuntos, dessa área, lhe interessam mais?

Saúde e meio ambiente, na minha opinião, são os mais interessantes. Também gosto muito de assuntos ligados aos cientistas políticos e análises políticas. Esses são temas que te permitem analisar o mundo em que vive. Isso pode te apontar novos caminhos e te fazer enxergar as coisas por um novo ângulo.

Luiza Souto

A jornalista Luiza Souto formou-se em jornalismo, no ano de 2005, pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). Em 2008 ela concluiu uma pós-graduação na área de estudo “Jornalismo Cultural”, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



Atualmente, a jornalista trabalha como repórter do jornal O Globo. Durante sua trajetória profissional, Luiza passou por diferentes veículos. No período de 2012 a 2015 ela trabalhou como repórter do Jornal Extra. Entre os anos de 2010 e 2012 a jornalista fez parte do grupo de repórteres da Folha de São Paulo.

Entrevista

Como foi o início da sua trajetória profissional? Em quais veículos você trabalhou e por quais editorias passou?

Nossa passei por muitas! A primeira plataforma em que trabalhei foi rádio. Eu estudei na Facha, em Botafogo, no segundo semestre de 2002 fiz meu primeiro estágio numa rádio, chamada Rádio Carioca e depois eu fui para a Rádio Manchete. Nessas duas rádios eu trabalhava em programas de entrevista. Eu ajudava basicamente na produção, recebia temas, por exemplo, da área da saúde e fazia ligações para encontrar alguém que pudesse dar entrevista e falar sobre aquele assunto do dia. Cada dia era um tema, podia ser saúde, educação entre outros. Nessas duas rádios trabalhei especificamente com isso, produção. O primeiro jornal onde eu trabalhei foi no O Globo. Minha primeira passagem por ele foi em 2010, se não me engano, em que trabalhei no Globo Barra, no caderno Bairros. Esse era um caderno de comportamento, se tivesse algum evento na Barra eu cobria e fazia a matéria, mas foi um trabalho temporário. Depois eu fui para a Folha de São Paulo, na sucursal do Rio, no centro. Eu comecei na Folha cobrindo esporte, que era uma coisa que eu amava e queria realmente fazer. Eu fui cobrir as férias de um repórter de esporte, por isso fiquei apenas um mês. Depois fui trabalhar em uma produtora de filmes, chamada Carioca Filmes. Lá eu fazia assessoria de imprensa dos programas que eles produziam que eram, basicamente, ligados a cultura. Porém, meses depois eu voltei para Folha, atuando na cobertura de cotidiano. Nesse período eu cobri a tomada do Alemão e esporte no fim de semana. Mas, meu trabalho era voltado para a cobertura de cotidiano, coisas que aconteciam no Rio, como por exemplo, a chacina de Realengo. Na verdade, eu sempre tentei vender pautas ligadas ao social, mas também fiz alguma coisa na área de cultura. Eu passei dois anos na Folha e de lá fui para a Isto É Gente, onde fiquei apenas três semanas por ser um trabalho temporário. Até que apareceu uma vaga no Jornal Extra, em 2012, na “Canal Extra” e “Toda Extra” que era uma revista feminina desse jornal. Essa foi minha volta para o grupo Globo, em que eu retornei cobrindo temáticas de interesse feminino, como beleza, moda, novela – que também era uma coisa que eu gostava. Fiquei três anos no Extra, no centro do Rio, até aparecer uma oportunidade de ser correspondente do Extra em São Paulo. Eu sempre quis vim pra cá e estudar aqui, por uma questão de

oportunidades de emprego e melhor salário, então eu aceitei vim para São Paulo como correspondente do Extra e cobrir, também, cotidiano de São Paulo. Eu me mudei em maio de 2015, mas em agosto fui colocada no O Globo, para trabalhar na editoria nacional. As sucursais do O Globo são muito políticas, tanto Brasília quanto São Paulo eles se concentram na cobertura de política. A adaptação a língua paulista, ao jeito paulista de ser e a cobertura de política foi difícil. Já tinha muita gente, aqui, especializada nisso, como o pessoal que trabalha com a cobertura da lava-jato, e eu não me sentia em condições de competir com essas pessoas. Eu não tinha fontes nem nada do tipo. Mas, eu comecei a ganhar espaço no caderno sociedade, do O Globo, cobrindo assuntos ligados a direitos humanos e pesquisas. Eu gosto muito de dados e de pedir leis de acesso. Dessa forma, comecei a pedir leis de acesso para saber, por exemplo, o número de jovens mortos por policiais por ano, número de armas encontradas nas escolas por ano, pesquisas que trouxessem números que as secretarias de educação e de saúde não costumam divulgar. Foi assim que comecei a seguir essa linha e comecei a fazer levantamento de dados, falar mais de direitos humanos, ir atrás de pesquisas. Aliás, existem umas ONGS muito bacanas, como a *Human Rights Watch*, que até lançou hoje dados do número de pessoas com deficiência abandonadas em hospitais. Então foi dessa forma que eu comecei a ir atrás dessas ONGS e de pesquisas de instituições que trabalham com dados na área de educação e saúde. Com isso comecei a encontrar fontes que me davam essas pesquisas antes delas serem divulgadas. Quando eu vi que estava ganhando espaço no jornal e meu editor de política percebeu que a editoria de sociedade estava ganhando visibilidade – porque, O Globo talvez seja, hoje, um dos jornais que mais dá espaço para assuntos voltados para o público LGBT, por exemplo – eu comecei a enveredar por esse lado. Falar de crackolândia, drogas, pesquisa com cannabis, LGBT e isso seguiu até esse ano de 2018. Posso dizer que me encontrei nessa editoria.

Há quanto tempo você trabalha como jornalista de veículo impresso?

Comecei a trabalhar com impresso em 2010, quando eu fui para o Globo Barra. Então já fazem oito anos. Desde lá eu fui emendado e não parei mais de trabalhar nesse segmento.

No impresso, quais assuntos você mais gosta de cobrir? Por quê?

Direitos humanos. Na minha opinião esse é um assunto muito importante e acho que poucos impressos cobrem. Sem dúvidas, é o que eu mais gosto de fazer e é o caminho que eu quero seguir enquanto for possível, enquanto eu puder.

O que, especificamente, te atrai nesse tema?

Eu acho que existem muitas histórias que precisam ser contadas. Por exemplo, eu acabei de fazer um documentário sobre a crackolândia e fiquei semanas ali, no meio daquele fluxo. As pessoas quando sabem disso ficam chocadas, dizem “ai, meu Deus, você chegou perto de crackudo!”. Mas, a realidade é que a primeira coisa que uma pessoa em situação de vício faz é te abraçar, quando você vai conversar com ela. Eles querem falar, contar suas histórias e dizer para as outras pessoas que eles precisam de ajuda. Eu acho que as pessoas precisam entender isso. Quando você olha essas pessoas nos olhos, quando você se dedica a elas, você muda os seus conceitos de vida. Existem cada vez mais pessoas individualistas e quando você apresenta uma história de luta, como por exemplo, de pessoas transexuais que estão conseguindo vagas nas universidades, pessoas viciadas em droga que querem se internar, mas o governo não dá elementos básicos para essa internação, vítimas de um

desastre que estão há dois anos com problemas de saúde diversos e não conseguem tratamento ou indenização do governo. As pessoas precisam saber disso para, inclusive, serem mais atuantes politicamente. Quando uma pessoa escuta determinado candidato falando que vai promover isso e aquilo, elas precisam saber que muita gente nunca vai ter acesso aquelas coisas, precisam ficar de olho. E é isso que eu quero fazer, batalhar para que as pessoas saibam da realidade dos hospitais, das escolas, do interior do Brasil. Às vezes a tragédia está do seu lado e ninguém está vendo. Então nós precisamos contar essas histórias.

No impresso, quais assuntos você menos gosta de cobrir? Por quê?

Nossa, eu sou tão apaixonada pelo jornalismo que tudo que mandam fazer eu gosto. Mas, uma coisa que eu considero muito chata de fazer é acompanhar campanha de políticos. Como aqui tem muita coisa relacionada a polícia, um dos centros de cobertura é aqui, nós recebemos muitas coisas relacionada aos candidatos e temos que acompanhar essas pessoas. Por exemplo, as vezes temos que acompanhar a coletiva do Geraldo Alckmin, que é uma pessoa complicada, porque não responde e nem fala sobre nada. Eu considero muito chata essa parte de acompanhar coletivas e campanhas, porque não rende, não te dá um *lead*. Essas pessoas falam o que querem, falam coisas bonitinhas, e a gente sabe que não são verdade. Então me dá certa aflição quando eu tenho que para rua cobrir essas pautas.

Em qual editoria, do O Globo, você trabalhava?

Então, não existem muitas pessoas específicas nas editorias dos jornais. Por exemplo, aqui em São Paulo tem uma pessoa especializada só em PSDB e outra só em PT. Então são dois repórteres que ficam nessa função de cobrir, especificamente, esses partidos políticos. Também tem a Cleide Carvalho que é responsável pela cobertura da lava-jato, pois não a deixam fazer nada além disso. Os outros repórteres ficam a disposição de todas as editorias, mas cada um puxa sardinha para aqueles assuntos que gosta. No meu caso, eu atuava mais em sociedade. Minhas últimas publicações foram nessa editoria.

Qual foi a sua primeira experiência na cobertura de ciência?

Creio que minha primeira cobertura de ciência foi feita no jornal O Globo, em 2015. Eu me recordo que nesse período houve muitas pautas sobre H1N1, teve uma primeira grande crise, e eu fiquei muito focada nisso. O que eu consigo me lembrar, nessa área de pesquisas, é esse assunto de gripe. Na época teve, até, algo relacionado a Fiocruz, mas no momento não me recordo se foi algum dado de pesquisa ou coletiva que eu acompanhei. Depois veio a questão da microcefalia, que foi outro assunto do qual participei da cobertura. Mas, quem trabalhava mais com isso era a repórter Ana Lúcia Azevedo, do O Globo Rio.

Com que frequência você cobria pautas de ciência?

Um tema que eu publiquei muito, e que considero como ciência, foi essa questão do aborto. Eu fiz uma matéria grande no final do ano que falava sobre meninas que tentavam ir para os hospitais fazer aborto. Nessa matéria eu explicava um pouco sobre o procedimento, então eu precisei conversar com pesquisadores e obstetras, para poder explicar a diferença entre o aborto natural e o induzido. Em 2016 fiz uma matéria sobre Síndrome de Edwards, que também foi grande, falando da pouca chance de sobrevivência

das crianças que possuem essa síndrome. E na época, o congresso estava em discussão sobre o aborto em casos de microcefalia. Eu tive que ir no site “jusbrasil” para procurar quantos processos de pedidos de aborto tinham para síndromes raras e consegui encontrar 30 especificamente para a Síndrome de Edwards. Mais uma vez busquei pesquisadores e pessoas entendidas no assunto para me auxiliarem na construção dessa matéria. Encontrei um centro, se não me engano da UNICAMP, que desenvolve pesquisas nessa área, falei com os geneticistas e elaborei um texto que falava desse drama. Misturei a ciência, pois considero que isso seja ciência devido a pesquisa, e a questão dos direitos humanos. Por isso eu peguei essa pesquisa da UNICAMP e trouxe falas de pessoas que estavam tentando abortar, porque os fetos possuíam a síndrome. Ficou bem legal essa matéria! Outro tema relacionado a pesquisa, que eu também cobri, foi a da vacina do craque. Nessa matéria eu falava sobre um pesquisador que está tentando desenvolver uma vacina contra o craque. Também fiz uma matéria que falava sobre o uso medicinal da maconha, que é um assunto que me interessa, pois eu fico na expectativa que o Brasil libere o uso da cannabis para tratar doenças. Nessa matéria eu tive a oportunidade de falar com um pesquisador que estuda ervas medicinais, acho que ele é da UNB, para saber os reais efeitos da maconha no tratamento de pessoas com epilepsia e também conversei com pais que precisam dessa essência para controlar as crises dos seus filhos. Também acompanhei muito a questão da pílula do câncer, até consegui um furo sobre o secretário de saúde de São Paulo. Foi um assunto polêmico que rendeu bastante. Até gravei vídeos para O Globo sobre isso, porque foram placebos distribuídos durante anos, para um grupo de pessoas, sem aval da ANVISA. Se não me engano, essas foram as maiores coberturas de ciência que eu realizei e gostei.

Por que você gostou de cobrir essas pautas de ciência?

Porque, eu conseguir ligar com a questão dos direitos humanos. Na verdade eu sempre busquei isso, ligar as pesquisas às histórias de pessoas que estavam, realmente, sofrendo ou sendo vítimas de algo relacionado a isso.

Quais assuntos, de ciência, você menos gosta de cobrir? Por quê?

Eu nunca precisei cobrir uma pauta de ciência que não gostava, porque era sempre eu que elaborava as sugestões de tema. O que deixavam alguns jornalistas desconfortáveis eram as pautas de ciência relacionadas, por exemplo, a pesquisas de planetas que estão diminuindo ou crescendo e descobertas de fósseis em lugares distantes. Acredito que essas matérias não mudam nada na vida das pessoas. Essa é uma parte da ciência que eu não consigo enxergar como importante. E acontecia de, às vezes, eu estar com uma pauta pronta de ciência – que envolvia pesquisa na área da saúde – e acabar perdendo o espaço no jornal para esse tipo de matéria. Quando isso acontecia eu ficava um pouco chateada, mas superava. A questão é que eu não considero isso essencial, sabe? Para que o público vai querer saber que Marte tem 30 centímetros de diâmetro e não 40? Eu acho que é um pouco surreal dar tanta importância a isso.

Você se sentia a vontade escrevendo matérias de ciência? Por quê?

Sim, muito! Porque, era uma coisa que eu gostava de fazer, essa coisa de pesquisas, e que me dava bons espaços no jornal.

Você tinha alguma dificuldade para escrever as matérias de ciência?

Dependia do tema. Esse exemplo que eu te dei, agora pouco, sobre a pesquisa relacionada a questão psicológica, foi um pouco complicado. Às vezes eu lia páginas e mais páginas, cheias de termos técnicos, e tinha que tentar resumir todas aquelas informações em uma folha. Quando eu fiz essa cobertura da pílula do câncer, existia um termo técnico para se referir a como o pó, presente naquelas pílulas, agia dentro do corpo. Eu nem consigo me lembrar dos nomes das reações químicas que me disseram que aconteciam no sangue. Teve um dia em que eu me esforcei muito – foi logo no começo desse assunto – porque eu tive que explicar detalhadamente os efeitos dessa pílula. Eu lembro que liguei, pelo menos, umas cinco vezes para o pesquisador responsável. Ele me explicava, eu escrevia, mas o editor não conseguia entender o texto. Então eu ficava ligando para confirmar as informações e para tentar entendê-las melhor. Eu pedia para que ele me ajudasse a traduzir, pois eu não estava entendendo. Às vezes tem nomes, na ciência, que você obviamente não pode trocar. Quando o assunto era muito difícil de entender, eu costumava colocar parênteses com a explicação, mas nesse caso nem isso eu estava conseguindo fazer. Por isso, eu continuei ligando para esse e outros pesquisadores e cientistas, para que eles me ajudassem a traduzir essas reações químicas.

Na sua opinião, quais pontos devem ser explorados durante a cobertura de temas de ciência?

Eu acho que temos que dar mais destaque a assuntos de ciência que gerem algum impacto na vida das pessoas. Uma pesquisa que mostra que existe uma pílula capaz de curar o câncer – que faz as pessoas acreditarem nisso – mas que na verdade é um placebo, é o tipo de assunto que precisa ser amplamente divulgado e explicado. É preciso que você coloque todos os pesquisadores e toda a imprensa do Brasil para debater isso. Porque, é uma coisa que mexe com a saúde, a gente vê que da vez mais aumenta a incidência de câncer no mundo, e também mexe com a cabeça das pessoas. Então não é uma coisa simples. Eu acho que quando a gente se depara com um tema desses, que influencia na saúde da população, temos que dar espaços nas capas dos jornais e falar com o máximo de gente possível.

Desde que iniciou sua trajetória profissional, alguma coisa mudou na forma como você aborda e escreve as notícias de ciência? Se sim, quais foram as mudanças?

Lá no início, quando comecei a divulgar pesquisas, eu simplesmente pegava a pesquisa, tentava traduzir, resumir e publicava. Hoje, eu percebo que tenho mais cuidado, comecei a olhar mais para outras pesquisas, a ficar mais atenta nos assuntos. Acho que é basicamente isso, com o tempo você amplia a sua visão e começa a ver o que realmente dá retorno, o que realmente é importante. Eu vejo que hoje eu realmente tenho uma maior preocupação em pegar esses temas e levar mais ao conhecimento.

Na sua opinião, quais são as principais características, diferenças e objetivos do jornalismo especializado e do jornalismo não especializados?

O especializado vai pegar um assunto, como placas tectônicas, e vai focar numa abordagem muito mais científica. Eu acho que a pessoa especializada, talvez por ter conhecimento sobre o assunto, às vezes esquece que o resto das pessoas não são – pelo menos a maioria. Por exemplo, eu não entendo nada de carro, mas quando eu falo com o

meu cunhado que é uma pessoa que corre, participa de campeonatos de arrancada, ele começa a falar de carro como se estivesse falando de roupa. Ele conta as histórias dele, usa os termos dele, mas eu não entendo. Por mais que seja uma conversa comum na roda dele, mas naquele momento ele está falando com alguém que não entende nada sobre o assunto. Eu acho que o jornalismo especializado algumas vezes segue essa lógica, porque quando a pessoa está muito acostumada ela simplesmente esquece que as outras pessoas não estão. Não tem esse cuidado de traduzir alguns termos ou trazer uma coisa mais popular para que todo mundo entenda. Aqueles que não são especializados, como eu que não entendo da área, dão mais atenção a isso. Quando eu pego uma pesquisa, tento conversar não só com os autores, mas com outras pessoas – que tenham a ver com o tema – para ter uma outra visão e para me auxiliarem com os termos. Porque são pessoas que não estão viciadas naqueles termos, como os pesquisadores. Então eu acho que quem não é especializado tem essa maior preocupação e, além disso, também procuram pessoas que vivem aquilo. Por exemplo, quando me deparo com uma pesquisa sobre câncer eu procuro personagens que sofram dessa doença.

Na sua opinião, até que ponto o jornalismo, não especializado, é uma fonte de informação sobre ciência?

Acho que o jornalista não especializado conversa com muita gente. Creio que não seja nenhum demérito eu, que não sou especializada, procurar fontes extremamente especializadas. Assim como os jornalistas especialistas na área, eu também tenho minhas fontes. Eu cobri tanto a questão do câncer, por exemplo, que acabo tendo propriedade para falar sobre o assunto, mesmo não sendo uma expert.

Na sua opinião, o que os leitores buscam nas matérias de ciência?

Vou responder essa pergunta de acordo com os retornos que recebo das minhas matérias. Uma coisa que chama a minha atenção é que, no site, as publicações ligadas a descobertas de espécies – aranhas por exemplo – rendem muitos cliques. Coisas curiosas, um pouco grotescas, geram interesse. O que eu observo é que as pessoas se interessam por aquilo que é muito grotesco e por assuntos ligados a saúde e bem estar, como as notícias sobre câncer ou AIDS.

Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade? Por quê?

Sim, lógico, principalmente quando é um assunto relacionado a saúde e que pode afetar a vida dessas pessoas de alguma maneira. No meu caso, eu tenho um irmão que é deficiente auditivo e ele tem dois filhos, um deles é surdo e o outro autista. Qualquer conhecimento nessas áreas, para mim, é muito importante, porque ajudam a minha família. Mas, falando de uma forma geral, qualquer pesquisa e conhecimento nessas áreas que nos afetam são importantes e precisam ser divulgados para toda a população. Porque, essas informações nos ajudam a compreender e lidar melhor com as coisas.

Para você, como a informação científica deve ser apresentada para a sociedade?

Acredito que as informações científicas que devem ser divulgadas são, justamente, essas que de alguma forma afetam a sociedade, acho importante bater nessa tecla. São tantas doenças surgindo, tanta coisa que ainda precisa ser feita e estudada. Na minha opinião até aqueles estudos que ainda não foram concluídos devem ser divulgados para que a

sociedade saiba que eles existem. Todas as etapas dos estudos deviam ser divulgadas, porque nós precisamos saber em que nível as coisas estão. E o jornalista pode inserir esses temas na sociedade divulgando, pegando os números e os traduzindo para um português bem claro, para que todos consigam entender. Isso deve ser feito independentemente de ser ou não ligado a ciência. Em qualquer editoria, para explicar bem o assunto, você utiliza um personagem. A Síndrome de Edwards que eu cobri, por exemplo, ninguém sabia – inclusive eu – sobre o que se tratava. Eu visitei um casal que teve um filho com a síndrome e conversei com várias mães que ainda tem filhos, vivos, com essa síndrome. Dessa forma eu pude entender o que é, porque até então eu tinha conversado com uma geneticista – que fez uma pesquisa sobre o tema – mas, ela me passou a informação com muitos termos técnicos. Ela nunca teve um filho com essa síndrome. Por isso eu busquei mães que pudessem me esclarecer como é essa realidade. Acho que quanto mais você pegar exemplos de pessoas que estão passando por isso para acrescentar as informações obtidas pela pesquisa, melhor a população entende. Na verdade, entende na prática.

Você possui interesse em ciência? Por quê?

O meu interesse em ciência está diretamente ligado aos direitos humanos. Pesquisas relacionadas a temas como dengue, febre amarela, AIDS, câncer, outras doenças que estão surgindo, remédios, isso sempre vai me interessar. Porque, eu posso me tornar vítima de qualquer uma dessas doenças. Por isso eu tendo acompanhar essas pesquisas, divulga-las e ouvir pessoas que estejam passando por isso.

Você costuma acompanhar o noticiário de ciência?

Sim, eu sempre lia! Sempre tive essa curiosidade, principalmente, por temas relacionados à mulher. Porque, há alguns anos eu tomei pílulas que cortavam a menstruação, sem me informar antes, e isso teve um efeito muito ruim na minha vida. Depois disso eu passei a me interessar mais sobre essas coisas e, conseqüentemente, comecei a buscar mais informações. Foi assim que eu comecei a me interessar por ciência, procurando os temas que atingiam a mim e a minha família. Além disso, também leio algumas curiosidades relacionadas à ciência – como aquele exemplo que já mencionei, das aranhas. Também costumo acompanhar algumas pesquisas da Fiocruz. Inclusive, uma vez, liguei para essa instituição para tirar uma dúvida pessoal. Pois, li uma pesquisa que trazia o número de incidência de dengue em cachorros e, como tenho uma cadela, fiquei preocupada.

Em quais sites, revistas ou jornais você procura as informações de ciência?

Sinceramente, eu utilizo o Google! Se eu estou procurando um tema, eu o pesquiso no Google e vou entrando nos sites para ler. Mas, algumas vezes, recorro a *National Geographic*, que na minha opinião é um dos maiores canais de divulgação de pesquisas. Também procuro informações no O Globo e em sites de ONGs, como Caritas e *Human Rights Watch*, em que sempre encontro pesquisas interessantes e com credibilidade. A revista *Nature* também tem algumas publicações que me interessam.

Por que você procura esses canais e não outros?

Pela credibilidade que eles possuem e por achar as notícias mais interessantes. Mas – como você pode perceber – não me prendo aos canais, também ligo para os pesquisadores e para pessoas, amigos, que trabalham, por exemplo, dentro da Fiocruz e tiro algumas

dúvidas.

Entrevista realizada em 23 de maio de 2018.

Nícollas Witzel

O jornalista Nícollas Witzel formou-se em jornalismo, no ano de 2017, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Após sua formação, ele realizou cursos em diferentes áreas, como o curso de “Desenho e Técnicas de Ilustração”, realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-RJ); curso “Economia para Jornalistas”, realizado pelo Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC); curso de Empreendedorismo Criativo, realizado pelo Polo Criativo; curso de “Empreendedorismo na Geração Y”, realizado pelo Instituto Infnet e curso “Semana Estado de Jornalismo”, realizado pelo jornal Estadão.



Atualmente, o jornalista trabalha como repórter do jornal O Globo. Durante sua trajetória profissional, ele trabalhou em veículos como Revista Poleiro – uma revista online voltada a notícias de cunho político e social – em que atuou como editor e Globo News, em que trabalhou como editor estagiário. Além da área do jornalismo, Nicollas explorou outros campos, desenvolvendo intercâmbio de trabalho em um resort – em Snoqualmie Pass, Washington – onde trabalhou como *lift operator* e na gestão de pessoal no *Ski Resort*. O jornalista também atuou na área de designer – na empresa Lapa Comunicação, nos anos de 2014 e 2015 – e marketing comercial – no Grupo Editorial Record Ltda.

Entrevista

Como foi o início da sua trajetória profissional? Em quais veículos você trabalhou e por quais editorias passou?

Ainda na época da faculdade, uma coisa que foi muito importante para mim, foi um projeto que criei com alguns amigos. A gente tinha a ideia que a UFRJ falhava na questão de incentivar os alunos a colocarem em prática o que aprendiam. Era uma faculdade muito ligada a filosofia e a parte prática do jornalismo ficava um pouco marginalizada. Isso nos incomodava, pois ficávamos pensando que nós não íamos viver de filosofia, não dava para entrar numa redação e ser filósofo. Então, criamos um projeto – uma revista digital – que começou com a ideia de colocar em prática o que aprendíamos na faculdade, mas no final acabou sendo útil profissionalmente, foi surpreendente! Chamava Revista Poleiro, nós a fizemos no *Medium* – um site que funciona como uma rede social de leitura e escrita – e a partir disso eu tive como apresentar algum projeto nos processo de emprego e estágio. Meu primeiro estágio não tinha nenhuma ligação com jornalismo, foi numa editora de livros – Editora Record – e eu comecei a incorporar o que eu aprendia lá ao projeto para deixa-lo um pouco mais literário. Até que um dia surgiu o processo da Globo News, eu fiz e

conseguir uma vaga. Acho que o meu projeto me ajudou muito nesse processo, pois em algumas fases precisávamos apresentar nossos trabalhos e no começo da faculdade você não costuma ter nada. Não tem como cobrar de um estudante de faculdade que ele tenha feito matérias, que tenha fontes. Então, eu acho que isso foi definitivo e também foi bom para todo mundo da revista. Éramos três pessoas, inclusive um deles também trabalha aqui, e o outro trabalha na Revista Piauí. Isso nos abriu boas portas. Eu fiquei um pouco mais de dois anos na Globo News – que era o tempo limite de estágio – e depois vim trabalhar no O Globo, na editoria de vídeo. Eu gosto muito dessa editoria, pois além de ser algo que está em expansão ela não tem muitas regras fechadas, como em outras editorias. Nela você fica numa posição confortável de repórter, você pode escrever para editoria que quiser, sem que os chefes fiquem te cobrando. Você praticamente faz as suas próprias pautas, por isso acho que essa é uma posição muito boa. Claro que existem posições melhores, mas isso é mais ou menos o que faz um repórter especial, porém sem a cobrança – e também sem o salário – desse repórter.

Há quanto tempo você trabalha como jornalista de veículo impresso?

O jornal O Globo é o primeiro impresso em que trabalho. Eu trabalhei com televisão durante todo esse tempo. Essa é a primeira vez que estou em um veículo impresso.

Por que você deixou a TV para trabalhar com impresso?

Eu acho que meu caminho foi contrário, porque sempre gostei mais de escrever do que de jornalismo televisivo. Mas, as coisas se encaminharam desse jeito. Eu queria começar a fazer o meu primeiro estágio, já tinha decidido a não aceitar estágios que não fossem exatamente aquilo que eu gostaria de seguir – porque eu ficaria muito fora da rota. Mas, a primeira oportunidade realmente boa, quase irrecusável, foi essa da Globo News. Na época, eu não tinha muita certeza, porém acreditava que era importante ter experiência com *hard news* antes de entrar em algo mais calmo. Essa não é muito a minha pegada, essa coisa da notícia rápida. Entretanto, acredito que foi importante passar pela Globo News – onde tudo tem que ser feito em dez minutos, porque precisa ir logo para o ar – para saber fazer algo mais lento depois.

No impresso, quais assuntos você mais gosta de cobrir? Por quê?

Eu gosto muito de sociedade, porque são temas sempre atuais e muito relacionados à vida das pessoas. Às vezes você faz uma matéria de economia que é sensacional, mas que está distante da realidade. Algo sobre taxas, impostos, coisas que estão na sua vida, mas você não consegue identificar onde. É importante, mas ao mesmo tempo é muito distante da maioria das pessoas. Eu acho que Sociedade, Rio – falando das nossas editorias – são coisas que estão muito próximas, então você consegue fazer pautas que enxerga as pessoas na rua vivendo.

No impresso, quais assuntos você menos gosta de cobrir? Por quê?

As que eu menos gosto são as de entretenimento, que estão relacionadas a artistas. Claro que temos que respeitar o trabalho de qualquer repórter, mas eu não gosto de fazer esse tipo de pauta. Porque, existem assuntos mais relevantes e urgentes para serem cobertos, e que eu me interessar mais em participar. As poucas vezes que fiz uma matéria de entretenimento foi porque trabalho em um jornal e não posso negar uma demanda vinda do

meu superior. Mas, eu não queria, realmente, fazer aquilo – ócios do ofício.

Em qual editoria você trabalha nesse momento?

Na editoria de vídeo, mas a gente publica em quase todas as editorias, sempre com um vídeo acompanhando. Por exemplo, recentemente publicamos uma matéria – na editoria de sociedade – sobre um rapaz que ficou quase um ano preso, injustamente, por ter sido confundido com um traficante. Na editoria de sociedade você faria um texto que, no máximo, seria acompanhado por uma foto. Na editoria de vídeo, você precisa fazer uma matéria de vídeo e uma matéria de texto. Acaba sendo mais trabalhoso, porém o material é mais rico. Fazemos documentários, às vezes, então dá para desenvolver mais do que nas matérias de texto.

No Jornal O Globo, quais assuntos você mais costuma cobrir?

Varia muito. Como a editoria de vídeo publica em todas as outras, frequentemente você pega pautas completamente diferentes umas das outras. Essa semana, por exemplo, fizemos coisas de várias editorias diferentes, é muito difícil especificar – em números – o que mais fazemos. É bem distribuído.

Na sua opinião, o que é ciência?

Eu diria que é o estudo das coisas. Uma análise clínica daquilo que estamos acostumados a ver, mas que não temos uma explicação técnica. Eu acho que esse é um papel importante da ciência, que afeta outras áreas. Porque, muita coisa precisa de explicação no mundo e você não tem como explicar tudo de um jeito opinativo – seria injusto e impreciso. Nós precisamos da ciência para ter uma base de como explicar as coisas sem entrar muito no nosso imaginário, perdendo a noção da realidade.

Qual foi a sua primeira experiência na cobertura de ciência?

Eu lembro que já estava na Globo News e tive que cobrir um congresso de cientistas, fora do país, que estavam fazendo uma pesquisa sobre a cura do câncer. Na época, eles estavam conseguindo alguns resultados impressionantes para a ciência – nada que de fato curasse o câncer – mas, naquele mundo era muito significativo. Nosso diretor de redação pediu que nós fizéssemos uma cobertura caprichada daquilo, tinha que ser um material extenso. A Globo News tem uma coisa muito legal, porque além da *hard news* existem os programas que são mais extensos, com matérias de meia hora ou uma hora. Nós ficamos dois meses trabalhando nisso e foi muito legal. Foi a primeira vez que eu fiz uma cobertura realmente profunda de ciência. Isso é uma coisa rara, eu não costumo cobrir ciência, porque os repórteres dessa área geralmente são especializados. São pessoas que trabalham com isso há muito tempo e tem alguma formação. Não são simplesmente repórteres. Eu acho, que você precisa de um conhecimento técnico para fazer essas coberturas com segurança. Precisa, pelo menos, de uma boa bagagem.

Com que frequência você cobre pautas de ciência?

É muito frequente, porém um pouco periférico. Por exemplo, essa semana, nós fizemos uma matéria sobre ácido hialurônico – aquele ácido que as pessoas colocam no rosto para moldar determinadas partes. Teve um caso de uma menina, do Nordeste, que realizou esse

procedimento com um biomédico ao invés de um cirurgião plástico ou um médico mais especializado. Por incrível que pareça isso é permitido pela legislação médica, mas é absolutamente desaconselhável, porque é perigoso. Essa menina teve um problema sério no nariz, que foi onde ela aplicou. Nós fizemos essa cobertura – naquele esquema de vídeo mais matéria – e publicamos na editoria de sociedade. Foi bem legal. Eu diria que, pelo menos, duas ou três vezes por mês temos alguma matéria relevante de ciência.

Essas matérias são, geralmente, ligadas a quais temáticas?

Geralmente a ideia da editoria de sociedade. Me parece que o jornal O Globo cobre mais a ciência do dia a dia do que a ciência do laboratório. A não ser quando tem alguma grande descoberta, que você não poderia deixar de falar sobre. Eu acho que atrai mais o jornal e a editoria de vídeo, as pautas que são ligadas ao dia a dia. Como, por exemplo, esse caso que é uma história real. Alguém que passou por aquilo e está disposto a contar para que os médicos tomem mais cuidado, e os pacientes não se sujeitem a esse risco desnecessário.

Você gostou de cobrir esses assuntos?

Sim, foi muito interessante! Mas, é aquela questão, para fazer uma cobertura totalmente segura você precisa de um conhecimento e uma bagagem boa. Assim, não vai precisar recorrer tanto ao especialista para que ele fique te explicando cada detalhe. É mais difícil quando você precisa desse tradutor. Porém, eu gosto de fazer e acho que o único jeito de chegar nesse ponto de segurança é fazendo várias vezes.

Por que você gosta de fazer essas matérias?

Porque, acho importante. São assuntos de extrema relevância e de interesse geral. Não consigo imaginar alguém que não tenha nenhum interesse em uma descoberta médica ou em um avanço científico que vá mudar a vida das pessoas. Enquanto pauta, enquanto jornalismo, isso é muito importante de ser feito. Isso que move a profissão. Você quer fazer coisas que sejam importantes e não simplesmente uma matéria para preencher espaço no papel.

Quais assuntos, de ciência, você mais gosta de cobrir? Por quê?

Eu gosto muito da área médica – coisas relacionadas a doenças – mas é uma coisa que não tive muita oportunidade de fazer. Há algumas coberturas que eu gostaria de ter participado, como por exemplo, a questão do vírus ebola na África. São coisas imensas e muito relacionadas à vida das pessoas, não só a vida cotidiana, mas a própria vida em si. Acho que essas são as pautas que me atraem mais. Ao mesmo tempo são tristes, porque é uma coisa muito incomoda de cobrir, é pesado e maçante. Jornalista tem um gosto esquisito para essas coisas, é inexplicável.

Quais assuntos, de ciência, você menos gosta de cobrir? Por quê?

Talvez os que sejam muito técnicos, que se distanciam um pouco da realidade. Aqueles que caem no limbo da ciência e que você só consegue compreender se for um cientista. Acho que qualquer matéria que se distancie do público geral – que uma dona de casa não consegue entender, realmente, o que você está querendo dizer – perde um pouco do sentido. Seria mais lógico se estivessem dentro de uma revista científica e não em um

jornal. São essas as pautas que não me empolgam tanto. Às vezes, não é uma questão de empolgação, porque você tem que fazer de qualquer jeito. Nesses casos, tentamos trazer um pouco mais para a realidade.

Como você trabalha essas pautas mais técnicas?

Acho que o melhor caminho é tornar a leitura acessível. Você lê aquele texto – como se fosse uma dona de casa, um estudante, um familiar seu – para saber se realmente é possível entender o que foi escrito. Assim, evita que as pessoas consumam informação sem saber, exatamente, o que estão lendo. Temos que tentar aproximar as pautas mais complicadas – como economia e ciência – que são coisas de especialistas, não é qualquer um que pode dar uma opinião embasada. Devemos deixar isso próximo do cidadão médio, levando em consideração a realidade do país. Um cidadão médio da Suécia, por exemplo, pode entender mais sobre ciência do que o cidadão médio do Brasil. Você tem que pensar nessas pessoas quando está escrevendo uma coisa mais complicada. O que pode ser difícil quando você não domina, totalmente, aquele assunto e precisa recorrer muito a pessoas de fora. Com isso, pode perder um pouco o controle do que está fazendo. Mas, de que adianta escrever uma matéria que ninguém entende?

A quais fontes você recorre para elaborar essas matérias?

Nessas pautas, geralmente, você fica refém dos próprios cientistas. Porque, são as pessoas que podem te dar uma informação e sustentar aquilo. Você precisa usar, nas matérias, pessoas que podem se sustentar sozinhas. Se determinado cientista afirma alguma coisa, não sou quem está dizendo, não tenho condições de dizer aquilo com segurança. Nesse caso, meu trabalho é escolher bem a pessoa que vai falar. Alguém que tenha credibilidade e um histórico naquela área.

Como é trabalhar com essas pautas?

Não é fácil, porque você nunca tem cem por cento de certeza do que está fazendo. Cobrir uma pauta de dia a dia, de Rio, possibilita que você se apoie em dados os quais você consegue entender com facilidade. São projeções, fatos históricos ou depoimentos de pessoas. Coisas mais técnicas – como geralmente costuma ser a ciência – são sempre muito relativas, a mesma situação pode se desenrolar de duas maneiras diferentes. Por isso, você acaba ficando muito refém dos especialistas. Acontece muito de ter que perguntar: eu posso escrever dessa forma? Isso te deixa escorado na opinião de alguém, mas acaba sendo o único jeito.

Como é lidar com essas fontes?

Eles são bem acessíveis. Acho que assim como os jornalistas, os cientistas desenvolvem um trabalho social. Eles não trabalham para eles, mas para as outras pessoas. Acho que o cientista ser fechado, não faz muito sentido. Na maioria das vezes – de acordo com a minha experiência – eles são acessíveis e legais.

Você se sente a vontade escrevendo matérias de ciência? Por quê?

Mais ou menos. Me sinto a vontade escrevendo pautas em que eu não fique tão escorado na opinião pessoal ou profissional de alguém. Porque, me sinto mais seguro, tenho mais

certeza daquilo que estou fazendo. Nesse caso, fico ligeiramente desconfortável, porém nada que me faça fugir da matéria.

Você tem alguma dificuldade para escrever as matérias de ciência?

Acho que o mais próximo de uma dificuldade seria o fato de procurar as pessoas certas e me sentir seguro de que minha fonte é sólida. Porque, se um jornalista escreve uma matéria com alguma informação errada é muito antiético culpar a fonte, por mais que o erro seja dela. O desconforto é esse, de esperar que a pessoa esteja dizendo a informação certa.

Na sua opinião, quais pontos devem ser explorados durante a cobertura de temas de ciência?

Acho que, principalmente, as pautas médicas – porque estão diretamente ligadas as pessoas estarem vivas ou mortas – e pautas relacionadas ao clima – porque, por incrível que pareça, existe uma resistência das pessoas em achar que tudo é uma grande mentira. Acho que essas duas seriam as principais. Existem outras como, por exemplo, economias criativas que falam sobre como utilizar menos material não reciclável. Acredito que essa também seja uma pauta urgente e que os grandes jornais precisam abordar de uma forma mais aprofundada e acessível.

O que mais gostou nas matérias de ciência que cobriu?

O que eu mais gostei foi tornar aqueles assuntos acessíveis. Quando você identifica que falta alguma coisa, na imprensa, a oportunidade de fazer aquilo permite suprir os espaços que estão vazios. Por isso, o que eu mais gostei foi tornar os assuntos acessíveis e deixar o texto de uma forma que qualquer um pudesse entender ou assistir, no caso da televisão. Acho que muitas questões são tratadas de uma forma superficial, por exemplo, a rodada de vacinas da febre amarela. Naquele momento, não era necessário que todo mundo corresse para tomar a vacina, mas as pessoas estavam desesperadas achando que todo mundo iria morrer de febre amarela. Acho que ainda faltam informações que possibilitem que as pessoas pensem melhor suas atitudes.

Na sua opinião, o que o jornalismo não especializado pode fazer para tornar essas pautas mais acessíveis?

Acho que podemos buscar novas abordagens. Usar informações visuais, vídeos, coisas que talvez prendam um pouco mais a pessoa que está consumindo aquilo ou que interesse mais do que um simples bloco de texto preto, em uma página branca. Quando um jornal – seja ele de papel, TV ou internet – busca novas abordagens, ele desperta o interesse das pessoas. É uma forma inteligente de estimular as pessoas a consumirem aquilo, pois tem todo um trabalho para que o leitor se divirta enquanto se informa.

Desde que iniciou sua trajetória profissional, alguma coisa mudou na forma como você aborda e escreve as notícias de ciência?

Acho que mudou em todos os assuntos. Cada vez mais você precisar tornar aquilo real, distante daquela ideia de que o jornalista é um ser muito inteligente que escreve sobre coisas que um ser humano normal não entende. É preciso tornar aquilo uma matéria humana, algo que as pessoas leiam e se identifiquem. Acho que a grande progressão é você

se tornar um pouco mais ser humano e expor a informação de uma forma acessível, sem rodeio, sem palavras difíceis. Se pegarmos uma coluna, que é muito mais pessoalizada do que uma matéria em si, a pessoa escreve de uma forma muito mais rebuscada. Como se aquilo fosse trazer um pouco mais de credibilidade. Na minha opinião, isso só afasta as pessoas. Eu não espero que só cientistas leiam uma matéria de ciência, porque eles já sabem o que está escrito ali – não precisam que o jornalista diga aquilo. Acho que a função do jornalista é fazer uma ligação entre o cientista e a pessoa leiga.

Você conseguiria indicar os motivos que ocasionaram essas mudanças?

Acho que foi uma questão de maturidade profissional. Provavelmente, daqui a dez anos, eu vou ter uma visão ainda mais madura do que eu tenho agora. Isso é normal em qualquer profissão. Quando você passa muito tempo fazendo a mesma coisa, algo está errado!

Na sua opinião, quais são as principais características e diferenças do jornalismo especializado e do jornalismo não especializados?

Acho que o jornalismo especializado tem mais credibilidade, por uma questão de bagagem. Um repórter que cobre ciência há muito tempo – como, por exemplo, o Bernardo Esteves, da Revista Piauí – vai ter um pouco mais de credibilidade para falar desse assunto do que um jornalista que cobre assuntos diversos. Isso acontece por uma questão de vivência, porque aquela pessoa tem fontes mais redondas do que as suas. É comum e vale para qualquer editoria, não só ciência. No jornalismo não especializado é isso que falta, a bagagem! Mas, o fato desse jornalista não estar totalmente no controle daquele assunto, pode leva-lo a deixar o texto mais fácil para ele e para o leitor.

Na sua opinião, há diferença entre a cobertura da ciência pelo jornalismo especializado e o não especializado?

Sim, porque o jornalista especializado – por ter mais experiência – possui mais desenvoltura. Ele já errou algumas vezes, já sabe o que dá certo e o que dá errado. Enquanto o jornalista não especializado trabalha um pouco no escuro. Consequentemente, o produto final – do jornalista especialista – pode ficar mais redondo e acho que é isso que se espera, já que ele é especializado. Os dois tem muito valor, porém um acaba sendo mais bem acabado, por questão de experiência.

Na sua opinião, até que ponto o jornalismo, não especializado, é uma fonte de informação sobre ciência?

Acho que é totalmente uma fonte de informação – tanto quanto o especializado – porque existe o compromisso do repórter. Mesmo que você nunca tenha coberto um assunto, em respeito a sua profissão, você precisa cobrir aquilo da forma mais legítima e honesta possível. Você não quer perder sua credibilidade como jornalista. Se você escreve algo impreciso em ciência, pode ter certeza que as outras editorias vão saber disso. Credibilidade é uma coisa ligada à pessoa e não a editoria, e a princípio os dois tipos de jornalismo tem o mesmo nível de credibilidade.

Na sua opinião, o que os leitores buscam nas matérias de ciência?

Os leitores do O Globo buscam assuntos ligados ao dia a dia. Coisas que podem ser

incorporadas no dia a dia deles, para que a vida se torne melhor através da ciência. Questões sobre saúde também são muito chamativas, e até outras mais periféricas como robótica e tecnologia.

Na sua opinião, por que esses assuntos despertam interesse nos leitores?

Porque, fazem parte do cotidiano. As pessoas se interessam em saber qual o próximo celular que elas vão ter, o que a *Apple* está fazendo, qual será a próxima doença curável. São coisas muito relacionadas à vida, não tem como na se interessar.

Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade? Por quê?

Sim, com certeza! Porque, o conhecimento científico está muito relacionado ao avanço da sociedade como um todo. Se não tivermos a medicina ou a tecnologia, as relações de trabalho ficam prejudicadas, nosso avanço como sociedade fica prejudicado. Isso tudo de um jeito tão grosseiro que se torna inviável. É como se fosse um congelamento de tempo. Não tem como imaginar um mundo em que as pessoas não tentem curar doenças ou melhorar as relações de trabalho que ainda são injustas. Por isso que é tão importante que o jornalismo cubra esses assuntos para que as pessoas saibam o que está acontecendo.

Por que você considera importante as pessoas saberem o que acontece na ciência?

Porque, como a ciência produz – a princípio – uma coisa para a sociedade, nada mais justo do que a sociedade ficar ciente disso. Também há uma questão de uso. Se desenvolvem uma tecnologia que é muito útil para as pessoas, mas elas não ficam sabendo, consequentemente, não irão usar. Nesse caso, por mais importante que a descoberta seja – cientificamente falando – ela acaba se tornando inútil. A ciência não serve para nada se não for usada por seres humanos. Por isso, acho importante que exista essa ligação entre o cientista e o cidadão comum.

Na sua opinião, o jornalismo pode ajudar nessa ligação? Por quê?

Acredito que sim, através de um serviço de tradução. Acho que o papel do jornalista nesse ramo seria chegar até o cientista – achar o cientista escondido no laboratório – colher as informações que são um emaranhado de coisas que as pessoas não entendem e traduzir isso. Botar toda a complexidade de uma descoberta científica – uma coisa que não são todos que conseguem alcançar – numa explicação fácil, clara e objetiva. De forma que as pessoas consigam entender sem sofrimento.

Você possui interesse em ciência? Por quê?

Sim, pela relevância. É uma coisa muito importante, que afeta muita gente. Para qualquer pessoa que se considere jornalista é importante estar atento às questões que são relevantes para os outros. Você não faz jornalismo para você. Por exemplo, eu gosto muito de determinadas pautas, mas eu não posso fazer só as pautas que me interessam. Isso te limita profissionalmente. É como se fosse um cientista que só gosta de estudar determinado assunto e recusa outros tipos de pesquisa, relacionadas aquilo. Mas, na minha vida, a ciência é importante por uma questão de utilidade.

Como a ciência é útil na sua vida?

Da mesma forma que ela é útil na vida de qualquer um. São coisas que melhoram sua experiência em determinados campos da vida. Por exemplo, alguma facilidade tecnológica que facilite no meu trabalho. A tecnologia está muito entranhada no jornal, se você olhar a redação não existe uma mesa sem computador. Imagina, como nós trabalharíamos hoje em dia sem a internet? Seria muito difícil, o ritmo seria mais lento. Se a gente não tivesse a internet para fazer jornalismo, se tivéssemos que ir em cada lugar e em cada pessoa, o jornal seria muito mais fino!

Você costuma acompanhar o noticiário de ciência?

Sim, mais do O Globo do que de outros lugares. Porque, creio que no jornalismo devemos estar cientes das coisas que estão sendo feitas no local onde trabalhamos. Para que você também possa, eventualmente, sugerir uma pauta e fazer uma matéria relacionada a um assunto do seu interesse. Por isso eu costumo ler o que sai no O Globo, mas fora disso só quando há uma coisa muito específica que me interessa.

Em quais sites, revistas ou jornais você procura as informações de ciência? Por quê?

Eu gosto muito da Revista Piauí – eles até fizeram um festival de ciência recentemente – e de algumas publicações internacionais, como BBC e *New York Times*. Esses são os locais em que procuro informação quando não encontro no O Globo. Busco informações nesses lugares devido à forma como eles fazem as matérias. Por exemplo, existe um site – chamado Vox – que faz vídeos de ciência, de uma forma muito explicada e bem apresentada. É bem feito, acessível e qualquer pessoa consegue assistir. Eu posso passar vinte minutos vendo aquele conteúdo, mas sei que vou conseguir absorver. Ao contrário de uma revista especializada em ciência, que eu entenderia apenas quinze por cento do que está escrito. Justamente por uma questão de informação técnica, eles acabam se fechando numa bolha de cientistas que não tem como você entrar se não for graduado naquilo.

Quais assuntos, de ciência, lhe interessam mais?

Os que são relacionados a questões humanitárias, questões de crise, problemas internacionais, continentais, pessoas que estão em condições de vulnerabilidade. Não só no campo da ciência, mas no jornalismo em geral, é o que costuma me interessar. Porque, isso acaba sendo uma boa ferramenta para você combater ou denunciar essas vulnerabilidades.

Renan Rodrigues

O jornalista Renan Rodrigues formou-se em jornalismo, no ano de 2015, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Após sua formação, ele realizou cursos em diferentes áreas, como “Curso Básico de Fotografia”, realizado pelo Ateliê da Imagem e “Curso de Interpretação Teatral”, realizado pela Oficina das artes.



Atualmente, o jornalista trabalha como repórter do jornal O Globo, na editoria Rio. Nesse jornal, Renan passou pelas seguintes editorias: País, Economia, Mundo, Jornais de Bairro – da Tijuca e Zona Norte – Acervo O Globo, Conte algo que não sei – segundo caderno – e Centro de Operações Rio. Durante sua trajetória profissional, ele atuou como *trainee* na empresa O Globo, nos anos de 2016 e 2017. Nesse período Renan foi repórter – no caderno de Niterói – nos jornais de bairro do O Globo. Nos plantões, integrou a equipe da editoria Rio. Participou de importantes coberturas, como a Olimpíada Rio 2016 e os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro – editoria Rio – eleições municipais, votação do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e a votação que cassou o mandato do ex-deputado Eduardo Cunha – editoria País. Além disso, o jornalista também trabalhou como estagiário na empresa Infoglobo, em 2015.

Além disso, o jornalista também foi *trainee* na Band News FM, em 2014, onde trabalhou como produtor do Jornal Band News Rio, primeira edição, sendo responsável pelo fechamento das pautas do programa. Durante sua formação, foi estagiário do Portal PUC-Rio Digital, nos anos de 2012 e 2013, atuando como repórter no jornal e na TV desse portal.

Entrevista

Como foi o início da sua trajetória profissional? Em quais veículos você trabalhou e por quais editorias passou?

A minha experiência está pautada em dois eixos, o rádio e o impresso. Eu fiz faculdade de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na PUC – entrei em 2012 e me formei em 2015. Na época da faculdade eu consegui uma vaga na rádio Band News FM, primeiro como estagiário e depois como *trainee*. Fiquei lá de dezembro de 2013 a dezembro de 2014. Em 2015 eu vim para O Globo, através de um processo seletivo de estágio, e desde então trabalho aqui. Em 2015 fui estagiário, em 2016 fui *trainee* e em 2017 – quando acabou o meu contrato como *trainee* – eu virei repórter. Outra experiência – um pouco discreta eu diria – foi em um veículo interno da PUC, chamado Portal PUC-Rio Digital. Esse projeto acabou, mas se tratava de um site feito pelo departamento de

Comunicação Social da universidade, em que cerca de 50 alunos estagiavam. Os nossos professores eram os editores e lá nós tínhamos rádio, TV e um jornal. Dentro do projeto eu atuava na TV e no jornal. Tudo era publicado no site, mas tínhamos esses três veículos que funcionavam em uma lógica de convergência de mídia, pois um complementava o outro. Quando entrei no portal estava cursando o segundo período de faculdade e fiquei lá até o momento em que passei no processo seletivo da Band News – durante o quarto período do curso.

Há quanto tempo você trabalha como jornalista de veículo impresso?

Trabalho com impresso desde 2015, então são três anos nessa área.

No impresso, quais assuntos você mais gosta de cobrir?

Um dos assuntos que eu mais gosto de cobrir – que nada tem a ver com ciência – é carnaval que é um assunto que eu adoro e até tenho um blog, aqui no jornal, em que escrevo sobre isso. Mas, uma coisa curiosa, que eu só percebi durante a cobertura da febre amarela é que eu também gosto de fazer matérias ligadas a saúde. Não a saúde no sentido comum, em que cobrimos assuntos de “cidade”, como uma crise no Hospital Souza Aguiar, falta de médicos, equipamentos e verba. Na cobertura de febre amarela, por exemplo – que foi uma crise – o assunto permaneceu, durou alguns dias ou semanas no veículo, e isso possibilita que você tenha contato com as fontes por um período maior. Quando eu terminei a cobertura eu tive a sensação de ter absorvido muitas informações, de fato eu consegui aprender algo que tinha relação com o tema. Além disso, também gosto de cobrir assuntos relacionados a administração pública – que é uma coisa que a editoria Rio acaba fazendo muito.

Por que você se interessa por esses temas?

Me interessa por carnaval, porque eu cresci nesse meio – na minha opinião é a época mais importante do ano. Administração pública me interessa, pois creio que uma das principais finalidades do jornalismo local – da cobertura de cidade, como chamamos no jornal impresso – mais do que fiscalizar, é mostrar o funcionamento da máquina pública. O funcionamento tanto do municipal quanto do estadual, apontando o que funciona e o que não funciona. E saúde foi uma coisa que começou a despertar o meu interesse depois da última cobertura sobre febre amarela. Porque, esse é um tema complexo – no meu ponto de vista – e que ainda envolve muita desinformação, por parte da sociedade. Talvez esse seja um dos temas em que mais encontramos *fake news*. Mas, através dele nós podemos observar o caráter básico do jornalismo que é a questão social, a finalidade pública, de esclarecer dúvidas. Por exemplo, para quem é ou não indicada a vacina de febre amarela. Eu me lembro de ter usado esse exemplo várias vezes, durante a cobertura desse tema, nas minhas conversas com pesquisadores da Fiocruz. Eu contava para eles que meu pai tinha se vacinado pela segunda vez, porque ficou com medo, se desesperou, e achou melhor tomar novamente a vacina. As pessoas ficaram confusas, pois em um momento o governo brasileiro ressaltava que a vacina tinha duração de dez anos e depois começou a seguir o padrão da OMS, defendendo que não havia necessidade de tomar uma segunda dose – em um momento de crise resolveram deixar a vacina para quem precisava. Acho que o campo da saúde é muito cobrado nesse aspecto de “quem pode”, “quem deve”, “quem precisa procurar o médico”. Por exemplo, eu não faço parte do grupo prioritário, mas quero saber se posso tomar a vacina. As informações de saúde têm muito desse aspecto de utilidade

pública.

No impresso, qual assunto você menos gosta de cobrir? Por quê?

Violência, porque essa cobertura é muito intensa. Todos os dias nós cobrimos esse assunto, às vezes com um destaque maior outras com um destaque menor. Eu fico sempre com a sensação de já ter escutado aquela história. Só mudam os personagens, as famílias, mas o conteúdo das notícias são basicamente os mesmos. Cobrir violência escancara, todos os dias, a falência social do estado do Rio.

Em qual editoria você trabalha nesse momento?

Na editoria Rio.

No Jornal O Globo, quais assuntos você mais costuma cobrir?

Administração pública, violência e infraestrutura, que são temas ligados ao transporte. Por exemplo, problemas de transporte, alguma mudança, licitação nova entre outros.

Na sua opinião, o que é ciência?

Definindo de uma básica, seria o instrumento pelo qual tentamos buscar respostas para os grandes problemas e importantes demandas da sociedade, por exemplo. Mas, há várias vertentes nisso, como a ciência aplicada na saúde. Nessa questão fica fácil enxergar o resultado final, pois está ligado a qualidade de vida, a encontrar saídas para doenças ou, pelo menos, mecanismos para controlá-las. Saúde e tecnologia são duas coisas que a gente logo associa a ciência.

Qual foi a sua primeira experiência na cobertura de ciência?

Creio que não irei lembrar a primeira experiência, mas a que mais me marcou foi a da febre amarela. Em 2017, quando surgiu o primeiro caso de morte em Casimiro de Abreu, O Globo me mandou para o local e eu fiquei cerca de quatro dias fazendo a cobertura. A equipe do O Globo foi a primeira a chegar e nós tivemos contato com a família da primeira pessoa morta pela doença. Na época, existiam muitos casos de suspeita de febre amarela e casos de dengue sendo confundidos com essa doença. Existia certa dificuldade de fazer o diagnóstico e, além disso, a família em questão era muito pobre e muito desinformada. Eles não sabiam o nome da doença, não sabiam como questionar os médicos, não faziam ideia do que se tratava. Eu me lembro de ter dado a notícia a família, de confirmar que a morte tinha sido por febre amarela. Na época, a prefeitura não comunicou os familiares então eu fui pessoalmente à casa deles – já no segundo ou terceiro dia que havia saído a confirmação – para dar a notícia e eles começaram a me perguntar se era algo contagioso. Foi muito marcante, porque eu vi o desespero de uma cidade pequena, vi o exército montando tendas de vacinação. Agora, em 2018, eu não tive a mesma vivência, mas fui à Vassouras e fiquei lá por um dia cobrindo o tema. O interessante é que essa cidade teve mais casos do que Casimiro de Abreu, mas estava muito mais preparada. Existe um grande hospital lá e também uma faculdade de medicina muito famosa. É um local com maior poder aquisitivo e mais informação. Isso criou certa estrutura para atender os casos. Mas, nós acabamos focando a cobertura na região metropolitana, porque começaram a aparecer casos e mortes de macacos.

Com que frequência você cobre pautas de ciência?

É uma coisa muito esporádica. Talvez eu cubra ciência uma vez por mês.

Quais assuntos, de ciência, você mais costuma cobrir?

Eu nunca fiz um levantamento das matérias que eu publiquei para saber esse número exato, mas 90% das matérias de ciência que eu produzi são ligados ao dia a dia da cidade. A maioria tenta explicar algum problema que acontece na cidade do Rio de Janeiro.

Você gosta das pautas que cobriu? Por quê?

Na maior parte das vezes não, porque me faltava preparo técnico. Cobrir, por exemplo, questões ligadas à administração pública têm algumas dificuldades, porque existem questões técnicas, como orçamento, linguagem jurídica e burocracias. Mas, é uma dificuldade administrável. Cobrir violência é difícil pela questão das fontes e por ter que lidar com esse drama todos os dias, vendo pessoas mortas no IML. Já a dificuldade de cobrir ciência está ligada ao entendimento do próprio assunto. Não são pautas simples que você consegue trabalhar em 15 minutos. Na maioria das vezes são assuntos novos, que você nunca viu, ou assuntos que você viu há um ano. O jornalista demora a encontrar a fonte ideal e entender os estudos. Esse não é um processo simples, embora pareça. Como é uma coisa que não fazemos no nosso dia a dia acabamos, quase sempre, partindo do zero. Mesmo que um jornalista do O Globo não cubra violência, não tenha as fontes e não seja um setorista de segurança pública, ele ainda é um morador do Rio de Janeiro e trabalha em um veículo que todos os dias faz alguma matéria ligada a isso. O fato de você não estar inserido em determinado universo, de não ter um contato constante com aquilo, faz com que você tenha menos informações. É difícil entender um tema de ciência – que você nunca teve contato – em um dia ou algumas horas e produzir uma matéria sobre um assunto que está sendo estudado há anos.

Quais assuntos, de ciência, você mais gosta de cobrir? Por quê?

Febre amarela. Achei tão interessante cobrir esse assunto que tentei me inscrever em um curso oferecido pela Fiocruz – quando ainda estávamos vivendo resquícios da crise desse ano – que colocava alguns dos seus principais pesquisadores da área para conversar com os jornalistas, tirar dúvidas e formar essa base que falta. De uma forma geral, foi quase um *workshop* de conhecimento básico de febre amarela. Isso servia tanto para dar certo *nohall* sobre o assunto e para mostrar as principais fontes, pesquisadores, no assunto. Eu queria muito ter feito esse curso, mas não consegui. Porque, já havia mudado o foco da cobertura – aqui na redação – e eu não consegui liberação. Eu não estava mais cobrindo febre amarela naquele período.

Quais assuntos, de ciência, você menos gosta de cobrir? Por quê?

Aquelas matérias em que preciso falar com especialistas que não tem muito contato com jornalistas, são sempre um problema. Por exemplo, uma colega do O Globo – a Ana Lúcia Azevedo – que cobre muitas matérias de ciência e fica o dia inteiro em contato com pesquisadores das mais variadas vertentes, acaba tendo um conhecimento mais amplo sobre os temas de ciência e sobre as fontes que deve procurar. Quando ela vai entrevistar um pesquisador que não tem muito contato com jornalistas é muito mais fácil, para ela,

administrar a situação. Quando o jornalista não tem um conhecimento prévio básico sobre o assunto ele não entende a explicação, porque geralmente o pesquisador explica utilizando muitos termos técnicos. Durante essa conversa, o jornalista vai precisar interromper o especialista diversas vezes para retomar os conceitos e tentar compreender o que ele está dizendo. Assim, uma explicação de cinco minutos se estende para 30 minutos, porque o jornalista precisa entender aquela informação. Os pesquisadores que não tem essa didática – e que estão acostumados com jornalistas como a Ana Lúcia – acabam dificultando ainda mais o processo. Outra questão é que quando o jornalista não atua nessa área é difícil que ele consiga as fontes necessárias. A não ser que você seja muito específico na sua demanda. Por exemplo, se ligar para Fiocruz para procurar indicação de pesquisadores que trabalham com febre amarela, talvez eles consigam te indicar alguns nomes. Quando nós cobrimos outros temas temos uma cartela de mais de dez pessoas, na agenda, que podem auxiliar na cobertura e são pessoas que podem te receber a qualquer hora do dia. Acho que há uma dificuldade de relacionamento entre academia e imprensa, porque são áreas que possuem *times* diferentes – o jornalismo é muito mais urgente. Consequentemente, há uma dificuldade de ter acesso as fontes adequadas. Além, disso também há a questão do conhecimento prévio do jornalista, porque aqueles que cobrem muito esses temas sabem como chegar nas fontes ideais.

Na sua opinião, quais são as mudanças que devem ser feitas para aproximar a academia dos jornalistas não especializados e, conseqüentemente, do público geral?

Acho que faltam iniciativas como a que a Fiocruz teve, esse ano, em relação à febre amarela. Falta contato, ligação, entre os jornalistas e os pesquisadores. Acho que a Fiocruz percebeu a necessidade de se promover essa aproximação com os jornalistas, pois foi o segundo ano que tivemos uma crise de saúde no estado do Rio. Foi em um local diferente, mas foi o segundo ano seguido e chegou ainda mais perto da capital. O que significa que despertou, ainda mais, o interesse dos jornais e do público, porque o poder econômico está aqui. Quanto mais afastado um acontecimento está do centro do poder, e do dinheiro, menor é sua relevância. Ano passado, houve uma grande corrida em Casimiro de Abreu, esse ano chegou a Região Metropolitana. As pessoas ficaram ainda mais assustadas e cobrando mais medidas do governo. Por exemplo, a questão da despoluição da Baía de Guanabara é um assunto recorrente nos jornais do Rio. Os jornalistas ficam lembrando dos programas que não deram certo, principalmente agora com essa crise do estado. Vejo que muitos acabam caindo nas coberturas fáceis e abordando um problema que ninguém mais acredita que será solucionado. Acho que esse tema ainda é um problema, quando se olha para a cobertura que é realizada, pois se acaba voltado para os clichês. Não se promove nenhuma discussão nova, os jornalistas não se aprofundam nas discussões e não tentam entender mais sobre o tema.

Na sua opinião, seria importante os jornalistas generalistas participarem mais de eventos de ciência? Por quê?

Sim, acredito que seria fundamental. Porque, isso colaboraria para que eles construíssem um conhecimento mínimo sobre esses assuntos e os ajudaria a conhecer as pessoas que estudam aquilo – fazer contato com as fontes. É importante saber quem pesquisa o que e como pesquisa. Isso auxilia na hora de escolher a pessoa que irá fazer a curadoria da informação e dizer por que aquele fato tem que ser analisado e veiculado. Esses eventos servem para os jornalistas identificarem suas fontes, para esclarecer as dúvidas sobre determinado assunto e para se informarem melhor.

Você ressalta muito a questão das fontes ideais. Quem seriam elas?

Seriam os pesquisadores que tem um trabalho aprofundado em determinados assuntos. Os especialistas que trabalham com aquele tema todos os dias e por um longo período. Geralmente, são pessoas que já possuem certo reconhecimento na área em que atuam e que possuem credibilidade para falar sobre o assunto. Por exemplo, um pesquisador da Fiocruz que trabalha com febre amarela e ainda pesquisa sobre isso há certo tempo. Ele acaba se tornando uma fonte ideal para falar sobre esse assunto, porque ele realmente conhece detalhes sobre o tema, ele tem informações que podem contribuir para que as pessoas compreendam se devem ou não tomar a vacina contra a doença e por qual motivo.

Na sua opinião, como é a relação do jornalista, que não é especialista, com as fontes de ciência?

É uma relação complicada, por uma questão de desconfiança do pesquisador. Porque, ele tem que passar a informação para uma pessoa que não conhece e que, durante a entrevista, ele percebe que não entende nada sobre o assunto. O jornalista que não é especialista no assunto geralmente faz perguntas óbvias para tentar entender. Outra questão é que no impresso, algumas vezes, as matérias são editadas por outras pessoas e em um horário que o repórter – que cobriu aquela pauta – não está na redação para esclarecer eventuais dúvidas. A preocupação do editor é tornar o texto palatável para os leitores. O repórter, algumas vezes, opta por manter certos termos específicos para se manter fiel a fala do especialista. O editor pode achar que o conceito discutido é técnico demais, para o leitor médio do jornal, e tentar traduzir o que está sendo dito. Ele faz uma dedução do que está sendo explicado e acaba alterando todo o contexto, veiculando a informação de uma forma errada. Outro ponto é que nem todos os jornalistas são sinceros a ponto de assumirem ou contarem que não estão acostumados com esse tipo de cobertura. Você tem que manter um diálogo aberto com a sua fonte para garantir que a informação seja fidedigna. Pois, O Globo tem muita visibilidade e, às vezes, outros veículos veem o que sai aqui para reproduzir. Se o especialista notar que a informação foi abordada de uma forma errada e que isso foi reproduzido por outros veículos, ele perde a confiança nos jornalistas.

Na sua opinião, os termos científicos dificultam a cobertura de ciência?

Dificulta um pouco, mas não interfere no produto final. Se houver um diálogo aberto, sem barreiras, entre o pesquisador e o jornalista isso não vira um problema. É a mesma coisa que acontece nas matérias ligadas a justiça que abordam diferentes termos jurídicos. Quando você pega uma petição, por exemplo, há uma infinidade de jargões. Na minha opinião, essa é a mesma dificuldade que pode haver em relação aos termos da ciência. Existem termos técnicos em qualquer cobertura de ciência da mesma forma que existem termos jurídicos que não possuem nenhum valor para os leitores – que não tem ligação com essa área – e mesmo assim isso continua presente em algumas matérias. Claro que você, como jornalista, tenta traduzir aquilo, mas nem sempre é possível. Nesses casos, a melhor saída é explicar o significado ou o conceito que está por trás daquela palavra.

Você se sente a vontade escrevendo matérias de ciência? Por quê?

Atualmente, sim. Mas, acho que isso também depende do tempo que eu tenho para executar determinada pauta de ciência. Quando eu entrei na cobertura de febre amarela, por exemplo, o primeiro dia foi muito difícil. Depois as coisas foram ficando mais fáceis.

Você vai acumulando bagagem, informações – enquanto conversa com as pessoas – até chegar um momento em que você passa a trocar informações com os pesquisadores ao invés de, somente, realizar entrevistas. Para ter segurança é preciso certo tempo para ler os estudos e conversar com as pessoas. Se for o meu primeiro contato com o assunto e se eu não tiver tempo para me preparar, obviamente não vou sentir segurança para fazer a matéria. O nível de segurança tende a aumentar quando você tem tempo para trabalhar o assunto.

Desde que iniciou sua trajetória profissional, alguma coisa mudou na forma como você aborda e escreve as notícias de ciência? Se sim, quais foram as mudanças?

Eu diria que a maior mudança foi a minha predisposição a entender os assuntos de ciência. A gente vive em um tempo muito *on time* e o jornalismo é um reflexo dessa sociedade, dessa velocidade, e dessa demanda. Acho que a minha disposição de entender certos assuntos aumentou, eu me esforço mais para entender as coisas. Eu tenho pouco tempo de trajetória profissional, talvez alguém que tenha 20 anos de profissão pode dizer que já se sente íntimo de alguns assuntos. Mas, nesses anos que tenho de profissão o que mais mudou foi o fato de aprender a lidar com os pesquisadores e buscar a melhor forma de traduzir aquilo que ele está dizendo.

Você conseguiria indicar o motivo que ocasionou essa mudança?

Foi uma questão de experiência. Você faz a primeira vez, faz a segunda, faz a terceira, sofre um pouco durante a cobertura, publica a matéria e começa a perceber os pontos que podem ser melhorados. Com o tempo você começa a encarar esse processo com mais naturalidade e calma.

Você lembra de algumas matérias de ciência que cobriu?

Lembro da questão da febre amarela – que esse ano o pico foi em Vassouras e teve a circulação do vírus na Região Metropolitana do Rio. Olhando as matérias que você trouxe, eu me recordei da questão que aconteceu na Praia da Macumba e, além disso, me lembro de uma matéria recente – que eu não sei se posso enquadrar como tema de ciência – que foram os casos de tubarões que começaram a reaparecer nas praias do Rio de Janeiro. A tese, a suposição, na redação era que algo havia acontecido e ocasionado esse aumento no número de tubarões. Mas, quando fui conversar com o especialista – o Marcelo Szpilman, que hoje é diretor do Aquário – descobri que não houve nenhum aumento e que essas espécies estão sempre passando pelo nosso litoral. É uma matéria que foge um pouco do escopo geral das matérias de ciência, mas que abriga um estudo aprofundado. Porque, esse pesquisador catalogou as espécies e estudou esses animais por um longo tempo.

O que mais gostou e o que mesmo gostou nelas?

O que eu mais gostei foi aprender coisas novas e o meu maior desafio – chamo de desafio, porque não existe uma questão que eu não tenha gostado – foi a desinformação em relação a alguns temas, como a matéria dos tubarões. Naquele momento eu acreditava que havia, realmente, um aumento no número desses animais e que algum fenômeno estaria ocasionando isso. Mas, durante a conversa com o especialista percebi que esse aumento nos registros de tubarões estaria ligado às tecnologias. Hoje todo mundo tira uma foto na praia e pode, involuntariamente, registrar a barbatana desse animal na água. Isso já é

suficiente para chamar atenção na rede. O maior desafio é driblar essa desinformação que há dentro do meio jornalístico.

Você lembra de alguma dessas matérias?

Confesso que não lembro de todas, mas algumas são mais recentes, isto é, desse ano. Essa [matéria “Matança de macacos preocupa especialistas”] foi realizada no Instituto Jorge Vaitsman que é para onde são levados os macacos com suspeita de febre amarela. Lá eles fazem a primeira avaliação. Se não me engano essa matéria aborda a questão do número de macacos que chegavam com traumas por espancamento, que estavam morrendo por causas não naturais. Eles faziam a coleta dos materiais que eram enviados para estudo, na Fiocruz, para descobrir se os macacos estavam ou não infectados. Caso estivessem esses animais, já mortos, precisavam ser cremados e não enterrados como de costume. A história dessa [matéria “Mordida de morcego leva a peregrinação por soro antirrábico] é interessante. Foi sobre o ex-diretor da Atila Roque que, por pânico, tomou todas as atitudes erradas quando um morcego entrou na casa em que ele estava. Ele acabou tendo contato com o morcego, quando tentou espantar o animal. Essa outra [matéria “O vaivém da areia”] foi uma questão interessante de um fenômeno natural que acontece em todas as praias do mundo, mas que estava sendo agravado pela ação do homem.

Destacaria algo sobre alguma delas?

Não consigo me lembrar de nada específico, mas acho evidente a questão da utilidade pública desses textos. Matérias como essa [“Matança de macacos preocupa especialistas”] são importantes para que a sociedade entenda que os macacos, por exemplo, são fundamentais para monitorar a circulação da febre amarela. E que o fato deles estarem morrendo, muitas vezes, não tinha nenhuma ligação com o vírus. As próprias pessoas estavam contribuindo para o desequilíbrio ambiental, matando a espécie e comprometendo toda a cadeia alimentar, porque estavam com medo e desenformadas. Porém, acredito que a matéria da praia [“O vaivém da areia”] estaria ligada a uma questão de curiosidade, mas não há nenhuma informação imprescindível. Talvez, ela seja fundamental para a população que mora no local e que está sofrendo com esse problema há anos. Mas, para quem não vive e não frequenta o local, talvez, essa informação não seja tão relevante quanto à questão da febre amarela que é algo que interessa a todos.

Na sua opinião, quais são as principais: características, diferenças e objetivos do jornalismo especializado e do jornalismo não especializados?

Acho que a principal diferença está na linguagem. Quando se trata de jornalismo especializado, que fala para um público que já tem certa proximidade com o tema, você pode falar de descobertas que – não necessariamente – afetam a vida de toda população. Veicular que a fracionalização da vacina de febre amarela é eficaz atinge a maioria da população, mas na cobertura especializada você pode utilizar termos mais técnicos e uma linguagem que é mais próxima da científica – isso dentro das limitações jornalísticas. Quando você aborda esse tema no jornal O Globo, ou em qualquer outro jornal não especializado, sabe que está falando para um público leigo. Há toda uma dificuldade e preocupação de traduzir a informação. Esse é o primeiro ponto que eu observo. A segunda questão estaria relacionada aos temas, o que é pauta para um jornal especializado e o que é pauta para um jornal não especializado. Isso se reflete dentro das próprias editorias do O Globo, como “sociedade” e “Rio”. Na editoria “Rio” a ciência vai entrar em uma matéria

que aborda um caso de vida ou morte, ou para explicar algum problema que esteja acontecendo na cidade – como, por exemplo, o caso da Praia da Macumba, em que o calçadão desabou. Esse assunto gerou interesse, porque é um fato que ameaça a vida das pessoas, é frequente e existe gasto de dinheiro público. Uma revista da Fiocruz vai ter pautas que a editoria de “sociedade” – do O Globo – não vai ter interesse, porque são muito voltados para a população acadêmica. O que é pauta para uma revista ou jornal especializado, não vai ser para editoria “sociedade”. As pautas da editoria “sociedade”, talvez, não vão ser para a editoria “Rio”. Então acho que as principais diferenças são: a linguagem, como os temas são abordados e o que é pauta para cada uma desses veículos.

Na sua opinião, há diferença entre a cobertura da ciência pelo jornalismo especializado e o não especializado? Quais?

Acho que o que cria as diferenças nessas coberturas é o público alvo de cada um. Por exemplo, um jornalista do O Globo tenta entender se determinado assunto vai ter impacto na vida da população normal – aquela família que mora no Méier e pertence a classe média. Se for um jornalista de veículo especializado que fala com um público ligado a ciência, as produções das matérias se voltam para outras discussões, pois mesmo não tendo um efeito imediato na vida das pessoas, existe um impacto na área de pesquisa. Os veículos não especializados só embarcam nas coberturas de ciência que tem efeito imediato na vida das pessoas. Às vezes, temas que não geram interesse no O Globo, podem receber um grande destaque e ser abordados como a matéria principal de um jornal especializado.

Na sua opinião, até que ponto o jornalismo, não especializado, é uma fonte de informação sobre ciência?

O jornalismo não especializado só embarca nas matérias científicas para tentar explicar problemas do dia a dia. Para tentar dar algum norte para a população em geral. O melhor caso – volto a dizer – é a questão da vacinação de febre amarela. Por exemplo, ano passado recomendava-se que as grávidas não tomassem, mas esse ano começou-se a recomendar que elas tomassem a vacina de acordo com a orientação médica, porque o vírus estava se aproximando da Região Metropolitana. Acho que a imprensa não especializada é fonte nesses momentos, em que é necessário esse serviço de informação. Seria um ponto de partida para as pessoas que já tem interesse por determinado assunto.

Na sua opinião, o que os leitores buscam nas matérias de ciência?

Respostas ou orientação para algo que está afetando o seu cotidiano, como a questão da vacinação. Eles querem saber se podem se vacinar, se podem vacinar seus filhos e se podem confiar naquilo que os postos de saúde dizem. Acho que eles não buscam grandes respostas da humanidade, não buscam os grandes mistérios do universo. Eles querem respostas simples, que são fundamentais para as suas vidas.

De acordo com sua experiência, qual temática científica tem mais chances de despertar interesse nos leitores? Por quê?

Os assuntos de saúde. Porque, há uma incidência de leitura muito grande sempre que você tem algo relacionado ao bem estar das pessoas. Por exemplo, as matérias de febre amarela e morte dos macacos são mais lidas do que matérias, como a da Praia da Macumba – que as pessoas acabam lendo por curiosidade. As matérias de ciência que estão ligadas a área

da saúde despertam o interesse do público leigo. Aquelas pessoas que não tem grande interesse ou que só tem contato com a ciência através dos jornais não especializados. Porque, eles querem entender o que devem fazer em relação à determinada doença, quais as medidas devem tomar para se prevenir. São respostas ligadas a própria vida e relacionadas a assuntos que estão próximos das pessoas.

Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade? Por quê?

Sem dúvida! Porque, esse conhecimento oferece respostas das coisas mais simples até os grandes dilemas da sociedade. Creio que esse conhecimento é fundamental, pois você precisa saber sobre as questões que estão presentes no seu dia a dia – como novas vacinas, recomendações médicas e novos tratamentos que melhorem a qualidade de vida – e também precisa daquelas informações consideradas mais complexas – como as questões ligadas ao futuro da espécie humana.

Para você, como a informação científica deve ser apresentada para a sociedade?

Acho que deve ser apresentado de uma forma simples. O jornalista tem que traduzir as informações de ciência da forma mais simples possível, tentando explicar. Como faz, por exemplo, o Dr Drauzio Varella ao explicar certos tratamentos e doenças. Tenho certeza que alguns especialistas da área o consideram simplista, mas ele encarna um personagem que consegue se comunicar com um público grande e de diferentes graus de escolaridade. Ele consegue transmitir as informações para muitas pessoas, porque consegue estabelecer comparações com coisas do cotidiano. Ele traduz os conceitos científicos e não, apenas, os joga para as pessoas. Acho que qualquer que seja a função de uma matéria científica no jornal impresso, não especializado, ela tem que transmitir a informação para o público leigo em geral. Quanto mais simples ela for, melhor será a compreensão. Na minha opinião, na imprensa não especializada a intenção é sempre traduzir as informações.

Você possui interesse em ciência? Por quê?

Sim, mais especificamente na área de saúde. Porque, é uma forma interessante de entender as discussões que envolvem determinados temas, como a febre amarela. Compreender se há ou não epidemia, entender quem deve se vacinar, me informar sobre os estudos ligados a essa temática. Entender como a tecnologia pode ajudar a monitorar o avanço e circulação do vírus pelo país.

Você costuma acompanhar o noticiário de ciência?

Só o que sai na imprensa não especializada, como O Globo, Estadão, TV Globo, Globo News.

Por que você procura informação nesses veículos e não em outros?

Porque, eu não tenho hábito de ler os jornais especializados e acompanhar periódicos de grandes institutos de pesquisa nas mais variadas áreas.

Entrevista realizada em 12 de junho de 2018.

Sérgio Matsuura

O jornalista Sérgio Matsuura formou-se em Ciências Sociais, no ano de 2002, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2005 concluiu mestrado na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Antes de iniciar a graduação, em 1998, ele realizou um curso técnico profissionalizante em estradas, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.



Atualmente, Sérgio trabalha como repórter do jornal O Globo, onde já atuou nas editorias de Cultura – segundo caderno – e Mundo, redigindo matérias, entrevistando personagens e fazendo atividades para o site do jornal e para o impresso. Durante sua trajetória profissional, ele atuou como estagiário de redação, na empresa Infoglobo – no ano de 2014 – com passagens pelas editorias de Economia, Mundo, Cultura e Esportes. Também foi estagiário em assessoria de imprensa, na Editora Objetiva – de 2011 a 2013 – trabalhando na confecção de releases sobre livros, projetos e notas institucionais; estabelecimento de contato com jornalistas, com planejamento, execução e acompanhamento direto de sugestões de pauta para veículos impressos e eletrônicos; atendimento a demandas de imprensa e produção de cronogramas de lançamentos.

Além disso, o jornalista desenvolveu trabalho voluntário como monitor de idiomas, no ano de 2010, oferecendo auxílio no ensino das línguas inglesa e espanhola para alunos de projeto pré-vestibular comunitário, da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói.

Entrevista

Quais foram os veículos que você trabalhou? Por quais editorias você passou?

Minha primeira graduação foi em Ciências Sociais, mas acabei me desiludindo com a área e migrando para o Jornalismo. Mas, mudar de campo não foi um processo fácil. A verdade é que eu me sentia perdido na época e, enquanto pensava no que ia fazer da minha vida, resolvi começar um mestrado na área que eu já era formado. Nesse momento, comecei a pensar que um mestrado e um doutorado não me dariam nada muito prático. Foi quando resolvi mudar e fazer jornalismo. Eu larguei o mestrado e comecei o curso de Jornalismo na Estácio. No que diz respeito à minha trajetória profissional, eu comecei ela aqui, no O Globo. No meu último ano da graduação de Jornalismo fiz um processo seletivo e consegui uma vaga como *trainee*. Um tempo depois eu acabei saindo, pois não havia vaga de repórter disponível, e fui para o Comunix, que é um site de notícias jornalísticas. Lá eu trabalhei

como repórter e editor. Um tempo depois abriu uma vaga no O Globo, na editoria de economia para cobrir tecnologia. Mais uma vez eu entrei no processo de seleção, passei, e voltei para o jornal, trabalhando em um caderno que, antigamente, era chamado de “Informática, etc”. Desde então eu trabalho no O Globo. Atualmente, em tese, eu sou repórter de tecnologia. Só que antes de eu entrar na redação era um caderno separado com uma editoria própria. Depois que as redações foram enxugadas, esse caderno passou para a ala de economia. Mas, depois de um tempo esse caderno acabou. Em 2013 ou 2014 – não me recordo direito – criaram a editoria de “sociedade”. Essa editoria juntou um monte de assuntos e, conseqüentemente, a tecnologia foi incluída. Reuniram assuntos como tecnologia, saúde, ciência e meio ambiente, para criar somente uma editoria. Foi a partir daí que eu comecei a cobrir ciência também. Antes eu cobria mais tecnologia, como lançamentos de mercado. Foi em “sociedade” que ocorreu essa flexibilização do que eu poderia publicar. Assim, comecei a gostar de ciência. Eu sempre me interessei, mas não era o que eu cobria. Mas, desde então é o que eu venho cobrindo, tecnologia e ciência.

Há quanto tempo você trabalha como jornalista de veículo impresso?

Teve esse começo no O Globo, acho que foi em 2007 ou 2008. Depois sai do impresso e fui trabalhar no Comunix, fiquei lá até 2011, e em seguida voltei para O Globo. Não me lembro muito bem das datas, mas creio ter retornado em 2011 ou 2012. São quase sete anos de impresso.

Como foi a experiência de *trainee* no O Globo?

Bem legal, o estágio é muito legal. Quando eu fiz ainda era Rádio Globo, não sei como está agora. A gente passava por todas as editorias, trabalhava na CBN e na Rádio Globo. Para quem está estudando é muito interessante ver como funciona.

Foi nesse período que você começou a se interessar por tecnologia e ciência?

Não, na verdade meu primeiro contato com essas áreas não foi intencional. Fui trabalhar com essas temáticas, porque abriu uma vaga para esse tipo de cobertura. Quando me chamaram para a editoria de “economia”, a vaga era para o caderno de tecnologia. Naquele momento eu não tive poder de escolha, foi o que apareceu e eu resolvi fazer, mas acabei gostando muito dos temas.

No impresso, quais assuntos você mais gosta de cobrir? Por quê?

Tecnologia e ciência. Tecnologia eu fui pegando o gosto, porque já cubro esse tema há muito tempo e ciência é uma coisa que me interessa desde sempre. Gosto muito de assuntos ligados à astronomia e novas descobertas. Eu gosto muito de astronomia e arqueologia. São coisas que não tem muito espaço, ninguém faz, e acho que todo mundo gosta, inclusive eu.

O que mais te atrai nesses temas?

Não sei, eu simplesmente gosto, não tenho um motivo específico. Por alguma razão, que eu não sei indicar, acabo gostando muito de cobrir e ler sobre arqueologia e astronomia.

No impresso, quais assuntos você menos gosta de cobrir? Por quê?

Eu não gosto muito de fazer eventos, quando tem um evento eu não gosto de cobrir, porque acho chato. Primeiro, por ser muito cansativo e o resultado não ser muito legal. É uma coisa extremamente programada, você sabe de tudo que vai conhecer. Ninguém vai te contar uma informação nova.

Como e quando, de fato, você começou a trabalhar no jornal impresso O Globo?

Foi em 2011 ou 2012 quando me chamaram para trabalhar na editoria de “economia”, no caderno de tecnologia.

Qual editoria você trabalha no momento?

Sociedade.

No jornal impresso, quais assuntos você mais costuma cobrir?

Tecnologia e ciência. Faço bastante coisa de saúde também.

Qual foi a sua primeira experiência com cobertura de ciência? Qual foi o primeiro tema que você cobriu e como foi essa experiência?

Não me lembro, mas certamente eu devo ter achado chato na época. Porque, quando foi criada essa editoria [sociedade] todo mundo ficava procurando o seu espaço. Eram muitas pessoas produzindo assuntos diversos que deveriam caber em três páginas de jornal. Todo mundo queria um espaço para publicar suas matérias. Eu acho que meu editor não gostava muito da forma como cobríamos a tecnologia. Eram coberturas voltadas para mercado e, como sociedade tinha uma pegada diferente, ele não curti muito. Eu buscava o meu espaço no jornal e ele gostava muito de ciência. Então, eu comecei a propor algumas pautas de ciência. A primeira eu realmente não lembro, mas certamente deve ter sido indicada por ele e eu tive que dar um jeito para cobrir.

Existe alguma cobertura de ciência que te marcou, no início da sua trajetória?

A primeira grande matéria que eu fiz, estava ligada à tecnologia. Eu tive que entrevistar um engenheiro chefe do Google. Foi bem marcante para mim falar sobre as novas ferramentas de buscas chamadas *knowledge graph*. Era um assunto curioso que, na época, envolviam algumas novidades.

Como foi cobrir essa pauta de tecnologia? O que mais te marcou?

Foi a primeira grande entrevista que eu fiz no O Globo, com uma pessoa importante. Isso me marcou por ser um assunto especial, novo, e por poder conversar com uma pessoa que sabia muito mais do que eu, sobre aquela área. Foi mais pelo desafio mesmo.

Na sua opinião, o que é ciência?

O conjunto de conhecimento que nós, enquanto humanidade, vamos acumulando ao longo da nossa história. Seria mais ou menos por aí, um conhecimento verificável e lógico.

O que seria esse conhecimento verificável?

Um conhecimento que se diferencia das crenças, digamos. A ideia de replicabilidade e o fato de ser o mesmo para mim e para você, em qualquer lugar do mundo.

Com que frequência você cobre as pautas de ciência?

Todos os dias. Existe um site que chamado *EurekAlert* que eu olho todos os dias para ver quais são os assuntos que estão sendo discutidos e que podem render uma matéria. Diariamente encontramos alguma coisa.

Como você escolhe as pautas de ciência que vão para o impresso?

Além do *EurekAlert*, das assessorias, das fontes – que também mandam pesquisas – tem o que cada repórter está fazendo. Cada um seleciona uma história e escolhe suas fontes, elaboram pautas. Essas informações são levadas para a reunião – que temos todos os dias – e os editores escolhem os assuntos que, para eles, são mais relevantes.

Como se mensura o nível de relevância, de uma pauta de ciência, em um jornal que não é especializado nessa cobertura?

Olha, acho que eles gostam muito de assuntos que, de certa forma, são considerados importantes. Por exemplo, uma descoberta de um novo medicamento ou qualquer assunto que tenha apelo entre os leitores. Acredito que eles gostam, também, do inusitado, coisas diferentes. É por esse caminho que vai a escolha do que é ou não publicado.

Quais assuntos da área de ciência você mais costuma cobrir?

Saúde entra como ciência, não é? É difícil identificar isso. Acho que tecnologia eu diferencio de ciência e saúde também. Mas, muito das descobertas científicas têm implicações nessas áreas e são, geralmente, as que mais interessam. Que tem impacto direto na vida das pessoas. Se formos separar saúde e ciência, o que eu mais cubro é astronomia.

Por que você faz essa separação entre ciência, tecnologia e saúde?

Na verdade, é uma separação do jornal. Agora tudo se enquadra em “sociedade”, mas existe uma sub editoria de saúde, de ciência, de tecnologia e de meio ambiente. Não são subeditorias. Na verdade, são repórteres. Eu, em tese, sou repórter de tecnologia, mas cubro outras coisas e gosto muito de fazer ciência, por isso proponho muitas pautas de ciência também.

Enquanto indivíduo, você também faz essa separação?

Não sei, nunca tinha pensado nisso. Não vejo essas áreas como duas coisas afastadas, pelo contrário, elas são muito próximas. Mas, não posso te responder com convicção, porque nunca fiz essa reflexão.

Você gosta das pautas, de ciência, que cobriu? Por quê?

Sim, gosto. Porque, se não gostasse, eu já teria saído daqui. O trabalho é cansativo, então você precisa gostar daquilo que faz. Felizmente, eu trabalho com assuntos que sempre gostei. Por exemplo, eu sempre gostei de mexer em computador, montava meus computadores quando era pequeno. A ciência também sempre foi um assunto que estive próximo, eu sempre me interessei. É muito bom poder trabalhar com temáticas que fazem parte do meu interesse pessoal. Isso acaba sendo gostoso.

Quais assuntos de ciência você mais gosta de cobrir?

Astronomia e arqueologia.

Quais assuntos de ciência você menos gosta de cobrir? Por quê?

Física, porque eu não sei nada sobre o assunto e, toda vez que preciso cobrir esse tema, tenho muito trabalho. Preciso realizar muitas consultas para ver os conceitos básicos. Eu não entendo de física e acho muito difícil escrever sobre isso.

Onde você procura informações quando precisa escrever uma matéria de física?

Nesses casos, eu preciso conversar com alguém. Conversar com as fontes, com os professores, pesquisadores, alguém que possa me explicar sobre o assunto e tirar minhas dúvidas.

Você se sente à vontade escrevendo as matérias de ciência? Por quê?

Se não for de física, sim. A maioria eu acho tranquilo. Tem uma coisa que eu acho muito boa nos cientistas, eles têm a preocupação de fazer os jornalistas entenderem o que estão dizendo. Obviamente, isso nem sempre acontece, pois alguns pesquisadores não têm essa preocupação. Mas, normalmente, eles se esforçam para transmitir a informação de uma forma inteligível para que os jornalistas possam passá-las para o leitor.

Na sua opinião, como eles manifestam essa preocupação?

Explicando minuciosamente. Eles estão explicando um tema e perguntam “você sabe o que é isso?”. Se eu não souber, ele vai explicar os conceitos básicos do estudo.

Você tem alguma dificuldade para escrever as matérias de ciência? Se sim, quais?

Somente as matérias de física. As outras temáticas são muito tranquilas de trabalhar. Os termos e conceitos básicos de física, eu não domino. Normalmente, essa temática está relacionada a coisas muito avançadas e isso dificulta o trabalho.

Como você faz para trabalhar com esse tema?

Quando eu escrevo alguma matéria de física, geralmente, é sobre alguma invenção. Recentemente, eu estou pensando em propor uma matéria sobre reatores nucleares. Se eu fizer, vou ter que pedir para um cientista me explicar o que é. Vou ter que aprender para escrever. É basicamente isso, para vencer a dificuldade alguém tem que te explicar.

Na sua opinião, quais pontos devem ser explorados durante a cobertura de ciência?

Devemos ficar atentos ao fato, ou tema, que mereça a cobertura e seja relevante. Normalmente, quando cobrimos pesquisas, é importante explicar a metodologia. É difícil de entender, mas é importante abordar na matéria.

Na sua opinião, por que é importante trazer, nas matérias, a metodologia das pesquisas?

Para o leitor poder mensurar a relevância daquele estudo. Por mais que as publicações passem pelo crivo dos editores, a pessoa pode achar determinada informação relevante a partir da leitura. Mas, para isso, o leitor tem que ter as informações para poder mensurar se determinado estudo é importante para ele. Isso se torna possível quando os jornalistas apresentam o passo a passo das pesquisas e demonstram como elas foram feitas e qual o tamanho da amostra. Essa questão [do número da amostra] eu acho muito importante.

Por que você considera interessante colocar essas informações na matéria?

Para mim pode ser super fantástico e para o leitor não. Acho que é importante todos terem essa informação.

Você lembra de alguma matéria de ciência que cobriu?

Tem uma que foi mais uma entrevista, eu até tinha esquecido de falar sobre ela. Era relacionada a *crispr techno*, que é um assunto ligado a edição genética. Eu acho que isso vai mudar o mundo. Recentemente, fiz uma entrevista com um especialista chamado Bill Heccker, que injetou *crispr* nele mesmo. Também falei um pouco sobre a ciência e essa loucura de ter uma ferramenta de edição genética de fácil acesso e os limites éticos disso. Eu achei legal essas coberturas.

Durante essa cobertura, o que você mais gostou de fazer?

Não consigo identificar um ponto específico.

O que você mais gosta na cobertura das pautas de ciência? Por quê?

Gosto de conversar com os especialistas, porque eu sempre estou aprendendo coisas novas. Quando cobrimos ciência, sempre descobrimos coisas novas. Eu estou sempre aprendendo, nunca sei o suficiente para ter uma conversa de igual para igual com um cientista. Eles sempre me apresentam informações novas e eu sempre estou disposto a aprender.

Você lembra de algumas dessas matérias?

Lembro sim. Essa eu achei legal, das aves [matéria “Aves: uma de oito espécies ameaçadas]. Eu até estou trabalhando em uma outra matéria sobre arara azul, sobre um projeto que trará de volta algumas espécies que estão fora do país para reprodução. Essa também foi muito legal [matéria “O poder da enzima mutante”]. Então, essa daqui [matéria “Norman, o robô psicopata”] eu não sei se é tecnologia ou ciência. A gente vai cair naquela questão de novo. Essa entraria como tecnologia [matéria “Norman, o robô psicopata”].

Por que você faz essa separação?

É muito por essa questão das editoriais de jornal mesmo. Classificando as editoriais, essa seria saúde [matéria “‘Mapa genético’ da depressão abre caminho para tratamentos”], essa seria ciência [matéria “‘Esperança na destruição’”], essa provavelmente entraria como meio ambiente [matéria “‘Aves: uma de oito espécies ameaçadas’”]. Acho que é mais pela lógica do jornal mesmo, que já está na minha cabeça.

Quando você olha para esses temas, você os vê como algo separado da ciência? Por quê?

Então, acabo enxergando sim. Agora que estou refletindo, posso afirmar que enxergo. Estou tão inserido nesse universo, do jornalismo, que acabo partindo e pensando pela lógica editorial do jornal. No impresso, tudo acaba na editoria de “sociedade”, mas no site temos as sub editoriais – como sociedade, educação, saúde, ciência e meio ambiente. Nós estamos acostumados a classificar onde determinada matéria vai entrar.

No que diz respeito aos conteúdos das matérias, você os separaria da ciência?

Não, no fundo, todos os conteúdos são de ciência. Eu entendo enquanto ciência, mas quando penso na pauta os organizo separadamente.

O que você destacaria nessas matérias?

Eu acho esse tema aqui muito importante, o do plástico [matéria “‘O poder da enzima mutante’”], pois aborda como a ciência pode salvar o mundo, já que o mundo está acabando e plástico contribui para isso. Aqui, foi destacado como a ciência está tentando um resolver esse problema. De uma forma geral, eu destacaria a relevância dos assuntos ligados à saúde e meio ambiente. Também acho essa aqui interessante [matéria “‘Contra os exterminadores do futuro’”]. É um assunto bem importante a ser tratado, pois faz as pessoas refletirem sobre o avanço rápido das inteligências artificiais. A gente não tem ideia do potencial dessa tecnologia e dos usos. Nesse caso, o debate era sobre o uso militar e a gente está no limiar de criar uma máquina que mate alguém sem intervenção humana. Que você simplesmente coloque ela para matar, e ela mate. Estamos prestes a ultrapassar esse limite que não tem volta, pois vai mudar completamente as relações de poderes no mundo.

Como você chegou nessas pautas?

Essa, provavelmente, saiu uma pesquisa no dia [matéria “‘Mapa genético da depressão abre caminho para tratamentos’”]. Essa do Zika [matéria “‘Esperança na destruição’”] também foi uma pesquisa. Essa aqui [matéria “‘Aves: uma de oito espécies ameaçadas’”] foi via *EurekAlert* e essa [matéria “‘O poder da enzima mutante’”] foi uma colega da FAPERJ que me avisou. Essa [matéria “‘Norman, o robô psicopata’”] também saiu uma pesquisa com essa temática. Essa [matéria “‘Contra os exterminadores do futuro’”] eu vi no site *MIT Media Lab*. Lá são divulgadas muitas pesquisas e eu fico vendo o que tem de interessante. Eu encontrei essa matéria lá [“Contra os exterminadores do futuro”] e entrei em contato com os pesquisadores. Além disso, teve uma história do Google, que os engenheiros fizeram um abaixo assinado para o Google não participar de projetos com o Pentágono. Concomitantemente, tinha uma reunião próxima com o conselho da ONU para discutir esse assunto. Juntei todas essas informações e elaborei a pauta. De pesquisa que sai em periódico tem o

EurekAlert, que a gente consulta basicamente todos os dias. Tem alguns sites de diversidade que gostamos de seguir, um deles é o *MIT*, da Harvard. Nesse entram algumas pesquisas que eles fazem na universidade, antes de sair nas agências.

Seus textos possuem muitas informações científicas. Trazer essas informações, para as discussões, seria uma preocupação no seu trabalho?

Sim, acho que a nossa função como jornalista é explicar com o máximo de detalhes para que o leitor entenda. O problema é que, às vezes, falta espaço no jornal e precisamos escolher o que vai ou não entrar na matéria. Mas, é uma preocupação sim.

Quando você escreve um texto de ciência, qual trajetória de escrita procura seguir?

A famosa pirâmide invertida. O *lead* tem que trazer as informações mais importantes do assunto. Digamos, eu aproveito *lead* para prender atenção do leitor e no segundo parágrafo eu gosto de colocar alguém explicar o assunto.

Esse alguém seria um especialista?

É, normalmente, você pode ver que meus textos são assim. O segundo parágrafo geralmente traz uma aspa. Eu gosto de fazer um bom *lead*, colocar uma aspa e depois começo a trabalhar no texto. A ideia é colocar as informações mais relevantes no início, montando um *lead* que atraia a leitura.

Desde de que iniciou sua trajetória profissional alguma coisa mudou na forma que você aborda e escreve as notícias de ciência?

Certamente mudou. Atualmente, em ciência, eu tenho bastante conhecimento e em tecnologia também. Acho que é isso. A gente vai adquirindo mais conhecimento e acaba facilitando o trabalho.

Como o conhecimento facilita o seu trabalho?

A gente acaba aprendendo algumas coisas. As perguntas ficam mais interessantes. Eu vejo isso muito claro quando uma matéria foi feita por alguém que trabalha cobrindo tecnologia. Até pela profundidade das perguntas, do repórter estar ou não ciente do que está acontecendo no campo. Vai por esse lado de ter informações para ser mais profundo na cobertura.

Você conseguiria indicar o que promoveu essas mudanças?

O trabalho mesmo, muito trabalho. Conversar com muita gente, ler muito, estar com a cabeça praticamente 24 horas, por dia, nesses temas.

Na sua opinião quais são as principais características ou diferenças do jornalismo especializado para o jornalismo não especializado em ciência?

O especializado [revistas, sites] tem mais gente para cobrir e, conseqüentemente, acabam cobrindo mais assuntos. Acho que o grande problema do jornal é falta de braço para fazer. A gente acaba se especializando, por mais que a gente não seja especialista. Em uma revis-

ta especializada, por exemplo, há dez repórteres para fazer o mesmo trabalho que uma pessoa tem para fazer aqui.

Na sua opinião, existe diferença na cobertura de ciência feita pelo jornalista especializado e pelo jornalista não especializado?

Acho que sim. Como o nosso jornal não é especializado, o nosso leitor também não é especializado. A gente tem que partir dessa premissa, de que em uma revista científica o leitor, em tese, tem um conhecimento naquela área e aqui ele é leigo. Temos que ter essa preocupação de ser mais didáticos e dedicar mais tempo explicando algum conceito. No jornalismo especializado nós não vemos muito essa atitude. Existem alguns sites científicos que, às vezes, aparecem conceitos que nem eu entendo, pois não há uma explicação. Pede-se que você, enquanto leitor, tenha uma carga de conhecimento.

Na sua opinião, até que ponto o jornalismo não especializado é uma fonte de informação sobre ciência das pessoas?

Muito difícil essa pergunta. Acho que funciona como ponto de partida para quem tem interesse. Às vezes, a pessoa não vai se aprofundar em uma matéria como a do plástico, mesmo que a gente faça uma matéria grande sobre o assunto. Uma revista especializada poderia fazer o material inteiro, ou um especial de 15 páginas, e se aprofundar mais no tema. O Globo, por não ser especializado e também ser diário, acaba tendo uma cobertura um pouco mais superficial do que uma revista mensal que o repórter pode ter três semanas para fazer uma matéria. É isso, os jornais não especializados são um ponto de partida para quem está interessado e também alertam para determinadas questões. O nosso alcance é maior do que o de uma revista especializada, em tese.

Na sua opinião, o que os leitores buscam nas matérias de ciência, tecnologia, saúde?

Eles buscam o inusitado. Eu como leitor também busco isso.

O que seria o inusitado?

Coisas diferentes, como a primeira vez que foi feito tal coisa ou a maior de todas. Isso torna os fatos inusitados e desperta a atenção das pessoas. Seria mais uma questão de curiosidade. Acho que para o leitor a curiosidade é maior do que a relevância.

De acordo com a sua experiência, qual temática científica tem mais chance de despertar o interesse dos leitores? Por quê?

Acho que os assuntos ligados à tecnologia, que quebram paradigmas. Por exemplo, as matérias do Norman e da inteligência artificial. Eu recebi muitos emails de pessoas com dúvidas, elogiando ou criticando. O maior *feedback* dos leitores são nas publicações de tecnologia.

Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade?

Sim, porque o conhecimento científico fez tudo isso aqui. A gente está aqui nesse prédio, com ar condicionado, câmara de segurança, luz, tudo foi feito com base no conhecimento científico. Sem ciência não há mundo.

Na sua opinião, por que as pessoas precisam dessas informações?

Porque, o campo da ciência – que eu vejo como saúde – tem muita relevância no jornal. Saúde tem um grande impacto na vida das pessoas. Saber identificar uma doença, saber se estão perto de encontrar a cura do câncer, são coisas que as pessoas têm interesse. Mas, creio que o interesse do leitor também varia.

Varia de acordo com o que?

Vai de pessoa para pessoa. Eu gosto de ler sobre arqueologia, o que muita gente acha um saco. Cada um tem seus gostos. Isso depende da afinidade da pessoa com determinado tema.

Para você, como a informação científica deve ser apresentada para a sociedade?

Acho que o mais importante é ser claro e preciso nas informações. A clareza é muito importante para que o leitor entenda o que está sendo passado.

Você possui interesses em assuntos de ciência? Por quê?

Sim, desse que eu fiz Ciências Sociais. Já nessa época eu pensava em ir para o campo da arqueologia. A arqueologia é tentar buscar uma explicação no passado que não existe mais, coletar dados de outra forma senão pelos artefatos. É um olhar para o passado. Uma coisa que eu acho legal é que toda vez que se olha para o céu você vê o passado. Aquilo que a gente está vendo aconteceu há milhões de anos. Isso sempre me chamou muito a atenção.

Você costuma acompanhar o noticiário de ciência?

Sim, mais o noticiário estrangeiros.

Quais sites, revistas e jornais você procura essas informações?

Além do *EurekAlert*, que tem todas as publicações, existem dois sites que eu acho interessantes: o *Science Media Center* que é um centro de divulgação científica do Reino Unido, e o *Science Imax* que também está ligado a divulgação científica na Austrália e Nova Zelândia. Também sigo dois sites de arqueologia, que eu até favoritos no computador, é um deles é o “*Archaeology.org*”. Além desses, tem os sites de universidade, como o *IMT* e *IMT Technology Review*, e as clássicas *Science* e *Nature*.

Por que você procura esses sites e não outros?

Science e *Nature* a gente tem que ver por obrigação, até recebemos o *preview* das revistas. Quando eu comecei a cobrir eu perdi algum tempo navegando e buscando fontes, revistas e sites e montei uma lista que eu sigo sempre. Não tem uma explicação, fui vasculhando.

Isso tem a ver com a experiência desses sites e revistas com essa cobertura?

Claro. *Science* e *Nature*, por exemplo, são as revistas mais respeitadas e os sites de universidades são fontes confiáveis também, não podemos deixar de vê-los. Em tese, eles veiculam informações oficiais.

Com qual frequência você busca essas informações?

Todo dia, minha vida é essa. Chego aqui às sete horas da manhã e faço uma ronda para ver o que tem de interessante para o impresso e para o site.

Na sua opinião, existe diferença entre os textos de ciência dos jornais especializados e o texto de ciência do O Globo?

Eu nunca fiz essa reflexão, mas imagino que um jornal especializado tenha mais tempo para tratar de um mesmo assunto. Porque, aqui, é correria. Tudo tem que ser feito para hoje, porque amanhã tem que estar no jornal.

Na sua opinião, os dois informam igualmente?

Sobre as *hard news*, acredito que sim, mas a gente tem mais vantagem pela periodicidade. Porém, nas reportagens especiais eu acho que eles têm mais espaço e mais tempo, dá para fazer um trabalho mais aprofundado.

Simone Candida

A jornalista Simone Candida formou-se em Ciências Sociais, no ano de 1992, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2006 concluiu uma pós-graduação, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na área de pesquisa de Mercado e Opinião Pública.



Atualmente, Simone trabalha como repórter do jornal O Globo – onde atua na editoria Rio – e Infoglobo – onde atua na coluna Design Rio, que publica reportagens sobre arquitetura, design, patrimônio e histórias do Rio. Como jornalista do O Globo, ela apura notícias sobre a cidade do Rio de Janeiro; elabora e executa pautas sobre arquitetura, patrimônio, design e história da cidade para a coluna Design Rio; redige textos para o jornal impresso e trabalha na cobertura e redação, diária, de notícias para a versão *online* do O Globo.

Além disso, a jornalista já trabalhou como redatora e produtora de conteúdo do site Globo News – em 2001 e 2002 – e como repórter da Revista Domingo e, posteriormente, da editoria Cidade, do Jornal do Brasil – em 1992.

Entrevista

Como foi o início da sua trajetória profissional? Em quais veículos você trabalhou e por quais editorias passou?

Eu comecei em 1992. Assim que eu me formei consegui um trabalho no JB e lá eu comecei na Revista Domingo, onde fiquei por uns 4 anos. Depois fui para a editoria “Cidade”, que é mais geral. No JB eu fiquei por quase 10 anos. Quando sai de lá trabalhei por alguns meses com assessoria de imprensa e em seguida fui para um site chamado “globonews.com”, que é anterior ao G1, e fiquei lá por 1 ano e meio. Também passei pelo Extra, trabalhei na coluna “Extra, Extra!”, e no O Globo estou desde 2005. Aqui eu passei pelo jornal de bairros, fiquei 1 ano nessa editoria, depois fui para o caderno “Boa Viagem” e posteriormente para editoria “Rio”, onde estou há 11 anos.

Há quanto tempo você trabalha como jornalista de veículo impresso?

Trabalho com isso desde junho de 92, são 26 anos! Sempre trabalhei com jornalismo impresso. Obviamente que de um tempo para cá também tenho trabalhado com site, porque as duas coisas se misturam. Aqui no O Globo, por exemplo, quem produz material para o site são os repórteres que já faziam para o papel. Não existe repórter só de site aqui.

No impresso, quais assuntos você mais gosta de cobrir? Por quê?

O que eu mais gosto de cobrir, atualmente, é área de patrimônio, urbanismo e história da

cidade. Porque, eu gosto de história então fico tentando me especializar nisso. Tinha uma coluna chamada “Design Rio”, em que a gente tratava de arquitetura, design, história da cidade, coisas desse tipo. A coluna acabou, mas eu continuo fazendo matérias desse dito. Há uns dois dias atrás, por exemplo, eu fiz uma pauta sobre a restauração do Convento do Carmo, na Praça Quinze. No dia anterior eu tinha feito outra sobre o prédio A Noite, que será vendido. Eu gosto mais desses temas, mas aqui a gente faz um pouco de tudo. Tem dias que eu faço matéria de polícia, outros que faço matéria de saúde, buracos entre outros. Dependendo do dia você faz matéria de tudo!

No impresso, quais assuntos você menos gosta de cobrir? Por quê?

O que eu menos gosto de fazer é agenda com político. Eu acho chatas essas pautas que envolvem agenda com governador, prefeito... e teve uma época que eu fazia muito isso! Porque, você chega lá e se depara com um “empurra, empurra”. Por exemplo, você marca uma entrevista com o governador para falar sobre a inauguração de uma ponte. Quando chega ao local encontra a imprensa inteira e você tem 15 perguntas para fazer sobre o projeto, mas não consegue porque não dá tempo, todos querem perguntar ao mesmo tempo. Quando você volta, para a redação, percebe que tem apenas pedaços de aspas e não uma matéria. Eu não gosto disso, acho que é muito cansativo e pouco produtivo.

Como você começou a trabalhar no jornal O Globo?

Na verdade, uma amiga me chamou. Na época tinha uma vaga disponível para cobrir a licença de um jornalista do caderno “Boa Viagem”. A princípio, eu ficaria aqui por 1 mês, mas apareceu uma vaga na editoria “Bairros” e, como estava sem trabalho na época, acabei ficando.

Em qual editoria você trabalha nesse momento?

Editoria “Rio”.

No Jornal O Globo, quais assuntos você mais costuma cobrir?

Eu fico mais na editoria “Rio”, então acabo cobrindo coisas ligadas à cidade, como mudança de trânsito, urbanismo, taxa de lixo. Teve uma matéria recente – que eu fiz – em que queriam cobrar taxa de lixo separado para certos condomínios. Condomínios com lojas teriam uma cobrança diferente dos condomínios residenciais, porque dizem que as lojas fazem mais lixo. É esse tipo de coisa que eu cubro. Mudanças, no Diário Oficial, que vão afetar os moradores ou comerciantes da cidade.

Qual foi a sua primeira experiência na cobertura de ciência?

Para mim a ciência está sempre ligada a alguma coisa que está acontecendo na cidade. Eu cobri muita coisa sobre dengue, acho que isso é ciência.

O que é ciência para você?

Eu acredito que a ciência estaria relacionada à medicina, ecologia – coisas relacionadas a desastres ecológicos – alguma doença que esteja surgindo, vírus que esteja se espalhando, epidemias. Para mim, ciência é isso. Aqui, na minha editoria, a gente não vê uma coisa

mais aprofundada, como a descoberta da cura de alguma doença.

E qual foi sua primeira cobertura relacionada a essas temáticas?

Que eu me lembre, foi a epidemia de dengue. Nós tivemos várias epidemias de dengue e a primeira que eu cobri foi na década de 90. Me lembro que tinham vários lugares e pessoas sendo afetados ao mesmo tempo, tinha uma rua na Ilha do Governador que todo mundo pegou dengue e nós tínhamos que ir até lá todos os dias para fazer matéria. Em 2008 também teve muita morte aqui, inclusive de crianças, por dengue. Eu lembro que cobri muitos enterros de crianças. Fico me recordando de coisas relacionadas a epidemias aqui no Rio, como a questão da gripe H1N1.

Com que frequência você cobre pautas de ciência?

Não muito. Só cubro quando tem uma epidemia. Por exemplo, agora que está tudo calmo – o zika está quietinho, a dengue faz tempo que não temos mais casos – não tem tido muitas pautas de ciência. Geralmente isso é mais no verão, quando começa a ficar quente e esses casos aparecem. Me lembro de ter feito, também, muita coisa ligada a bebês com microcefalia. Quando começou essa relação da microcefalia com o zika nós cobrimos muitos casos. Eu falei muito com os grupos de mães, médicos e pesquisadores. Para mim, isso foi muito emblemático.

Quais assuntos, de ciência, você mais costuma cobrir?

Normalmente são assuntos relacionados a alguma doença que está colocando em risco a população do Rio de Janeiro, como dengue, zika e chikungunya. Esse ano foi mais febre amarela, a gente cobria bastante! Ficávamos acompanhando o número de casos no Rio e também em outros estados para fazer uma comparação.

Você gosta das pautas que cobriu? Por quê?

Não é o que eu mais amo fazer na vida, mas eu gosto. Acho que são de utilidade pública, as pessoas querem saber, querem ter essa informação. A gente tem, aqui, uma ferramenta de acompanhamento das notícias do site – as notícias que são mais lidas, que tem maior tempo de leitura, que levam os leitores a acessarem outros lugares – e isso a gente pode ver por nome, por editoria entre outros. Quando busco pelo meu nome vejo que uma das minhas matérias mais lidas, até hoje, é a que fala sobre chikungunya – e ela foi feita há uns 3 anos. Foi uma matéria que fiz com um médico de Pernambuco, que falava que essa doença deixa um rastro de dor. Toda vez que entro nessa ferramenta, essa matéria está sempre entre as primeiras. As pessoas não param de ler, porque é uma doença muito ruim. Quando uma pessoa ou familiar tem, eles ficam buscando informações, principalmente na internet. Eu acredito que quando as pessoas veem esse tipo de notícia em um jornal, dão mais credibilidade e, por isso, acabam lendo.

Você acredita que os jornais impressos tem credibilidade para falar sobre assuntos de ciência? Por quê?

Sim, porque as pessoas acreditam que aqueles que estão fazendo esse trabalho tem a informação correta. São jornalistas, não curiosos. A gente não vai colocar a fala de um médico que não conhece, porque nos preocupamos em procurar as fontes certas – como

universidades e, se citamos algum laboratório, temos cuidado para não parecer que é uma propaganda. Temos sempre a preocupação de não ser usados por aqueles profissionais. Normalmente, procuramos universidades públicas ou até a Fiocruz. Por isso, eu acredito que o público pensa que essas informações são filtradas por um profissional que está acostumado a fazer isso. Eu posso procurar na internet, por exemplo, sobre chikungunya. Não aparecem diversas informações e fotos, mas nem todas são confiáveis.

Quais assuntos, de ciência, você mais gosta de cobrir? Por quê?

Eu gosto de falar sobre essas doenças tropicais, acho interessante. Todos tem que saber que algumas delas então voltando – às vezes parece que estamos regredindo – nos afetando e que isso pode piorar. Porque, as condições de saneamento não estão melhorando e muitas doenças que já tinham sido erradicadas estão retornando. Os vírus a cada ano voltam de uma forma pior. Além disso, é um assunto que eu gosto, porque são de utilidade pública e estão ligados ao dia a dia. A gente tem que dizer que existe, por exemplo, a febre amarela e que as pessoas precisam se vacinar. Eu acho isso importante.

Você se sente a vontade escrevendo matérias de ciência? Por quê?

Quando eu estou cobrindo essas pautas, sempre tendo ler outras matérias sobre o assunto, quando tem algum termo que eu não entendo eu ligo para fonte e checo a informação. Porque, às vezes, tem umas palavras pouco conhecidas pela população então você tem que saber se pode trocar por outro termo e traduzir aquilo. Não é um vocabulário que eu domino muito.

Quais assuntos, de ciência, você menos gosta de cobrir? Por quê?

Eu não sei exatamente, porque não tenho certeza se podemos considerar ciência temas relacionados a serviços de hospitais, por exemplo. Acho que isso não é ciência e sim utilidade pública, porque fala sobre o equipamento, o serviço, o profissional. Geralmente quando eu pego um tema que nunca ouvi falar, fico desconfortável, pois não sou especialista em ciência. Se eu tiver um tempo para pesquisar antes de sair para cobrir, ótimo! Mas, às vezes a gente pega uma pauta e tem que sair para cobri-la naquele instante, por exemplo, uma coletiva sobre um determinado vírus que está atacando um hospital. Isso é ruim, porque falta uma informação anterior. Porém, percebo que quando chegamos para pedir informação para um médico ou pesquisador, eles geralmente têm paciência para explicar. Não costumam ter aquela arrogância de achar que todo mundo tem que saber sobre o assunto, ao contrário de outras áreas em que as pessoas até usam termos específicos daquele campo. Você não entende e precisa ficar pedindo para a pessoa traduzir.

Onde você busca as informações que auxiliam na cobertura das pautas de ciência?

A primeira coisa que eu faço é ver as matérias que já saíram, sobre o assunto. Se eu tiver mais tempo pesquiso publicações científicas, como dissertações e outros textos que não sejam muito herméticos. Também costumo pedir indicações de leitura e fontes de pesquisa, para os colegas que estão acostumados a cobrir temas da área de ciência.

Você tem alguma dificuldade para escrever as matérias de ciência? Se sim, quais?

Esse não é o tema que eu tenho maior facilidade e nem o que eu fico mais a vontade para escrever – pois não faço isso sempre – mas não tenho dificuldade. Porque, eu sempre utilizo um vocabulário que todas as pessoas entendem. Nós temos que traduzir aquilo, então o próprio pesquisador quando conversa com a gente – que não é de uma revista ou jornal especializado – fala como se estivesse de frente para um paciente ou falando para uma pessoa que não sabe nada sobre aquele assunto. As coisas tem que ser ditas de uma forma simples para que eu possa entender e traduzir para o leitor.

Na sua opinião, quais pontos devem ser explorados durante a cobertura de temas de ciência?

A primeira coisa que você tem que pensar é: em que isso vai afetar o público em geral? Por exemplo, se for uma matéria sobre chikungunya, o que as pessoas vão querer saber? Como eu pego chikungunya? Como eu posso evitar a chikungunya? O que eu devo fazer se pegar chikungunya? Como eu vou me sentir? Onde, além do jornal, eu posso buscar informações sobre chikungunya? Posso ir a um posto de saúde? Coisas desse tipo. Eu acho que o melhor é o jornalista se informar antes de escrever o texto, procurar fontes, ligar para médicos, assessor de algum hospital, procurar teses sobre o assunto, tentar conversar com pessoas. Eu faço muito isso com as matérias de história. Quando eu estou escrevendo a matéria e encontro uma tese interessante, procuro a pessoa que a escreveu para que ela me ajude traduzir aquilo. E, claro, para falarem um pouco na matéria.

Você lembra de alguma matéria de ciência que cobriu?

Eu lembro muito da questão da dengue, na editoria Rio é basicamente isso. Também tiveram as matérias de microcefalia e casos de morte da febre amarela.

O que mais gostou e o que mesmo gostou nelas?

O que eu menos gostei foram as mortes, porque não foi bom ver as pessoas morrendo por causa de uma doença que não era para estar matando ninguém. O que eu mais gostei foi ter aprendido coisas novas, porque escrevi sobre assuntos que não costumo cobrir.

Desde que iniciou sua trajetória profissional, alguma coisa mudou na forma como você aborda e escreve as notícias de ciência? Se sim, quais foram as mudanças?

O que mudou, na verdade, é que o jornalismo de agora é diferente do jornalismo de antes. Quando eu comecei não existia internet, as pesquisas pesquisavam na Biblioteca Nacional, nos jornais antigos – você tinha que ler folha por folha para achar o que queria. Se eu queria uma publicação científica eu tinha que pedir para ir à biblioteca do lugar para pesquisar, porque não tinha acesso *online*. Era muito mais difícil! Se eu queria uma informação, por exemplo, sobre dengue eu tinha que ir à Biblioteca Nacional para ver se tinha alguma coisa lá ou ligar para Fiocruz e perguntar se existia alguma pesquisa nessa área que eu pudesse consultar. Hoje é muito mais fácil, mas ao mesmo tempo as chances de pegar informações erradas também são grandes. Você pesquisa no Google e tem acesso a milhões de textos. Às vezes pode, sem querer, pegar uma informação que não é certa.

Quais cuidados você toma para não pegar informações erradas, sobre ciência?

Eu procuro sempre usar as fontes acadêmicas, como universidades públicas – que são as que fazem pesquisa – e centros de pesquisa. Nós temos as fontes de confiança, pesquisadores que são ligados a alguma universidade, que são pessoas sérias. Pesquisadores de laboratório, por exemplo, eu uso em último caso. Porque, eles têm sempre o interesse de vender alguma coisa, como um remédio.

Na sua opinião, quais são as principais características, diferenças e objetivos do jornalismo especializado e do jornalismo não especializados?

Acho que o jornalista especializado tem a vantagem de conhecer todos os termos, eles já estão acostumados com as palavras, sabem seus significados, estão acostumados a lidar com as fontes e conhecem as pessoas da área científica. Dessa forma, ele vai ter facilidade, mas muitas vezes ele pode – sem querer – repetir certos jargões e dificultar o entendimento do leitor comum. Acho que mesmo quando o assunto é científico o jornalista não tem que escrever como um pesquisador, como um cientista. Ele tem que escrever como jornalista, traduzindo de uma forma clara e sucinta, e não ficar repetindo termos técnicos sem traduzir para as pessoas. Se não há uma tradução, temos que explicar. Por exemplo, a palavra “in vitro”, você tem que dizer o que isso significa. O leitor comum, leitor do Extra, não sabe o que é. A gente escreve matérias para O Globo que também saem nesse jornal – depois que teve essa junção – então nós temos que pensar se os leitores vão entender o que estamos escrevendo. Já o jornalista de ciência, o público dele é mais selecionado. Mas, mesmo assim, acredito que esse jornalista não deve escrever como um cientista. Ele tem que escrever de uma forma que qualquer pessoa, que pegue o texto, consiga entender.

Na sua opinião, como os textos especializados são recebidos pelos leitores que não tem afinidade com os temas de ciência?

Eles podem não entender ou ficarem confusos. Às vezes, uma informação que poderia ser importante para uma pessoa é perdida, porque se ela tem dificuldade de entender acaba deixando aquilo de lado e não se esclarece. A barreira da língua é muito forte! Tem textos que parecem ter sido copiados de algum lugar ou que o jornalista não fez a tradução correta. Isso acontece muito quando tentam traduzir de agências ou revistas científicas internacionais. Eles fazem uma tradução literal sem pensar nas pessoas que irão ler aquele texto.

Na sua opinião, os jornalistas generalistas elaboram as matérias de ciência com mais cuidado? Por quê?

Eu acho que esses jornalistas se preocupam em ler e entender aquilo que estão escrevendo. Se eles tiverem dificuldade de compreender o texto, o leitor comum terá uma dificuldade ainda maior. Por exemplo, se há duas ou três palavras que você não entende nada, tem que traduzir e colocar entre parênteses o que significa. O papel desse jornalista é pegar a informação hermética e tentar traduzir aquilo de uma maneira que o leitor do jornal, o leitor comum, entenda. Porque, esse leitor pode ser qualquer um. Pode ser o pedreiro, a professora, o médico, e todos eles têm que entender de alguma maneira. Obvio que a linguagem não precisa ser chula, mas tem que ser um texto correto, que as pessoas entendam.

Na sua opinião, há diferença entre a cobertura da ciência pelo jornalismo especializado e o não especializado?

Com certeza! Eu acredito que o especializado tem informações privilegiadas, porque ele tem um contato próximo com suas fontes. Todo mundo que é especializado em alguma coisa tem uma fonte que vai passar as informações em primeira mão. Se o jornalista está sempre ligando para a Fiocruz, indo até lá, participando de seminários, ele vai ter informações privilegiadas. Ele vai ter mais informações – antes de todo mundo – e se quiser pode elaborar um texto claro. Se for de uma revista científica, ele pode escrever de uma forma mais rebuscada, porque o público dele permite isso. Já nós, generalistas, precisamos cobrir todas as pautas. Nós trabalhamos com notícias, por exemplo, epidemia de carrapato. A partir do fato a gente busca as informações necessárias para fazer a matéria. Eu não posso, simplesmente, propor uma pauta sobre isso do nada. Faço parte da editoria “Rio”, minhas matérias tem que ter ligação com essa editoria. Não posso sugerir matérias de ciência se não existir um fato que me leve a pensar nisso.

Na sua opinião, o que os leitores buscam nas matérias de ciência?

Como o leito do O Globo não é – em sua maioria – especializado em ciência acredito que ele procura informações de utilidade pública, algo que possa afetá-lo. Por exemplo, a cura para uma doença, o surgimento de uma doença nova, um medicamento novo que estejam pesquisando, efeitos colaterais de um medicamento específico, *recool* de algum tipo de prótese. Acho que é esse tipo de informação que eles procuram nos jornais e que eles os utilizam como fonte inicial para depois irem se aprofundando nos assuntos.

De acordo com sua experiência, qual temática científica tem mais chances de despertar interesse nos leitores? Por quê?

De doença, porque as pessoas tem medo de morrer, elas não querem morrer, não querem ser contaminadas. Geralmente, esse é o assunto que os leitores mais querem saber para poder entender como certas doenças podem afetá-los e como eles podem se prevenir.

Você acredita que o conhecimento científico é importante para a sociedade? Por quê?

Acredito! Na verdade eu ampliaria, porque todo conhecimento é importante para a sociedade. Todo mundo tem o direito de saber – não digo em profundidade – o que está acontecendo e o que está sendo pesquisado. Tem informações importantes que precisam ser divulgadas, por exemplo, se tem algum risco de determinada doença voltar, se há possibilidade de cura para alguma doença. Se há uma pesquisa que visa descobrir a cura do câncer e ela começa a ter problemas, porque não está tendo verba suficiente, esse fato tem que ser divulgado. Porque, além de afetar a ciência afeta, também, no dia a dia.

O que as pessoas podem fazer com essas informações?

Elas podem agir e tentar reverter certas realidades. Hoje em dia uma coisa que a gente vê, com as redes sociais, é que as pessoas se manifestam. Estão querendo cortar dinheiro de tal lugar? Não vamos deixar! Estão querendo acabar com a pesquisa tal? Não vamos deixar, porque é importante para a gente! As pessoas têm direito de saber. O que elas vão fazer com aquela informação só depende delas, mas para começar a agir tem que saber que há alguma coisa acontecendo.

Para você, como a informação científica deve ser apresentada para a sociedade?

De uma maneira clara, para que todas as pessoas entendam. A gente tem um exemplo clássico que é o médico que todo mundo ama, o Drauzio Varella. Ele explica qualquer assunto de medicina de uma maneira que você entende tudo. Porque, ele fala a linguagem das pessoas e explica muito bem as coisas. Tem médico que não te explica as coisas, parece que a intenção dele é te dar o remédio e te mandar embora do consultório. Acredito também há cientistas assim, que só querem fazer a pesquisa sem nenhuma obrigação de explicar o porquê está fazendo aquilo.

Você possui interesse em ciência? Por quê?

Não muito, porque eu gosto de história, sou muito mais de humanas! Não significa que eu não tenha interesse em ciência, mas eu tenho outras prioridades. Prefiro lidar com memória, história, patrimônio e dia a dia da cidade.

Você costuma acompanhar o noticiário de ciência?

Como o leitor comum, eu costumo acompanhar quando vejo assuntos que me interessam, como epidemias. Porque, eu gosto de me informar e saber o que está acontecendo. Mas, não fico procurando por essas notícias.

Quais são os assuntos de ciência que mais te interessam? Por quê?

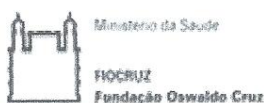
Gosto muito de ler notícias sobre cura de doenças, pesquisas ligadas ao Alzheimer e ao câncer. Me interessam, porque são temas que podem me afetar. Qualquer um pode ter câncer, pode ter Alzheimer ou alguém da família pode sofrer com isso.

Em quais sites, revistas ou jornais você procura as informações de ciência? Por quê?

Não tenho um local específico. Geralmente eu coloco o tema na internet, no Google, e começo a pesquisar. Não costumo ler revista científica, por exemplo. Mas, quando encontro as notícias checo as fontes, vejo se é uma pesquisa ligada a alguma universidade ou alguma instituição confiável. Também uso os sites de notícia, como Estadão, O Globo e Folha.

ANEXO C

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro jornalista,

Estamos realizando a pesquisa intitulada “**Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal impresso O Globo**”. Nosso objetivo é identificar qual a percepção que jornalistas, da cidade do Rio de Janeiro, têm sobre a ciência e compreender como essa percepção configura a divulgação de temas da ciência.

A seleção dos jornalistas participantes da pesquisa foi feita a partir da indicação de outros jornalistas, que não estão necessariamente participando dessa, e análise dos jornalistas que estavam assinando matérias de ciência veiculadas no jornal impresso O Globo.

Faremos entrevistas semiestruturadas a partir de eixos temáticos com cada participante dessa pesquisa. Todas as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas.

Sabe-se que toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. No caso deste estudo, nos comprometemos a não submeter nenhum participante a desconforto ou risco significativo. Acreditamos que os resultados dessa pesquisa ajudarão os divulgadores científicos a compreenderem e, possivelmente, aperfeiçoarem suas estratégias de divulgação da ciência.

Nenhum registro da pesquisa conterà os dados pessoais dos participantes, como endereço, e-mail e telefone.

Esclarecemos que você tem o direito de receber informações em qualquer etapa da pesquisa, bem como, o direito de interromper a sua participação a qualquer momento e liberdade de retirar o consentimento sem qualquer penalização.

Esperamos contar com a sua importante participação. Colocamo-nos à sua disposição para maiores esclarecimentos. A seguir indicamos os nossos contatos profissionais.

Rayane Saraiva da Cruz

Mestranda

Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde

Avenida Brasil, 4365 – Manguinhos, Rio de Janeiro- RJ, CEP 21040-360

Tel.: (21) 38652234

saraivarayane@gmail.com

Maria Ataíde Malcher

Orientadora

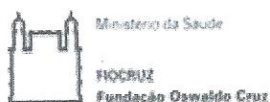
Pesquisadora de Comunicação e Divulgação da Ciência, Universidade Federal do Pará (UFPA) e Programa de Pós- Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde (PPGDC)

Endereço: Rua Augusto Corrêa, 1 - Guamá, Belém - PA, CEP 66075-110

Tel.: (91) 3201-8699 e Avenida Brasil, 4365 – Manguinhos, Rio de Janeiro- RJ, CEP 21040-360

Tel.: (21) 38652234

ataidemalcher@uol.com.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta na pesquisa de título **“Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal impresso O Globo”**, realizada pela pesquisadora Rayane Saraiva da Cruz, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Ataíde Malcher e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, a ausência de riscos significativos e os benefícios deste estudo.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do sujeito de pesquisa

Nome legível:

Nome legível: